



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

MERCÊS DE FÁTIMA DOS SANTOS SILVA

JOSUÉ DE CASTRO: UM AUTOR DO LEGADO ESQUECIDO?

CAMPINAS

2016

MERCÊS DE FÁTIMA DOS SANTOS SILVA

JOSUÉ DE CASTRO: UM AUTOR DO LEGADO ESQUECIDO?

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora em Saúde Coletiva, na Área de Concentração em Ciências Sociais em Saúde.

ORIENTADOR: EVERARDO DUARTE NUNES

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE FINAL DA
TESE DEFENDIDA PELA ALUNA MERCÊS DE
FÁTIMA DOS SANTOS SILVA, E ORIENTADA
PELO PROF. DR. EVERARDO DUARTE NUNES

CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 01P-04349/2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

Si38j Silva, Mercês de Fátima dos Santos, 1983-
Josué de Castro : um autor do legado esquecido? / Mercês de Fátima dos Santos Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Everardo Duarte Nunes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Castro, Josué de, 1908-1973 - Visão geral e política. 2. Cientistas sociais - Brasil. 3. Saúde - Aspectos sociais. 4. Fome. 5. Economia. 6. Humanização. I. Nunes, Everardo Duarte, 1936-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Josué de Castro : the forgotten legacy of an author

Palavras-chave em inglês:

Castro, Josué de, 1908-1973, Overview and policy

Social scientists, Brazil

Health, Social aspects

Hunger

Economics

Humanization

Área de concentração: Ciências Sociais em Saúde

Titulação: Doutora em Saúde Coletiva

Banca examinadora:

Everardo Duarte Nunes [Orientador]

Tânia Elias Magno da Silva

Nísia Trindade Lima

Solange L'Abbate

Nelson Filice de Barros

Data de defesa: 29-02-2016

Programa de Pós-Graduação: Saúde Coletiva

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO
MERCÊS DE FÁTIMA DOS SANTOS SILVA

ORIENTADOR: EVERARDO DUARTE NUNES

MEMBROS:

1. PROF. DR. EVERARDO DUARTE NUNES

2. PROF^a. DR^a. TÂNIA ELIAS MAGNO DA SILVA

3. PROF^a. DR^a. NÍSIA TRINDADE LIMA

4. PROF^a. DR^a. SOLANGE L'ABBATE

5. PROF. DR. NELSON FILICE DE BARROS

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da banca examinadora encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Data: DATA DA DEFESA [29/02/2016]

À memória da minha mãe e ao meu pai, homens-caranguejos como tantos homens e mulheres brasileiros, com todo amor que houver nessa vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu nobre orientador, Everardo Duarte Nunes, pela paciência, pelo apoio, pela acolhida, pela abertura ao diálogo e pela disposição em contribuir com o meu amadurecimento intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva por contribuírem na minha formação profissional e humana.

Aos membros da banca examinadora da tese, que gentilmente aceitaram o convite de contribuir nesse momento especial, Nelson Filice de Barros, Solange L'Abbate, Nísia Trindade Lima, Tânia Elias Magno da Silva, André Motta, Rubens Bedricow e Lucas Pereira de Melo.

Aos membros da banca de qualificação, Juan Carlos Aneiros Fernandez e Solange L'Abbate, por suas imprescindíveis considerações e contribuições. A esta última, também, agradeço pelos materiais cedidos de sua pesquisa sobre Josué de Castro.

Aos amigos, Ana Luiza e Lucas Melo, pela acolhida nos anos iniciais em Campinas/SP e por me apresentarem o campo da Saúde Coletiva.

Aos meus pais, Hamilton José e Selma Maria (*in memoriam*), por permitirem e confiarem nas minhas escolhas e decisões.

Ao meu bem querer, Vinicius Silva, ao companheirismo, à mão sempre estendida, ao afeto e admiração que me dedica. Agradeço também pela leveza de ser, pelos bons momentos, que me energizava para seguir neste trabalho. Te amo!

Aos meus irmãos, Jailton José, Cristiano José, Marcos Soares e Maria Jaciara, pelo carinho e conforto familiar e, sobretudo, pelos sobrinhos maravilhosos que me alegram a vida.

À minha tia, Maria José, pelo cuidado e amor que me dedica.

Ao Centro Josué de Castro, em especial a Nizete Nascimento e Augusta Amaral.

À Secretária do Programa de Pós-Graduação, Rosana Maria Geraldo

À CAPES, pelo apoio financeiro.

À FUNDAJ, em especial a Carlos Sant'anna.

Aos amigos, Ricardo Santana, Rafael Santana, Marta Aguiar, Andreia Nunes, Elvira Carla, Oseias Pereira, Jeíza Saraiva, Bárbara Luna, Gleidson Vieira, Márcio Abreu, Lenira Pereira e Gilson Rodrigues pela cumplicidade, companheirismo e escuta, com muita paciência, dos meus delírios, um tanto que ingênuo da vida. Com vocês sempre encontro a velha e doce paisagem!

Aos amigos que ultrapassaram os muros acadêmicos: – Elizabeth Regina, Bel, (à cumplicidade e amizade), Ana Carine (à cumplicidade e amizade), Gustavo Leão (à cumplicidade e amizade), Bruna Nascimento (à rudez e à leveza), Eidhee (à convicção), Ivana César (vivacidade), Larissa Veríssimo (à sensatez, à presteza e ao ouvido amigo), Leonardo Shibata (à sensatez e à contribuição intelectual da presente tese), (Nubia Vianna (boa conversa e o conforto), Rose (ao respeito), Márcio Cristiano (ao desejo), Cadu Amaral (à amizade), Ludimila Pallucci (aos doces delírios), Maria Renata (à ternura), Pedro Abreu (à cumplicidade e amizade), Hugo Piaggini (às boas risadas), Monica Oliveira (à leveza e cumplicidade); Thaílly (à delicadeza), Ana Claudia Mor (à rudez e leveza). A vocês um brinde! Brindo vocês todos os dias.

À República Dona Menininha (Vitor Paschoalick, Camila Vincci, Raul Araújo, Gleidson Vieira, Júlio Santos, Pedro Abreu, Lídia Lino) agradeço pelo convívio diário, a paciência de compartilhar intensamente este momento tão especial e tão peculiar. Momentos em que estive com os nervos à flor da pele. A vocês, todo carinho e ternura.

Agradeço ainda a Juan Fernandez, Rafael Afonso e Daniela Sacardo, pelas boas energias compartilhadas e pelos estudos encorajadores.

A todos que cruzei na vida, desfrutando do prazer de conhecer e de se encantar pelo outro. Muito obrigada!

Com a vida tragicamente ceifada por um homicida, cujo nome é exílio, quando ainda tinha tanto para desvelar, intuir, escrever e falar, Josué de Castro foi absurdamente calado.

Sejamos sua voz...

(Luiz Santos, 2010)

RESUMO

Josué de Castro é um autor controverso no debate intelectual brasileiro, oscilando entre o reconhecimento de sua participação na construção de instituições científicas e políticas para formulações e ações de combate à fome e o “esquecimento” de seu legado intelectual como intérprete da realidade social brasileira nos debates acadêmicos. Entretanto, este “esquecimento” acadêmico vem sendo reelaborado nos diversos campos científicos pelos “militantes” e estudiosos de seu pensamento. São grupos de pesquisadores que dedicam seu tempo estudando a vida e/ou obra de nosso autor. Grosso modo, estes estudos dividem-se em dois grupos: os estudos memorialistas, que abordam a trajetória de vida de Castro, numa tentativa de resgate de sua obra, ressaltando o silêncio em torno da sua importância científica no Brasil; e os estudos relacionados ao pensamento social em saúde, que reconhece o legado do autor e não o considera como um autor esquecido, enfatizando que sua obra alcançou repercussão tanto no cenário nacional quanto no internacional, contribuindo para a institucionalização científica e política da nutrição no país e das políticas sociais. Sendo assim, apresentam-no como intérprete do pensamento social em saúde no Brasil, da geração de 1940-1960, defendendo que o núcleo discursivo de politização da fome, do posicionamento de ação social e pragmática de Josué de Castro contribuiu para melhor compreensão do processo de reconstrução nacional. De fato, os grandes temas de seus estudos, o problema da fome e o da subalimentação, condensados na trilogia: *Geografia da Fome* (1946), *Geopolítica da Fome* (1951) e o *Livro Negro da Fome* (1960) entram na agenda política do país a partir das discussões fomentadas nesses escritos. Tanto é assim que sua trajetória intelectual se confunde com os marcos norteadores da Política de Segurança Alimentar no Brasil. Praticamente a trajetória intelectual e política de Castro andaram juntas. De um lado, na coordenação de grupos de estudos, aulas, publicações, estudos de laboratório, pesquisas e análise sobre a situação alimentar da população brasileira que foram produzidos desde 1930, e na criação do curso de nutrição no início dos anos 1940. De outro lado, na elaboração de planos, programas, avaliação, participações em comissões e em cargos políticos voltados para a Segurança Alimentar. Partimos do pressuposto de que seu legado possui a lucidez de explicar as questões sócio-políticas acerca da nossa modernidade, em torno do debate sobre a nossa desigualdade social. Suas discussões indicavam que as nossas instituições sociais deveriam mudar, orientadas para maior inclusão social, mas as instituições foram na contramão desse projeto. Obviamente, como o retrato de nossa realidade social nos mostra, foi uma luta quase que solitária, poucos autores ousaram com tanto afinco a intervir nessa realidade, na sua empreitada de reconstruir um projeto de desenvolvimento baseado numa economia humanizada. Castro acreditava que essa reconstrução poderia esclarecer a gênese, a produção e reprodução social dos miseráveis e excluídos. Talvez o fracasso relativo de sua tentativa nos ajude a continuar a perseverar no seu esforço de captar a especificidade de nossa sociedade e na construção de “alternativas” de uma sociedade humanamente equitativa.

Palavras-chave: Josué de Castro. Legado intelectual. Pensamento social e em saúde. Fome. Economia humanizada.

ABSTRACT

Josué de Castro is a controversial author in the Brazilian intellectual debate, floating between the recognition of his participation in the construction of scientific and political institutions for the formulations and actions towards politics to combat hunger and the “oblivion” of his intellectual legacy as an interpreter of Brazilian social reality in academic debates. However, this academic “oblivion” has been re-formulated in various scientific fields by “militants” and scholars of his thought. They are groups of researchers that dedicate their time to study the life and/or work of our author. Roughly, these studies are divided into two groups: the memoir studies that addresses Castro’s life trajectory in an attempt to rescue his work, pointing out the silence around its scientific importance in Brazil; and the studies related to social thinking in health, that recognizes the legacy of the author and do not consider him forgotten, emphasizing that his work reached repercussions both on national and international scene, contributing to nutrition’s politic and scientific institutionalization in the country, together with social policies. Therefore, Josué de Castro is presented as an interpreter of the social thinking in health in Brazil, from the 1940-1960 generation, defending that his main argument centered on the politicization of hunger, as well as the social action and pragmatic positioning, contributed to a better understanding of the process of national reconstruction. Indeed, the great themes of his study, such as the problem of hunger and malnutrition are condensed in the trilogy: *The Geography of Hunger* (1946), *The Geopolitics of Hunger* (1951) and *The Black Book of Hunger* (1960) enter the country’s political agenda as from discussions encouraged in these writings. What emphasizes this is that his intellectual trajectory is confused with the guiding landmarks of the Food Security Policy in Brazil. Castro’s intellectual trajectory and politics virtually walked side by side. On the one hand, the author was coordinating study groups, giving lectures, making publications, working on laboratory studies, research and analysis on the food situation of the Brazilian population, produced since 1930, as well as creating the course of nutrition in the early 1940s. On the other hand, he was preparing plans, programs, evaluations, as well as participating in committees and political offices focused on Food Safety. We assume that his legacy has the lucidity to explain the socio-political issues about our modernity, in the debate regarding our social inequality. His discussions indicated that our social solutions should change, guided towards a higher social inclusion, but the institutions went on the opposite direction of this project. Evidently, as the picture of our social reality shows us, it was almost a lonely fight, as few authors have dared so hard to intervene in this reality, in its endeavor to rebuild a development project based on a humanized economy. Castro believed that this reconstruction could clarify the social genesis, production and reproduction of the poor and excluded. Perhaps the relative failure of his attempt helps us to continue persisting his efforts to capture the specificity of our society and the construction of “alternatives” to a humanly equitable society.

Key Words: Josué de Castro. Intellectual legacy. Social and health thinking. Hunger. Humanized economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.9	20
Figura 2. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 42	26
Figura 3. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 57	72
Figura 4. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 91	92
Figura 5. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 107	127
Figura 6. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 123	175
Figura 7. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 155	200
Figura 8. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 156	210
Figura 9. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p. 158	225

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição de autores por formação e quantidade de trabalho produzido sobre Josué de Castro	75
Tabela 2. Distribuição de números de autores por publicações	77
Tabela 3. Principais sites sobre Josué de Castro	88
Tabela 4. Teses e Dissertações publicadas de 2001 a 2007	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Projeto Político Ideológico de Josué de Castro	185
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição dos trabalhos selecionados pela formação dos autores .	76
Gráfico 2. Distribuição de autores por tese e dissertações	77
Gráfico 3. Principais periódicos científicos com artigos sobre Josué de Castro...	78
Gráfico 4. Distribuição do número de artigos publicados por autores	79
Gráfico 5. Distribuição de dissertações e teses por instituição	81
Gráfico 6. Distribuição de dissertações e teses por região	82
Gráfico 7. Principais eventos científicos	82
Gráfico 8. Distribuição dos trabalhos selecionados por ano	84

LISTA DE SIGLAS

ASCOFAM	Associação Mundial de Luta Contra à Fome
ABRANDH	Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina
CID	Centre International pour le Developpement
CJC	Centro Josué de Castro
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
CNA	Comissão Nacional de Alimentação
CNS	Conferência Nacional de Saúde
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo CRUZ
IAPS	Instituto de Aposentadoria e Pensões
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IMIP	Instituto Materno Infantil de Pernambuco
INAN	Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição
INUB	Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil
IPEA	Instituto de Pesquisa e Estatística Aplicada
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ITA	Instituto de Tecnologia Alimentar
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
LOSAN	Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MESA	Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas

OPENO	Operação Nordeste
PDS	Partido Democrático Social
PDC	Partido Democrata Cristão
PRONAN	Programa Nacional de Alimentação e Nutrição
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PRP	Partido Republicano Progressista
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSP	Partido Social Progressista
PST	Partido Social Trabalhista
PT	Partidos dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SALTE	Saúde, Alimentação, Transporte e Energia
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
SBA	Sociedade Brasileira de Alimentação
SBN	Sociedade Brasileira de Nutrição
SISAN	Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
SNA	Serviço Nacional de Alimentação
STAN	Serviço Técnico de Alimentação Nacional
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
SUS	Sistema Único de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas
USF	Universidade de São Francisco
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
1. INTRODUÇÃO	26
1.1. Josué Apolônio de Castro: esboço biográfico	33
1.2. Por que a escolha de um personagem?	47
1.3. Fundamentação teórico-metodológica	50
1.4. Metodologia	67
CAPÍTULO I – 2. Estudos sobre a Vida e/ou Obra de Josué de Castro	72
2.1. Perfil dos estudiosos	73
2.2. Caracterização da produção	78
2.2.1. Artigos	78
2.2.2. Teses e Dissertações	81
2.2.3. Trabalhos completos apresentados em eventos científicos	82
2.3. Período da produção	83
CAPÍTULO II – 3. Análises temáticas dos estudos	92
3.1. Estudos memorialísticos	94
3.1.1. História do pensamento geográfico social	94
3.1.2. Estudos sobre a vida e obra do autor – uma revisão	98
3.1.3. Estudos temáticos	100
3.1.4. Análise literária na obra de Josué de Castro	107
3.2. Pensamento social em saúde	114
3.2.1. Pensamento social em saúde propriamente dito	115
3.2.2. História da Nutrição	119
3.2.3. Josué de Castro e as políticas sociais de alimentação	121
3.2.4. Atualidade do pensamento de Josué de Castro	122
3.3. Síntese da produção sobre Josué de Castro	124
CAPÍTULO III – 4. Josué de Castro e o pensamento social brasileiro	127
4.1. Sociologia oficial	133
4.2. Sociologia comprometida	138
4.2.1. “A tese mal de fome e não de raça” e a construção da nacionalidade	145

4.2.2. Fome/subalimentação na agenda das políticas sociais	154
4.2.3. Geografia da Fome: fome, saúde e sociedade	158
4.3. Intelectual e político: Josué de Castro	169
CAPÍTULO IV – 5. Dilema do pão e aço	175
5.1. Desenvolvimento e subdesenvolvimento em Josué de Castro	178
5.2. Economia humanizada	186
5.3. Fome, desnutrição e atualidade em Castro	193
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210
ANEXOS	225
Anexo I Planilha de identificação de artigos	226
Anexo II Planilha de Identificação de Teses e Dissertações	233
Anexo III Planilha de identificação de Trabalhos Completos	238
Anexo IV Planilha de identificação de Livros e Capítulos de Livros	242
Anexo V Planilha de identificação de Documentários e vídeos	245
Anexo VI. Planilha de identificação de Entrevistas e Depoimentos	248
Anexo VII. Estudiosos de Josué de Castro	250
Anexo VIII. Distribuição das publicações selecionadas por ano	252
Anexo IX. Ficha de Leitura	255



Figura 1. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.9
Pintora: Anna Kindynis¹

APRESENTAÇÃO

A motivação original deste estudo ocorreu a partir dos primeiros contatos com a obra de Josué de Castro que foram desenvolvidos no Projeto de Pesquisa de Mestrado: “Josué de Castro: entre Pensamento e Ação”². Nesse trabalho, busquei compreender como a sua obra se traduz num manifesto científico-político. Para tanto, propus uma reflexão teórica sobre o método biográfico sociológico com intuito de problematizar as questões relacionadas ao *projeto de ser no mundo* de “um

¹ Pintora grega (1914-2003), que ilustrou a obra “O Livro Negro da fome”. No total, foram expostas na obra 12 pinturas originais, todas sem legenda. Para Castro todas as pinturas carregam um único título: fome. (Castro, 1960).

² Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação da Profa. Dra. em Sociologia Eliane Veras Soares.

personagem na teia social”, enfatizando como a militância social de Josué de Castro foi engendradora desde sua tenra infância.

Cabe destacar que o referido estudo não trilhou o caminho dos estudos de uma biografia intelectual propriamente dita, que são, geralmente, centrados na produção e influência de ideias que os personagens travam com seus pares. Ancorando-se na Sociologia do Conhecimento, defendeu-se o pressuposto de que a chave-analítica para a compreensão do pensamento de Josué de Castro estaria na teia social em que o mesmo esteve inserido e nos múltiplos grupos sociais que o constituíram: os amigos de infância, a família, os professores do ensino secundário, os colegas de faculdades, os personagens que surgiram ao longo da formação de médico e de cientista social. Por isso, a interligação entre vida, obra e contexto se fez presente.

Tal como Norbert Elias (1995) observou ao retratar o gênio social em Mozart, seria na experiência plural e no próprio cenário paisagístico e histórico que se encontram as raízes mais profundas da concepção de mundo de um indivíduo. O pensamento não seria apenas um produto do contexto social, mas também um conjunto de manifestações que os contextos e as relações entre os “nós” históricos trazem para seus sentimentos, para seu psiquismo, e, conseqüentemente, para sua obra. Partiu-se, então, do pressuposto de que o pensamento se constitui não apenas na competição dentro de um campo específico, mas dentro dos mesmos e com outros campos, numa relação de interdependência. Assim, o contexto social foi articulado em conexão com a vida e obra de Castro, aparecendo como influência na constituição do campo científico da nutrição. Desse modo, tomando como base o debate de Norbert Elias acerca das configurações sociais como elementos mutáveis, passíveis de transformações pelas ações dos sujeitos nas suas relações sociais, consideramos que foi a partir da experiência na teia social de Josué de Castro que se desenvolveu a política de alimentação presente no modelo de segurança alimentar e nutricional existente até hoje no Brasil.

Partindo de tais discussões, a dissertação se constituiu como uma tentativa de construção biográfica sociológica em torno da trajetória de vida de Josué de Castro, atentando para a hipótese de que seu projeto político-intelectual foi engendrado num momento histórico específico, não podendo ser dissociado de sua experiência de vida. Assim, sua vida não está separada da obra, ao mesmo tempo em que sua obra e sua

vida não estão separadas dos contextos socioculturais e históricos em que se encontram e se confrontam (Mills, 1965).

No decorrer desse estudo, apaixonei-me por Josué de Castro. Nutri uma daquelas paixões avassaladoras – com todos os problemas que essas paixões acarretam: brigas, afastamento e o eterno encantar-se. Interessei-me por descobrir o médico de formação, mas não por “vocação”, e o cientista social por disposição individual e social (Aguiar, 2000). Exilado, em 1964, teve sua literatura banida das prateleiras das livrarias do Brasil. Um pensador dinâmico, corajoso e questionador das políticas ideológicas de seu tempo. Um militante social polêmico e ousado. Devo dizer que o que mais me surpreende e alegra-me em seus escritos é o otimismo com que analisa a sociedade, sua preocupação com as problemáticas sociais, sobretudo no Nordeste brasileiro. Um homem que ousou lutar pelo fim do fenômeno da fome. Fenômeno esse responsável pela criação de um exército de “mortos vivos” nessa região brasileira. “Só um sonhador apaixonado ousaria ir tão longe, tão ardentemente em busca de soluções” (Silva, 1998, p. 4).

Sim! Josué era um “utópico sonhador”. Utópico no sentido traduzido por Karl Mannheim (1986), que aponta que os indivíduos ou grupos sociais cultivam a mentalidade utópica presente em todas as épocas. Nesse sentido, o termo utópico não está atrelado a ideias ilusórias, como rotineiramente associamos. Trata-se das representações de ideais e teorias que aspiram outra realidade ainda não existente, tendo, portanto, uma dimensão de negação da ordem social estabelecida, orientando-se para sua ruptura. Quando ocorre a ruptura, presenciamos a entrada em cena da ideologia, que é a mentalidade dominante de um dado contexto social (Silva, 2010).

Segundo Silva (1998), como utópico, Josué viveu a tragédia da militância solitária, a utopia de sonhador solitário. Mas, como sonhador, fez da temática da fome seu *leitmotiv* de vida, sua poética de existência. Seus depoimentos e escritos e sua intensa militância política revelam seu caráter humanista, um humanismo que almeja tornar-se realidade, costume e convivência social (Nascimento, 2002). Esse humanismo, nada tinha de abstrato, indiferenciado ou cristão, próprio daqueles que toleram o próximo por entendê-lo feito à imagem e semelhança de Deus. Josué de Castro era ateu, seu humanismo relacionava-se ao seu compromisso social e político em defesa das classes destituídas dos bens da terra.

[...] Creio que já passou o tempo em que os povos miseráveis se conformavam, segundo a frase das escrituras sagradas, de que aos pobres pertence o reino dos céus. Devemos pensar que também aos pobres pertence o reino da terra, pois a terra é um bem comum para servir todos os homens. Se não trabalharmos com energia para nos desviarmos do caminho da bomba, do caminho da perdição, seremos expulsos da terra. E aqueles que perderam o reino dos céus perderão também o reino da terra... (Castro, 1954)³.

Como não se encantar por um autor que traduziu desavergonhadamente com sensibilidade e racionalidade científica e, sobretudo, com propostas de políticas sociais, o drama da fome? Que tipo de intelectual é esse? Como combina pensamento sistematizado e ação? Fui envolvida nesse debate. Era o perfil de intelectual ao qual gostaria de ter sido apresentada nos anos iniciais do curso de Ciências Sociais, quando comecei a questionar-me sobre qual seria o papel dos intelectuais? Mais especificamente queria compreender como os intelectuais brasileiros se comportaram nos momentos decisivos de nossa cultura política, como influenciam na luta por justiça social, e Josué de Castro estendeu-me a sua mão e demonstrou que a sociologia é também uma ciência engajada, capaz de revelar as tramas e os dramas existenciais e coletivos.

De certo, a proposta era ambiciosa pelo referencial teórico que deveria perpassar, afinal trata-se da preocupação com o lugar do indivíduo no processo de mudança social, refere-se à relação entre agência e estrutura, questão famosa nas ciências sociais, que tende a relacionar os seus estudos com ênfase na estrutura social como motivadora da ação ou na motivação do agente como explicação da ação. Tais questões são recorrentes entre os cientistas sociais, que, geralmente, são classificados de acordo com a ênfase que dão à referida relação entre indivíduos e sociedade (Silva, 2010).

Logo, dei-me conta de que não pretendia resolver tal problemática que está longe de ser superada, mas seria possível compartilhar com autores como Norbert Elias, Karl Mannheim e C. Wright Mills essa questão com base no condicionamento e na influência mútua dos agentes e da estrutura social. Entretanto, o desafio maior era

³ Discurso Pronunciado por Josué de Castro no Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo, ao presidir a sessão dedicada ao estudo das armas atômicas, em 1954. Encontrado em: CASTRO, Josué de. Aos pobres pertence o reino da terra. In.: *Ensaio de Biologia Social*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968 e MELO, Marcelo Mário de; WANDERLEY, Tereza Cristina (Orgs). (2007), In. **Josué de Castro**: perfil parlamentar. Brasília: Câmara dos Deputados, 321p. (Perfil Parlamentar n.02).

o personagem escolhido, dados os múltiplos papéis sociais assumidos e as complexas redes de relações formadas a partir desses papéis, que transitavam entre ciência, política e arte, colecionando admiradores e adversários, principalmente nas cidades em que morou – Recife, Rio de Janeiro e Paris - (Silva, 1998; Nascimento, 2002). Tal desafio também está relacionado ao seu legado intelectual, constituído por uma multiplicidade de temas interligados à questão da fome por ele enunciada, podendo-se entender o seu pensamento e a sua obra a partir tanto das ciências sociais como das ciências da saúde, o que não representa uma tarefa de fácil realização, como nos alerta Nascimento (2002). A produção intelectual de Josué de Castro foi iniciada nos anos de 1925, com a publicação de seu primeiro artigo, e manteve-se ininterrupta até 1973, ano de seu falecimento. Nesse período, foram publicados mais de trezentos e cinquenta títulos sob a forma de artigos científicos, artigos de jornais, entrevistas, palestras, projetos, relatórios, ensaios, contos literários, roteiro de filmes e discursos políticos.

Além da sua intensa atividade intelectual e política e da multiplicidade de artigos publicados em diversos idiomas, Josué de Castro não apresentava um perfil de fácil classificação. Assim, na medida em que Castro se revelava para mim, o seu perfil, ou melhor, o seu não enquadramento num perfil começava a incomodar-me. Obviamente, vivenciei dessas manias que o pesquisador social tem de negar o seu objeto de estudo e às vezes tratá-lo como um agente passivo, na tentativa de manipular os dados, de provar a hipótese e de classificá-lo e enquadrá-lo.

Mesmo levando em conta tal racionalidade, briguei com Josué de Castro e o seu desajustamento a minha hipótese, a saber: de que ele era militante de esquerda, marxista, intelectual orgânico, um revolucionário, um humanista cristão. Entretanto, não era possível lançar tais enquadramentos a Castro, que se apresentava mais como um intelectual mannheimiano, reformista e sistematizador das ideologias e utopias. Desencantei. Mas, por fim, seduzida por sua obra e pelo que o próprio Josué de Castro fez com seus sujeitos de estudos, voltei a revisitá-lo, dando-o a dignidade de ser sujeito, agente ativo e deixei que ele se revelasse como o intelectual-político e ele foi mostrando-se um personagem, ainda que aparentemente marginal na nossa cultura política acadêmica, mas de uma vivacidade histórica e de um profícuo conhecimento sobre a realidade brasileira, portanto, um intérprete do pensamento social em saúde.

Desse modo, neste estudo, assim como em outros estudos sobre Josué de Castro, haverá aqui um desejo de exaltar suas ideias, trazendo mais à tona suas virtudes e qualidades com o objetivo de reavivar o debate em torno de seu pensamento. Entretanto, a despeito dos perigos que esse caminho poderá trazer na construção do conhecimento, trata-se apenas do esforço de retirar sua obra do esquecimento. Não ocultando, com isso, suas contradições e seus argumentos “conflitantes e conflituosos”, próprios de quem faz e fez de seu pensamento um manifesto político (Silva, 2010).

Cabe assinalar ainda que Josué de Castro não foi um pensador de uma única temática - da questão fome, da pobreza e do desenvolvimento, base de seu pensamento -, há outros temas sobre os quais o autor se debruçou, o que implica numa das dificuldades em analisar seu pensamento. Para sistematizar suas ideias, deve-se passar por diversos recortes, mesmo que a análise seja de uma única obra, como Geografia da fome. Seu pensamento adentra inúmeros campos do conhecimento: geografia, medicina, nutrição, biologia, antropologia, sociologia, agronomia, economia, relações internacionais, ciências política, serviço social e literatura (Nascimento, 2012). Por isso, consideramos que a dimensão dada por Josué de Castro ao problema da fome tem uma abrangência que as análises epidemiológicas da desnutrição, por exemplo, jamais alcançaram. No presente estudo, convido vocês a conhecerem Josué de Castro como um pensador do campo da saúde sob o olhar de uma cientista social inserida na Saúde Coletiva brasileira.

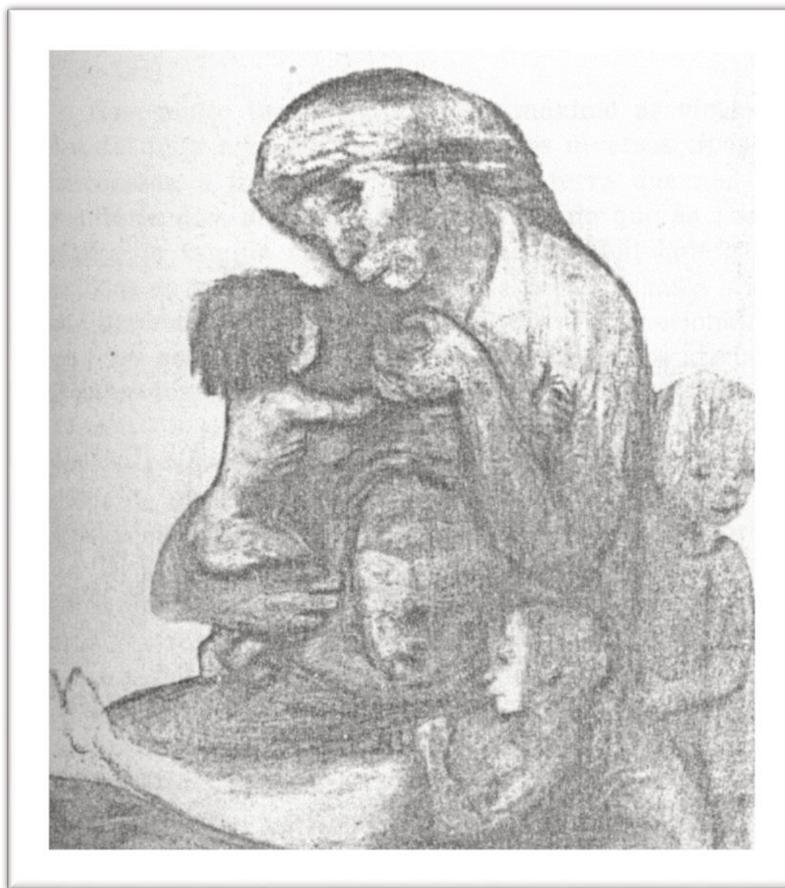


Figura 2. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.42
Pintora: Anna Kindynis

1. INTRODUÇÃO

Os grandes temas dos estudos de Josué de Castro, o problema da fome e da subalimentação, estão presentes na trilogia: *Geografia da Fome* (1946), *Geopolítica da Fome* (1951) e o *Livro Negro da Fome* (1960) e entram na agenda política do país a partir das discussões fomentadas nesses escritos. Tanto é assim que sua trajetória intelectual se confunde com os marcos norteadores da Política de Segurança Alimentar no Brasil.

Praticamente a trajetória intelectual e a política de Josué de Castro andaram juntas. De um lado, coordenação em grupos de estudos, aulas, publicações, estudos de laboratório, pesquisas e análise sobre a situação alimentar da população brasileira foram produzidos e realizados desde 1930, além da participação da criação do curso de nutrição no início dos anos 1940. De outro lado, a elaboração de planos,

programas, avaliação, participações em comissões e em cargos políticos voltadas para Segurança Alimentar (Castro, 1977; L'Abbate, 1983; Magalhães, 1997; Andrade, 1997; Vasconcelos, 1999; Arruda, 2007; Batista Filho, 2008; Nascimento, 2009; Silva, 2010; Bizzo, 2012).

Data-se dos anos de 1930-1940 as primeiras experiências de política social em alimentação e os primeiros estudos de Josué de Castro. Em 1932, defendeu a tese de Livre Docência na Faculdade de Medicina de Recife, intitulada “O problema fisiológico da alimentação no Brasil”, publicada com o título de “O problema da alimentação no Brasil”. No mesmo ano realizou o primeiro inquérito alimentar no Brasil, “As condições de vida das classes operárias no Recife”, trabalho desenvolvido pelo Departamento de Saúde Pública do Estado, publicado em 1935 no Rio de Janeiro pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Neste estudo, considerado o primeiro inquérito de alimentação do Brasil, aponta que o trabalhador-operário que habitava em mocambos⁴ e se alimentava muito mal, quer do ponto de vista quantitativo quer do qualitativo – vivia com fome e morria de fome -, dado o salário por eles recebido ser insuficiente para selecionar os alimentos de acordo com as calorias que fornecia e na quantidade que necessitavam. Com essa constatação escrevem, em 1935, “Salário Mínimo”, ensaio em que defende que a alimentação é uma necessidade de primeira ordem do trabalho e, portanto, deveria ser estabelecida uma renda mínima para atender essa necessidade. Tal estudo influenciou o decreto que instituiu o salário mínimo na sociedade brasileira. Estes dois estudos foram reeditados, em 1936, sob o título “Alimentação e raça”, desta vez para pontuar que o mal que atingia a nação não era de raça, era de má alimentação, opondo-se com veemência às teses segundo as quais o atraso brasileiro estava associado a intensa miscigenação racial ou a cor da pele, com isso adentra no debate da problemática da construção da identidade nacional nos 1930-1940⁵.

A metodologia de inquérito adotada nestes estudos foi seguida por outros estudiosos em diferentes estados, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo,

⁴ Referia-se às habitações como mocambos construídos em palafitas sobre os rios (Rio Capibaribe e Beberibe) onde se desenvolviam os manguezais. Nos anos 1930 e 1940 foi muito discutido o problema dos mocambos, casas toscas construídas com palhas de coqueiro, pedaços de papelão prensado, folhas de flandres ou feitas de taipa, cobertas por folhas (Andrade, 1997).

⁵ Nos anos 1930 publicou também: “Documentário sobre o Nordeste e a Alimentação brasileira à luz da geografia humana”, em 1937; “Science et technique” (1938); Fisiologia dos Tabus (1938) “Geografia humana” (1939); Alimentazione e Acclimatazione Umana Nei Tropici (1939).

elevando a discussão em nível nacional. Com o debate nacional recebeu o convite, em 1939, para elaborar o plano/projeto para a fundação do Serviço Central de Alimentação, transformado no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), onde permaneceu até os anos 1940. Segundo L'Abbate (1983) o objetivo central do SAPS foi assegurar condições favoráveis e higiênicas à alimentação dos assegurados do Instituto de Aposentadoria e Pensões (IAPS). No SAPS, Castro investiu na abertura de restaurantes populares para trabalhadores, na campanha de educação racional para famílias dos trabalhadores e na institucionalização do Curso de Nutrição no Brasil⁶.

Em 1946, publicou “Geografia da Fome” em que denunciou a fome como fenômeno político social. No mesmo ano, como presidente do Instituto de Tecnologia Alimentar (ITA)⁷ incorporou o instituto à Universidade do Brasil como o nome de Instituto de Nutrição, atual Instituto de Nutrição Josué de Castro situado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ainda nos anos de 1940 funda com um grupo de estudiosos da nutrição a Sociedade Brasileira de Alimentação - SBA, assumindo o cargo de presidente e, em 1942, foi eleito para dirigir a Sociedade Brasileira de Nutrição - SBN⁸. Em 1944, criou os Arquivos Brasileiros de Nutrição, revista que apresentava textos desde a avaliação da política de alimentação e nutrição até sobre personagens/estudiosos e pesquisas de laboratório deste campo do conhecimento (Castro, 1977; L'Abbate, 1983)⁹.

Ao lado dessas atividades político-intelectuais, Castro continuava suas atividades docentes, promovendo cursos sobre Alimentação e Nutrição no Departamento Nacional de Saúde Pública e na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Nos anos 1950, seguindo a fundamentação teórico-

⁶ A primeira turma de nutricionistas brasileiros foi formada em 1943.

⁷ ITA – Não foram encontrados muitos dados sobre o ITA. Segundo relato de Tânia Magno, o ITA foi inicialmente instalado no consultório de Josué de Castro no Rio de Janeiro e depois foi incorporado ao Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, que constituía a luta travada para institucionalização do curso de Nutrição no Brasil com a perspectiva de ensino, pesquisa e a fomentação de políticas públicas de alimentação e nutrição para o país.

⁸ Estes órgãos se fundiram em 1985, transformando-se em Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição – SBAN.

⁹ Os Arquivos Brasileiros de Nutrição foram editados durante 24 anos, de 1944 a 1968. A leitura da revista permite conhecer o quadro geral da ciência da nutrição no país e a trajetória e objetivos das práticas das políticas sociais de alimentação nesse período (L'Abbate, 1983).

metodológica de *Geografia da Fome*, escreveu *Geopolítica da Fome* (1951)¹⁰ em que traça o perfil da situação alimentar mundial e desenvolve contrapontos sobre a teoria neomalthusiana que pressupunha que o aumento da natalidade seria a causa da fome mundial. Para Josué de Castro a fome seria a causa da superpopulação¹¹.

Os dois livros definiriam definitivamente sua posição política e intelectual e seriam divulgados em 25 idiomas e apresentado em mais de 45 países. A partir daí, Josué de Castro consolidou-se internacionalmente. Como assinala L'Abbate (1983) e Andrade (1997), ao denunciar a fome e a subalimentação como consequência do colonialismo no momento em que o mundo ocidental enfrentava o pós-guerra, foi levado à Presidência da *Food and Agricultural Organization* (FAO) em Roma em 1952-1956¹².

Antes, em 1948, representou o Brasil na I Conferência Latino-americana de Nutrição em Montevideu, organizando e presidindo a II Conferência realizada no Rio de Janeiro. Além disso, em 1951 foi membro da Comissão Nacional de Política Agrária, criada por Vargas e liderou a Campanha Nacional da Merenda Escolar. Dois anos depois, foi nomeado vice-presidente da Comissão Nacional de Bem-estar Social. Paralelamente, iniciou a elaboração do seu conceito de desenvolvimento econômico sustentável no livro publicado em 1960, *O Livro Negro da Fome* (1960)¹³. Para Silva (1998; 2009) esse livro avança em termos teóricos no campo da sociologia ao propor uma nova teoria científica do desenvolvimento econômico, sem vinculação com os modelos exportados dos países desenvolvidos, apresentando os pontos norteadores de um método que, segundo sua concepção, seria básico para se compreender a produção da pobreza.

Foi também neste livro que elaborou um programa efetivo de luta contra a fome que compôs um dos objetivos centrais da Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM) fundada em 1957. Neste mesmo período, foi designado para representar

¹⁰ Este livro foi laureado pela Academia Americana e pelo Conselho da Paz, da URSS (Ver Silva, 1998; Silva, 2010).

¹¹ Em momento oportuno discutiremos mais amplamente tal questão. Esta assertiva de Castro é considerada equivocada desde a época em que foi anunciada, contudo, requer atenção ao contexto de sua proposição e ganhará debate específico no desenvolvimento do presente trabalho, pois, poderá conter a peça analítica para discussão da ausência de seu debate acadêmico.

¹² Josué de Castro já era membro da FAO desde 1947.

¹³ Ainda na década de 1950 escreveu três livros: "A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana" (1954); "Ensaio de Geografia Humana" (1957); "Ensaio de Biologia Social" (1957);

o Brasil em Genebra na Organização Internacional do Trabalho (OIT), posto do qual posteriormente foi demitido pelo golpe militar de 1964, exilando-se em Paris. O nome de Josué de Castro constava na primeira lista dos brasileiros a ter seus direitos políticos cassados em abril de 1964. A cassação de Josué de Castro ocorreu por encampar, nos anos 1950-1960, a luta pelas Reformas de base e, sobretudo, pela Reforma Agrária, que apresentava uma necessidade de suma importância histórica, considerando-a como um imperativo nacional a ser alcançado para incluir milhares de brasileiros excluídos socialmente.

Segundo Josué de Castro, essa problemática política instalada no país caracterizava-se pela dinâmica estabelecida entre os atores intelectuais e políticos que tenderam a promover apenas agitações intelectuais e ações improdutivas, que vinham se desenhando no país desde o fim da década de 1950:

A verdade é que a política no Brasil só inspira e aguça para uma espécie de atividade espasmodicamente agitada e intelectualmente improdutiva. Mais agitação que ação verdadeira. Não há debates nem lutas por ideias e princípios, mas uma surda e contínua luta pessoal por vantagens e posições. É uma luta de vida e de morte – luta vegetativa – sem deixar nenhuma disponibilidade para quaisquer veleidades intelectuais. Depois de dois anos como parlamentar, cheguei à triste conclusão da esterilidade e da infecundidade da inteligência no Parlamento. É esta uma arena ou circo onde se digladiam outras espécies de força: a astúcia, a audácia, o cinismo, o oportunismo. Não há lugar lá para outras qualidades humanas menos subalternas, como o espírito público, o desejo de servir, a busca de novos caminhos que possam conduzir a uma melhor distribuição de quotas de felicidade. Mesmo quando são debatidos problemas que em sua aparência envolvem estes aspectos do bem-estar coletivo, o tratamento ou nível de debate, o encaminhamento ou escamoteação dos argumentos se faz de tal modo que não é difícil verificar que a mola impulsionadora de toda aquela agitação em torno do problema não é o amor à causa, mas o desejo de aparecer, de brilhar, de se impor e cobrar politicamente com boas compensações – esta é a regra de conduta que dá raiva (Discurso proferido na Câmara Federal em 1 de setembro de 1963).

A crítica de Castro estava sendo direcionada não apenas ao corpo político de direita que planejava o golpe, mas também à classe intelectual e política de esquerda. Mesmo identificando-se como político esquerdista, Josué de Castro chegou a mencionar uma ditadura de esquerda do Partido Comunista, ressaltando: “Sou da esquerda, mas não tolero a ditadura. Por isso, nunca fui nem serei do Partido

Comunista. Ditadura, nem do proletariado” (Castro, 1963 *apud* Silva, 1998, p.114).

No exílio em Paris (1964-1973) continuou a desenvolver suas atividades em várias associações científicas na Europa, Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No Brasil, influenciou, em 1972, na criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), que propõe uma inovação no discurso oficial ao trazer a concepção de desnutrição como doença social¹⁴. Além disso, escreveu os livros: *Sete Palmos de Terra e um Caixão* (1965) em que traz à tona a problemática da falta de participação popular no processo de decisão política do país, sinalizando que esta não-participação se dava pela bipolaridade da política brasileira: a esquerda mal organizada e a direita conservadora, problematizando ainda sobre a distribuição de terra, sobretudo, no Nordeste brasileiro. Em 1967, publicou “*Homens e Caranguejos*”, um romance em que o próprio autor nos oferece a possibilidade de também ser lido como autobiografia¹⁵.

Ainda no exílio recebeu a medalha de Cidadão do mundo pelo *Le Monde*, que elegeu outros cidadãos conferindo-lhes passaportes de cidadania mundial e a Revista *Planète*, também francesa, que o condecorou como Homem do Século XX (Carvalho, 2001). Em 1970 foi indicado para concorrer, mais uma vez, ao Nobel da Paz, a primeira indicação ao Nobel da Paz ocorreu 1963¹⁶. Estas não tinham sido as primeiras indicações de Castro ao Nobel, em 1954, recebeu sua primeira indicação ao Nobel, ao Nobel de Medicina pelo Comitê de Medicina, conforme constatado no documento enviado ao Ministério das Relações exteriores¹⁷. Nunca ganhou as indicações, mas foi agraciado como o Prêmio internacional da Paz do Conselho da Paz em Helsinque em 1954, conforme podemos observar em carta de Milton Santos

¹⁴ Nos anos de 1970 incorpora-se no Brasil a discussão sobre Determinação do processo de saúde-doença, caracterizando-se oficialmente a desnutrição como doença social, assertiva apontada por Josué de Castro nos anos 1940-1960. Neste sentido, Castro já havia rompido com a compreensão da desnutrição como modelo unicausal de determinantes em saúde.

¹⁵ A atividade intelectual no exílio foi intensa, Josué de Castro reeditou várias de suas obras, publicou vários artigos na imprensa especializada europeia e americana e escreveu dois livros em português: “*A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo*” (1968); “*Estratégia do Desenvolvimento*” (1971).

¹⁶ Nesta segunda indicação recebeu uma correspondência de Lord Boyd Orr, Nobel da Paz em 1949 pelo trabalho desenvolvido em nutrição quando foi diretor da FAO, que prepara Josué de Castro para o não recebimento do prêmio, alertando que o comitê da Paz tem escolhido premiar mais organizações que indivíduos, mas que a indicação era um reconhecimento do trabalho pela paz e pela eliminação da pobreza no mundo (Ver fragmentos da correspondência em Silva, 1998). Lord Boyd Orr foi o primeiro diretor da FAO e um dos grandes influenciadores do pensamento de Castro, além de amigos. Autor do livro *Food, Health and Income* (1936) que chama atenção do mundo para os aspectos sociais da Nutrição (Nascimento, 2002).

¹⁷ Consultar anexos cartas e discursos

a Josué de Castro, parabenizando-o pelo prêmio e no discurso proferido ao receber o prêmio¹⁸.

Durante o exílio, Castro tentou por várias vezes retornar ao Brasil. Em 1967 esteve no Rio de Janeiro, em missão especial da ONU como representante do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID) e como membro do Instituto de Formação Humana e Pesquisa da ONU para tratar de assuntos relacionados a temática da fome, conseguiu entrar no Brasil por possuir um passaporte diplomático, mas tinha restrições para sua permanência, com o vencimento do passaporte não conseguiu mais voltar ao Brasil, morreu em 1973 em Paris acometido pela velha depressão que o acompanhava desde sua época de estudante no Rio de Janeiro (Silva, 1998). Assim nos revela sua filha, Ana Maria de Castro:

Posso afirmar, sem qualquer pieguismo, que Josué de Castro morreu de depressão, morreu de tristeza, tristeza de estar longe de sua terra e de seus filhos. Tristeza de não poder viver e conviver com seus amigos, como Otávio Pernambucano, Fernando [Santana], Jamesson Ferreira Lima, Cid Sampaio, Pelópidas da Silveira, Barbosa Lima Sobrinho, Arraes e tantos outros. Não consigo esquecer seu desencanto, quando já doente, mais uma vez, lhe foi negado o passaporte brasileiro, para que pudesse voltar ao Brasil (Castro, A. M., 2007, p. 259)¹⁹.

Tempos antes de amanhecer morto em seu apartamento em Paris, em 24 de setembro de 1973, ao despedir-se do amigo Gilberto Costa Carvalho disse-lhe: "não se morre só de nefrite, de doenças dos vasos ou do aparelho digestivo, morre-se também de saudade, de saudade da terra onde a gente nasceu"²⁰.

Josué de Castro, com sua perspectiva de que a fome, a má alimentação e subnutrição não são apenas fenômenos biológicos, direcionou os debates públicos

¹⁸ Estes prêmios lhe deram o rótulo de comunista por seus adversários políticos, tendo inclusive na época sido confeccionados panfletos o acusando de ser comunista, além de artigos no Jornal Correio da Manhã, que liderou uma campanha difamatória sobre Josué de Castro.

¹⁹ Como nos relata Tânia Magno, as condições do exílio, sem dúvida, foi uma das causas da morte de Castro. Contudo, cabe frisar que Castro tinha problemas de coração e também de depressão, que o acompanhava desde adolescência, e se agravou nos tempos de exílio.

²⁰ Fala de Gilberto Costa Carvalho no Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro realizado pela Academia Pernambucana de Medicina em 1983.

em prol de melhoria das condições sociais da população brasileira. Ele acreditava que apenas por meio de ações sociais e coletivas como a implantação progressiva de Políticas Sociais de Alimentação e Nutrição, tomando em consideração os diferentes aspectos biológicos, culturais, sociais e econômicos que interferiam no mecanismo complexo problema alimentar, que poder-se-ia transformar em realidade o direito universal à alimentação, com educação alimentar harmoniosa que promove saúde e eleva a qualidade de vida da população²¹.

Tais questões somam-se à preocupação do autor com a formação de um campo educacional contra a má nutrição no país. O objetivo era constituir uma Educação Racional Alimentar através da formação de ações propositivas que levassem a mudanças sociais e redefinições das condições de exclusão das políticas sociais para uma parcela significativa da população brasileira. Como L'Abbate (1983) descreveu, tratava-se de uma educação alimentar que não ensinava apenas o indivíduo alimentar-se bem como também explorava os conhecimentos importantes relacionados às próprias condições de produção dos alimentos.

Antes de apresentar as questões centrais, os objetivos que pretendo desenvolver com o presente estudo e os caminhos metodológicos trilhados para alcançar os objetivos dessa pesquisa, faz-se necessário uma sumária apresentação do itinerário de vida de Josué de Castro, apenas para situar o leitor, com a finalidade de facilitar a compreensão dos aspectos que serão enfatizados e que evidenciam os fragmentos da trajetória de vida de Castro que foram escolhidos pela pesquisadora.

1.1. Josué Apolônio de Castro: esboço biográfico

Josué Apolônio de Castro ou simplesmente Josué de Castro, como gostava de ser chamado, nasceu no Recife em de 5 setembro de 1908. Neste período, o Nordeste brasileiro passa por grandes crises socioeconômicas devido às trágicas secas que assolaram o Sertão no final século XIX e a crise do ciclo da cana-de-açúcar na Zona da Mata. Filho de dois representantes destas regiões: pai retirante da seca e mãe,

²¹ Claramente aqui se desenha o modelo de determinação social do processo de saúde-doença em Castro.

filha adotiva de senhores de engenhos decadentes²², Josué pode desde cedo confrontar as realidades socioculturais do seu tempo.

Estes dois personagens centrais na vida de Josué, tal como dezenas de pernambucanos e nordestinos, se retiram destas regiões para tentar a vida na crescente cidade do Recife, urbana e em processo de industrialização; outros retirantes vão participar de outros ciclos econômicos como o da borracha no Norte e o do café no Sudeste, “igualmente devastadores de homens”. Foi com os retirantes do Sertão e da Zona da Mata que habitaram a “Hong Kong da América”, a Veneza Americana, Recife, que Josué cresceu e viu crescer as mocambópolis²³ com seus habitantes anfíbios vivendo como caranguejos e alimentando-se dos caranguejos.

Como se sabe, Recife, ilha flutuante entre os braços dos rios Capibaribe e Beberibe, surgiu da lama natural dos mangues. Culturalmente, com o processo urbano industrial, e como proposta de modernidade, a cidade tentou apagar esta natureza, aterrando os manguezais e construindo sobre eles uma cidade “moderna”. Todavia, como a natureza do mangue teimava em ressurgir, iam-se colocando para dentro dela aquelas paisagens de seres humanos também negados pela cultura urbana (Melo Filho, 2003).

Assim, o Recife cresceu com uma grande população marginal que vegeta nos seus mocambos, em habitações miseráveis, formando a “sociedade do mangue”, paralela à “sociedade dos homens”. Foi por meio desta sociedade dos mangues que Josué de Castro travou seu conhecimento sobre a fome.

Primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leites dos caranguejos. Só muito depois é que vim a conhecer a sociedade dos homens – a grande sociedade. E devo dizer com toda franqueza que, de tudo que vi e aprendi na vida, observando estes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues – a sociedade dos caranguejos e a dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama (Castro, 2001, p. 13).

²² Não há confirmação de que sua mãe era filha adotiva.

²³ É um termo utilizado por Josué de Castro para caracterizar a zona dos mangues, formadas por mocambos habitados pelos homens-caranguejos - os operários, os sem profissão, os inadaptados, os que desceram do sertão e do brejo da fome, os rebelados e os vencidos. Zonas de mocambos dos bairros de Afogados, Santo Amaro, Pina e Ilha do Leite (Conto “A cidade”. In. Documentários do Nordeste, 1957, p. 15).

O olhar sobre mangues lamacentos do Recife fluiu aos olhos de criança de Josué, contando-lhe grandes e longas histórias sobre o mundo, persistindo durante toda sua vida.

Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio [Capibaribe], fitando suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema. Foi o rio o meu primeiro professor de História do Nordeste, [...] foi assim que vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angustia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando a fome. E vi, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome (Castro, 2001, p. 16-17).

Estas falas quase que poéticas da sociedade dos mangues, são falas encontradas no livro *Homens e Caranguejos*, escrito por Josué de Castro em 1967. Neste livro apresentou o personagem fictício João Paulo em que expressou nitidamente as conversas com o pai e sua mãe sobre as paisagens do Sertão e da Zona da Mata, além de revelar suas próprias amizades, os seus vizinhos moradores do mangue, dos quais se destacam o Chico e o Cosme, personagens centrais com os quais desfrutou conversas e apreendeu sobre os acentuados contrastes entre riqueza e a miséria, bondade e maldade (Silva, 1998).

Chico era um mulato pescador que tinha contraído a lepra. Cosme, um pobre preto ainda mais infeliz na sua vida de trapo jogado sobre um jirau. Com medo de perder sua liberdade caso fosse pego pelo Serviço de Saúde, Chico se esconde num dos mocambos do mangue. Cosme tornou-se paralítico quando foi trabalhar no ciclo da borracha na Floresta Amazônica e contraiu o beribéri. Por conta disto, Cosme observava o mundo apenas através do reflexo de um espelho, pelos jornais e pelas experiências que João Paulo/Josué trazia da sociedade dos homens (Castro, 1957).

Como eu era filho único e não tinha com quem brincar, fugia com frequência, apesar de todas as recomendações, para conversar com o leproso. Era eu quem os informava das novidades do mundo. Às vezes das novidades de minha imaginação. Com pena que ele não pudesse ir de dia até à cidade eu exagerava quase sempre as

descrições para compensar a ausência do fato real. Lembro-me bem que cheguei mesmo a inventar mentiras completas para não deixar de lhe contar coisas interessantes. Em troca, ele me contava as suas aventuras noturnas com os peixes, os vaga-lumes e os mosquitos (Castro, 1957, p.48).

Cabe aqui ressaltar que em *Homens e Caranguejos* traz à tona a problemática da fome no país com o ciclo da borracha vivenciada por Cosme, as debilidades do Serviço de Higiene e Saúde com o Chico, a disparidade crescente entre ricos e pobres com o processo de modernidade imposto no país, as consequências da monocultura e da colonização, o brejo e o sertão dos seus pais, e, sobretudo, a ausência de políticas públicas de segurança alimentar. Assim, como bem enfatiza Schappo (2008), este livro pode também ser considerado o livro “Geografia da Fome” contada de forma literária. Além disso, o livro traz os escritos de Josué de Castro nos anos 1930 como os contos “O Ciclo do Caranguejo” (1935) e o “Despertar dos Mocambos” (1936), dentre outros. No primeiro, Josué de Castro define a simbiose entre o homem e o caranguejo:

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita pro homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente pro caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive o homem e a lama que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive nela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carninha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez (Ciclo do caranguejo, 1935, p. 27, documentário, 1957).

O ciclo do caranguejo seria assim uma analogia ao ciclo da fome, um círculo vicioso que leva à obstrução da dignidade humana dos homens-caranguejos, seres angustiados e obcecados por comida.

[...] a vida dessa gente girava em torno de uma só obsessão – a angústia da fome. Sua própria linguagem que quase não fazia alusão a outra coisa. A sua gíria era sempre carregada de palavras evocando as comidas. As comidas que desejavam com desenfreado apetite. A propósito de tudo se dizia: é uma sopa, é uma canja, é um tomate, é

uma ova, é um abacaxi, é pão-pão, é queijo-queijo. Era como se esta gíria fosse uma espécie de compensação mental de um povo sempre faminto. (Castro, 2001, p17).

Não há dúvida de que este romance, o primeiro e único escrito por Josué de Castro, é um rico material para análise de sua visão de mundo, na medida em que revela aos leitores algumas das suas experiências concretas, as primeiras narrativas de sua história, e, sobretudo, sua sensibilidade humana. Ainda que, para alguns de seus críticos, possa ser caracterizado como um livro automitificador, caricaturando um personagem que quer ser reconhecido pela história, ao nosso ver, embora não descarte de um todo essa hipótese, trata-se da tentativa mais conscientemente elaborada pelo autor, ou, como bem aponta Mannheim, uma tentativa de elaboração teórica de sua visão do mundo, que talvez não pudesse ser escrita em outra ocasião e em outra paisagem que não fosse a década de 1960, quando esteve exilado em Paris (Silva, 2010).

Dito de outra forma, talvez, este livro constitua a sua própria tentativa de compreender como sua trajetória de vida, a forma de seu projeto de ser no mundo, foi tomada por um espírito angustiado e obcecado pela problemática da fome. Como as amizades, os conflitos com os pais e as paisagens da mocambópolis tomavam forma e sentido, e até o desviavam do seu projeto de vida. Isto porque a militância em torno do projeto de segurança alimentar, as batalhas que travava com seu espírito tomado por estas imagens da infância sufocavam o seu desejo de ser um literato, ao mesmo tempo em que foram a chama inspiradora de seus contos e de sua ciência, como afirma Silva (1998).

Assim, mesmo com esta tentativa de elaboração consciente de se tornar o militante do combate à fome, Josué não deixa de se inquietar sobre o quanto sua vida lhe fugia das mãos, revelando que a escolha de um sujeito não é determinada unicamente pelo seu desejo, mas é também uma escolha a partir das possibilidades que se lhes apresentam. No seu diário, iniciado em 1957, nos relata:

Há tempos que venho sentindo uma terrível frustração, tenho sempre presente em meu espírito a idéia de que a vida se vai esvaziando, fluindo em extrema velocidade, sem deixar nada que se possa precipitar e cristalizar como uma expressão desta experiência vivida. É como se eu vivesse absolutamente para nada. Excepto para as

aparências mais tolas, mais desvaliosas da vida. E isto não deixa de fazer mal. De desnaturar e entorpecer o elã vital, a autenticidade dos impulsos da vida. Cheguei a conclusão de que fui levado a este estado de espírito e de certa condição de vida pela fraqueza de me deixar desviar dos rumos autênticos de minhas inclinações e tendências, para rumos acidentais, casuais, que não me podem conduzir a qualquer realização autenticamente válida. [...] São estes os objetivos desse diário, sem maiores pretensões que as de um caderno de estudo. De estudo de alguém que tem ilusão de poder ser autenticamente um escritor, mas que foi desviado de seu roteiro pelos obstáculos e acasos da vida, mas vou tentar reagir e voltar a encontrar-me naquele ponto em que (me desviei, me perdi) nos labirintos da vida²⁴.

Talvez, Josué nunca tenha se encontrado, os labirintos continuaram a mostrar-lhe as paisagens do Recife, e isto é o mais fascinante em sua trajetória. Como disse Ludemir²⁵ (1983), Josué tinha um toque de universal, mas foi um homem marcado pela cidade provinciana e pelo mundo da infância e da juventude. Mesmo trilhando o caminho da fama, da riqueza, de grande escritor (coisa que tanto cobiçou, e o deixava envaidecido), o menino do mangue estava vivo, puxava-lhe o casaco, mostrava os fatos da memória, passava-lhe à frente, aguçava-o por todos os modos até encostá-lo na parede (Pernambucano, 1983, p. 209).

Aos 15 anos foi morar em Salvador para cursar a Faculdade de Medicina, em 1922, por desejo de sua mãe e ajuda financeira de seu pai²⁶. Na Bahia, Josué morou na casa de estudante, casa que teria sido de Nina Rodrigues²⁷, dividindo quarto com Teotônio Brandão²⁸ e Arthur Ramos²⁹, outros dois interlocutores que influenciaram

²⁴ Diário 04 de janeiro de 1957. Diário analisado por Tânia Elias Magno da Silva, 1998, p.88-89.

²⁵ Foi secretário particular de Josué de Castro durante vários anos. Além disso, foi chefe de seu gabinete em vários órgãos em que Josué de Castro atuou. Bernardo Ludemir revela que não era uma tarefa fácil trabalhar com Josué, dado o choque entre estes dois mundos que o constituía. Era a vaidade e a simplicidade num só ser.

²⁶ Os pais de Josué de Castro se separaram quando Josué tinha quatro anos de idade. Com a separação a Mãe de Josué, conhecida como D. Moça, mulata, era filha de criação da aristocrata família Carneiro da Cunha, foi morar com Josué num casebre no Bairro da Madalena, próximo aos mangues, passou privações e até fome. Dos oito aos quatorze anos, uma vez que havia terminado o primário com a mãe e esta não tinha condições de pagar a continuação dos estudos, vai morar com o pai, na velha casa colonial de quintais grandes, também no Bairro na Madalena. Nesta situação, Silva (1998), nos revela que Josué de Castro iniciou a trama de viver dividindo entre dois mundos: o da fartura, tendo com o pai a mesa farta, sem passar grandes privações; e o da miséria, do abandono, ao lado da mãe, com a qual passou fome.

²⁷ Nina Rodrigues, médico, foi o grande influenciador da Antropologia na Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

²⁸ Em entrevista a Pedro Bloch, Josué fala sobre Theo Brandão, assim o chamava: “brigávamos por ninharias - criatura admirável, pensava que era metido a besta, quando na realidade, sempre me considerei inferior a todo mundo, especialmente a ele”.

²⁹ Arthur Ramos, que também fazia medicina, estava bem próximo das influências da “Escola de Nina

sua formação. Sob influência deste último escreve artigos e contos que retratavam as discussões da época, escritos inicialmente sobre Psiquiatria e, posteriormente, sobre a valorização do nacional e da miscigenação. O primeiro texto escrito por Castro sob essa forte influência foi “A doutrina de Freud e a Literatura Moderna”, publicada em 1925 pela Revista de Pernambuco.

A inteligência de Arthur Ramos fascinara Josué. Com Ramos adquiriu uma paixão por cinema e pela arte. Esta paixão pelas artes e pela literatura, revelava um desejo da infância de ser um escritor, como nos revelou Octávio Pernambucano (1983), amigo de Josué de Castro desde a infância, relata-nos que nos tempos em que estudaram juntos no Ginásio Pernambucano, Josué encantou-se pela leitura com escritos de Luís de Camões e com as aventuras de Júlio Verne, dentre outros escritos. Neste tempo, Castro costumava dizer que aos 30 anos qualquer homem de estudo deveria ter escrito pelo menos um livro. Entretanto, por estes anos iniciais, Octávio Pernambucano não acreditava nisto, relatava que “ele lia muito bem e escrevia muito mal” (1983, p. 195).

Pouco se sabe sobre a vida estudantil de Josué de Castro na Bahia, apenas que foi acometido por desencantamento acadêmico, o que o direciona ao Rio de Janeiro, devido a sua efervescência cultural (ainda sob o impacto da Semana de Arte Moderna), transferindo-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927.

No Rio de Janeiro, teve crises de depressão constantemente, pelo que foi relatado por Octavio Pernambucano, as crises de saúde ocorriam nos momentos em que trabalhava intensamente ou de grandes pressões psicológicas. No Rio de Janeiro, a vida de Josué caminhava justamente de acordo com a agitação da cidade – estudava, mantinha suas leituras literárias, preparava resumos de estudos para os colegas de melhores condições financeiras, escrevia para revistas e jornais sobre assuntos diversos, sobretudo sobre cinema, uma das suas mais leves paixões³⁰. Além

Rodrigues” do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX. Suas leituras se aproximavam dos estudos de Nina Rodrigues sobre a loucura e criminalidade nas áreas da Psicologia Social e Psiquiatria. Ramos lia muito sobre as teorias psicanalíticas de Freud e fazia estas leituras em alemão. Em 1930, Ramos inicia um processo de descontinuidade teórica das leituras de Nina Rodrigues. Visto que seus estudos sobre as relações raciais caminharam em direção contrária aos relacionados pelo célebre médico baiano, pode-se dizer que, em certo sentido, estariam mais próximos de Gilberto Freyre (Côrrea, 1998).

³⁰ Sobre a paixão pelo cinema consultar Silva (1998); Normando Jorge de Albuquerque Melo (2009) e a Revista Continente Multicultural, edição de outubro de 2001.

disso, frequentava as Embaixadas latino-americanas para conhecer pessoas interessante “mania de catar gente, procurar convivência interessante, conversa esclarecida, essa espécie de sede que cresce quando se bebe; Alfonso Reyes, embaixador do México, seu admirador e amigo, abria-lhe as portas da Embaixada” (Pernambucano, 1983, p. 203).

Esta proximidade com a embaixada mexicana lhe rendeu o título de Presidente do Centro Universitário Latino Americano, possibilitando chefiar uma viagem com estudantes ao México para assistir à posse do presidente Pascual Ortiz Rubio. A data da viagem coincidiu com o dia da Formatura, em 28 de dezembro de 1929, o que lhe impediu de estar presente na cerimônia³¹. No dia da posse o então presidente eleito, Ortiz Rubio, sofreu um atentado, renunciando dias depois ao cargo. Do México, após despedir-se dos colegas universitários que estavam na caravana, Josué segue para os Estados Unidos, onde se estabelece por quatro meses, estagiando na Universidade de Columbia e no Medical Center de Nova Iorque.

Cabe assinalar que, em meio a estas agitações e próximo a viagem, Josué havia adoecido, era a depressão que o atormentou durante sua vida, sendo mais latente quando “o menino do mangue lhe puxava o casaco”. Assim, viveu sempre entre dois mundos, entre o Josué, menino que brincava nos mangues do Recife e o Josué de Castro. Estes dois mundos chocavam-se e sobreviviam juntos (Silva, 1998).

Ao retornar do Estágio nos Estados Unidos, em 1930, se estabelece no Recife onde passa a se dedicar à área de Fisiologia, iniciando os primeiros tratamentos endocrinológicos no Nordeste, montando uma clínica especializada em problemas de nutrição. Seu consultório possuía aparelhos e equipamentos adequados para clinicar pacientes com os principais problemas endocrinológicos da época, especialmente a obesidade das mulheres ricas. Foi principalmente assim que em pouco tempo enriqueceu, emagrecendo mulheres da sociedade recifense, tornando-se o médico famoso. Com isso tratou de retirar a mãe da condição de miséria em que vivia. Mas, Josué queria ter sido psiquiatra:

Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas o Uchôa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição.

³¹ Sobre a passagem de Josué no México, consultar Schappo (2008) e o artigo de Josué de Castro “A revolução mexicana vista de perto”, publicada no Jornal “A Província”, em 07 de maio de 1930.

Um só livro, O Tratado, de Umber, figurava na biblioteca. As doenças da nutrição eram cinco na época: obesidade, magreza, diabete, gôta, reumatismo. Como era coisa nova, passei a ter uma clínica brutal, apesar de minha cara de menino que assustava os primeiros clientes (Castro, 1964)³²

Em 1932, paralelamente ao consultório de Nutrição, passou a dar aula na Faculdade de Medicina do Recife, recém-fundada pelo famoso médico Otávio de Freitas. A entrada de Josué de Castro nesta Faculdade se deu com a tese defendida no concurso para Livre-Docente intitulada “O problema fisiológico da alimentação no Brasil”, que foi publicada no ano seguinte na Revista de Medicina de Pernambuco. O artigo publicado teve grande repercussão, sendo alvo de críticas por Gilberto Freyre em Casa-Grande & Senzala.

Estes tempos, em 1932, foram de intensa atividade intelectual, pesquisa de campo e consultas, acabou contratado por um dono de uma fábrica para cuidar dos operários que estavam aparentemente doentes, haja vista que, segundo o Gerente da Fábrica, não estavam “rendendo” no trabalho.

Comecei a trabalhar numa grande fábrica e a verificar que os doentes não tinham uma doença definida, mas não podiam trabalhar. Eram acusados de preguiça. No fim de algum tempo compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões: sei o que meus clientes tem. Mas não posso curá-los porque sou médico e não diretor daqui. A doença desta gente é fome. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi então que o problema era social. Não só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal³³.

Esta passagem numa fábrica do Recife provocou em Josué de Castro intensa e incômodas reflexões e levou-o a conclusão de que o salário dos trabalhadores era insuficiente para se alimentar de maneira que pudessem manter uma rotina de operário. Com tais conclusões, Castro foi contratado pelo Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco, no governo do interventor Carlos de Lima Cavalcanti, para chefiar um inquérito sobre as condições de vida dos operários no

³² Entrevista concedida a Pedro Bloch. Revista Manchete, nº 625. Rio de Janeiro, abril de 1964

³³ Entrevista concebida a Pedro Bloch em 1963. No conto “Assistência Social”, Josué de Castro, com pseudônimo de Dr. Felix, revela como se deu a sua passagem nesta fábrica. No conto não revela o nome da fábrica em que trabalhou, dando o nome fictício de Fábrica Pureza.

Recife, que aprofunda ainda mais a hipótese apresentada³⁴.

As constatações de suas pesquisas, somadas às suas críticas à elite intelectual recifense, que ele acusava de inculta por desconhecerem a realidade de miséria e de opressão na sociedade nordestina, aproximou Castro dos escritos da chamada geração de 1930, caracterizada pelos romances do realismo social nordestino que retratavam o Brasil formado pela discrepância entre o mundo rural e urbano, o Sul e Norte, as desigualdades sociais, as secas e a situação de miséria da população. Dentre os romancistas sociais nordestinos que tanto influenciaram Josué de Castro estão José Américo de Almeida (para o qual escreveu o prefácio do livro “A Parayba e os seus problemas”), Rodolpho Theóphilo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz (aos quais dedicou o livro Geografia da fome), José Lins do Rego e Jorge Amado. Autores que trazem em seus escritos uma crítica a ordem social existente, que vão marcar a produção de Josué de Castro neste período, sobretudo nos seus contos “O Ciclo do Caranguejo” (1935) e o “Despertar dos Mocambos” (1936), que retratavam a tragédia de vida desse povo tal como os ensaios dos romancistas do realismo social (Schappo, 2008).

O clima de disputa intelectual deu um tom de desânimo em Josué de Castro em relação à cidade do Recife. Ainda que estivesse financeiramente estabilizado – dada a prosperidade do consultório, as aulas de Fisiologia na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife³⁵ –, desejou retornar ao Rio de Janeiro, no final dos anos de 1934.

Os meses iniciais de volta ao Rio de Janeiro não foram fáceis. Por estes tempos, segundo Silva (1998), foi mais literato que médico, em busca de uma forma para “ganhar dinheiro”. Colaborava em diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Recife (“Diário Carioca”, “A Nação”, “A Manhã”, “Revista Carioca”, “Revista para

³⁴ Estes estudos sobre a condição de vida da classe operária nas cidades do Recife e no Rio de Janeiro, foram utilizadas como referência, sob ordens de Agamenon Magalhães, Ministro do Trabalho na época, para a determinação da lei que instituiu o salário mínimo brasileiro.

³⁵ Josué foi um dos fundadores da faculdade, chegou a ser vice-reitor e lecionou a disciplina Geografia Humana. Idealizada junto a um grupo de intelectuais pernambucanos liderados pelo Professor Aníbal Bruno, a faculdade foi inaugurada em 22 de setembro de 1933, em solenidade no Salão da Faculdade de Direito do Recife. A abertura da faculdade teve larga repercussão no meio intelectual da cidade, bem como no estado, constituindo um pioneirismo no curso superior pernambucano pela sua proposta. Método de interpretação e avaliação conscientes dos valores humanos e mais ansiosos de organização e de vida. Problemas sociais.

Todos de Pernambuco”). No final de 1935 recebe o convite de Roquette Pinto (1884-1954) para lecionar a cadeira de Antropologia Física na Universidade do Distrito Federal, recém fundada pelo educador Anísio Teixeira. Todavia, o tempo de duração desta universidade foi curto, dada a agitação política dos anos 1930. Getúlio Vargas dissolveu a Universidade do Distrito Federal e criou a Universidade do Brasil, em 1937, onde Josué de Castro ocupou interinamente a cátedra de Geografia Humana, na qual se efetiva em 1947, com a tese “A Cidade de Recife, Ensaio de Geografia Urbana” (Andrade, 1997).

A indicação de Josué de Castro para a Universidade do Distrito Federal foi dada por Getúlio Vargas, de quem era médico particular e amigo de toda família. Como sugere Silva (1998), a aproximação com a família Vargas trouxe a Josué de Castro muitas oportunidades, mas também, muitos inimigos políticos. Esta ligação fez com que alguns membros da Universidade do Brasil o associassem ao governo fascista, dada a indicação para a cadeira de Geografia Humana (Silva, 1998).

Entretanto, neste período Josué de Castro não tinha militância política bem definida, aproximando-se dos grupos de esquerda como Aliança Nacional Libertadora, sob a liderança de Carlos Prestes. Porém, apesar de participar e ter seus artigos publicados em jornais a ela ligados, não se filiou a esta corrente, não sendo vítima de perseguição por parte do governo (pelo contrário, sempre cultivou a amizade com os Vargas). Em 1939, o Governo Federal encarrega Josué de Castro de elaborar o plano para a fundação do Serviço Central de Alimentação, transformado no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), onde permanece até 1941 (Andrade, 1997). Isto se deu porque, no Rio de Janeiro, passou a realizar pesquisas bioquímicas, analisando substâncias com a farinha de macambira e do xiquexique. Estas pesquisas constituiriam o primeiro embrião do futuro Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (INUB), por ele idealizado e fundado em 1946, mesmo ano em que publicou Geografia da Fome.

Os estudos de laboratórios levaram Josué de Castro aos primeiros contatos com a Europa, tendo estagiando, em 1938, no Instituto Bioquímico de Roma e ministrando cursos nas Universidades de Nápoles e Gênova. Dessa experiência resultou o estudo Alimentazione e Acclimatazione Umana Nei Tropici. Entre 1939 e 1945, promoveu curso sobre Alimentação e Nutrição no Departamento Nacional de

Saúde Pública e na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, sendo eleito, em 1942, presidente da Sociedade Brasileira de Nutrição, da qual também foi fundador.

No SAPS, começou a tratar o problema da fome como problema social de política pública, estabelecendo como meta principal prestar assistência alimentar e nutricional a um grupo populacional específico: os trabalhadores. Foi também no SAPS que Josué de Castro institucionaliza os primeiros cursos na área de nutrição no Brasil, os chamados cursos de nutricionistas do SAPS (atual curso de graduação em Nutrição da UNI-RIO). Esse órgão transformou-se num dos principais centros de formação de recursos humanos na área de Nutrição, formando nutrólogo, nutricionistas e dietistas, bem como o principal campo de trabalho para esses profissionais (Vasconcelos, 2000).

Além da atuação no SAPS, Josué de Castro criou os Arquivos Brasileiros de Nutrição, em 1944, primeira revista científica de Nutrição. Neste mesmo ano, criou o Instituto de Tecnologia Alimentar (ITA)³⁶, no qual foi diretor e assinou a portaria que obrigava a iodetação do sal no país. Foi chefe do Departamento Técnico de Alimentação da Coordenação da Mobilização Econômica e membro da Comissão Organizadora do Bem-Estar Social; fundou também a Associação Brasileira de Nutricionistas (ABN), em 1949, idealizada com o objetivo de defender os interesses dos profissionais da Nutrição, bem como desenvolver estudos de campo (Melo et. ali, 2007). Ao final dos anos de 1940, pode-se dizer que a Nutrição está institucionalizada como campo de saber, o que bastaria para consagrar Josué de Castro, somando-se às suas ações engendradas no Rio de Janeiro nos estudos da Nutrição, além da consolidação como professor, cientista, médico e pesquisador.

Nos anos 1950, após a publicação de Geopolítica da fome (1951), já internacionalmente conhecido por seu legado intelectual e sua militância social em prol da erradicação da fome, foi conduzido à atividade política direta. A atuação em órgãos governamentais, o contato com as forças políticas e, especialmente, a proximidade com Getúlio Vargas e o PTB seriam outros componentes que

³⁶ ITA era destinado a realizar estudos, trabalhos e pesquisas de caráter experimental no campo da ciência alimentar, no esforço de auxiliar a indústria brasileira de alimentação, e na Comissão de desidratação de produtos alimentares, instituída pelo Conselho Federal de Comércio exterior para estudar as bases de implantação de indústria de desidratação.

favoreceriam essa imersão. Ligado a Getúlio Vargas, lança-se candidato a Deputado Federal pelo PTB e integra a Coligação Democrática da UDN, mas não consegue ser eleito. Nesta primeira tentativa como candidato a Deputado Federal, Josué de Castro ficou em 16º lugar, obtendo 4.770 votos. Sendo assim, continuou com suas atividades de pesquisa e denunciando os bolsões de misérias existentes em vários países, apontando que os maiores responsáveis pela fome no mundo são os países colonizadores e imperialistas. Em 1952 a 1956, como já comentamos acima, foi eleito Presidente da FAO onde empreende várias frentes de luta contra a fome nos países subdesenvolvidos, entre elas, o questionamento das velhas estruturas agrárias, do latifúndio improdutivo, e a defesa incontestada da reforma agrária. Sempre colocando o interesse dos países pobres como prioritários, reivindica verbas para que a FAO possa realmente cumprir o seu papel (Silva, 1998).

Em 1954 lança-se novamente candidato a Câmara Federal integrando o Movimento Popular Autonomista pelo PTB contra a Frente Democrática Pernambucana. Obtém uma votação expressiva de 14.076 votos, elegendendo-se como o sétimo mais votado pela coligação (PTB, PST, PSD, PDC, PSP e PRP), fazendo dobradinha com Francisco Julião (líder da Ligas Camponesas), sendo o único candidato apoiado pelos Comunistas.

Na sua campanha, Josué de Castro formou comitês descentralizados nos bairros de Recife e no interior do Estado, além de fazer campanha em todos os sindicatos trabalhistas de Pernambuco. Ao todo, o Estado tinha 51 Conselhos Consultivos dos trabalhadores, da capital ao interior. Fez toda esta campanha para montar seu programa de ação como Deputado. Assim fez porque, como refletiu em sua “carta proposta” no livro *Sete Palmas de Terra e um Caixão* (1965), faltava participação popular no processo de decisão política do país. Sinalizava que esta não-participação se dava pela bipolaridade da política brasileira: a esquerda mal organizada e a direita conservadora.

Neste primeiro mandato, ainda como aprendiz na Câmara Federal, inicia uma investigação mais aproximada da realidade camponesa brasileira, das causas políticas das desigualdades. Além disso, observou de perto como funciona a política econômica brasileira de abastecimento alimentar. Três grandes temas permeiam a disputa de Josué de Castro na Câmara Federal: a Reforma Agrária, a causa das

desigualdades no Nordeste e a distribuição de renda. Estes três temas eram frequentes nos seus discursos e culminam no seu grande projeto – o Projeto de Segurança Alimentar, entendendo que a construção de uma política pública contra a fome estaria implicada numa distribuição de terra e de renda que possibilitasse ao povo brasileiro uma educação alimentar digna.

Foi por causa destes ideais que Josué de Castro foi unanimidade na classe trabalhadora brasileira, reelegendo-se em 1958, dessa vez como candidato mais votado da história do Nordeste, mantendo a aliança com Francisco Julião, candidato pelo PSB a Deputado Estadual. No seu segundo mandato, o seu grande debate foi sobre a situação da seca no Nordeste, que desemboca na criação da SUDENE (Melo et ali, 2007).

Ao lado das atividades políticas nacionais não deixou de atuar internacionalmente. Fundou em Paris, em 1957, a ASCOFAM – Associação Mundial de Combate à Fome. Assumia atividades de ordem acadêmica e política, mesmo quando viajava a passeio, lá estava o Josué de Castro em reuniões. Chegava a trabalhar 18 horas por dia. Em 1962, renunciou ao mandato de Deputado Federal, quando foi indicado para ser Embaixador do Brasil junto à ONU, em Genebra. Além disso, torna-se representante do Brasil no Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), também em Genebra, e é indicado pela segunda vez ao Nobel, dessa vez para concorrer ao da Paz. Estas indicações davam-se pela campanha a favor do desarmamento e contra a bomba atômica, em prol da paz mundial e pelo fim da desigualdade social: Nos anos 1960, quando adquire maior notoriedade internacional, perde projeção nacional com a implantação do Golpe de 1º de abril de 1964, exilando-se em Paris.

Em Paris (1964-1973) consolidou seu legado intelectual, criando o Centro Internacional de Desenvolvimento (CID), participando do movimento intelectual europeu em defesa dos povos do Sul, realizando conferências, congressos e simpósios em vários continentes, escrevendo, como já supracitado, os livros *Homens e Caranguejos* (1967) e *Sete Palmos de um Caixão* (1965). Além disso, produziu livros com vários colaboradores como: *El Hambre, Problema Universal* (1969), *o Drama do Terceiro Mundo* (1970), *A China e o Ocidente* (1971). Além disso, reeditou seus principais trabalhos, publicou artigos nos jornais europeus e lecionou na qualidade de

professor associado a cadeira de Geografia Humana na Universidade de Paris-Vincennes. Castro morreu em Paris, deixando a viúva Glauce Pinto de Castro, mulher da vida toda, e seus filhos: Anna Maria de Castro (socióloga), Josué Fernando de Castro (economista) e Sônia de Castro Durval (geógrafo).

1.2. Por que a escolha de um personagem?

Dada a sua intensa atividade intelectual-política e a multiplicidade de artigos e livros publicados em vários idiomas, inclusive em sânscrito, uma língua praticamente inacessível para autores ocidentais, os livros de Josué de Castro, complementados por mais de 350 trabalhos em revistas científicas e publicações leigas, representam um legado fundamental para a definição de uma nova agenda de conceitos, objetivos e estratégias para o desenvolvimento humano. De fato, mais do que a visão trágica de centenas de milhões de pessoas vivendo ou morrendo como personagens desconhecidos do drama universal da fome, desvenda-se uma realidade social, política, econômica, ecológica e ética que colocava (e ainda coloca) em questionamento as próprias bases do modelo de progresso assumido como referência no Brasil (Batista Filho, 2008).

Diante de tal assertiva é que este estudo pretende focalizar-se na análise da importância do legado intelectual de Josué de Castro, destacando-se as principais obras - *Geografia da fome* (1946), *Geopolítica da Fome* e o *Livro Negro da Fome* (1960) - aqui compreendidas como fundamentais para a construção do Plano Político de Segurança Alimentar Brasileiro que atualmente é bem difundido no país, mas que não referencia a obra de seu precursor ou apenas o evidencia em formas de homenagens sem atenção ao seu legado intelectual. É evidente que seu estudo sobre a fome, subalimentação e desnutrição antecipa no país a discussão do processo de saúde e doença nos anos 1970, colocando-o com um dos percussores da Reforma Sanitária que influenciaria na Constituição Cidadã de 1988, além de nos oferecer possibilidades de alternativas para pensarmos uma sociedade socialmente mais equitativa com sua perspectiva de emancipação humana, a partir de um economia humana em contraponto a economia de desenvolvimento do “progresso” a qualquer preço.

Entretanto, o que explicaria a ausência de debate acadêmico em torno de seu legado intelectual? Por que escrever uma tese sobre um autor pouco lido? Ou melhor, por que fazer ciência estudando um autor? Partimos do pressuposto de que:

O cientista não é produto apenas de seu treinamento numa disciplina e consequente aquisição de um modo particular de ver o mundo, mas também das circunstâncias, relações e expectativas experimentadas durante a vida. É um indivíduo que busca se posicionar dentro de um campo de possibilidades historicamente definidas e, portanto, lança mão de estratégias, numa complexa paisagem que combina concepções de ciência, estruturas de instituições e arranjos políticos (Silva, 2011, p.36).

Nesse sentido, conhecer personalidades e seus pensamentos e refletir sobre atos e ações fazem parte da práxis científica de um campo do conhecimento. Sendo assim, abordar a trajetória individual de cientistas significa, como afirma Mary Jo Nye (2006), fazer “história da ciência por outros meios”. Acredito que sua obra faz parte de uma tradição mais ampla das interpretações sobre a realidade social brasileira, no que tange, sobretudo, às questões referentes à situação da saúde pública do país. Contudo, dificilmente, seu nome é citado junto aos intérpretes brasileiros. Por que a sua obra não é discutida nas universidades brasileiras?

Essa assertiva e indagação tornou-se importante neste estudo. Curiosamente, o desconhecimento em torno da obra de Castro continua, mesmo no Governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que o adota como símbolo das Políticas Públicas Sociais e de Segurança Alimentar. Isto porque, para nós, é um autor proclamado pela trajetória pública, porém não discutido nas ciências sociais e nas ciências da saúde, com raras exceções nos debates de nutrição com ênfase em Saúde Coletiva, sendo geralmente pouco lido pelos acadêmicos.

Possivelmente as últimas gerações de brasileiros, mesmo os “leitores” mais assíduos, não conhecem a obra *Geografia da Fome*, nem sabem quem foi Josué de Castro. Em contrapartida, qualquer adolescente na França e no Canadá deve ter tido a oportunidade de ler alguns de seus escritos (Mançano [et ali], 2000).

Geralmente seus estudiosos relataram que o encontro com a obra de Josué de Castro aconteceu ao acaso (Silva, 2008; Nascimento, 2008; Schappo, 2008; Carvalho; 2008). Assim também foi meu encontro com a obra de Josué de Castro, quando um

amigo nos apresentou, emprestando-me alguns de seus livros. Anteriormente a este acontecimento, lembrei que anos antes, ainda no terceiro período da graduação em Ciências Sociais, um amigo e militante social, hoje Médico formado em Cuba, perguntou-me sobre Josué de Castro, sinalizei apenas que não tive oportunidade de ler sobre este pensador. Mas, sinceramente, não sabia de quem se tratava, assim como meus companheiros de curso. Este amigo então relatou que ele era lido na formação médica em Cuba.

A defesa em reavivar a obra de Josué de Castro é não apenas por ser uma obra atual do ponto de vista metodológico - se partimos da assertiva de que se trata de uma obra que faz bom uso da interdisciplinaridade, abrangendo conceituação, aplicação e combinação da geografia, epidemiologia, sociologia, antropologia, história e economia, mas também por ser uma obra que evidencia não apenas fatos do passado, mas apresenta eventos e perspectivas que formam os painéis mais visíveis da nova e da futura agenda de desafios da humanidade³⁷.

Daí o porquê de escrever uma tese sobre o autor do legado “esquecido” que se sustenta como memória e como desafio no contexto mais atual dos grandes problemas da humanidade: a insegurança alimentar, que ainda segrega milhões de pessoas, as carências de micronutrientes com um risco potencial de ocorrência de quatro bilhões de indivíduos, se considerarmos, cumulativamente, as anemias e a deficiência hipovitaminose A e a escassez de iodo. Ou, paradoxalmente, as doenças dos excessos alimentares, das doenças cardiovasculares, do diabetes e outras comorbidades crônicas que hoje representam 59% de toda carga de doenças da humanidade, podendo se elevar para 73% até o no de 2020, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (Batista Filho, 2008). E ainda, num contexto mais amplo, os desacertos do crescimento econômicos que continuam a produzir ou agravar desigualdades, exclusões e outros efeitos adversos nas relações dos homens e seu ambiente físico, biótico e social (Batista Filho, 2008).

Um dos aspectos secundários, porém, não menos importante seria o otimismo

³⁷ Partindo da assertiva de Nascimento (2012), a fome transformou-se, a partir de Josué de Castro, numa categoria do pensamento moderno, sendo categoria fundamental nas agendas nacionais e internacionais, a ponto de ser o primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio. A declaração do Milênio foi aprovada pelas Nações Unidas em 2000 e foi assinada por 192 países, incluindo o Brasil, que firmaram o pacto de oito macros objetivos a serem atingidos até 2015. O Combate a fome e à pobreza estava listado entre os primeiros.

com que este personagem analisa a sociedade; a aposta na ciência como mecanismo para saída para problemática social; e sua preocupação com as estruturas sociais, sobretudo, no Nordeste brasileiro. Outro aspecto no qual acreditamos neste estudo é a possibilidade de abrir precedentes para o campo da Saúde Coletiva estudar biografia de personagens e pensadores que constituem e constituíram esse campo de saber e que utilizaram de espaços políticos para colocar em prática políticas públicas baseadas nas reflexões/conclusões de sua atividade pesquisa. Isso por que como Cientista Social vinculada à linha de Fundamentos sócio-históricos culturais em saúde numa instituição de pesquisa médica e biológica, nos demos conta de que há muitos personagens e pensamentos a serem lidos e/ou revistados no campo das ciências e da saúde no Brasil.

Cabe ainda frisar que, boa parte da produção científica que aborda a trajetória de Josué de Castro, ressalta o silêncio acadêmico em torno de sua importância intelectual no Brasil, pontuando que este silêncio é datado, iniciando nos anos 1964 e, em certo sentido, persiste nos dias atuais. Baseado nesta assertiva, que apresentamos como objetivo central problematizar o possível “esquecimento” do legado intelectual de Castro, sendo assim, a nossa pergunta de pesquisa está contida no nosso título: Será Josué de Castro, um autor do legado esquecido? Somando-se às questões secundárias:

- Como o fenômeno do esquecimento é percebido pelos estudiosos de Josué de Castro?
- Quais os conceitos centrais, objetivos, métodos e propostas de execução que constituem a obra de Josué de Castro?
- Como se dá passagem do conceito de fome de Josué de Castro para o conceito de desnutrição?
- Qual a chave analítica de seu legado intelectual?

Para problematizar estas questões apresentaremos a seguir a perspectiva teórico-metodológica que adotamos neste estudo.

1.3. Fundamentação Teórico-metodológica

Como alertamos na seção da apresentação, este estudo é uma continuidade

da pesquisa de mestrado, no qual adotamos como ponto de partida da pesquisa delinear a trajetória de vida de Castro. Para tanto, dialogamos com o método biográfico sociológico como fio condutor da pesquisa.

A proposta de construção de uma biografia sociológica foi utilizada para que não ser confundida com uma mera biografia cronológica. Para Pallares-Burke (2005), a biografia cronológica segue um percurso linear quase teleológico de um indivíduo, escondendo os fracassos do biografado e se atém aos sucessos, quase sendo uma retratação do personagem e seus traços olímpicos sem imperfeições, transformando-a em ficção monótona e fria. Por vezes, os pesquisadores podem também recair na armadilha da autorretratação do sujeito pesquisado, que recria sua identidade a partir da sua identificação com seu mundo social de adulto, observando o cotidiano, os costumes, a diversidade de culturas, tipos humanos, instituições, quase uma autoanálise e um enquadramento daquilo que se quer parecer e/ou se quer ser (Bosi, 1994).

Como observamos na historiografia mundial, já existiam traços deste tipo de biografia como conhecimento sistemático do passado, desde a Grécia Antiga. Os personagens heroicos, o soberano déspota e os chamados grandes homens, os dominadores e os vencidos eram os que centralizavam a atenção da história de um povo (Nascimento, 2002).

Entretanto, no final do século XIX, o olhar biográfico começou a sofrer alterações a partir do surgimento da Sociologia com a influência, embora que indireta, de pensadores como Durkheim, Weber e Marx. A concepção, de uma sociedade totalizadora nas quais as ações e os processos individuais são entendidos como condicionamento refletido de um dado grupo social ou de uma determinada sociedade e; as concepções de uma sociedade atomizada em que as ações e os processos sociais são entendidos como agregações complexas de ações individuais, passaram a ser frequentes nos estudos biográficos e determinaram, em última análise, a forma como era encarado o biografado (Nascimento, 2002).

É através destas influências que, no século XX, a forma de encarar as biografias de vida sofrerá alterações, tornando-se um caminho a ser trilhado para entender texto (biografias) e contextos (contextos sócio históricos) (Levi, 2005). Uma

das primeiras ocorrências dessa modificação deu-se com a Escola de Chicago e sua utilização da técnica da história de vida como objeto de pesquisa mais sistematizado e científico, dando origem a uma série de novos estudos biográficos que permearam as pesquisas qualitativas logo após a Primeira Guerra Mundial. Dentre os integrantes dessa escola, destacamos dois representantes: George Mead, que contribuiu na perspectiva de um novo olhar para as técnicas de pesquisa qualitativas nas Ciências Sociais, na medida em que analisa o indivíduo como um ser complexo de várias dimensões diferentes, construído a partir das suas relações com “outros significantes”, cujo comportamento tem consequências para o nós e para si; e Goffman com a publicação “A Representação do Eu na vida cotidiana”, que analisou que o comportamento humano é o resultado de um processo de socialização dos papéis em que os indivíduos ocupam nas relações sociais. Esta obra representou uma redescoberta da importância da descrição dos aspectos individuais do cotidiano como aspecto representativo dos fatos sociais. Autores como Peter Berger e Luckman compartilham desta perspectiva (Nascimento, 2002).

No Brasil, é a partir da década de 1940 que se iniciam as reflexões sobre o uso da técnica de história de vida, dos quais merecem destaque os seguintes cientistas sociais: Roger Bastide, Renato Jardim Moreira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes e Ecléa Bosi. A técnica começou a ser utilizada por Bastide e Mariza Isaura Pereira de Queiroz com algumas críticas à perspectiva da Escola de Chicago (Silva, 2010).

Segundo Bastide (1991), as influências de Mead contribuíram para aumentar a dificuldade de adotar a técnica da história de vida. Isto porque “permanece muito presa às suas origens psicológicas, preocupando-se antes com o desenvolvimento da personalidade na sua relação com o meio social ou cultural do que com os fatos sociais propriamente ditos” (p.150). Para Bastide, Maria Isaura Pereira de Queiroz tenta solucionar esta dificuldade se utilizando ao mesmo tempo da comparação de várias histórias de vida, definindo a história de vida como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu a partir das suas relações com os membros de seu grupo (relações sociais e papéis exercidos na sua trajetória de vida).

Para Queiroz (1991), ao pesquisador cabe ultrapassar o caráter individual do

que é transmitido e que se insere nas coletividades as quais o narrador pertence, levantando uma problemática de pesquisa que o direciona do aspecto individual para o social. Este tipo de técnica demanda em sua aplicação longo tempo, sobretudo, por buscar abstrair do relato individual o social, requerendo do pesquisador habilidades para conduzir a entrevista e selecionar fatos da vida do pesquisado que julga importante.

Nos anos de 1980, a técnica de história de vida sofreu várias críticas. Um dos críticos a esta técnica foi Pierre Bourdieu. Para Bourdieu (2005a), a história de vida, mesmo distinguindo de outras técnicas de história oral, como depoimentos pessoais e autobiografias, não abandona por completo a biografia cronológica, apresentando-se como um conjunto de fatos direcionados linearmente até o final da história. A narrativa surge com um começo (o nascimento ou o momento selecionado do investigado) até o fim (a morte ou o momento selecionado).

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (Bourdieu, 2005a, p. 185).

Outra crítica atrelada a esta técnica está relacionada à prerrogativa da passagem do individual ao social. Tal perspectiva é passível de algumas armadilhas das grandes linhas de pensamento macrossociais, justamente por enfatizar o social em detrimento do indivíduo no seu cotidiano, nas redes intrincadas dos personagens que compõem o mundo microssocial. Efetivamente, não é proposta uma dialogia entre indivíduo e social, entre sujeito e contexto sociocultural. O personagem analisado por esta técnica é condicionado pelo social e também produto deste, como enfatiza Maria Isaura

[...] o que existe de individual e único numa pessoa excedido, em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem e que lhe são inteiramente exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada; finalmente, sua personalidade, aparentemente tão peculiar, é o resultado da interação entre suas especificidades, todo o seu ambiente, todas suas coletividades em que se insere (Queiroz, 1991, p. 21).

Para escapar da ilusão biográfica que Bourdieu (2005a) denomina como sendo a impossibilidade de narrar cronologicamente a trajetória do indivíduo, Bourdieu propõe a noção de trajetória, como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que ele próprio está inserido, estando suscetíveis à incessantes transformações. Esta proposta aparece em Bourdieu no trabalho “Esboço de auto-análise” (2005b), em que busca compreender sua trajetória individual a partir das suas origens familiares, da sua vida escolar e das escolhas e dinâmicas sociais as quais teve contato.

Neste estudo, Bourdieu afasta das armadilhas da autobiografia se aproxima da trajetória individual na medida em que analisa suas disposições sociais para se tornar um cientista social, apontando os campos de disputas em que ele se estabeleceu, analisando que suas escolhas não foram inconscientes e se manifestaram pelas antipatias intelectuais que se processaram ao longo de sua trajetória, aproximando-se da construção do seu próprio “artesanato intelectual” como conceituou Mills (1965).

Atualmente, a Historiografia e a Sociologia debruçam-se sobre a biografia na tentativa de reconstruir a trajetória de um personagem, buscando suas motivações, sentimentos, aspirações e contradições de seu tempo. Os estudos biográficos passaram a ser revistos a partir da introdução de novas concepções e renovações investigativas, sobretudo, no campo da nova história social e da revisitação de autores como Norbert Elias (que escreveu *Mozart: sociologia de um gênio*).

Durante muito tempo estes tipos de narrativas que buscavam as contradições e sentimentos dos sujeitos ficaram restritos à literatura. Exemplos clássicos são algumas obras de autores como Flaubert, Balzac, Proust, Dickens, Goethe, Thomas Mann, Kafka, Tolstoi e Dostoievski. Entre os autores de língua portuguesa, por exemplo, Machado de Assis, Eça de Queirós, Aluísio Azevedo, Graciliano Ramos, Fernando Pessoa, Nelson Rodrigues e Clarice Lispector. Estes autores narram histórias de vida, dramas e conflitos individuais e de grupos, com maior ou menor explicitação. Situam-se diante dos conflitos e apontam para forças, tensões, e, em geral, para a dimensão sociocultural que nos constitui e que é por nós constituída (Velho, 2006).

Com o movimento da Nova História Francesa, *Annales*, a Nova História cultural

iniciada na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, e, sobretudo, com a Micro História Italiana, as biografias passaram ocupar o centro das preocupações dos historiadores e cientistas sociais. O enfoque maior fica por conta das narrativas que não buscam captar nem a totalidade da essência do individual nem a totalidade do contexto coletivo. A atenção volta-se ao cotidiano, as questões micro e sua relação com o macro. Nesta perspectiva, os estudos focalizaram e renovaram as técnicas da história oral (Levi, 2005)³⁸.

Com este movimento, a historiografia das ciências no Brasil, recentemente tem destacado às trajetórias individuais de personagens que se dedicaram à prática científica, chamando atenção para necessidade de aprofundamento na análise de vida de nossos cientistas. Neste movimento, as atividades científicas são encaradas como práticas socioculturais em que a lógica de produção, circulação e legitimação está referida a dinâmica local de instituições (Silva, 2011)³⁹.

Esta recente possibilidade de analisar a trajetória dos cientistas levando em consideração as práticas socioculturais ocorre em contraposição a historiografia das ciências e medicina que caracterizava os cientistas como gênios solitários, imune às contingências de tempo e lugar, e como paladino em busca da verdade do saber, servindo aos propósitos de legitimar os projetos nacionais de ciência, de reforçar o papel desta como um saber superior de conhecimento ou como modo de validar sua ação nos espaço público (Silva, 2011).

Para Silva (2011) em diálogo com Porter (2006) e Nye (2006), o novo movimento historiográfico inspirado nos estudos das ciências sociais passaram a recorrer a trajetória de cientistas como ferramenta para investigar os recursos culturais da ciência, a construção do conhecimento científico e a maneira como este se

³⁸ Vale citar dois livros como exemplos de estudos de trajetórias individuais nesse processo de renovação da técnica de história de vida na História: *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1987) de Carlo Ginzburg e *Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século* (2000) de Giovanni Levi. Ambos os autores lideraram o movimento da Micro História na Itália. Nestas obras destaca-se a relação entre destinos individuais e seus pontos de construção e comunicação entre obras particulares e fatos sociais, abordando a rede complexa destas relações nas quais se inscrevem as trajetórias dos indivíduos.

³⁹ “Alguns trabalhos sobre trajetórias de cientistas têm demonstrado resultados apreciáveis na nossa historiografia das ciências. Entre eles, cabe destacar o amplo trabalho de edição comentada da produção científica de Adolpho Lutz, por Benchimol & Sá (2005-7), a coletânea organizada por Lima & Sá (2008) sobre Roquete Pinto e o de Marcius Vinicius de Freitas (2002) sobre Charles Frederick Hart” (Silva, 2011, p.34) .

relaciona com a identidade de seus praticantes.

Parece-nos que o diálogo estabelecido com historiografia das ciências e os estudos sociais das ciências se estreitam com o regaste dos promovidos pela Sociologia do Conhecimento, consolidada por Karl Mannheim em 1929, que atenta para relação bastante estreita entre conhecimento e existência, biografia e contexto social (Löwy, 1998). A ideia é a de que os modos de pensamento serão adequadamente compreendidos se analisados as suas origens sociais e históricas, isto porque, o conhecimento e sua produção tem sua base em condicionantes socioculturais e históricos. Portanto, as biografias individuais não podem ser compreendidas desvinculadas da esfera social em que surgem.

Sendo assim, a ambiência e as interlocuções também terão que ser valorizadas como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias através do contexto em que se desenrolam as mesmas, permitindo, desse modo, compreender o que à primeira vista poderia ser considerado desconcertante. Isto não significa reduzir as condutas a comportamentos típicos, mas interpretar as vicissitudes biográficas à luz de contexto sociocultural.

Diante dos desafios do uso da biografia, nos deparamos com a questão aparentemente simples, mas reveladora das dificuldades de se trabalhar com o estudo biográfico sem cair em suas armadilhas: “De que forma reconstruir a trajetória singular de um sujeito? Como estabelecer o “eu” (texto) e o “nós” (contexto) dos sujeitos pesquisados? No nosso atual estudo, como traçar a trajetória de um personagem a partir de seu legado intelectual?”

A perspectiva da sociologia do conhecimento adotada por Mills, Mannheim e Norbert Elias é a de que qualquer que seja a originalidade aparente de um sujeito, esta não poderá ser compreendida unicamente a partir de seus desvios ou singularidade, pelo contrário, o desvio aparente em relação as normas acontecem num contexto sociocultural que o justifica. Com isso, não significa dizer que os sujeitos são passivos, simples produtores da estrutura social, mas atuante com suas ações e relações sociais reinterpretem e transformam as instituições sociais (Silva, 2010).

Dessa forma, a categoria analítica de Mills (1965), a imaginação sociológica, constitui-se como um dos elementos fundamentais, tanto para analisar os sujeitos

pesquisados quanto para o desenvolvimento da reflexividade do cientista social e o significado de sua ação pública. O pressuposto é de que para conhecer o lugar do “eu” do sujeito pesquisado no mundo é necessário também conhecer o lugar de si. Esta premissa é tão importante quanto conhecer o mundo social, se assim se quiser obter uma objetividade científica. É nesse sentido que para Mills nenhum estudo social que não traga em si a problemática da biografia, da história e suas interseções dentro da sociedade terminou sua jornada intelectual.

Assim, a biografia aparece em Mills em três dimensões estritamente ligadas: vida (texto e contexto); obra (legado intelectual) e História (eventos históricos e estilos de pensamento de uma época). Estas dimensões se fundem e apresentam a singularidade dos sujeitos permeada por forças sociais coagidas por fatores internos e externos, tanto do sujeito pesquisado quanto do pesquisador. Não se constituindo uma tarefa fácil para o pesquisador unir vida e obra em um ofício do artesanato intelectual.

Por isso, mesmo num estudo biográfico em que se pese o contexto social, as contradições e aflições humanas do pesquisado, faz-se necessário considerar o contexto sociocultural do pesquisador, que também é um sujeito histórico. Para Karl Mannheim (1982), além de situar o pesquisador e pesquisado em seu contexto sociocultural e histórico, é necessário situar o pesquisado com os seus interlocutores, suspendendo e questionando suas afirmações. Mannheim parte da assertiva de que um sujeito dentro de seu contexto social tem apenas a imagem do seu “eu” social, tendo apenas uma compreensão atórica do mundo. Isto porque, como agente individual, o sujeito nem sempre está consciente ou tem uma percepção totalizante de sua visão de mundo.

Segundo Weller (2005), para Mannheim a compreensão da visão de mundo (*Weltanschauungen*) de um determinado grupo ou de um sujeito é o resultado de uma série de vivências ou/ experiências relacionadas a uma mesma estrutura social, constituída como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos sujeitos, lendo-se como visões de mundo não como imagens de mundo ou com algo que tenha sido pensado ou produzido teoricamente no momento em que se vivenciam as práticas sociais. Isto porque as visões de mundo são construídas a partir destas ações práticas que pertencem ao conhecimento atórico, ou seja, não elaborado

conscientemente.

[...] a compreensão das visões de mundo e das orientações coletivas de um grupo só é possível através da explicação e da conceituação teórica desse conhecimento ateórico. [...] a explicação teórica do conhecimento ateórico é praticamente impossível para o indivíduo ou grupo vinculado ao contexto em que se construiu esse saber. O papel do(a) pesquisador(a) passa a ser, então, encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito do grupo pesquisado, explicitá-lo e defini-lo teoricamente (Weller, 2005, p.262).

Assim, a separação do entendimento entre as categorias analíticas “compreensão de mundo” e “interpretação de visão de mundo”, revela-nos algumas saídas metodológicas. Desse modo, ao lançarmos questões ao nosso objeto de estudo (sujeito ou grupo social) devemos transcender a pergunta o que ou quem foi? Para como ou de que forma? A transcendência dessas perguntas implica em dizer que o pesquisador perpassa três níveis de sentidos fundamentais para o desenvolvimento das questões de pesquisa (Weller, 2005). Do ponto de vista metodológico, coube, na pesquisa de dissertação, diferenciar e substituir a pergunta “Quem foi Josué de Castro?” para “Como ou de que forma se constituiu o personagem Josué de Castro? Na pesquisa atual, coube questionar “Como construiu seu legado intelectual? “.

Tais interrogativas transpassam o nível objetivo, que seria o olhar natural para o objeto social. Trata-se do “ver e não enxergar”, em que se tem apenas a constatação que o algo, ou, neste caso, que o sujeito ou objeto social existe. A exemplo, pode-se afirmar que há muitos cientistas sociais que sabem da existência de Josué de Castro, situa seu contexto social e histórico, mas não ultrapassam essa assertiva. A mera constatação da existência do objeto social já é importante para atingir o nível expressivo. Este nível, em que o objeto social é enxergado, compreende a possibilidade de acesso ao mundo interior do sujeito pesquisado e ao meio social ao qual pertence a partir de seu pensamento, a partir das palavras ou ações. Entretanto, o seu pensamento só pode ser entendido no nível documentário. O nível documentário é o nível da interpretação da ação prática de um indivíduo ou/ grupo social, ou seja, é a análise do que esta ação ou prática social, mesmo que não elaborada conscientemente pelos indivíduos, pode influenciar nos aspectos fundamentais de transformações sociais. O acesso à interpretação da ação dos indivíduos ou do grupo

estudado dá-se a partir dos discursos, da linguagem escrita ou oral, da produção cultural, ou do pensamento que está submerso num contexto específico e que pode ser analisado apenas pelas expressões e representações coletivas manifestadas nos grupos sociais em que estão inseridos os indivíduos. Sendo considerado, o contexto social e histórico do pesquisador (Weller, 2005).

Cabe ressaltar que Mannheim (1972) está preocupado com a questão de um método sociológico para compreender o funcionamento efetivo dos homens públicos, o que efetivamente esses homens públicos pensam e como influenciam e são influenciados pelas relações sociais. Por isso, argumenta que para analisar os modos de pensamentos e as visões de mundos deve-se considerar que os homens se organizam em grupos sociais. Parte do pressuposto que, os indivíduos pertencem a um grupo, não apenas porque nascem nele, nem porque professamos pertencer a ele, nem finalmente porque lhe oferecemos nossa lealdade e lhe prestamos nosso preito de fidelidade. Mas porque veem o mundo e certas coisas do mundo da mesma maneira pela qual eles os veem. “[...] O indivíduo fala a linguagem de seu grupo, pensa de modo com seu grupo” (p. 31).

Desse modo, um grupo social apresentar-se como resultado de uma configuração interdependente, em que o pensamento é a expressão social e a interação da vida social e da produção intelectual. Sendo o pensamento, um elemento fundamental para compreender tais configurações sociais, é necessário analisar as conexões e as relações sociais formadas a partir dos grupos sociais, para que o contexto possa ser compreendido.

Dessa forma, os indivíduos reunidos em grupo competem, de acordo com a posição dos grupos a que pertencem, para modificar aspectos da vida social ou para preservá-la numa determinada condição. De acordo com os desejos de mudanças ou de conservação da ordem existente é que se apresentam os conflitos sociais, os conceitos e os modos de pensamento. É na construção dos diversos modos de pensamento e na competição – que influencia o aparecimento de novos conhecimentos e os sentidos em que estes se desenvolvem – que são impulsionadas as diversas interpretações de mundo que, quando descobertas as suas origens sociais, revelam-se como expressões intelectuais de grupos que lutam pelo poder dominante.

O cerne de sua análise de Mannheim é de que numa dada sociedade coexistem diversos grupos sociais que ora cooperam ora competem, ora se organizam pensando de forma comum e ora pensando de modo antagônico. Este processo circunda de acordo com o grau de tensão entre a relação entre ideologia (que consiste nas ideias dominantes de um dado momento histórico) e utopia (que são pensamentos que querem se tornar ideologias) existentes na sociedade. Ambas as categorias são estados de espíritos, sejam individuais ou coletivos, que no mínimo transcendem a existência social, tendo, no entanto, fins de realização distintos que devem ser organizados (Mannheim, 1972).

Por isso que a configuração social existente em determinado momento histórico se constitui através das formas de pensamento que persistem e são transformadas em estreita conjunção com as forças sociais. E são estas forças sociais (ideologias e utopias) em processo de competição que influenciarão no destino das concepções e das mudanças sociais. Assim, a concepção da unidade e interdependência de significados, em determinado período, encontra-se sempre na base da interpretação do momento histórico analisado (Silva, 2010; 2013).

Embora Mannheim (1972) admita que só é possível entender a obra se se pensar numa fusão entre texto e contexto, sua interpretação prioriza o externo social como elemento que desempenha um certo papel de destaque na constituição da estrutura, colocando em segundo plano os fatores internos que são relevantes para a autonomia dos sujeitos. Além disso, este pensador considera apenas alguns grupos de homens, os intelectuais, como sujeitos essenciais para o processo de mudança social. Mannheim parece esquecer que os fatores psíquicos dos indivíduos também influenciam no contexto social, e que os indivíduos de maneira geral são elementos centrais da história (Silva, 2010; 2013).

Norbert Elias, que foi assistente de Karl Mannheim, incorpora algumas das concepções de seu mestre, aprofundando alguns dos seus conceitos. Com outro enfoque que privilegia o historicismo e com uma boa dose do psicologismo social, busca entender as relações sociais que ele denomina configurações sociais (Elias,

2001)⁴⁰.

Estas configurações ou teias de interdependências são de múltiplos tipos (famílias, escolas, cidades, trabalhos e estratos sociais) e com características mutáveis dependendo dos grupos em que os sujeitos participam, não sendo estas configurações formadas apenas por intelectos, como nos parece defender Mannheim, mas formadas pela teia de relações sociais em que estão inseridos os sujeitos. Estes sujeitos, por sua vez, modelam as suas ideias sob todas as suas experiências dentro dos vários grupos em que participam. As configurações sociais podem ser uma interdependência de aliados ou de adversários, isto dependerá do grau de tensões presente em qualquer relação social (Elias, 1994).

Posto isto, fica claro que o pensamento para Elias, quer individual quer coletivo, só pode ser entendido se analisado a partir das percepções das interconexões e configurações que são formadas e elaboradas pelos indivíduos em grupos interdependentes. Para exemplificar seu pressuposto utilizou-se da analogia entre os pronomes pessoais e a posição do indivíduo em sociedade, elucidando que a função do pronome “eu” na comunicação humana só é compreendida no contexto de todas as outras posições dos demais pronomes da série, pois não é possível imaginar um “eu” sem um “tu”, sem um “ele” ou uma “ela”, sem “nós”, “vós” ou “eles”. As seis outras proposições são inseparáveis e no seu conjunto são uma representação fundamental de que cada um se relaciona com os outros e de que cada ser humano individual é essencialmente um ser social (Elias, 1994).

Para explicar o modo como se entrelaçam os fins e as ações dos homens, Elias argumenta que os indivíduos agem em uma série de jogadas que ele denomina como sendo jogos de competição que constituem um elemento natural presente em toda e qualquer configuração social, isto é, em toda relação humana que está envolta no jogo de poder e que não apenas se encontra unicamente na arena das relações entre os homens públicos, onde frequentemente se apresenta de forma mais visível nas relações sociais. Mas nem sempre estas jogadas, que são sempre interdependentes, estão visíveis e nem sempre são conscientemente elaboradas. Por vezes, são

⁴⁰ No livro, *Norbert Elias por ele mesmo*, Elias relata o período em que foi professor assistente de Mannheim, relatando o tempo em que viveu sob as influências deste e Alfred Weber, que disputavam o campo intelectual na época. Durante algum tempo, Elias não revelou as contradições, evitou até pouco tempo de sua morte.

pensadas e analisadas como jogadas individuais, mas são interdependentes, contudo, os jogadores não percebem porque estão sempre preocupados nas possibilidades de ganhar ou de se defender contra os ataques dos adversários.

Entretanto, há um limite para que um jogador individual possa se orientar adequadamente, planejando a sua estratégia sobre uma série de jogadas, especialmente quando se dá uma expansão da teia de interdependências dentro da qual está inserido. Ao crescer o número de jogadores interdependentes, a configuração, desenvolvimento e orientação do jogo tornar-se-ão cada vez mais obscuras para o jogador individual, estando cada vez menos apto a controlá-lo (Hunger, 1999).

Portanto, as ações individuais não ocorrem num vazio de determinações sociais, nem são meras funções de alguma espécie de necessidade histórica coletiva que lhe são exteriores. Nesse sentido, ocorre que a sociedade produz o indivíduo e que o indivíduo se molda em contínua ação com outros indivíduos, o que, assim sendo, influencia a própria forma dinâmica da sociedade (Bariani, 2008).

É desse modo que a análise da imagem do indivíduo, não pode ser a do indivíduo no singular. Nos estudos sociológicos tal imagem deve ser sempre o indivíduo no plural. Essa seria a tarefa da pesquisa sociológica, tornar mais acessível à compreensão dos homens estes processos “invisíveis” e não controlados, explicitando-os aos indivíduos as ações em que eles próprios se movem e em que se orientam dentro da teia social – a qual, embora criada pelas suas próprias necessidades e ações, não lhe são tão claras no momento em que estão envolvidos nela. Além de tornar claro para os pesquisadores que também se devem analisar os conflitos, aflições, contradições e sentimentos presentes nas experiências de vida dos indivíduos nas suas relações de interdependências.

Em seu trabalho, *Mozart - Sociologia de um gênio*, Elias (1995) leva a problemática da relação indivíduo e sociedade às últimas consequências, lançando-se ao desafio de responder como lidar com os sujeitos aparentemente gênios, indivíduos com características especiais de talentos singulares que ameaçam transpor o limite do homem comum em sociedade. Indivíduos que avançam sobre as rédeas da história, tentando influenciá-la decisivamente. Quais as possibilidades entre sua

vontade e as condições sociais existentes? (Barini, 2008).

Mozart era um músico da “sociedade da corte”, que não se enquadrava perfeitamente nas práticas sociais na sua época. Buscando uma margem de autonomia artística, insurgiu-se contra esse estado de coisas e vislumbrava a possibilidade de expandir os estreitos padrões da arte a partir de suas próprias exigências estéticas pessoais. Entretanto, as condições históricas para o desenvolvimento do artista autônomo ainda não estavam plenamente consolidadas, sendo apenas possíveis na próxima geração, com Ludwig van Beethoven. Mozart, mesmo com toda a sua genialidade dita inata, morreu conhecendo o desprezo e fracasso social, financeiro e amoroso (Elias, 1995).

Elias (1995) aponta-nos que a busca de Mozart por autonomia no campo artístico se deu na relação de disputa com a irmã e com o pai, com as viagens pela Europa, com o sucesso, com o convívio em pé de igualdade com detentores do capital simbólico e financeiro, a nobreza. Isto é, as experiências do sujeito Mozart, se construíram, a partir e no momento histórico, através das experiências e interdependências com seus interlocutores. Dessa forma, o contexto social é apresentado em conexão com a vida e obra de Mozart, e este influencia na autonomia do campo artístico na sociedade que estava em mutação. De uma sociedade “da corte” a uma sociedade “burguesa” no campo artístico, era a passagem da arte do artesão à arte do artista. Daí a importância, para Norbert Elias, do conceito de configuração, afinal

“Dizer que os indivíduos existem em configurações significa dizer que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes e que só podem ser entendidos dentro da teia social em que está inserido o indivíduo” (Elias, 1994, p. 84).

Neste sentido, a “configuração” de Elias é muito próxima do conceito de campo de Bourdieu (2003), o qual traduz a ideia de um espaço estruturado de posições onde se desenvolvem as relações de disputa. Entretanto, seu conceito de campo/configuração é mais flexível e mutável. Norbert Elias não compreende as configurações sociais como imutáveis, entende que os *habitus* se modificam no

processo destas relações. Tanto é assim que ele aponta que Mozart, a partir de suas experiências na teia social, contribui para o desenvolvimento do “artista autônomo”, que ainda não estava plenamente consolidado, sendo apenas possível na próxima geração.

Foi a partir desse debate que traçamos na dissertação um estudo biográfico de Josué de Castro, atentando para a hipótese de que seu legado intelectual foi engendrado num momento histórico específico, não podendo ser dissociado de sua experiência de vida. Sendo assim, Josué de Castro só se constituiu o personagem que foi por ter vivido no contexto em que viveu: entre o processo de urbanização, o Estado Novo, processo de democratização e ditadura civil-militar. Viveu exatamente no seu tempo, pensou os mesmos problemas que afligiam a sua geração, observou os mesmo acontecimentos e fatos que os seus contemporâneos. Como pontua Lima (2007), “o nosso pensador do flagelo da fome, Josué de Castro, viveu profundamente envolvido nas teias e nos dilemas do seu tempo, como intelectual e político” (p.17), mas, assimilou e sentiu suas próprias emoções como sujeito único.

Mas por que continuar na perspectiva de uma biografia sociológica e não numa biografia intelectual? Parece-nos que esses dois tipos de biografias se assemelham. Entretanto, não nos sentimos confortáveis em denominar o estudo como uma biografia intelectual, pois não pretendemos esboçar o campo intelectual do qual Castro se fez o “Cientista da fome”, mas engendrar pelas relações sociais e processo social em que esteve inserido e não no sentido estrito, como definido por Pallares-Burke (2005), denominando a biografia intelectual como um estudo do desenvolvimento das principais ideias de um dado escritor, pensador, artista e o diálogo destes com os seus pares, essencialmente preocupada com o que o protagonista publicou ao longo dos anos. Já uma biografia sociológica, como aponta Aguiar:

[...] pode explicar muito, apontando momentos que justificam a obra a origem das ideias do autor. Afinal, autor e circunstâncias, obra e posições assumidas diante de acontecimentos, interpretações e concorrência no mercado intelectual e político, são fatores que se combinam dialeticamente. São indissociáveis. Não podem ser compreendidos senão como elementos interligados e interdependentes (2000, p.30).

Além disso, partimos do pressuposto de que o legado de um sujeito, neste caso, o legado intelectual de Josué de Castro, não são apenas resultados da relação entre os *habitus* de grupo e *habitus* individual a que se refere Bourdieu (2002; 2003; 2005c) no estudo de Campos, mas como resultado de emaranhados de eventos sócio históricos que nem sempre os indivíduos estão conscientes no momento em que vivem. Há uma relação infinita e recíproca entre biografias e contextos, que não necessariamente estão ligados a grupos sociais específicos escolhidos conscientemente pelos indivíduos. Obviamente, não se pode negar que há um estilo próprio de uma época, um *habitus* resultante de experiências comuns e reiteradas, assim como há em cada época um estilo de grupo. Mas para todo o indivíduo existe também uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências das normas sociais (dado que nem sempre as normas sociais são favoráveis à autonomia dos indivíduos). E são estas incoerências e a autonomia dos sujeitos que possibilitam mudança social, como sugere Elias (1995).

Portanto, a trajetória de vida de Josué de Castro não pode se restringir apenas às condições sociais que existem na relação de *habitus* de grupos e *habitus* individuais, nem da disputa dentro de um campo. Isto porque os indivíduos não são sujeitos sem dúvidas, sem incertezas, que obedecem aos mesmos mecanismos de disposição, em função de um cálculo socialmente normal e uniforme de lucros e perdas (Levi, 2005).

A pesquisa aprofundada da trajetória de vida de Josué de Castro a partir, basicamente de documentação pessoal e depoimentos, demonstrou a densidade das relações intelectuais-políticas com parcerias nacionais e internacionais e projeções por ele conquistada na sociedade de seu tempo, tanto no Brasil como no mundo. Com base na trajetória de vida analisada a partir da fundamentação teórico-metodológica já utilizada anterior, a presente tese tentará, implicitamente, traçar um perfil intelectual de Josué de Castro para trazer à tona o papel de Castro como um dos mais destacados intelectuais do Brasil nos anos 1940-1960. A prerrogativa é que ele tornou um personagem fundamental para as principais iniciativas das políticas sociais de alimentação do país. Para tanto, pretendemos problematizar sua importância a partir do seu legado intelectual com as questões científico-político com as quais se envolveu e as projeções intelectuais alcançadas.

Partimos do pressuposto de que seu legado intelectual é um manifesto científico-político, na medida em que não encontramos em suas obras apenas hipóteses e pressupostos científicos, mas alternativas para a problemática da fome no país, retirando o problema do âmbito privado, da perspectiva do fenômeno como questão individual, colocando-o em pauta na construção de políticas públicas brasileira, consolidando a visão da alimentação como algo capaz de influir decisivamente no processo de desenvolvimento nacional (Magalhães, 1997).

Com isso não queremos evidenciar que o seu legado intelectual seja de uma única temática voltada para ações políticas. Na verdade, como veremos, Castro transitava em processos dialógico entre: arte e ciência, ciência e política, política e medicina, elucidando várias outras temáticas, mas “o menino do mangue lhe puxava o casaco” e apontava o fio condutor que moveu seu pensamento, a temática da fome, que esteve presente em sua obra em boa parte do seu legado como temática central, às vezes, como temática secundária, mas sempre presente. As interfaces do cientista com a arte (produziu roteiros de filmes, contos, crônicas, poesias e romance) e política (militância social e político partidário profissional) evidenciam o seu entendimento pela ciência.

Para Castro, a ciência não é detentora única das verdades científicas absolutas, mas aparentes, incertas e indeterminadas que com os saberes experimentados no cotidiano podem auxiliar na solução de problemas sociais, sendo a saída da ciência em busca de alternativas para tais problemática o engajamento, o exercício do engajamento científico. Por isso, classificamos Josué de Castro como intelectual-político, em momento oportuno apresentaremos o conceito. O que cabe neste momento é pontuar que partirei do pressuposto que os intelectuais da geração 1930-1960 no Brasil, ao exercerem sua função de criticidade da realidade social, desenvolveram ações políticas quer exercendo a política profissional ou não. Partimos do entendimento de que o exercício pleno da vida intelectual está atrelado a liberdade de pensamento e a liberdade exercida nos debates públicos, não apenas confinados aos espaços acadêmicos.

Neste sentido, tomamos de empréstimo as categorias de análise utilizada por Soares (1997, p. 19), empregando o **termo intelectual** para designar escritores, artistas, estudiosos e cientistas que tenham adquirido, com exercício da cultura, uma

autoridade e influência nos debates públicos. **O termo político** refere-se aos homens e mulheres que exercem a liderança ou influência no Estado, no sentido weberiano, políticos vocacionados que lutam pelo poder, quer seja para atingir fins ideológicos; quer seja a luta do poder pelo poder (Weber, 1982). Essas reflexões darão luz à crise intelectual de Josué de Castro como político partidário (1954-1962) no momento de tensão da cultura política brasileira, uma vez que aponta para elementos de compreensão da sua atuação na vida pública, como intelectual e político.

Dito isto, cumpre apresentar como foi desenhado a pesquisa e quais os instrumentos e técnicas utilizadas.

1.4. Metodologia

Como enfatizamos, o ponto de partida da pesquisa consistiu em revisar o material biográfico e autobiográfico do autor, a partir dos achados da pesquisa desenvolvida durante o mestrado (2008-2010). O material analisado é composto por formado por cartas, fotografias, vídeos documentários, notícias de jornais e entrevistas e depoimentos pessoais, o objetivo dessa revisitação foi traçar um perfil intelectual de Josué de Castro. Este material foi coletado no então acervo de Josué de Castro, no Centro de Estudos e Pesquisa Josué de Castro, situado no Recife-PE⁴¹, e na tese de doutoramento de Tânia Magno “Josué de Castro: para uma poética da fome (1998)”, que constitui o mais completo estudo biográfico sobre nosso autor.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sistematizada dos principais estudos nacionais produzidos sobre a vida e obra de Josué de Castro. Para tanto, foram realizadas pesquisa no acervo on-line nos bancos de dados: SCIELO, que possui relevante número de revista e periódicos indexados ao seu banco de dados, bem como pesquisa complementares no site de busca Google Geral e Google Acadêmico. A presença de um número relevante de revistas indexadas ao banco de dados SCIELO justifica sua escolha. Também foram realizadas buscas em bases de dados de tese e dissertação nos bancos de Tese e Dissertação da CAPES e do BDTD, justificando-se a escolha pela captação de exemplares destinados à composição do

⁴¹ O acervo foi transferido, em 2012, para a Fundação Joaquim Nabuco, também situado na cidade do Recife.

acervo disponível on-line, visto que disponibilidade dos trabalhos finais de Pós-Graduação seria obrigatória para todos os departamentos das universidades que possuem programa CAPES. Os trabalhos publicados em eventos científicos, bem como sites, entrevistas e documentários foram selecionados a partir dos resultados da busca realizada no Google Geral e Google Acadêmico.

Este levantamento bibliográfico foi realizado em duas etapas. A primeira etapa consistiu em delinear o perfil dos estudiosos de Josué de Castro, correspondendo à busca sistemática nos bancos de dados referidos acima; tendo sido realizada em dois períodos, 04/11/2013 a 26/01/2014 e, em seguida, em janeiro de 2015, afim de validar os achados no primeiro período da primeira busca de dados. Nesta primeira etapa foram levantados 186 trabalhos a ser analisado, dentre estes, artigos publicados em periódicos, teses e dissertações, trabalhos completos em eventos científicos, sites, documentários e entrevistas. Os títulos e/ou resumos foram lidos dos 186 trabalhos e a partir desta leitura selecionamos, dois trabalhos foram excluídos por se tratar de pôster de pesquisa científica apresentado em congresso e artigo final de curso de graduação. Dessa maneira, finalizamos a primeira etapa com 184 trabalhos selecionados. Na segunda etapa, a partir da leitura completa dos trabalhos selecionados, foram analisados 121 trabalhos, que identificam como Josué de Castro tem sido analisado por seus estudiosos, a partir de sua teoria da fome. Desse modo, esta etapa consistiu em sistematização e análise exploratória do material levantado associado à compreensão do problema da pesquisa da presente tese, bem como o objeto do estudo, sua relevância e justificativa.

Como enfatizamos acima, o universo de nossos dados foi constituído de 184 trabalhos publicados ou indicados *on-line*⁴², a partir da busca com a palavra-chave principal, Josué de Castro, e suas combinações com as palavras secundárias (Geografia da Fome, Geopolítica da fome, alimentação, educação alimentar) e a palavra-específica (fome) que combinavam com ambas, as quais seriam utilizadas nas buscas das bases de dados on-line, a fim de atingir o objetivo proposto. Tais palavras-chave foram escolhidas conforme o objetivo central dessa Tese.

⁴² As indicações referem-se a artigos, teses, dissertações, trabalhos apresentados em eventos científicos e livros, que foram sinalizados que foram produzidos, mas que não foram encontrados on-line.

Como veremos, há algumas publicações de estudiosos de Josué de Castro que não se encontram disponíveis. Em geral, são publicações datadas do período entre 1980-2003. Após 2003, há uma disseminação maior da internet e conseqüentemente maior divulgação dos estudos acadêmicos. Cabe ainda lembrar, que tanto o acervo do Banco Nacional de Dados de Dissertação e Tese (BDTD) como o banco de tese da CAPES configuram como ambiente para registro e disseminação de informação, apresentando um extenso conteúdo e inúmeros documentos em formato eletrônico. Proporcionalmente a este universo, foram várias as limitações impostas à identificação e localização das publicações no portal das universidades: o imenso volume de documentos levantados sem conexão com as palavras-chave buscadas e na atualização de conteúdo (Documentos que constam na busca, mas não estão disponíveis on-line – CAPES; BDTD); bancos de teses e dissertação indisponíveis ou em construção. Tudo isso podem gerar vieses nesse levantamento de dados.

Nesse sentido, cumpre reconhecer a necessidade de apontar, junto às áreas técnicas, a importância do recolhimento de exemplares para a composição do acervo do banco nacional de teses e dissertações. Na prática, as deficiências dos bancos de dados prejudicam difusão e a circulação do conhecimento.

Para sistematização dos trabalhos selecionados segundo os critérios estabelecidos foram construídas tabelas no programa Microsoft Excel (Planilha de Identificação – Ver Anexo) com os seguintes dados: ano de publicação, autor, título do trabalho, instituição do autor, área de conhecimento, revista/editora ou produção; dado de publicação/referência e disponibilidade na web. Esta categorização foi realizada para que pudéssemos traçar o perfil dos estudiosos de Josué de Castro e caracterizarmos a produção.

É importante sinalizar que, textos jornalísticos, boletins informativos e monografias não foram selecionados. As últimas por não existir banco de dados disponíveis on-line. Além disso, só foram tomados como produções as publicações online ou indicações, e neste universo apenas uma monografia foi indicada.

Para sistematização dos trabalhos selecionados segundo os critérios estabelecidos foram construídas tabelas no programa Microsoft Excel (Planilha de Identificação – Ver Anexos I, II, III, IV, V e VI) com os seguintes dados: ano de

publicação, autor, título do trabalho, instituição do autor, área de conhecimento, revista/editora ou produção; dado de publicação/referência e disponibilidade na web. Esta categorização foi realizada para que pudéssemos traçar o perfil dos estudiosos de Josué de Castro e caracterizarmos a produção.

Além disso, a técnica de análise temática foi utilizada numa tentativa de conferir maior objetividade no estudo dos dados coletados na pesquisa, além disso, este método propiciará uma articulação maior com o recurso teórico da Sociologia do conhecimento. Como pretendemos conhecer o discurso dialógico entre pensamento e existência, texto (biografia) e contexto (contexto histórico) em Josué de Castro, adotaremos como tratamento discursivo a perspectiva de análise temática, dividindo os achados em temas e recortes referente a problemática do presente estudo.

Assim, desenhamos a apresentação da tese em quatro capítulos. No primeiro e segundo capítulo, apresentaremos um mapeamento dos principais estudos nacionais produzidos sobre a vida e obra de Josué de Castro, especificamente no que diz respeito à produção científica sobre sua teoria da fome. Para tanto, nesses capítulos reunimos de forma sistematizada as referências bibliográficas das publicações completas e/ou indicações on-line de texto com o referido enfoque, incluindo artigos de revista científica; teses e dissertações; trabalhos completos apresentados em eventos científicos; sites sobre Josué de Castro; e núcleos de pesquisa e estudos, além de entrevistas, depoimentos e documentários. Além disso, agrupamos os estudos em categorias analíticas para evidenciar os principais debates estabelecidos sobre o legado intelectual de Josué de Castro.

No terceiro capítulo, intitulado Josué de Castro e o pensamento social brasileiro: do método científico à ação, apresentaremos dois limites analíticos presente nesta tese, de um lado, a afirmação de que a obra de Castro não tem a devida atenção nos debates acadêmicos e públicos, de outro lado, apontamos que o descortinar de sua obra possibilita o entendimento de nossa sociedade atual. Para tanto, abordaremos inicialmente a sociologia comprometida de Castro e seu debate com a “sociologia oficial” brasileira para discutimos os indícios de seu esquecimento como interprete da realidade social brasileira, a partir de reflexões de Jessé de Souza. Acreditamos, como nos ensina Souza (2000), que uma das formas de homenagear uma obra científica é a partir do dialogo crítico com um autor lúcido. É esse diálogo

que tentaremos estabelecer com a obra de Josué de Castro.

No quarto capítulo abordaremos, brevemente, a concepção de Josué de Castro sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento e como tais formulações influenciam a sua proposta de construção de uma sociedade sem fome, fomentada a partir do ideário de uma economia humanizada.

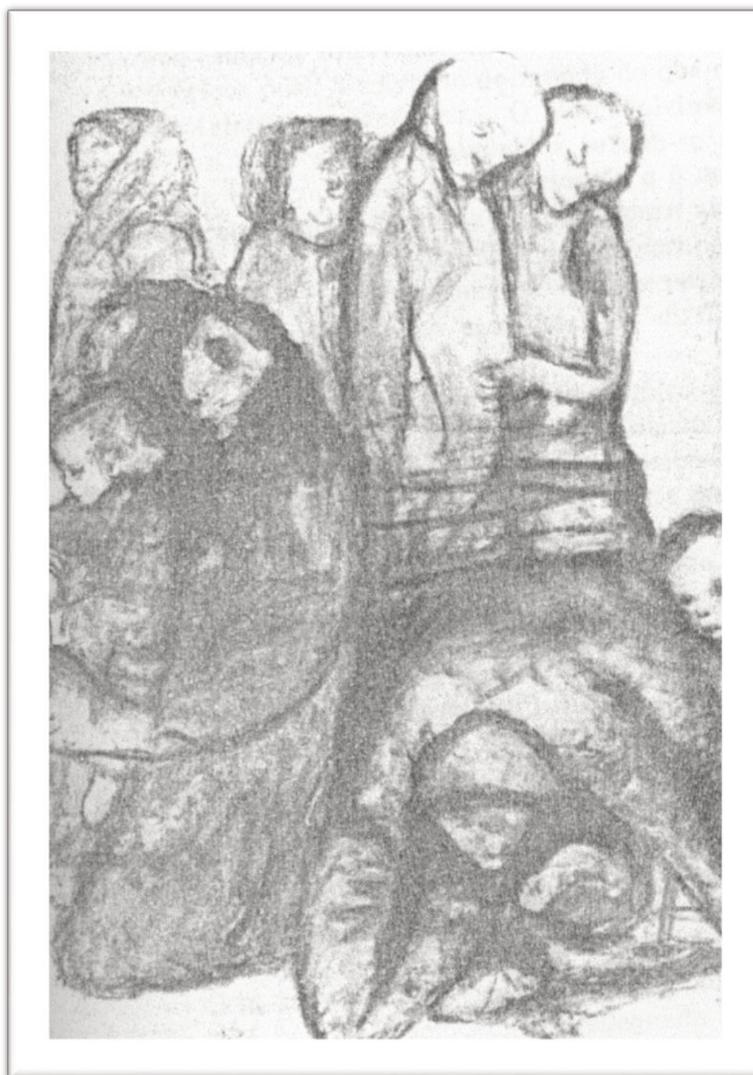


Figura 3. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.57
Pintora: Anna Kindynis

CAPÍTULO I

2. Estudos sobre a Vida e/ou Obra de Josué de Castro

O objetivo deste capítulo é apresentar um mapeamento dos principais estudos nacionais produzidos sobre a vida e obra de Josué de Castro, especificamente no que diz respeito à produção científica sobre sua teoria da fome. Para tanto, neste capítulo, reunimos, de forma sistematizada, as referências bibliográficas das publicações completas e/ou indicações *on-line* de texto com o referido enfoque, incluindo artigos de revista científica; teses e dissertações; trabalhos completos apresentados em

eventos científicos; sites sobre Josué de Castro; e núcleos de pesquisa e estudos, além de entrevistas, depoimentos e documentários.

Dessa maneira, foram realizadas pesquisas nos sites de busca: Google e Google Acadêmico; Bancos de Dados *SCIELO* (*Scientific Electronic Library On-line*); Banco de Dados de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do BDTD (Banco de Dados Nacional de Teses e Dissertações).

Assim, neste primeiro capítulo delinearemos o perfil dos estudiosos de Josué de Castro, bem como as características da produção sobre o mesmo e o período em que foi realizada. Como já sinalizamos, este delineamento corresponde à busca sistemática nos bancos de dados acima referidos, tendo sido realizada no período de 04/11/2013 a 24/01/2014 e repetido a pesquisa on-line em janeiro de 2015. A partir disso, foram selecionados 184 trabalhos.

2.1. Perfil dos estudiosos

Neste momento, para traçarmos o perfil dos estudiosos de Josué de Castro, não utilizaremos os dados de sites (9) e vídeos (4), mas sim apenas os demais dados selecionados de artigos (64), teses e dissertações (34), trabalhos completos (28), livros e capítulos de livros (22) e entrevistas (23), totalizando 171 estudos.

Para apresentarmos o perfil dos estudiosos, levamos em consideração a identidade profissional (formação), o vínculo institucional e a produção científica sobre os estudos da vida e/ou obra de Josué de Castro. Para tanto, tomamos como referência a graduação e a última titulação de pós-graduação dos autores referidos nos trabalhos levantados. Diante da falta de informação ou dúvida sobre a formação, consultamos a Plataforma Lattes.

A tabela apresentada a seguir distribui o número de estudos realizados por cada autor, com identificação de formações acadêmicas e instituições vinculadas. Cabe pontuar que os 171 estudos levantados para tal análise são assinados por 69 autores diferentes, sendo assim, apresentamos um modelo parcial com os principais estudiosos acadêmicos das obras de Josué de Castro. A tabela completa com todos

os 69 autores encontra-se no anexo VII.

Aprofundando a análise de perfil dos estudiosos, verificamos a última formação dos 69 autores, distribuindo a quantidade de ocorrências por área de formação. A distribuição dos dados obtidos é a seguinte: 50 (29,6%) dos trabalhos assinalados são da área da geografia; 59 (34,9%) são das Ciências Sociais, sendo 34 da sociologia e 24 das ciências sociais propriamente ditas; 34 (20 %) estão concentrados no campo da Saúde Coletiva (Saúde Pública e nutrição)⁴³; 6 (3,6%) na História e na Literatura. Confira o gráfico 1.

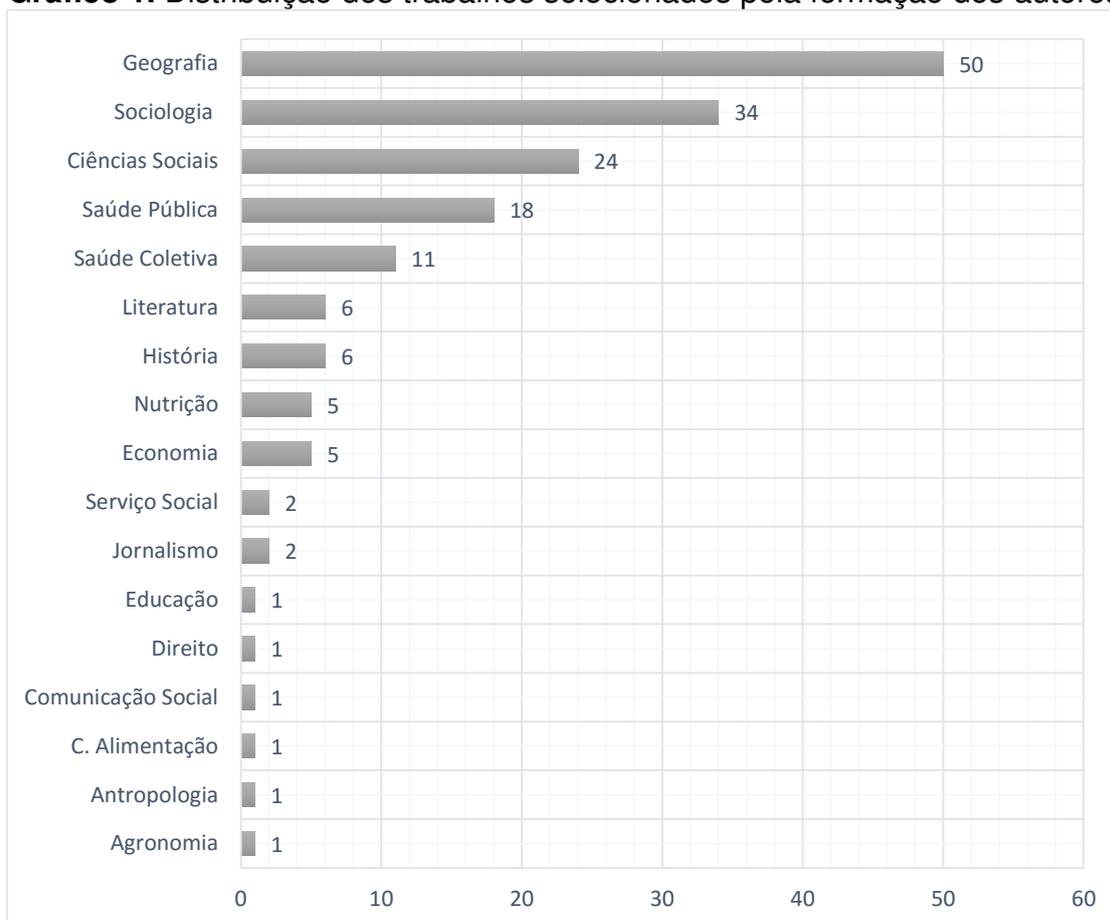
⁴³ Entendemos que a terminologia Saúde Coletiva contempla as concepções do campo da Saúde Pública, além disso, agregamos também a área de Nutrição ao campo da Saúde Coletiva, isto porque os estudiosos/nutricionistas de Josué de Castro têm formação ou atuam na Saúde Coletiva ou Pública.

Tabela 1. Distribuição de autores por formação e quantidade de trabalho produzido sobre Josué de Castro

Autores	Instituição Graduação/Pós/Atual	Formação Graduação/Pós	Artigos	Teses/ Dissertações	Trabalhos Completo	Entrevistas	Livros	Total	%
Tânia Elias Magno da Silva	USP/PUC/UFES	Ciências Sociais	6	1	0	7	2	16	9,4%
Antônio Alfredo Teles de Carvalho	UFPE/USP/UNEAL	Geografia	4	2	4	1	1	12	7,0%
Maria Letícia Galluzzi Bizzo*	UFRJ/FIOCRUZ	Nutrição/Saúde Pública*	3	1	2	0	0	6	3,5%
Sirlândia Schappo	UFSC/UNICAMP	Serviço Social/Sociologia	2	1	2	1	0	6	3,5%
Renato Carvalheira do Nascimento	UNB/UFRRJ	Ciências Sociais/Sociologia	2	1	1	2	0	6	3,5%
Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	UFPE/ENSP/UFSC	Nutrição/Saúde Pública	5	0	0	0	0	5	2,9%
Rui Ribeiro de Campos	PUC/UNESP-Rio Claro	Geografia	2	1	1	0	1	5	2,9%
Eronides da Silva Lima	UFPE/PUC-SP/UFRJ	Nutrição/Filosofia da Educação	3	1	0	0	1	5	2,9%
Mercês de Fátima dos Santos Silva	UFPE/UNICAMP	Sociologia/Saúde Coletiva	3	1	0	0	1	5	2,9%
Nísia Trindade Lima	IUPERJ/FIOCRUZ-RJ	Ciência Política/Sociologia	3	0	2	0	0	5	2,9%
Rosana Magalhães	UFRJ/FIOCRUZ	Nutrição/Saúde Coletiva	1	1	0	2	1	5	2,9%
Anna Maria de Castro	UFRJ	Sociologia	0	1	0	2	2	5	2,9%
Cleder Fontana	UFPEL//FURG/UFGRS	Geografia/Geografia	1	2	1	0	0	4	2,3%
Tayguara Torres Cardoso	UERJ	Ciências Sociais	2	1	1	0	0	4	2,3%
Ricardo Abramovay	USP/UNICAMP	Filosofia/Economia	2	0	0	1	1	4	2,3%
Maria José de Rezende	UEL/PUC-SP/USP	Ciências Sociais/Sociologia	2	0	1	0	0	3	1,8%
Solange L'Abbate	USP/UNICAMP	Sociologia	2	1	0	0	0	3	1,8%
Manuel Correia de Andrade	UFPE	Geografia	1	0	0	1	1	3	1,8%
Bertoldo Kruse Grande de Arruda	UFPE/IMIP	Médico/Saúde Pública	2	0	0	0	0	2	1,2%

Fonte: Elaboração da pesquisadora. As Universidades grifadas correspondem as instituições atuais dos autores.

*Doutorado em História das Ciências.

Gráfico 1. Distribuição dos trabalhos selecionados pela formação dos autores

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Podemos observar, portanto, que o caráter interdisciplinar da obra de Josué de Castro reflete-se no perfil dos estudiosos, concentrando-se nas áreas de ciências sociais, geografia e Saúde Coletiva. Esta última caracteriza-se pela sua natureza interdisciplinar, o que torna interessante pontuar que a maioria da produção sobre Josué de Castro neste campo foi realizada por nutricionistas (21), por médicos (6), por sociólogos (6) e fisioterapeuta (1).

Como observamos anteriormente, as **171** publicações selecionadas são assinadas por um total de **69** autores diferentes, que nos indica que a maioria da produção levantada é de autoria individual, conforme podemos verificar abaixo, excetuando-se as teses e as dissertações que são individuais por “natureza”.

Tabela 2. Distribuição de números de autores por publicações (exceto dissertações e teses).

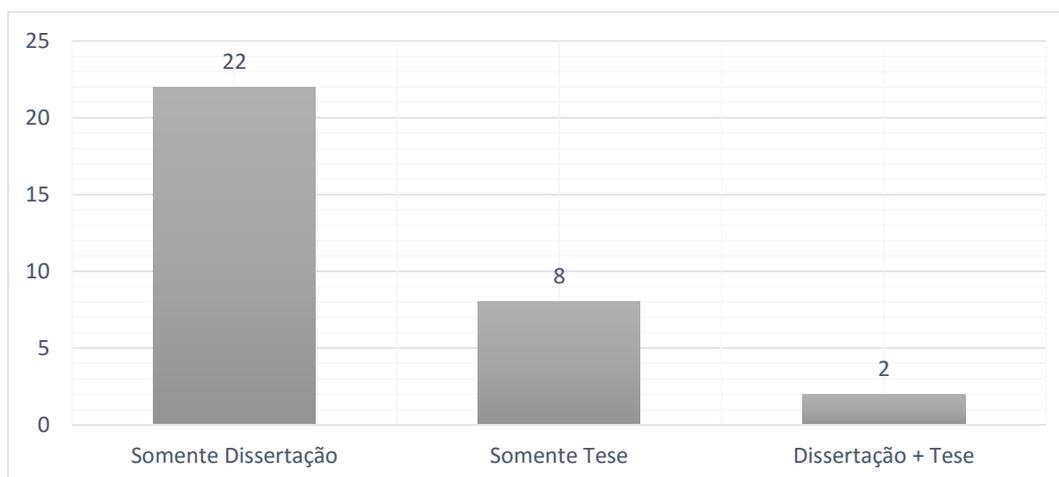
Nº de autores	Artigos		Trabalhos completos		Livros/Capítulos		Entrevistas	
1 autor	57	89,1%	25	89,3%	17	77,3%	21	91,3%
2 autores	7	10,9%	2	7,1%	3	13,6%	1	4,3%
3 ou mais	0	0,0%	1	3,6%	1	4,5%	0	0,0%
Instituição	0	0,0%	0	0,0%	1	4,5%	1	4,3%
Total	64		28		22		23	

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Dentre os 64 artigos, 57 são de autorias individuais e, dentre os 28 dos trabalhos completos apresentados em eventos científicos, 25 são individuais. Em relação aos livros (16) e capítulos de livros (6), temos algumas particularidades: livros publicados por autoria individual somam 12, dentre estes, três são coletâneas de artigos organizadas por autores individualmente. Também houve a ocorrência de três livros que são coletâneas organizadas por mais de dois autores. Dos seis capítulos de livros selecionados, cinco são de autoria individual. As entrevistas mantêm o caráter individual das produções sobre Josué de Castro.

Em relação a teses e dissertações, a maioria dos estudiosos (22) escreveu apenas dissertações e, dois autores no campo da geografia, apresentaram tese e dissertação sobre o pensamento de Josué de Castro.

Gráfico 2. Distribuição de autores por tese e dissertações.



Fonte: Elaboração da pesquisadora

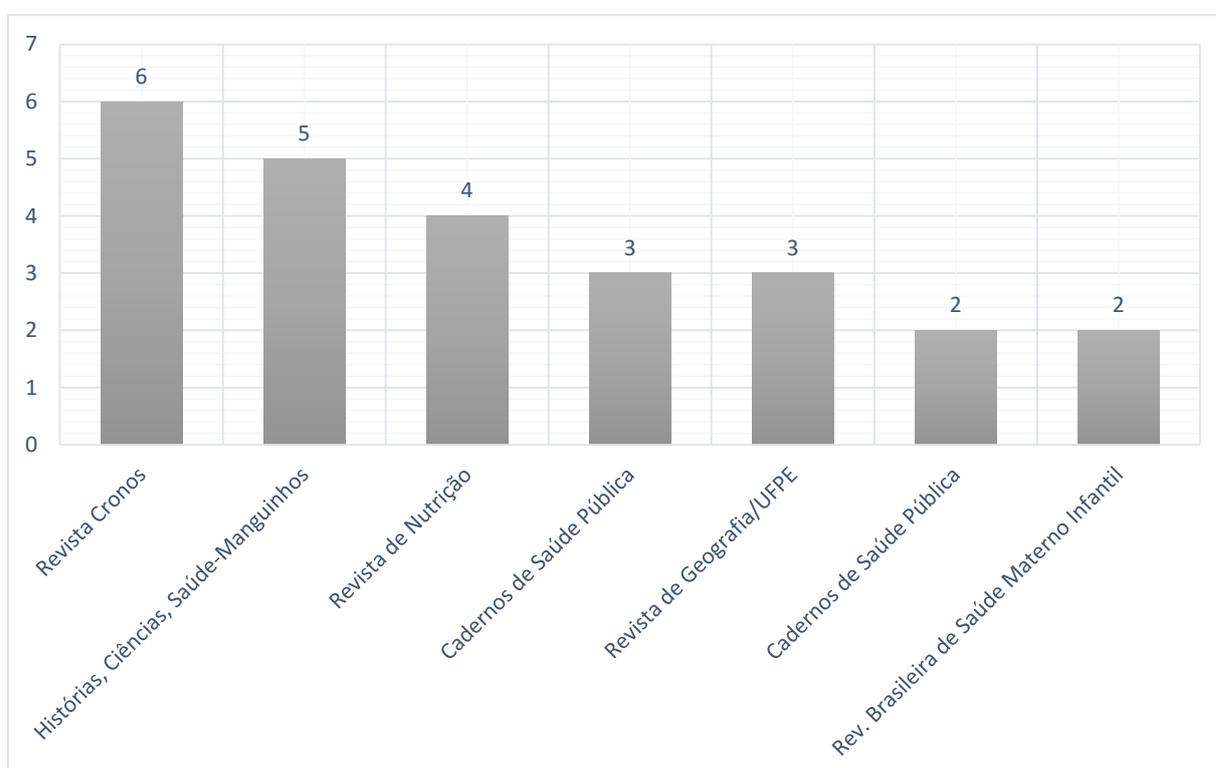
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Em relação à caracterização, foram considerados os 184 trabalhos levantados, incluindo vídeos e sites, para apresentarmos os principais periódicos científicos onde foram publicados os artigos, as principais instituições que fomentaram as teses e dissertações, os eventos científicos em que foram divulgados os trabalhos completos e os principais momentos em que foi publicada a produção sobre vida e/ou obra de Josué de Castro.

2.2.1. Artigos

A maior parte dos artigos (64) é constituída por sínteses de dissertações e teses ou são trabalhos apresentados em eventos científicos publicados em formato de artigos. Boa parte dessas publicações concentra-se nos periódicos científicos com ênfase na Saúde Pública e/ou Saúde Coletiva.

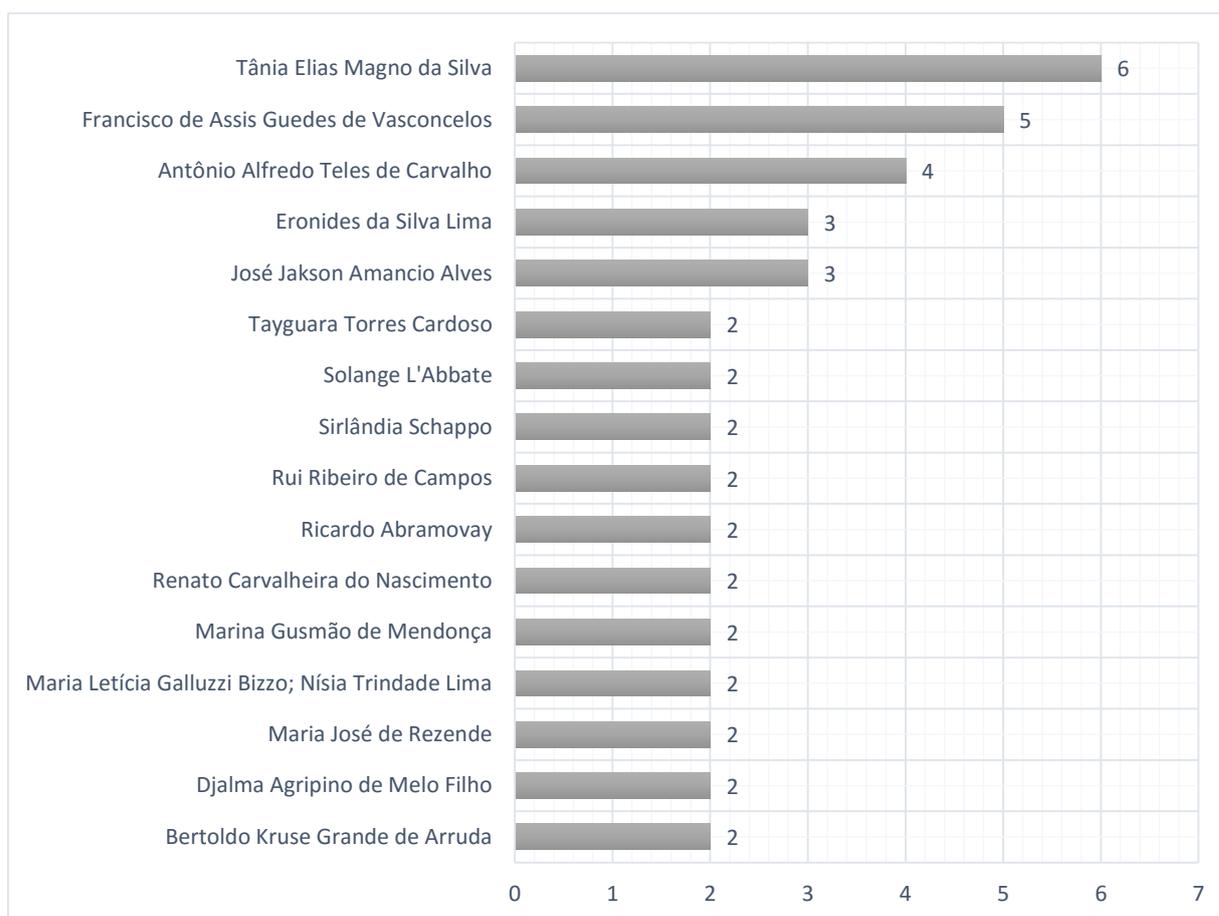
Gráfico 3. Principais periódicos científicos com artigos sobre de Josué de Castro.



Fonte: Elaboração da pesquisadora

De acordo com o número de artigos por autores, a autora Tânia Elias Magno da Silva, uma das principais estudiosas de Josué de Castro, lidera a produção e artigos sobre vida e obra, seguida de Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos, que analisa a obra de Castro como percussor do campo da nutrição, e de Antônio Alfredo Teles de Carvalho, que estuda o autor como intérprete do pensamento social geográfico e percussor da Geografia crítica, como verificamos no gráfico abaixo.

Gráfico 4. Distribuição do número de artigos publicados por autores



Fonte: Elaboração da Pesquisadora

É importante assinalar que outros estudiosos são responsáveis pela disseminação do pensamento de Josué de Castro, mas não apresentaram resultados *on-line* pelas razões explicitadas na introdução - indisponibilidade do artigos *on-line* -, e/ou sua militância acadêmica em torno do regaste da obra de Josué de Castro ocorrer em sala de aula. Nestes casos destacamos Manuel Correia de Andrade e

Milton Santos⁴⁴, no campo da Geografia. Ambos são professores responsáveis pela divulgação da obra de Castro nos anos de 1980 a 2000, respectivamente em Recife (UFPE) e em São Paulo (USP). Estes dois notáveis professores de reconhecimento nacional e internacional lutaram pelo ensino da geografia crítica, que segundo eles, tem com seu percussor Josué de Castro, inserindo e enfatizando o pioneirismo do nosso autor no tratamento das questões sociais na geografia, o seu legado e a atualidade do seu pensamento (Carvalho, 2003).

Autoras, sobretudo, no campo da Nutrição e/ou Saúde Pública ou Saúde Coletiva, apareceram em nossa pesquisa com publicações *on-line* ou indicações, que também são destaques nos estudos sobre Josué de Castro, são elas: Solange L'Abbate, Eronides Lima e Rosana Magalhães. Estas são estudiosas citadas pela maioria dos autores da área da saúde, mas também são referência nas demais áreas do conhecimento. Já que citamos os autores mais referenciados, cabe destacar ainda que, dentre os estudos no campo das Ciências Sociais, os autores mais citados são Tânia Elias Magno da Silva e Renato Carvalheira do Nascimento; na Geografia, Antônio Alfredo Teles de Carvalho, Manuel Correia, Milton Santos e Rui Campos, são as principais referências.

Ademais, não podemos deixar de destacar como a mais árdua militante do pensamento de Josué de Castro sua filha Anna Maria de Castro⁴⁵, que desde a adolescência interessou-se pela obra do pai. Deve-se a ela o pioneirismo no regaste da memória de Josué de Castro no país, tanto no apoio a instituições para que

⁴⁴ Manuel Correia de Andrade nasceu em 1922, em Pernambuco. Formou-se em Direito (1945), História e Geografia (1947) pela Universidade Federal de Pernambuco. Em 1952 inicia sua carreira de professor na UFPE, instituição em que oficialmente aposentou em 1985, mas manteve atuante como docente até seu falecimento em 2007. Boa parte de seus estudos foram dedicados a Região Nordeste e a Reforma Agrária. Na década de 1980, foi professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da USP, ocasião em que pode expressar suas inquietações sobre a geografia produzida no Brasil. Inquietações compartilhadas por Milton Santos. Milton Santos, assim como Manuel Correia, ficou conhecido como o pensador da história da Geografia no Brasil. Nasceu em 1926 na Bahia e formou em Direito em 1948, mas dedicou seus estudos a geografia, ministrando aulas de geografia na Universidade Federal da Bahia (1956) e durante o golpe militar, lecionou na Sobornne (1967). Em 1983 torna-se professor titular de geografia humana da USP. Recebeu de várias universidades de Doutor Honoris Causa. Faleceu em 2001 em São Paulo. Seus grandes temas foram urbanização e globalização.

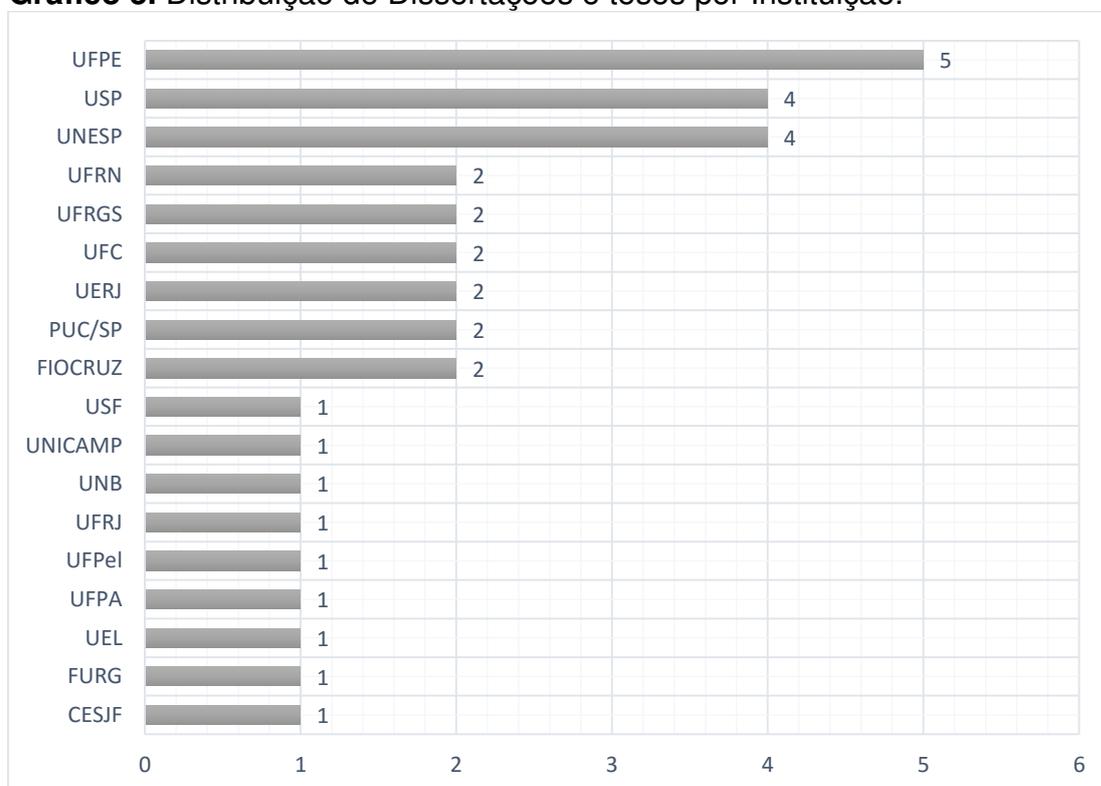
⁴⁵ Filha mais velha de Castro, dentre três irmãos, **Anna Maria de Castro** é socióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Começou a lecionar, em 1962, no Instituto de Filosofia de Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. Influenciada por seu pai dedicou-se a estudar a relação entre educação e alimentação. Ao longo de sua carreira, ela trabalhou nos institutos de Nutrição (INJC) e de Estudos em Saúde Coletiva (IESC), além de outras unidades da UFRJ que realizaram interface a teoria da fome de Josué de Castro.

divulgassem o pensamento de Castro como em publicações de livros, pesquisas, palestras e entrevistas, como veremos a seguir.

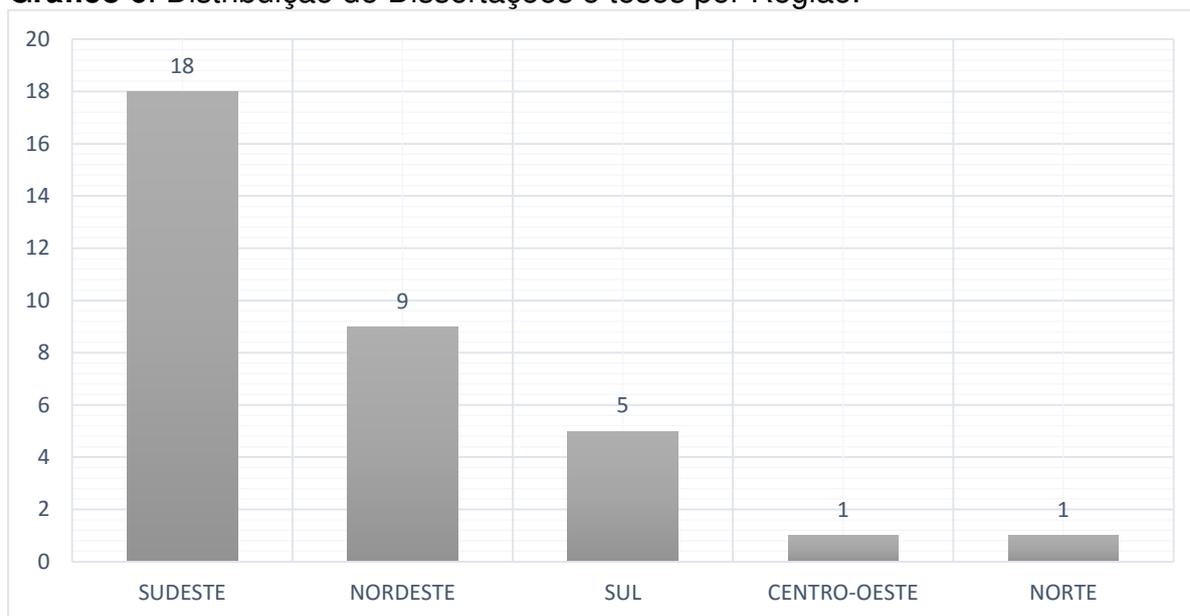
2.2.2. Teses e Dissertações

Em relação às teses e dissertações (34), observamos que foram defendidas em instituições localizadas nas regiões Sudeste e Nordeste do país, com destaque para as seguintes universidades: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), campus-Recife, cidade natal de Josué de Castro, que lhe ensinou sobre a sociedade dos mangues, dos homens-caranguejos, forjando sua teoria da fome; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cidade que Castro escolheu para viver e onde fundou o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, atual Instituto de Nutrição Josué de Castro da UFRJ, na qual sua filha leciona, desde anos 1960; e a Universidade de São Paulo (USP) e universidade Estadual Júlio de Mesquita (UNESP), que concentram as principais escolas de geografia do país.

Gráfico 5. Distribuição de Dissertações e teses por Instituição.



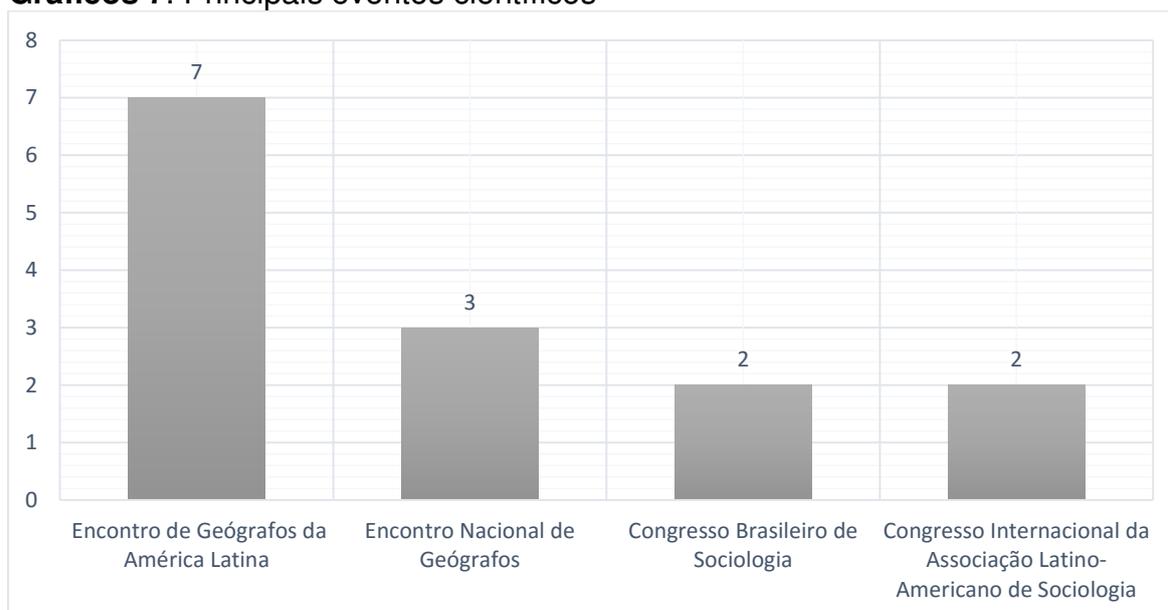
Fonte: Elaboração da Pesquisadora

Gráfico 6. Distribuição de Dissertações e teses por Região.

Fonte: Elaboração da Pesquisadora.

2.2.3. Trabalhos Completos apresentados em eventos científicos

Boa parte dos trabalhos completos foram apresentados em congressos nacionais e Congressos latino americanos nas áreas de Geografia e Sociologia.

Gráficos 7. Principais eventos científicos

Fonte: Elaboração da pesquisadora

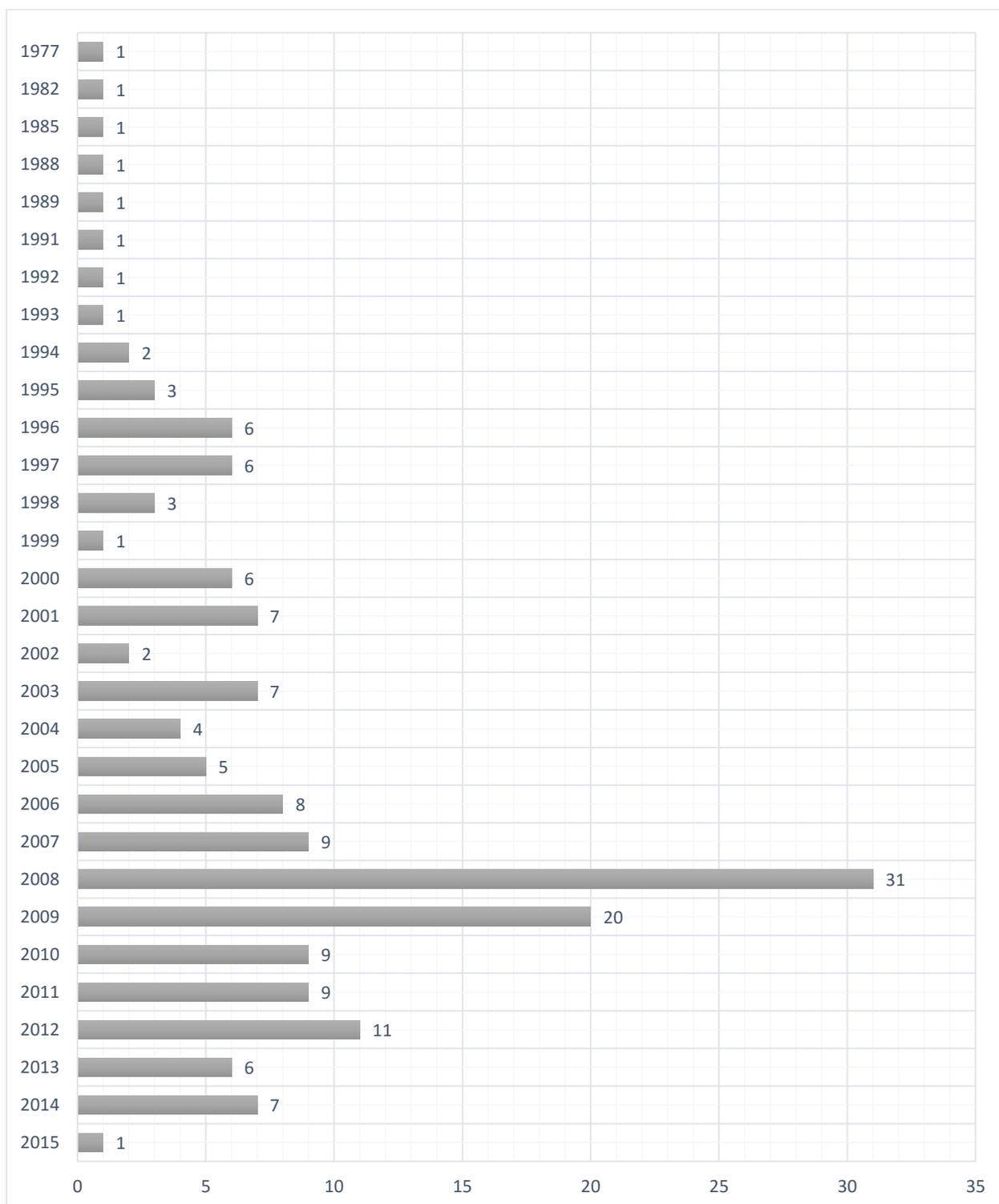
2.3. PERÍODO DA PRODUÇÃO

Em relação ao período da produção sobre vida e obra de Josué de Castro acompanhamos Nascimento (2009) que adota quatro momentos e sugerimos mais um momento, o do processo de recuperação da obra de Josué de Castro. Este último momento situa-se após o exílio sofrido com o golpe de 1964, em que teve sua obra banida das bibliotecas das universidades e mesmo até mesmo das bibliotecas do Ensino Médio, tendo em vista que nos anos 1950 e 1960 o livro Geografia da Fome aparecia constantemente na bibliografia dos estudantes secundaristas do Brasil (Nascimento, 2009; Silva, 2001; Santos, 1997). Sobre este último aspecto nos relata Milton Santos:

O meu primeiro encontro com ele foi no ginásio quando o grande professor de geografia nos apresentou a Geografia Humana, que era um compêndio em que metade era teoria... Ninguém tinha medo de ensinar teoria a meninos de ginásio. Hoje temos medo de ensinar teoria a nossos alunos de pós-graduação, imaginando que eles são tão estúpidos que só podem entender o que é empírico (Santos, 2001, p. 4).

No gráfico que seguirá mais abaixo, apresentamos a classificação dos cinco momentos. O primeiro momento corresponde ao período de abertura democrática no Brasil (1977-1989); o segundo momento, anos 1990; o terceiro momento de 2001 a 2007; o quarto momento de 2008 a 2013; e o atual momento.

O marco inicial de recuperação do pensamento de Castro ocorreu, em 1977, com a defesa da Tese de Livre-docência de Anna Maria de Castro intitulada “Nutrição e Desenvolvimento: análise de uma política” defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seguiu-se, em 1979, a fundação do Centro de Estudos e Pesquisa Josué de Castro em Recife, formado por exilados que voltavam ao Brasil, que incomodados com a crescente desigualdade social, sobretudo, na capital pernambucana resolveram criar uma organização não-governamental para intervir nessa realidade palco da descoberta da fome por Josué. A fundação contou com o apoio da filha Anna Maria de Castro, que com o consentimento da família doou parte do acervo pessoal de Josué de Castro ao Centro (Nascimento, 2009).

Gráfico 8. Distribuição dos trabalhos selecionados por ano*

Fonte: Elaboração da pesquisadora

*Para consultar cada tipo de publicação (artigo, dissertações e teses, livros e etc.) por ano verifique anexo VIII

Em 1983, dez anos após a morte de Josué de Castro, a Academia Pernambucana de Medicina, em parceria com a Universidade Federal de

Pernambuco, promoveu o ciclo de estudos sobre o autor, que culminou na publicação “Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: depoimentos” (1983). Neste mesmo ano, no Rio de Janeiro, foi publicada uma coletânea de artigos sobre Josué de Castro, organizado por Anna Maria de Castro intitulada “Fome: um tema proibido”. Ainda neste ano, foi promovida a Semana Josué de Castro e a Nova Geografia da Fome, um ciclo de debate ocorrido também no Rio de Janeiro promovido pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) (Nascimento, 2009).

Em São Paulo, em 1983, também em comemoração ao 10º aniversário de morte de Josué de Castro, foi realizado o Simpósio sobre o tema Fome. Em 1985, os trabalhos apresentados são organizados por Maria Cecília de Souza Minayo no livro “Raízes da Fome” (1985)⁴⁶. O livro reúne depoimentos de cientistas das mais diversas áreas (médicos, economistas, sociólogos, geógrafos e agrônomos, além de representantes do movimento popular) com o objetivo de melhor compreender o problema alimentar no Brasil e apresentar-lhe soluções, a partir do pensamento castrino. Um pouco antes da comemoração do aniversário de morte de Josué de Castro, ainda em São Paulo, foi defendida a dissertação de Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de São Paulo “Fome e desnutrição: os descaminhos da política social” de autoria de Solange L’Abbate. Este trabalho foi sintetizado em dois artigos publicados com atualizações de sua dissertação, em que analisa dois períodos considerados por L’Abbate importantes na construção de políticas sociais para alimentação. O primeiro período corresponde à influência de Josué de Castro na política de alimentação (1940-1964), publicado na Revista de Nutrição em 1988; e o segundo período sem a presença de Castro, que corresponde as políticas de alimentação fomentada na década de 1970, publicado na mesma revista, em 1989.

O segundo momento de qual trata nossa classificação ocorreu no início dos anos de 1990, com a defesa de dissertação de mestrado na Fiocruz “Fome no Pensamento de Josué de Castro” de Rosana Magalhães, em 1992, que, para alguns dos estudiosos de Castro, seria a primeira dissertação que diretamente trabalhava com as obras e o pensamento do autor. Esta dissertação foi apresentada em 1997 em formato de livro sob o título: “Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro”.

⁴⁶ Estes e outros livros aqui citados foram encontrados nas indicações de publicações online e poderão ser consultados na planilha de identificação no anexo III.

Em 1993, ocorreu o lançamento e divulgação do Mapa da Fome no Brasil pelo IPEA, que afirmava que quase 70% da população não se alimentava suficientemente bem para ter saúde e uma vida digna (Nascimento, 2009). Tais dados tiveram um grande impacto neste momento sob parte da população brasileira, que ficou comovida com tal situação, sobretudo, o Sociólogo Herbert de Souza (1935-1997), o Betinho, que criou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida⁴⁷ que mobilizou a sociedade civil e a população em geral para lutar contra a fome. Essa criação foi baseada em uma releitura de Josué de Castro, por Betinho, que considerava Castro um mestre. Também foi criado o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) pelo Instituto de Cidadania, conhecido como Instituto Lula, e aceito pelo governo Itamar Franco, logo após o *impeachment* de Collor, órgão deliberativo no governo para auxiliar no combate à fome. Ainda em 1993, o livro “Sociedade e Subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro”, de Giuseppe de Taranto foi traduzido do Italiano para português. A versão original em italiana data de 1978.

De 1996 a 1997, tivemos a comemoração do cinquentenário do livro Geografia da Fome, ocasião em que, como podemos observar na tabela, surgiram diversos artigos publicados em periódicos científicos, mas também nos principais jornais do Brasil. Além disso, o Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ passou a ser denominado Instituto de Nutrição Josué de Castro, homenagem prestada pela UFRJ, analisando que durante a ditadura militar a perspectiva da Nutrição Social, desbravada por Josué de Castro, foi posta de lado, fazendo com que muitos dos nutricionistas que se formaram neste período nunca ouviram falar sobre o médico pernambucano, situação que começava a se inverter a partir de 1996. No mesmo período foi lançado pelo então presidente Fernando Henrique o selo comemorativo dos 50 anos de Geografia da fome (Nascimento, 2009).

É importante pontuar que, nos anos 1990, a divulgação da obra de Josué de Castro ganhou reforço em dois veículos de difusão de ideias: na música e no cinema. Na música, a difusão foi realizada por Chico Science & Nação Zumbi, que, no início da década de 1990, juntamente com a banda Mundo Livre S.A., protagonizaram o

⁴⁷ Betinho, sociólogo, militante da esquerda católica, ficou conhecido pela sua atuação na Ação e Cidadania, que nasceu de uma discussão interna no IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), o qual também liderava. A discussão foi pautada em função da mobilização do país contra os desmandos do então presidente Fernando Collor de Mello.

Movimento Mangue na cidade do Recife e trouxeram à tona uma releitura da obra de Josué de Castro. Seguindo os passos de “Homens Caranguejos”, lançaram um novo olhar sobre a cidade do Recife, captando a transformação dos homens caranguejos, viventes das sociedades dos mangues, em caranguejos-homens, habitantes da periferia recifense que foram esquecidos pelos modelos de desenvolvimentos excludentes. Daí o título desse Manifesto Cultural “Caranguejos com Cérebro”, que propõe uma reumanização do que foi desumanizado, a partir da captura das vibrações da cidade, da ativação das antenas dos caranguejos, homens com cérebro, seres pensantes e ativos nas transformações sociais (Melo Filho, 2003).

No cinema, foi lançado o documentário Josué de Castro: cidadão do mundo do cineasta Silvio Tendler. O filme retratou a vida e obra do autor pernambucano com a participação de vários intelectuais acadêmicos, militantes das causas sociais, políticos e jornalistas, comentando sobre sua trajetória e personalidade, dentre eles Jorge Amado, Milton Santos, Darcy Ribeiro, Francisco Julião, Abbé Pierre, Herbert de Souza (Betinho), D. Helder Câmara, Barbosa Lima Sobrinho, Rachel de Queiroz, Ignacy Sachs, Manuel Correia de Andrade e Chico Science.

No período, destaca-se a tese de doutorado de Tânia Elias Magno da Silva “Josué de Castro: para uma poética da fome” defendida na PUC de São Paulo, também em 1998. Podemos considerá-la a primeira autora a sistematizar a trajetória de Josué de Castro desde a infância até o exílio, relatando-nos suas relações sociais para além de sua vida pública, contextualizando seu pensamento a partir da construção da poética da fome presente na sua obra. Além disso, traz as rupturas e as divergências intelectuais entre Josué de Castro e Gilberto Freyre.

Por fim, vale citar ainda, nesse segundo momento, o lançamento na *internet* da página www.josuedecastro.com.br pelo neto e filha de Josué de Castro. Atualmente, temos outros endereços eletrônicos, como o do projeto da Fundação Banco do Brasil (www.projetomemoria.art.br), o do Centro Josué de Castro (www.josuedecastro.org.br), além do CONSEA que tem um link sobre os 100 anos do teórico da fome. Depois desse momento, a divulgação e recuperação da obra de Josué de Castro foram crescentes.

Tabela 3. Principais Sites sobre Josué de Castro

Sites sobre Josué de Castro	
Projeto Memória	http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/index.html
Josué de Castro	http://www.josuedecastro.com.br
Templo Cultural Delfos	http://www.elfikurten.com.br/2012/06/josue-de-castro-e-geografia-da-fome.html
Centro de Estudos e Pesquisa Josué de Castro	http://www.josuedecastro.org.br/
Museu Josué de Castro – Instituto de Nutrição Josué de Castro	http://www.nutricao.ufrj.br/museu/
Fundação Joaquim Nabuco	http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=367&Itemid=189
Interpretes do Brasil	http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/64.av
Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à fome	www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/seguranca-alimentar-e-nutricional/premio-josue-de-castro/sobre-o-evento/sobre-josue-de-castro
Associação Josué de Castro	http://josuedecastro.com/associacao.php

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O terceiro momento (2001-2007) iniciou-se com o lançamento do Projeto Fome Zero, em 2001, pelo então Presidente do Instituto Cidadania, Luiz Inácio Lula da Silva, que, em 2002, elegeu-se Presidente, colocando o projeto de combate à fome no país como prioridade de governo, a fim de atingir a meta da ONU de erradicar a fome no mundo até 2015. Por esse período, também surgiram reedições de Geografia da Fome (2005) e Homens e Caranguejos e estudos sobre o legado de Josué de Castro, como o publicado pela Perseu Abramo, organizado por fundadores do Centro Josué de Castro, além da filha e Manoel Correia de Andrade, intitulado “Josué de Castro e o Brasil”. Além disso, houve um aumento no número de artigos e trabalhos finais de pós-graduação.

Em 2004, a divulgação da obra foi contemplada com a homenagem prestada pela Fundação Banco do Brasil, que consistiu na produção de um livro fotobiográfico, um documentário, uma cartilha de orientação de atividades sobre vida e obra de Josué de Castro para professor e uma exposição itinerante. Nesta exposição foi distribuído o filme “Por um mundo sem fome”, um almanaque e um livro biográfico sobre Josué de Castro. Todo material, com exceção da exposição, foi distribuído entre os estudantes das escolas públicas brasileiras. O Projeto Memória circulou no Brasil até 2009, com o apoio do Ministério da Cultura.

Em Pernambuco, fez parte desse projeto coordenado pelo Centro Josué de Castro, na qualidade de palestrante e expositora da exposição itinerante, e, além do Kit do Projeto Memória, as escolas receberam o livro “Perfil parlamentar da trajetória

político-partidária de Josué de Castro”⁴⁸, organizado por Marcelo Mário de Melo e Teresa Cristina Wanderley Neves⁴⁹, lançado em 2007. Ao todo, a exposição e a palestra foram realizadas em 15 escolas em diferentes regiões do Estado, mas, sobretudo, nas escolas em Recife, onde os estudantes elaboraram atividades sobre a vida e a obra de Josué de Castro. As atividades elaboradas por estudantes e professores foram as mais diversas, desde encenação teatral da vida de Josué de Castro, homenagens ao autor, até projetos contra o desperdício de merenda escolar e reaproveitamento das cascas das frutas para produção de sucos e doces. Junto ao projeto a empresa Diários Associados, encabeçada pela Fundação Assis Chateaubriand em Brasília, lançou o concurso de redação sobre Josué de Castro, que envolveu Ensino Fundamental, Médio e Superior; em troca as escolas receberam kit do Projeto (Nascimento, 2009).

Tabela 4. Teses e Dissertações publicadas de 2001 a 2007.

Ano	Tipo	Autor	Título	Instituição	Área
2001	Dissertação	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional	UFPE	Geografia
2002	Dissertação	Renato Carvalheira do Nascimento	Josué de Castro: o sociólogo da fome	UNB	Sociologia
2003	Dissertação	Jorge Luís R. Nunes	Josué de Castro, o geógrafo da fome: uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil.	UFRGS	Geografia
2004	Tese	Rui Ribeiro de Campos	A Dimensão populacional na Obra de Josué de Castro	UNESP/ Rio Claro	Geografia
2004	Dissertação	Dorival Donizeti Marchi	O pensamento geográfico de Josué de Castro.	USF	Educação
2006	Dissertação	Claudia Louback do Nascimento	Entre homens e caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco	UFPE	História

⁴⁸ Neste livro foi publicado pronunciamentos do cientista, na condição de parlamentar, sobre candentes temas mundiais como o colonialismo, e nacionais, entre eles, pobreza, petróleo, questão agrária, ciência, educação e equidade.

⁴⁹ Marcelo Mario Melo é assessor de Comunicação Social da Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE, entidade vinculada ao Ministério da Educação. Colabora com artigos na seção Opinião do Jornal do Comércio, Recife-PE. Tereza Wanderley Neves Socióloga, graduada pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ESP-SP); analista de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana do Recife (PED/RMR – Dieese-PE); pesquisadora e coordenadora de projetos do Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro.

2007	Dissertação	Tayguara Torres Cardoso	O novo Nordeste: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50	UERJ	Ciências Sociais
2007	Tese	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	O pão nosso de cada dia... Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil	USP	Geografia
2007	Dissertação	João Luiz da Silva	As novas faces da fome na pós-modernidade: o caso do município de Floresta em PE	UFPE	Geografia

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Em 2008, ano do centenário de nascimento de Josué de Castro, vivenciamos o quarto momento da divulgação da obra de Josué de Castro. Foram várias entrevistas com pesquisadores e estudiosos sobre a vida e obra de Josué de Castro e artigos de jornais divulgados no país⁵⁰. Além de editoriais jornalísticos sobre a situação da fome no país, palestras e homenagens oficiais e outras séries de eventos que marcaram o centenário, nacionalmente e internacionalmente, como, por exemplo, *o Colloque Josué de Castro dans le XXI siècle: alimentation, environnement et santé* organizado por Alain Bué da Universidade de Paris 8, Vincennes, em janeiro de 2009, a mesma universidade que Josué de Castro lecionou na França, no Departamento de Geografia (Nascimento, 2009).

Nacionalmente bastante significativa foi a homenagem à vida e à obra do médico e sociólogo pernambucano na VI plenária do CONSEA, que ocorreu em Recife, a pedido do Conselheiro Malaquias Batista Filho⁵¹, nos 4 e 5 de setembro/2008. Nesta ocasião o então Presidente Lula conclama Josué de Castro patrono do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que segundo ele, foi o grande inspirador das ações de combate à fome vigente no país. Na mesma ocasião, a socióloga Ana Maria de Castro também fez um discurso enaltecendo a “volta” do pai à sua terra natal na forma de um “gigante”, na presidência de outro ilustre pernambucano, o próprio presidente Lula, fechando com isso um ciclo. Foi o marco do reconhecimento definitivo do Estado brasileiro frente a esse personagem da história do país, não só a nível Federal, mas também . Não só o governo Federal, mas também Estadual e Municipal.

⁵⁰ Consultar Anexo V - Planilha de identificação – Entrevistas e Depoimentos.

⁵¹ Médico Sanitarista do Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP, e um entusiasta do pensamento de Josué de Castro, além de colaborador do Centro Josué de Castro.

Neste período, foi produzida a coletânea “Josué de Castro” pelo projeto Memória do saber da Fundação Miguel de Cervantes, sendo publicada apenas em 2012, com artigos de vários estudiosos sobre o pensamento de Josué de Castro, além de resenhas de livros e entrevistas com e sobre Josué de Castro. Ademais tivemos um aumento expressivo do número de teses e dissertações defendidas neste período (17), além do aumento de número de artigos (31) e trabalhos completos (13)⁵².

Assim, Josué de Castro teve quatro momentos de resgate de sua obra, todos eles resultando no aprofundamento e discussão de seu pensamento multifacetado como médico e nutrólogo, sociólogo, geógrafo, político e diplomata pernambucano. Uma obra que deixou um importante legado, embora tenha falecido achando que nada do que tinha feito deu frutos, muito menos para a história do pensamento social brasileiro na luta pela erradicação da fome. O último momento já se iniciou e encontra-se em aberto, e podemos observar um desenvolvimento de seu aporte teórico e metodológico sobre as questões atuais como as questões de meio ambiente, escassez de água, ecologia humana.

⁵² Consultar anexo VIII.



Figura 4. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.91
Pintora: Anna Kindynis

CAPÍTULO II

3. Análises temáticas dos estudos

Neste capítulo, dedicamos à sistematização e à análise exploratória dos 121 estudos selecionados, dentre artigos, trabalhos completos e teses e dissertações. Os trabalhos foram lidos e analisados na íntegra e organizados em uma ficha de leitura contendo as seguintes informações: título do artigo, objetivos, desenho da pesquisa, técnica de coleta e análise dos dados e principais resultados⁵³. Esta sistematização foi realizada para obter um

⁵³ Ver modelo de ficha de leitura – Anexo IX.

panorama geral do material, a fim de construir categorias de análise dos textos.

Grosso modo, dividimos o material encontrado em duas categorias analíticas. A primeira foi a dos estudos memorialistas, que abordam a trajetória de Josué de Castro, numa tentativa de resgate de sua obra, ressaltando o silêncio em torno da sua importância científica no Brasil. Embora essa dimensão do silêncio deva ser problematizada, em geral, esses escritos memorialísticos tendem a hiperdimensionar o personagem, sem apresentar a discussão sobre conflitos e contradições de um personagem na teia social, apenas citando, em tom de pesar, o esquecimento da obra de Josué de Castro. Cabe apontar que esse chamado esquecimento sobre a obra do autor não está presente em todos os seus estudiosos que compõe este grupo, mas o desejo de divulgar a obra apresenta-se como unanimidade.

A segunda categoria dos estudos relacionados ao pensamento social e em saúde reconhece o legado do autor e não o considera como um autor esquecido, enfatizando que sua obra alcançou repercussão tanto no cenário nacional quanto no internacional, contribuindo, ainda, para a institucionalização científica e política da nutrição no país e as políticas sociais em saúde (Bizzo et ali, 2009). Sendo assim, Josué de Castro apresenta-se como intérprete do pensamento social brasileiro, da geração de 1930-1960. Partindo dessa premissa, defende-se que o núcleo discursivo de politização da fome, do posicionamento de ação social e pragmática de Josué de Castro, contribuiu para uma reconstrução nacional (Bizzo, et ali, 2009). Boa parte dos estudos dessa categoria está ancorada nos estudos que foram desenvolvidos na dissertação “Fome e desnutrição: os descaminhos da política social” de Solange L’ Abbate (1982) e no livro da Rosana Magalhães “Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro” (1997). São estudos, geralmente, ligados ao campo da nutrição e saúde pública ou coletiva.

Ao trazerem ao debate tais ideias, esses estudos despertam a oportunidade de aprofundar determinadas facetas do pensamento de Castro, discordando ou corroborando com elas. Ambos os grupos partem do pressuposto de que há uma necessidade de aprofundamento de sua obra, seja com relação a seu conteúdo em termos de representações de suas ideias em

um dado campo científico, seja no que concerne à conexão das práticas políticas e intelectuais com sua obra, ou ainda no que se refere aos pontos de contato desse ideário com outros (Bizzo et. ali, 2009). O fato é que, claramente apresentam-se dois grupos nesta perspectiva. Neste estudo, manteremos diálogos com as duas categorias analíticas, tendo em vista que não são categorias fixas. Há, por exemplo, estudos que transitam pelas duas categorias elaboradas, mas, por organização das ideias decidimos classificá-los, além disso, acreditamos que há um esquecimento acadêmico em torno da obra de Josué de Castro, mas que este esquecimento vem sendo reelaborado no campo acadêmico, como vimos no capítulo anterior.

3.1. Estudos Memorialísticos

Geralmente, são estudos no campo da Geografia, das Ciências Sociais e da História que apresentam: a) uma temática que gira em torno do pioneirismo de Josué de Castro no desbravamento de algum campo científico; b) uma revisão dos estudos da vida e/ou obra de Josué de Castro; c) temáticas e conceitos discutidos a partir da obra de Josué de Castro, tomando a obra de Josué de Castro como referência no debate histórico sobre o fenômeno da fome e da miséria no Brasil e no mundo. Dentre os estudos memorialistas, subdividimos os trabalhos selecionados nas seguintes temáticas: História do pensamento geográfico social; Estudos sobre a vida e obra do autor – uma revisão; Estudos temáticos; e Análise literária da obra de Castro.

3.1.1. História do Pensamento geográfico social

São estudos destinados à reflexão em torno da natureza do pensamento geográfico brasileiro numa perspectiva histórica. Neste quesito, foram encontrados (9) artigos, (5) teses e dissertações e (2) trabalho completo⁵⁴. As discussões nestes trabalhos, assinados por geógrafos, giram em torno da lacuna da história do pensamento social no campo da geografia brasileira, que teria como principal intérprete Josué de Castro. Para estes geógrafos, os estudos

⁵⁴ Consultar anexo – Planilha de Identificação

sobre a história do pensamento geográfico negligenciam a contribuição da dimensão e o significado de Josué de Castro à Geografia brasileira institucionalizada. Carvalho (2001; 2003; 2005; 2009) afirma que com frequência as referências ao autor consistem em breves citações, desconsiderando que a obra castrina abre o debate para a formação da geografia humana, da geografia médica, da geografia das populações e, sobretudo, da geografia crítica em oposição à geografia “neutra” como ensejam os geógrafos brasileiros influenciados pela escola geográfica francesa de Vidal de La Blanche, ainda dominante no país⁵⁵. Isto, em parte, explicaria a restrita divulgação da obra entre os geógrafos contemporâneos, tornando a obra de Castro, até os dias atuais, desconhecida. Grosso modo, acredita-se que o debruçar sobre o pensamento de Castro possa trazer à tona o respaldo teórico do campo geográfico e sua importância na participação dos debates mais ativos sobre a realidade brasileira.

Para Milton Santos (2001) e Manuel Correia de Andrade (1997; 2003), que consolidaram a linha de pesquisa História do pensamento geográfico brasileiro e levaram adiante os debates de natureza teórica social e o papel da geografia nos anos de 1980 e 1990, a obra de Castro é edificante pela enorme quantidade bibliográfica presente e pela seleção de exemplos sobre a realidade com critérios científicos que auxiliariam na formação das ciências geográficas e da nutrição no Brasil, embora Castro seja negado pelos geógrafos por ser “nutricionista” e negado pelos nutricionistas por ser geógrafo. Milton Santos (2001) aponta-nos, entre algumas das principais contribuições de Josué de Castro, a disciplina para estudar e o “olhar e ver” a realidade social com clarividência, sendo capaz de suscitar a visão de novos grandes problemas da humanidade, como a produção de uma nova Geopolítica desenhada por ele. Ainda segundo Santos (2001), tais características perderam-se nas universidades brasileiras que não leem os intérpretes nacionais, mais que isso, afirma-nos que a construção do conhecimento das universidades passou a não mais consultar fontes históricas, adotando uma vocação para o instantâneo, o que dificulta o regresso às fontes e a desmitificação da realidade.

⁵⁵ Esse grupo de geógrafos brasileiros influenciado pela escola francesa aponta que as preocupações políticas e sociais são objetos de análise de sociólogos e economistas (Andrade, 1997).

Para Carvalho (2001; 2003; 2007; 2009), para além da negligência histórica na formação do campo geográfico brasileiro, a pouca incursão do pensamento castrino na geografia dá-se porque este ocupa-se de questões como a fome, temática reduzida há um grupo de geógrafos brasileiros. Nos estudos de Carvalho, Josué de Castro aparece como notável geógrafo pela forma articulada de pensar e analisar a relação homem X meio enquanto objeto da Geografia à luz de uma abordagem interdisciplinar, caracterizada pela inter-relação entre o biológico e o social, respaldada por um elenco de disciplinas que se estende da Medicina, à Nutrição, à Geografia e à Sociologia, contemplando ainda a Antropologia, a Filosofia, a História, a Economia e a Ecologia. Eludindo-se, assim, as falsas fronteiras disciplinares impostas pelo que ele denominou de “geograficidade”, geografia neutra, avançando a inter-relação entre disciplinas e atribuindo à Geografia um caráter social. Grosso modo, essas características, condensadas no artigo “Josué de Castro: um geográfico de múltiplas contribuições revisitado em suas ideias” (2003) estão presentes nos demais trabalhos de Carvalho.

Nesta perspectiva, de apontar Josué de Castro como um geógrafo fundador de campos disciplinares da Geografia, estão os estudos de Rui Campos (2004; 2009; 2011). Esse autor considera Josué de Castro como um dos percussores da geografia demográfica no país, tomando como ponto de partida a ideia de ciência, concluindo que Josué de Castro não foi o demográfico pelo conceito da época da ciência demográfica e também porque não havia sequer dados para isto, mas elaborou trabalhos essencialmente demográficos, fazendo usos dos dados/recursos existentes. Além disso, realizou estudos demográficos sobre os componentes básicos da dinâmica populacional: fecundidade, mortalidade e migrações, cruzando com análise de dados qualitativos dos modos de vida da população, como no inquérito sobre “As condições da classe operária no Recife”, em 1932, obtendo um caráter inovador diante dos estudos elaborados na época.

A preocupação nítida de Rui Campos (2004; 2009; 2011) é demonstrar que Josué de Castro foi um grande geógrafo, que colocou a fome como pauta científica na geografia, não omitindo o passado na caracterização do presente, estabelecendo relações causais entre o meio físico e certos aspectos

populacionais (sem cair no determinismo fisiógrafo), reconhecendo a existência de um meio ambiente que influencia e que é modificado pela ação humana, dependendo das características econômicas e culturais de determinada sociedade.

Já Renato Vieites (2008; 2009) realiza uma análise histórica do pensamento geográfico de Josué de Castro, demonstrando uma associação entre a Geografia e a Medicina, tendo como pano de fundo a saúde, o meio ambiente e o espaço. Para tanto, faz uma análise das influências dos geógrafos franceses no pensamento de Josué de Castro, mostrando a perspectiva inovadora do nosso autor ao perceber as limitações da teoria da escola francesa e ao complementá-la com outras perspectivas das Ciências Humanas e da Ecologia Humana. O ponto de partida de Vieites é a obra castrina como um estudo crítico de geografia médica, que destaca a questão da fome e relaciona-a a uma série de doenças endêmicas ligadas ao déficit de nutrientes advindos de uma alimentação inadequada em termos de quantidade e qualidade. Assim, Castro inaugurou o ramo da geografia médica brasileira, ramo pouco explorado pelos geógrafos, mas que nos últimos anos vem sendo solicitado por biólogos, biomédicos, parasitologistas e epidemiologistas e demais profissionais da saúde pública na tentativa de aproximar-se das categorias espaciais para acrescentar nos seus arcabouços teóricos e analíticos novas variáveis, categorias e técnicas.

Dentro dos estudos apresentados, talvez o de José Jackson Alves (2007; 2008a; 2008b) seja o mais memorialista. Seus estudos sobre Josué de Castro apresentam-se como um chamamento para leitura da obra de Castro, bem como para uma reflexão para continuidade dos estudos de Castro na atualidade, pela importância do método ecológico para o desenho da geografia brasileira atual. Além disso, José Jackson Alves traçou a trajetória de vida pública de Castro para demonstrar sua práxis política e questiona-se do porquê do seu esquecimento, que segundo ele, continua mesmo com o enaltecimento de Josué de Castro como patrono dos Programas Sociais de alimentação fomentadas no governo do Partido dos Trabalhadores - PT. Para traçar o perfil e pensamento de Castro, Alves dividiu a trajetória do autor em três etapas: 1) antes da Geografia da fome (1930-1945); 2) depois da Geografia da fome (1946-1964) e; 3) durante a Ditadura Militar (1964-1973).

3.1.2. Estudos sobre a vida e obra do autor – uma revisão

Nesta subcategoria, foram classificados (11) artigos, (7) teses e dissertações e (2) trabalhos completos. Grosso modo, são estudos que realizam uma revisão da obra de Josué de Castro sobre a teoria da fome, em sua maioria, localizados no campo das Ciências Sociais. Para tanto, focalizam nos elementos da trajetória de vida de Castro para apresentar uma visão panorâmica de suas ideias.

Sem dúvida, os principais estudos sobre Josué de Castro que se adequa a esta subcategoria são os realizados por Tânia Elias Magno da Silva, com destaque para a pesquisa realizada na sua Tese de doutoramento, em que nos apresenta com uma biografia sociológica completa sobre Castro. A autora nos apresenta como o tema da fome esteve intimamente ligado a Castro desde a sua tenra infância, embora não linearmente, até seu falecimento, captando a trajetória multifacetada do sociólogo da fome: o médico, o cientista social; o recifense no Rio de Janeiro; o psiquiatra e a literatura; o poeta e o cinéfilo; o humanista, o intelectual comprometido com as causas sociais, o Josué da fome. Tudo isso para demonstrar a perspicácia de Josué de Castro e sua discussão filosófica para construção de uma geografia humana e uma sociologia da fome (Silva, 1998).

Os artigos de Tânia Magno posteriores a sua tese constituem-se de síntese e atualizações deste estudo. No artigo intitulado “Marcas da geografia da fome” (2000), pauta-se na análise das obras *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951) com objetivo de revelar as marcas nacionais e internacionais do flagelo da fome. Noutros artigos (2009a; 2009b), traça as características básicas da sociologia da fome de Josué de Castro, que para ela abarca a fome em sua totalidade e em suas dimensões dialógicas para compreensão da fome como fenômeno social. Além disso, continua a revelar o perfil intelectual e científico do autor, como se quisesse avivar seu pensamento e discute a atualidade de sua teoria da fome, que segundo ela, continua presente em escala mundial, na medida em que ainda se constata que a fome varre milhares de famintos do planeta, a despeito dos avanços científicos e tecnológicos alcançados pela humanidade.

Seguindo esta trilha de estudo voltados para revisitar vida e obra, encontramos Nascimento (2002; 2006; 2009). Este aponta Castro como fundador de uma sociologia da fome, partindo dos temas e métodos que caracterizam os aspectos principais do pensamento castrino a partir da vida, obra e contexto histórico em que viveu Castro. Além disso, Nascimento estabeleceu os marcos referenciais do resgate da obra de Castro no país; Silva (2010) também realiza uma biografia sociológica, compreendendo a obra de Josué de Castro como um manifesto científico-propositivo de sua ação política, considerando-a como a primeira tentativa de construção do Plano Político de Segurança Alimentar no Brasil, e que suscitou questões sobre a desigualdade social presente na sociedade brasileira. Para tanto, nos apresenta um personagem na teia social de seu tempo.

Outros textos, como o de Eliab Gomes (1994)⁵⁶, apontam o esquecimento de Castro, afirmando que é um dos intelectuais brasileiros mais renomados internacionalmente, e, condenado ao esquecimento no Brasil. O artigo é um convite à obra de Josué de Castro, citando as obras consideradas de maior cunho sociológico como: Geografia da fome (1946), Geopolítica da Fome (1951), Homens e Caranguejos (1966), Sete Palmos de um Caixão (1965). Já Marques Melo (2005)⁵⁷ parte da assertiva de que Josué de Castro foi vítima da conspiração do silêncio que ele próprio responsabilizava, no mundo acadêmico, pela escassez bibliográfica sobre a fome. Como se trata de uma conferência, assim como o texto de Gomes (1994), convida as novas gerações a conhecer a obra de Castro, trazendo um resumo da biografia e produção científica do autor.

Na busca de acender a leitura da obra de Castro, em homenagem ao centenário de nascimento, Vasconcelos (2008), no artigo intitulado Josué de Castro e a geografia da fome, também apresenta um resumo da obra castrina, sintetizando o mapa da fome, caracterizando o regime alimentar, as principais

⁵⁶ Texto apresentado VIII Jornada Universitária da UFES, denominada Jornada Josué de Castro, Ação e cidadania contra a fome, a miséria e pela vida, em dezembro de 1993.

⁵⁷ Conferência proferida na solenidade de abertura da COMSAÚDE 2004 – VII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde, na noite de 11 de agosto, promovida pela Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, em parceria com três universidades pernambucanas: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, UFRPE – Universidade Federal de Pernambuco e AESO – Centro de Estudos Superiores Barros Melo, no campus desta última, na cidade de Olinda, Estado de Pernambuco.

carências nutricionais, e conceituando os tipos de fome formulados por Castro, a partir da influência que este sofreu com a escola francesa e os estudos epidemiológicos. Vasconcelos (2008) também apontou os aspectos médicos, biológicos e higiênicos da fome na obra de Castro, para além dos geográficos e sociais, que fazem com que a mesma se constitua como um clássico. Também em homenagem ao centenário de nascimento de Castro, Malaquias (2008) destaca sua trajetória intelectual a partir dos órgãos dirigidos por Josué de Castro, frisando o caráter interdisciplinar de sua obra, *Geografia da fome*, elucidando a atualidade de seu pensamento para a saúde pública brasileira.

Outro texto que sintetiza a obra de Castro, com o intuito de fazer seus leitores refletirem seu caráter ecológico, foi escrito por Bertoldo Arruda (1997). O texto “*Geografia da Fome: da lógica regional à universalidade*”, publicado em comemoração aos 50 anos da obra *Geografia da Fome*. O texto divide o pensamento de Josué de Castro em duas fases: 1ª) análise regional da fome em que elucida os hábitos alimentares, primeiramente, do Nordeste, e, em seguida no Brasil, tomando o país como grande laboratório para construção da sua tese sobre a fome; e 2ª) análise universal da problemática da fome no mundo e sua contribuição para a criação da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação).

Macedo (2008) tentou reconstituir a trajetória teórica e prática de Josué de Castro para compreender como se deu o processo de institucionalização da fome, no Brasil e no mundo ocorrido, entre os anos de 1930 e 1964, pontuando em que medida este processo auxiliou na diminuição da tragédia da fome no século XX.

3.1.3. Estudos Temáticos

São os estudos que, ao invés de realizar um panorama geral da obra de Castro, focalizam em determinadas obras ou fase de seu pensamento a partir de um dado recorte temático, geralmente histórico-sociológico como enfatizou Bizzo (2009). As temáticas são diversas, vão desde aprofundamento de conceitos suscitados por Josué de Castro como fome, subdesenvolvimento, mudança social e agricultura de sustentação; passando por debates teóricos de Castro

com os neocolonialistas e neomalthusianos; até as questões mais contemporâneas como as questões de agroecologia, que são questões pautadas nos anos 1970, posteriores à obra de Castro, cabendo mencionar a luta pública travada pelo autor pela reforma agrária e pelo engajamento da ciência em prol da melhoria das desigualdades sociais. Neste subitem foram categorizados (13) artigos, (12) teses e dissertações e (12) trabalhos completos apresentados em evento científico.

Schappo (2008; 2009; 2012; 2014) traz a questão da agricultura de sustentação como uma das principais discussões presente na obra de Castro, sobretudo, no que se refere à fomentação de seu plano político alimentar para o Brasil, a partir da reformulação da economia agrária do país e do incentivo à poli-agricultura. Para tanto, a autora analisa a obra *Geografia da fome* (1946), articulando a construção de suas ideias ao contexto histórico e intelectual da época, para nos apresentar que a importância da agricultura de sustentação no pensamento de Castro advém tanto das influências dos romances sociais nordestinos e do movimento modernistas como dos espaços e grupos os quais circulou desde a infância, destacando ainda, a relevância dessa articulação engendrada no seu pensamento para a atualidade, como para o desenvolvimento de estratégia para efetivação da soberania e segurança alimentar nutricional no país.

Cardoso (2007; 2008a; 2008b) discute os pressupostos teóricos do debate entre Josué de Castro e Celso Furtado em torno da condição sócio histórica e política do Sertão Nordeste nos fins dos anos 1950 e dos projetos de desenvolvimento da Operação Nordeste, coordenada por Celso Furtado, que posteriormente se transformaria na SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). As propostas para o desenvolvimento dos sertões de Castro e Furtado apresentam-se em polos distintos. Para Furtado a solução seria apostar no desenvolvimento industrial e na transferência das populações sertanejas, que se situava nas terras em que a seca mais castigava, para outra região. Para Castro, a saída principal para os sertões seria a reforma agrária, fundamental para reorganização da produção agrícola em prol de um projeto de industrialização mais racional e progressista, sendo esta reforma o único imperativo social capaz de incluir as massas excluídas dos processos de

decisão política. Embora os diagnósticos de Castro e Furtado sejam discrepantes, eles se aproximam-se na compreensão de que há vários Nordeste, ao contrário da visão do Nordeste freyriano.

Carneiro (2006) propõe uma revisão da obra de Castro sobre as causas da fome no país, demonstrando que sua luta contra fome tem como princípio a luta por um mundo de paz, sendo a paz apenas almejada a partir da redistribuição dos bens da terra. Partindo desse pressuposto, Carneiro discute o conceito de desenvolvimento humano de Castro e o conflito com a teoria neomalthusiana.

A divergência de Castro com os neomalthusiano apareceu também em Mendonça (2011; 2014); Rezende (2003a; 2003b) e Galvani Jr. e Rezende (2008). Os neomalthusianos doutrinários de Malthus insurgiram com a ideia de um controle rígido da natalidade, acreditando que, com isso, impedir-se-ia o empobrecimento geral da população, a destruição do meio ambiente e o esgotamento de recursos não renováveis. Para Castro, os neomalthusianos apresentavam teses não científicas para culpabilizar os países subdesenvolvidos pela sua condição social geradora de fome e pobreza, e pela degradação do meio ambiente. Além disso, Castro se contrapunha a ideia de que o crescimento populacional é o grande causador da pobreza. Na tese de Castro, o nosso planeta teria condições suficiente para alimentar o dobro da nossa população, bastava vontade política, refutando-se, assim, as previsões apocalípticas que geravam indisposição dos países desenvolvidos em combater a fome nos diversos âmbitos da vida social.

Devido a tal perspectiva, Rezende (2003a) nos demonstra que Josué de Castro realizava uma crítica ferrenha à ciência, que, na maioria dos seus escritos, só se ocupava da evolução e do progresso, sem considerar que tais ideias não admitiam que o “progresso” não era para todos, e que, sobretudo, na América Latina, a fome teria sido produzida socialmente em nome do progresso ditado pela colonização direta que durava séculos e continua presente reforçado pela ciência, uma vez que esta não buscava desvendar os interesses econômicos colonialistas orientados por uma prática que faz da produção, da distribuição e do consumo formas de exclusão social. Além disso, a autora

(2003b;) apontou combinações das perspectivas multidirecionais e cíclica de mudança social apresentada por Castro em contraposição à naturalização dos processos históricos e do determinismo social presente em certos estudos sociológicos.

Nessa perspectiva de analisar os aspectos socioeconômicos do pensamento castrino, Nunes (2003) analisa a obra *Geografia da Fome* (1946) para identificar como o contexto da política econômica do Estado brasileiro trilhou caminhos opostos ao defendido por Josué de Castro na construção da democracia e na sua defesa as reformas econômicas que incluíssem as massas marginalizadas.

Santos (2009), Mazetto et alii (2003), Oliveira (2013) e Hale dos Santos (2009; 2011), em seus estudos, apresentam o conceito de fome em Josué de Castro. Os dois primeiros apresentam a fome e sua persistência na atualidade, a partir do conceito de fome oculta, gestada por causas político-sociais. Ambos partem do entendimento de que a baixa renda per capita dificulta o acesso à alimentação adequada e diária. Além disso, a mudança de hábitos alimentares, geridos pela indústria alimentar, ocasiona alto índice de obesidade, fenômeno da ausência de nutrientes necessário para uma alimentação adequada, outra face da fome oculta, que atinge uma população que não estão em extrema pobreza. Já Hale (2009; 2011) toma o estudo da fome de Castro como resultado de um confronto entre suas experiências pessoais e o contexto histórico da época (1950-1960). Para tanto, analisa as obras: “O Livro Negro da Fome” (1960) e “Sete Palmas de um Caixão” (1965), acreditando que nesses livros estão condensados os conceitos de fome e suas repercussões sociais.

A temática do direito à alimentação faz-se presente nos artigos de Campos (2012) e Vieira (2013), que destacam o pioneirismo de Castro na questão alimentar, desde os anos de 1930. Para esses autores, o pensamento castrino vincula a questão alimentar a um contexto histórico-jurídico-social, influenciando a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) no que se refere ao direito à alimentação como direito primário de cunho geral e incondicionado, não carecendo de antecedentes prévios, a não ser aqueles princípios fundamentais identificadores de todo sujeito de direito: vida, liberdade

e dignidade, caracterizadores mínimos dos direitos humanos. Embora, como apontam os autores, este instrumento não tenha conseguido promover grandes modificações sociais, dado a persistência do problema, caberia levar em conta o brilhantismo de Josué de Castro e sua sensibilidade diante dessa realidade, por vezes, escondida aos nossos olhos ou negada por falsas questões morais e políticas.

Neste sentido, Rego (2009) também analisa a fome como ausência de direitos à alimentação, provocando o não reconhecimento social em parcela significativa da nossa população. Entretanto, dá um passo adiante em sua análise ao tecer duras críticas aos estudos realizados sobre a obra de Castro, partindo da assertiva de que nada mais foi realizado do que reproduzir suas ideias e suas ferramentas com novos dados, mas sem acréscimo nem elaboração de novas teorias. É devido a isso que se propõe realizar uma discussão teórica, evidenciando potencialidades e limitações dos modelos teóricos de Castro e da análise da fome na sociologia contemporânea, a partir do conceito de “instituições sociais” (Berger e Bourdieu) e “habitus precário da ralé” (Jessé de Souza), para demonstrar como o fenômeno da fome se mantém de forma invisibilizada pelas análises contemporâneas. Nesta categoria de análise foi o primeiro estudo a não abordar o esquecimento de Josué de Castro.

Já Claudia Nascimento (2005; 2006), numa perspectiva da História, seguindo as proposições de outros estudiosos, continua a pontuar o esquecimento de Castro nas universidades brasileiras e propõe apresentar a contribuição do autor para as mudanças nas condições de existência da população brasileira nos anos de 1930-1940, classificando-o como porta-voz do saber da necessidade da população, no que se refere às questões sanitárias e sociais relacionadas a educação e segurança alimentar. A autora contextualiza os debates sócio-políticos estabelecidos para situar a importância de Castro, inserindo, na devida conta, explicações biológicas a inúmeros fenômenos de natureza sociais não compreendidos por não terem levado em consideração fenômenos biológicos. Para tanto, além da análise de obras de Castro, como “As condições da classe operária do Recife” (1932), “Alimentação e raça” (1936) e Geografia da fome (1946), traz referências sobre os textos produzidos por Castro no Arquivo de Nutrição.

No campo da Ciência da Educação, Santos (2012) reivindica atenção para a proposta educativa e pedagógica sobre fome e alimentação presentes na obra de Castro, intencionalmente denominado por ela de o “Pedagogo da fome”. Para tanto, autora utilizou do arcabouço teórico da hermenêutica em profundidade de Thompson e analisou os seguintes aspectos: 1) o contexto social histórico da obra; 2) a forma discursiva da obra (que a autora realizou por meio da obra Geografia da fome) e do discurso parlamentar de Josué de Castro; e 3) a interpretação e a reinterpretação, que foram apresentadas a partir da ciência da educação, e compreendidas como veículos para aprendizagem e transformação da realidade, partindo do pressuposto que a discussão sobre a fome não pode dissociar do exercício pedagógico para superação do problema.

Costa (2010) e Fontana (2014)⁵⁸, com objetivos distintos, enfocam a questão ambiental em Josué de Castro e tentam esboçar a antecipação de Josué de Castro nesta questão. O primeiro, com enfoque na ciência da agronomia, resgata os estudos de Josué de Castro para mostrar a contribuição que seu pensamento pode dar para as práticas da produção agrícola de base ecológica no espaço brasileiro, sobretudo, na análise do uso e abusos praticados no ecossistema ou, como Costa denomina, na agroecossistema. Para Costa (2010), o aporte teórico e metodológico de Josué de Castro, pautados por uma ética socioambiental, continua atual, uma vez que prevalecem presentes as características de um sistema escravo latifundiário exportador de monocultura nas grandes propriedades de terra no Brasil. Já Fontana tencionou as relações entre as dimensões do social e do natural no pensamento castrino como uma amálgama para pensar a problemática da fome com a questão ambiental, mostrando que essa relação possui laços convergentes, vinculados à proposta de desenvolvimento ecológico humano, refletindo que o próprio Castro tomou o livro Geografia da Fome como um ensaio de natureza ecológica.

Melo Filho (2008) nos oferece uma releitura da Geografia da Fome na perspectiva da convergência de três saberes: geografia, medicina clínica e

⁵⁸ Cléder Fontana, geógrafo, classifica este seu estudo como uma reflexão epistemológica da Geografia, pontuando que essa discussão travada por Josué de Castro entre o natural e social é importante para o campo da História do pensamento geográfico, entretanto, ao realizar a leitura, optamos por caracterizar a pesquisa de Cléder Fontana como estudo temático da obra.

epidemiologia. O autor parte da assertiva de que embora haja uma fixidez nos procedimentos metodológicos na obra magna de Castro, é possível observar as múltiplas configurações de objetos e um arcabouço teórico transdisciplinar para explicar o fenômeno da fome. Desse modo, Melo Filho (2008) lançou a questão que pretende desenvolver no artigo: Geografia da Fome pode ser compreendida também como uma clínica de paisagem ou epidemiologia crítica? Após confrontar vários pontos do objeto e da objetividade científica da epidemiologia, concluiu que a obra pode ser caracterizada como dentro da epidemiologia crítica. Contraditoriamente, na produção intelectual da nova saúde pública brasileira, não se percebe registro importante da contribuição do pensamento castrino ao desenvolvimento desta área, mesmo quando se fixa o olhar numa especificidade epidemiológica como a das relações entre espaço e processo de adoecimento.

Como sabemos a epidemiologia crítica, como movimento renovador da década de 1970, está ligada ao marxismo, especialmente, quando se analisam as estruturas socioeconômicas. Embora, efetivamente o materialismo histórico não apareça nem na teoria, nem no método empregado em “Geografia da Fome”. Agripino (2008) afirma ser latente a aproximação de Josué de Castro em alguns pontos do marxismo, pelo menos, no que diz respeito aos pontos adotados pela epidemiologia crítica. Ademais, pela primeira vez, a fome no Brasil foi adotada como genuinamente científica, abordando-se o fenômeno como coletivo, buscando generalidades, que, por si só, mereceriam ser referenciadas no campo da Saúde Pública.

A questão da interdisciplinaridade também aparece como temática nos estudos sobre Josué de Castro, fato que todos os seus estudiosos reconhecem, notadamente, em sua crítica às especializações do conhecimento. No artigo de Mendonça (2010) a temática aparece como uma problemática atual no campo da Ciências Sociais, em especial da História e sua dificuldade em propor soluções para os grandes problemas da humanidade, dado as limitações da pesquisa historiográfica tanto no que se refere à hiperespecialização quanto à interdisciplinaridade. Aponta a falta de critérios objetivos, como a utilização dos métodos da Sociologia, da Antropologia e da Economia, sem que efetivamente se avance no conhecimento das relações reais que possibilite uma compreensão do mundo e que permita ajudar as outras pessoas a

compreendê-lo.

Diferentemente do que abordamos até o momento, Nogueira (2009) e Picchi (2008; 2010; 2011) tomam como obra principal de Castro em suas análises “Homens e Caranguejos”, realizando um recorte temporal onde duas manifestações artísticas são escolhidas, segundo Picchi (2011), para traduzir as transformações espaciais ocorrida na metrópole recifense ao longo dos anos. A primeira é a própria obra “Homens e Caranguejos” escrita na década de 1960 é ambientada no Recife na primeira metade do século XX, onde precários mocambos ocupam as margens dos principais rios da cidade, Capibaribe e Beberibe e produzem os homens-caranguejos, simbiose causada pela fome. A outra obra é o Movimento Mangubeat, que, como movimento cultural, surgiu meio século depois, realiza uma releitura da obra de Castro, em que os homens-caranguejos transformam-se em caranguejos-com-cérebros nos manguezais e fincam antenas parabólicas no mangue, que captam ondas eletromagnéticas, nascendo o célebre manifesto Caranguejos-com-cérebros, recolocando o mangue como lugar geográfico que enaltece a cidade. Os objetivos de ambos os estudos é entender a região, espaço geográfico, como produto e produtor cultural, para entender o atual cenário cultural da capital pernambucana.

Há vários outros estudos que tomam a obra “Homens e Caranguejos” para discutir teoria literária e sociologia da literatura, serão apresentados no subitem a seguir.

3.1.4. Análise literária na Obra de Josué de Castro

Nesta subcategoria foram inseridas as publicações que abordam o papel da literatura e a linguagem literária na obra de Castro: (6) artigos e (3) teses e dissertações. É característica da escrita do nosso autor o ensaísmo literário e o humanismo, influenciado pelos romancistas sociais do Nordeste das primeiras décadas do século XX, do qual Castro foi um assíduo leitor e admirador⁵⁹. Como é sabido, o ensaísmo, não é uma novidade nas ciências sociais e, nas primeiras décadas do século XX, representava um estilo predominante na construção de

⁵⁹ No capítulo intitulado “Pensamento Social em Saúde: Da medicina social à Saúde Pública” apresentaremos alguns desses romancistas sociais que influenciaram a Obra de Castro.

interpretações sobre o Brasil, momento intelectual brasileiro no qual Josué se inscrevia. Entretanto, como aconselha Melo (2010; 2012), não podemos entender o ensaísmo de Castro como caminho apenas estético, “mas ético e pedagógico, que lhe permite ultrapassar o caráter frio e circunspecto da ciência, aproximando-se dos modos sutis de arte, sem perder o rigor científico” (Melo, 2012, p.113), mas pondo em diálogo ciência e arte, considerando que nem a arte nem a ciência são neutras, mas são funções de reflexão para o exercício do desenvolvimento humano. Sendo assim, utilizou a literatura como elemento comunicador e de tomada de posição do autor para com a realidade, exprimindo cor, cheiro e textura ao drama da fome e suas mazelas (Cardoso, 2009).

Cabe ainda pontuar que o interesse pela literatura foi sinalizado nos tempos de estudante em Medicina, quando se interessou pela psiquiatria - considerada uma via entre medicina e literatura. Castro, influenciado por Arthur Ramos e Theotônio Brandão⁶⁰, publicou seu primeiro ensaio, aos 17 anos, intitulado “A literatura moderna e a doutrina de Freud (1925)”, que saiu na Revista de Pernambuco (Silva, 1998; Schappo, 2008; Santiago, 2008; BIZZO, 2009 Lima, 2012; Melo, 2012)⁶¹. Depois foram vários os contos, poesias, crônica, crítica de cinema e o único romance “Homens e Caranguejos” (1967). Romance

⁶⁰ Estes interlocutores dividiram quarto com Castro na casa de estudante, quando cursaram Medicina na Faculdade de Medicina na Bahia. Casa de estudante que teria sido de Nina Rodrigues, médico que influenciador da Antropologia na Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Theotônio Brandão, mas conhecido como folclorista que médico, tendeu mais para estudar o tema da medicina popular. Théo Brandão fazia suas pesquisas e colhia materiais e dados sobre credences populares, superstições, rezas e remédios populares; e Arthur Ramos desenvolveu-se no campo da Antropologia, inicialmente influenciado por Nina Rodrigues leu muito sobre as teorias psicanalíticas de Freud, nos anos 1930 iniciou m processo de descontinuidade teórica das leituras de Nina Rodrigues, tendo em vista que, seus estudos sobre relações raciais caminharam em direção contrária aos de Nina Rodrigues, aproximando-se mais dos estudos culturalista de Gilberto Freyre (Corrêa, 1998). A perspectiva de valorização do nacional e da miscigenação em Ramos influenciará definitivamente o pensamento Castrino.

⁶¹ Na verdade, podemos afirmar que este desejo foi concretizado como estudante de medicina, mas desde a adolescente nutria desejo de ser escritor, desejo despertado pelo professor Pedro Carneiro Leão Tornou-se ávido em aprender e lamentou ter perdido tempo no outro colégio. Costumava dizer que aos 30 anos qualquer homem de estudo deveria ter escrito pelo menos um livro. Era o fascínio por ser escritor pulsando em sua alma. Entretanto, por estes anos iniciais, Octávio Pernambucano não acreditava nisto, relatava que “ele lia muito bem e escrevia muito mal”, apresentava “um descompasso entre pensar e escrever que terminava em orações incompletas, complementos desordenados e longos de desviar o sentido, construções baralhadas, que o mestre **[Pedro Carneiro]** coçava a cabeça e não sabia corrigir (1983, p. 195). Descompasso que foi enfrentado com disciplina, como pontuava: [...] “A arte de escrever depende tanto do treinamento, como de uma virtuose no piano. É preciso enfrentar a inércia mental, o perro e lento mecanismo cerebral até que ele trabalhe com precisão e agilidade e isto só se consegue através dos exercícios mais ou menos mortificantes (Castro, 1957).

este que é o principal objeto de estudo das publicações sobre o quadro literário de Josué de Castro.

“Homens e Caranguejos” foi escrito na década de 1960, mas seu conteúdo retrata o Recife das primeiras décadas do século XX, a partir da memória de infância de Josué de Castro nos mocambos do mangue em Recife. Para Silva (1998; 2012); Schappo (2008) e Silva (2010), esse livro oferece uma possibilidade de também ser lido como autobiografia, haja vista que foi com o personagem fictício João Paulo que Josué expressou nitidamente as conversas com o pai e sua mãe sobre as paisagens do Sertão e da Zona da Mata, além de revelar suas próprias amizades, os seus vizinhos moradores do mangue, dos quais se destacam o Chico e o Cosme, personagens centrais com os quais desfrutou conversas e apreendeu sobre os acentuados contrastes entre a riqueza e a miséria, a bondade e a maldade.

Entretanto, para Cardoso (2009), trata-se de um livro-memória, mas não uma autobiografia, apesar de parecer, à primeira vista, que João Paulo, personagem central, ter muito de Josué, menino que apreendeu o mundo pelo olhar do mangue -, não é a transposição da infância do autor em sua obra – “João Paulo não era Josué, mas Josué poderia ter sido João Paulo, se houvesse tido menos sorte. Poderia ter ficado preso ao ciclo do caranguejo, promovendo sua continuidade” (p.90)⁶². É um romance de grande importância para compreender alguns aspectos da obra Castrina sobre o Nordeste, seus sertões e as relações sociais que prevalecem entre ricos e pobres no campo e na cidade. O enredo conta a história da sociedade do mangue, sociedade periférica de Recife, formada por homens e mulheres socialmente excluídas, vivendo à margem do progresso e do desenvolvimento urbano, sendo resultado das políticas de sucessivos governos no Nordeste que apoiaram o latifundiarismo secular tanto no sertão como também na Zona da Mata. Por vezes, algumas das

⁶² O próprio Josué de Castro questiona-se sobre o gênero narrativo da obra: “Mas será um romance? Ou não será mais um livro de memória? Talvez sob certos aspectos, uma autobiografia? Não sei. Tudo o que sei é que, neste livro, se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa passagem que é, toda ela, um braço de mar – um longo braço de mar de miséria (Castro, 2001, p. 9-10). Com isso nos oferece a possibilidade de lê-lo levando em consideração estes aspectos.

passagens dessa história são contadas de forma um tanto amargurada. Para Cardoso (2009), deve ao fato de Castro ter escrito o livro no exílio, em Paris, no momento em que a ditadura militar excluía brutalmente as vozes discordantes.

A leitura de apenas “Homens e Caranguejos” pode levar a classificar Josué como pessimista, como, por exemplo, Moises Neto (2008). Mas, quando se lê o conjunto de sua obra, antes do Golpe Militar de 1964, observa-se um Josué de Castro otimista, confiante que a realidade social brasileira caminharia para uma sociedade com justiça social e sem fome. Moises Neto (2008), por exemplo, considera que os heróis em Josué são frustrados e que o mangue é apresentado como própria metáfora da perversidade da industrialização e urbanização sem planejamento que respeite o homem, ao mesmo tempo em que se apresenta como imagem perturbadora, apresenta-se também dinâmica, expondo a fome do povo ao mesmo tempo em que fala das expressões culturais.

Para Cardoso (2009), os heróis de Castro, todos amigos de infância, já lembrados em seus contos anteriores no livro “Documentário do Nordeste”, são personagens do mangue recriados para articular, no mesmo contexto de realidade, magia e desgraça, o que, para Silva (2012) caracterizava uma transposição do cotidiano de uma realidade para o plano da literatura, tal como faziam os romancistas do nordeste dos anos 1930.

Silva (2012) analisou “Homens e Caranguejos” sob enfoque da sociologia do romance da Teoria do Romance de Georg Lukács, sequenciada por estudiosos como Lucien Goldmann (Sociologia do romance), Roger Bastide (Arte e sociedade), Michel Zérafra (Romance e sociedade), Fredric Jameson (O inconsciente político: a narrativa como um ato socialmente simbólico), Alfredo Bosi (História concisa da literatura brasileira) e Antonio Candido (Arte e Sociedade), dentre outros. Aplicando esta teoria ao tema fome, patente na obra “Homens e Caranguejos”, Silva (2012) objetivou demonstrar dialeticamente com excertos de jornais, documentos de órgãos do governo e de entidades não-governamentais e dados estatísticos, pertinentes ao assunto, que a temática da fome não é mera criação do ficcionista Josué de Castro e sim, a transposição do cotidiano de uma realidade mundial, brasileira e nordestina para o plano da literatura. A sociologia do romance de

Lukács permitiu ao autor analisar a homologia da obra de Josué de Castro, o mundo ficcional e o mundo real, observando a tensão presente entre o escritor e a sociedade, analisando o inconsciente político presente na narrativa para detectar as lutas de classes que aparecem ao longo da apresentação da narrativa na qual aparece o confronto entre opressor e oprimido. Assim, como nos romances brasileiros dos anos de 1930, classificados por Bosi como de tensão crítica, constata-se que a arte literária de fundo social tem como finalidade veicular uma denúncia social.

Oliveira (2013; 2014) indica que “Homens e Caranguejos” apresenta uma coerência interna que permite incluí-la no plano da narrativa como membro seletivo das grandes obras literárias que intercalam originalidade e novidade sem sobrepor uma medida à outra, influenciada pelo neorrealismo brasileiro que ganhou o cenário nacional com a semana de arte moderna. Para Oliveira (2014), o ficcionista de Castro transcende a descrição da temática da seca, da miséria e, sobretudo, da marginalização da fome enquanto alegoria temática, insurgindo na construção interna das personagens um bônus íntimo ao tornar a fome na sede essencial de seus personagens e a posteriori, de seus leitores. Isto porque, na tessitura narrativa, a realidade da pobreza e da desumanidade foi recriada na atmosfera do universo literário de modo subjetivo, todavia multiforme. A partir dos personagens, é estabelecida a analogia entre homens e caranguejos como espécie igualmente vivente e sobreviventes no mangue, atolados na mesma lama e, nela, retirando os nutrientes na luta pela vida. Desse modo, o narrador seduz o leitor, tornando irrelevante a classificação do gênero narrativo, aguçando substancialmente o imaginário daqueles que se atraem ou não pela narração a lê-la, sendo ela romântica ou não.

Já Normando Melo (2010) traz a reflexão de que a temática da fome nem sempre foi uma questão para Castro, embora tenha sido uma ideia obsessora, tampouco surgiu como um desenvolvimento linear de sua produção intelectual, com isto, justifica a necessidade de construir a relação do intelectual com o seu tema, “dando a ver os mediadores que se interpuseram neste percurso” (p.3). Dessa forma, apresenta-nos não apenas o Josué da fome, da geografia da fome e de homens e caranguejo, mas o Josué apaixonado por cinema, poesia, literatura e pelas artes em geral, mas sempre em defesa da “arte comprometida”

(Silva, 1998) que retrata a realidade do povo brasileiro. Não acreditava na neutralidade nem da ciência nem da arte, para ele a função de ambas era o engajamento social.

Segundo Melo (2010), a afinidade de Castro com as artes e a cultura fica explícita nos inúmeros artigos que dedicou ao tema e na sua atuação como construtor institucional do combate à fome, influenciado pela liberdade da expressão artística do modernismo, o que é evidenciado nos seus contatos de amizades com:

“Mário de Andrade (com o qual se correspondeu por longos anos), Cecília Meireles (com quem escreveu a já referida *A Festa das Letras*), Rachel de Queiroz (a quem dedicou o *Geografia da Fome*), Lula Cardoso Aires (que ilustrou a primeira versão do mesmo *Geografia da Fome*), Cândido Portinari (que fez um retrato seu, presente na obra *O Drama Universal da Fome*), Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto e Cícero Dias, para citar apenas os brasileiros” (Melo 2010, p. 4).

Melo (2010) ainda sinaliza que pelo cinema Josué tinha uma atração ainda mais forte, retratando o episódio em que os seus escritos chamaram a atenção de dois dos grandes nomes do neorealismo italiano: Roberto Rossellini e Cesare Zavattini. Ambos estavam envolvidos no projeto de filmagem do “Geografia da Fome”, projeto de Castro que acabou não concretizando. Entretanto, a relação intensa com o cinema não acabou com o projeto. Castro se deu conta que o cinema poderia ser o meio de divulgação e conscientização geral sobre o tema da fome. À presidência da Ascofam, a partir de 1958, conseguiu viabilizar a realização de três filmes. O primeiro deles, intitulado “O Drama das Secas”, um documentário de curta-metragem dirigido pelo brasileiro Rodolfo Nanni com roteiro do próprio Josué de Castro que também aparece no filme. O segundo filme *Le cri* (O grito), também roteirizado por Josué, seguindo a estratégia narrativa empregada em “O Drama das Secas”, mas apresentando a fome como uma linguagem universal, a partir do cotidiano de uma família peruana pobre e sua experiência de desnutrição. O último “Tempestade sobre o mundo”, um documentário sobre a má distribuição de alimentos. O roteiro não é de Josué de Castro, mas o argumento do filme é inspirado na sua obra, retomando a fome em sua expressão universal, sendo uma produção menos ambiciosa do que

aquela pretendida no projeto de Zavattini/Rosselini. Por fim, Melo (2010) concluiu que, de fato, a temática da fome é a pedra fundamental da sua obra, sobre a qual ele constrói a narrativa mítica de sua identidade intelectual.

Diferentemente das abordagens literárias sobre a obra “Homens e Caranguejos”, Melo Filho (2008) traz uma análise da linguagem empregada pelo autor para compreender a metáfora estabelecida no título da obra. Inicialmente, Melo Filho aponta os aspectos positivos acerca do mangue (poética de sua existência de Castro) presente na obra, mas não considerando o mangue como um elemento paradisíaco e sim, revelando que há quatro olhares semânticos do autor para esse ambiente:

- 1) O mangue como ancestral do Recife – Recife nascida do mangue. Embora a cidade deseje apagar os indícios desse nascimento, o mangue teima em se reproduzir;
- 2) O mangue como fábrica de vida e exemplo de equilíbrio ecológico – vegetação, fauna;
- 3) Mangue como fonte de conhecimento sobre a fome: 3.1. Conhecimento científico – lugar que lhe explicou a origem do mal que aflige a humanidade; 3.2. Conhecimento pedagógico – lugar que o ensinou sobre geografia e nutrição; 3.3. Conhecimento político – lugar que denunciou as precárias condições de vida, planejou, executou ações.
- 4) Mangue como lugar dos excluídos sociais, terrível monstro que com seus tentáculos prendiam homens, excluindo-os da cidade para lhe sugar o corpo e alma, transformando-os em “homens-caranguejos”.

Para Melo Filho (2003), a emergência da metáfora homem-caranguejo, morfologicamente formado por dois substantivos, ocorre semanticamente por transferência de nome por semelhança de sentido e por transferência de nome por contiguidade de sentido. Esse homem-caranguejo atolado no mangue apresenta-se sugado pela necessidade da existência, da sobrevivência, alienado das forças da essência humana, integrada pelo trabalho, sociabilidade, consciência, universalidade e liberdade. O homem caranguejo está mergulhado

na vida cotidiana comprometendo fundamentalmente a conservação/reprodução de sua vida, não mantendo uma relação consciente com a genericidade. Nesse caso, não poderia ser considerado um sujeito pleno de suas atividades cognitivas. São homens, trabalhadores das fábricas, que vivem na perversa lógica de vida de salários indignos, que mal dá para alimentar-se, faminto ficam presos à miserável vida cotidiana.

Na revisitação do mangue, a partir do encontro de Chico Science com Castro, há uma atualização e recriação da metáfora, pois o mangue transborda e ganha o asfalto e, por isso, os homens-caranguejo se transformam em caranguejo-com-cérebros, homens universais com antenas para o alto, uma abertura para genericidade humana, denominação referida pelo Movimento Manifesto do Manguebeat (Melo Filho, 2003).

3.2. Pensamento Social em Saúde

Além dos estudos de cunho mais memorialísticos, a obra de Josué de Castro é considerada por um grupo reduzido de estudiosos da Nutrição ou/e da Saúde Coletiva/Pública como ferramenta para compreender uma determinada realidade e intervir sobre ela, apontando a relação entre a criação das Políticas Sociais de Alimentação e Nutrição e a trajetória intelectual de Castro, concedendo-lhe um lugar de destaque na questão alimentar, lugar, primordialmente, concedido aos médicos e cientistas da nutrição estrangeiros. Dentre estes estudos destacamos: Solange L'Abbate (1983; 1988; 1989), Eronides Lima (1997; 1998; 2009); Rosana Magalhães (1997); Francisco Vasconcelos (1999; 2001; 2002; 2005); Ricardo Abramoway (1996; 2008), Nísia Trindade Lima e Maria Letícia Galluzzi Bizzo (2009; 2010; 2011). Esses autores enfatizam Josué de Castro como principal interlocutor da discussão sobre eugenia, raça e alimentação. O que cabe aqui frisar é que, estes autores não problematizam o silêncio de sua obra, partem do pressuposto de que a trajetória de sua vida pública contou com obstáculos e inflexões que representaram continuidades e descontinuidades, entretanto, isso não foi suficiente para anular a expressiva repercussão de sua obra (Bizzo et al, 2009).

Para melhor detalhamento das discussões nesta categoria “Pensamento Social em Saúde”, subdividimos os trabalhos selecionados nas seguintes temáticas: Pensamento social em saúde propriamente dito; História da nutrição; Josué e as políticas sociais de alimentação; e Atualidade do pensamento de Josué de Castro.

3.2.1. Pensamento social em saúde propriamente dito

Foram classificados treze (13) estudos, sendo oito (8) artigos; três (3) teses e dissertações e dois (2) trabalhos apresentados em eventos científicos. São os estudos que apresentam interpretações sobre a realidade brasileira, a partir da situação de saúde da população, nesse caso específico, a situação alimentar, especialmente, a partir das concepções da nutrição no pós-guerra. Ao inscrever-se na história da saúde, a nova ciência da nutrição traz consigo as ideias de Castro, que foi um dos sistematizadores deste campo do saber, tanto as científicas como aquelas voltadas para as políticas. Estas últimas referem-se ações de promoção de uma alimentação racional para o povo como condição vinculada à construção da identidade e do Estado nacional e da modernidade.

Para os estudiosos desta subcategoria (Bizzo et. ali, 2009; 2010, 2011) (Trindade Lima, 1998); Magalhães (1997); Lima (1997, 1998; 2009), o pensamento de Castro marcaria no Brasil a aproximação entre a biologia e a sociologia, pondo em diálogo o biológico e o social no pensamento social brasileiro e na saúde pública. O autor seria partidário do sanitarismo desenvolvimentista, corrente marcada por um ideário nacionalista e que considerava que a saúde da população dependia do nível de desenvolvimento econômico, o que requeria transformações econômicas e propiciariam melhor distribuição das riquezas, pré-requisito para saúde (Bizzo apud Campos, 2006, p. 260).

Bizzo e Lima (2009) analisam elementos centrais do pensamento social e da ação política de Josué de Castro, entre os anos 1930 e 1950, problematizando a sua construção do conceito de fome, a partir de fontes primárias, escritos de Castro, e fontes publicadas por autores contemporâneos, complementado com levantamento historiográfico no período de sua atuação

como deputado e fundador de entidades contra a fome. Assim como Rosana Magalhães (1997), as autoras identificam na obra de Castro categorias que também estão presentes no conjunto do pensamento social brasileiro: as de monocultura latifundiária colonialista semifeudal, de Estado irracional e de defesa do público sobre o privado. Entre ideias convergentes com as da nutrição internacional, está a preocupação com a alimentação coletiva sob o aspecto biológico-social.

Para Bizzo e Lima (2011), a produção científico-intelectual de Castro tornou-se possível, especialmente, devido ao cenário de construção do Estado e foi marcada pelas relações do cientista com instituições, poder público e organismos internacionais, mantendo uma relação dialética com o Estado que vai tomando diferentes conformações ao longo da trajetória do cientista. Estas relações se efetivam com a incorporação de Castro ao aparelho de Estado e com a convergência de determinados objetivos, possibilitando a criação de órgãos e políticas alimentares, em uma época em que o próprio Estado arregimentava esforços para o seu fortalecimento. Estes esforços, entretanto, serão dissolvidos e culminam com a completa dissociação de ambos com o golpe militar.

No artigo “O projeto civilizatório do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil - INUB, Bizzo e Lima (2010) analisam a Revista Arquivos Brasileiros de Nutrição, no período de 1944-1960, para pontuar o papel do INUB como espaço de reflexão científico-política que pregava a garantia da alimentação pública como meio de elevar o Brasil a condição de país moderno, em contraposição ao Brasil atrasado, com milhares de pessoas na linha da pobreza e da miséria. As autoras apresentam como tarefa central do INUB a formação médico-nutrólogo e nutricional, bem como a realização de pesquisas com a alimentação para planejamento de uma educação alimentar racional para construção de um Estado nação no Brasil.

Lima (1997; 1998; 2000) explora a questão sobre educação racional alimentar em Castro, a partir da tese defendida pelo autor nos anos de 1930-1946, a saber, a tese “mal de fome e não de raça”. Em seu estudo, cujo objetivo principal consistiu na investigação da gênese e constituição do campo da educação alimentar no Brasil, a autora sugere que a tese “mal de fome e não de

raça” demonstra o intenso diálogo de Josué de Castro com o pensamento social brasileiro, fazendo-o superar a visão mecanicista de ciência. Para tanto, a autora analisa dois períodos dos estudos de Castro: 1) 1934-1939 – estudos classificados como bases científicas para a educação alimentar racional, dentre os textos destaca “Alimentação e raça (1935) e Problema de alimentação no Brasil (1934) e, 2) 1940-1946 – período caracterizado pela síntese e definição dos marcos conceituais da política social de alimentação e da ciência da nutrição e conceituação de fome. A análise é realizada a partir do vínculo entre o biológico e social estabelecido por Castro nos seus estudos.

Corroborando com a perspectiva de que o pensamento social brasileiro foi um dos grandes interlocutores de Castro, Magalhães (1997) divide o pensamento de Castro em três períodos: primeiro, nos anos de 1930-1946, no qual enfatizava a temática da identidade nacional; segundo, 1946-1964, no qual predomina a questão do desenvolvimento nacional; e terceiro, 1964-1973, no qual se destacam o humanismo socioambiental de Castro.

No artigo “Quantidade, qualidade, harmonia e adequação: princípios-guias da sociedade sem fome em Josué de Castro”, Lima (2009) novamente anuncia a interligação entre a perspectiva biológica e social, a partir da imbricação de dois elementos alimentação e sociedade. Assim, como Melo (2010; 2012), a autora enfatiza que há uma variedade temática pelas quais Castro transitou, entretanto, parte do entendimento, com o qual concordamos, de que o núcleo de sentido da obra de Josué de Castro é fome e alimentação. É a partir desse núcleo, que Lima (2009), revela como o nosso autor introduziu os princípios da dietética moderna, ao mesmo tempo em que desvendava a fome e a subalimentação, com vistas à construção de uma política alimentar nacional, dando visibilidade à dinâmica entre fome e alimentação como parte intrínseca da distribuição espacial do poder, assim, esses elementos estariam imbricados e configurando um dos meios de compreensão de determinada sociedade.

Para realizar o entendimento desta imbricação no pensamento castrino, a autora parte da assertiva de Carneiro (2003) de que “A história da fome é interligada com a história da abundância” para discutir os princípios-guias de uma sociedade sem fome em Josué de Castro, considerando essa a proposta

mais revolucionária do nosso autor. Isto porque, ao estruturar uma sociedade sem fome, o autor visou encontrar uma razão estrutural que organizasse os diversos fatores envolvidos na produção da fome, realizando um diálogo interdisciplinar, apresentada na tríade fome, alimentação e sociedade, retirando os obstáculos que o impediam de eliminar a questão da relação entre o biológico e o social e apostando que para concretização dessa sociedade era necessário a realização de uma economia humanizada⁶³, baseada nos princípios-guias alimentares:

- 1) Quantidade – aumento da produção mundial de alimentos por meio da aplicação das áreas cultivadas, contando-se com os novos recursos da ciência agrícola, colocando dessa forma a agricultura a serviço da Saúde Pública.
- 2) Qualidade – uma produção com diversidade no plantio e com respeito ao solo e a saúde da população.
- 3) Harmonia alimentar e social – a harmonia entre a quantidade e qualidade de alimentos estaria indissociável ao acesso de outros bens de necessidade e dignidade para a emancipação humana.
- 4) Adequação – alimentação respeitando as culturas locais.

Esse modelo de sociedade, segundo Bizzo (2012), não ficou no âmbito nacional, mas foi fomentado, influenciado e sendo influenciado, pela política internacional de alimentação e de melhoria das condições de vida. Esta política estava pautada numa agenda internacional voltada para relação de saúde, nutrição e planejamento político, exibindo distintos pontos de contato com a agenda da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). A FAO foi criada em 1945 com a finalidade de promover, em nível mundial, o combate à fome, a elevação dos padrões de vida das populações pobres e o aumento da produção de alimentos e foi dirigida por Josué de Castro meados dos anos 1950. As práticas e políticas de alimentação da FAO contribuíram para modificar a maneira como a comunidade internacional, os

⁶³ Conceito que abordaremos no capítulo 4.

governos e a comunidade científica passaram a lidar com a problemática alimentar. Desse modo, Bizzo situa o pensamento social de Castro, na chave entre a tradição nacional e ciência internacional, tendo em vista que seu conceito de fome sofreu influência de um repertório de ideias internacionais e nacionais.

3.2.2. História da Nutrição

São estudos que apontam a influência de Josué de Castro na formação e sistematização do campo da nutrição. Boa parte dos estudos foi realizada por Vasconcelos (2001; 2002; 1999), que data a emergência da ciência da nutrição no Brasil nos anos 1930-1940. Para ele, a emergência ocorreu como parte integrante do processo de modernização, implantação e consolidação do capitalismo urbano-industrial.

No texto “Fome, Eugenia e Constituição do Campo da Nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves”, Vasconcelos (2001) traz à tona o surgimento do campo científico da nutrição, a partir de uma breve trajetória intelectual de Gilberto Freyre (1900-1987), de Josué de Castro (1908-1973) e de Nelson Chaves (1906-1982), procurando examinar como as temáticas fome e eugenia constituem categorias centrais de suas abordagens, expressando pontos de divergências e convergência entre os autores em torno do processo de constituição do campo de nutrição em Pernambuco. Para Vasconcelos, os três possuíam contextos históricos convergentes, mas formação sociocultural distintas. Freyre e Chaves vinculam-se à aristocracia agrária, mantida economicamente e politicamente pela monocultura da cana de açúcar na Zona da Mata de Pernambuco. Já Castro identifica-se com a classe média urbano-industrial emergente. Freyre era formado em Ciências Políticas e Antropologia pelos Estados Unidos (1917 a 1922) e teve como principal influência a escola culturalista de Franz Boas; Castro e Chaves eram formados em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, respectivamente, em 1929 e 1930. Josué de Castro influenciado pela escola do nutrólogo argentino Pedro Escudero, ligado à corrente da nutrição social, e pelo geógrafo francês Vidal de La Blanche e Nelson Chaves pela fisiologia e endocrinologia britânica.

As conclusões que Vasconcelos apresenta-nos foram de que tais autores teriam como ponto comum a ideia de que há um problema alimentar no Brasil que não tem relação direta com a raça, sendo esse problema, déficit alimentar, acarretado pelo sistema econômico social baseado na monocultura latifundiária escravocrata, e ligado a determinadas condições geográficas, tais como solo, clima, pluviosidade, que contribuíram para formação de um padrão de consumo e dos hábitos alimentares da sociedade colonial brasileira. Entretanto, Castro diverge na conclusão de Freyre de que os mais bem alimentados se encontravam em duas classes antagônicas: o senhor e o escravo.

Para Castro (1947), além dos interesses econômicos subjacentes na ação do senhor de engenho em abastecer o escravo de maior teor energético, não havia preocupação com o fornecimento dos alimentos protetores, responsáveis pela manutenção. Além disso, com a abolição da escravatura, essa parcela da população constituíram os homens livres dos centros urbanos, agravando ainda mais a situação alimentar do país.

Já Castro e Chaves eram de correntes opostas no campo da nutrição, entretanto, suas divergências não se deram por isso, mas pela disputa de poder no campo científico da nutrição em Saúde Pública. Divergência em torno do uso da mucunã vermelha na alimentação no sertão nordestino (1946-1949). Para Chaves, a mucunã não deveria ser consumida pelo sertanejo por apresentar certo grau de toxicidade. Este fato foi comprovado em sua pesquisa química e experimental com semente de mucunã, observando que causava morte em ratos e pombos após a ingestão. Nelson constatou que o mucunã tinha elevado teor protéico, mas com medíocre valor nutritivo, sendo necessário a continuidade dos estudos. A conclusão de que o mucunã seria perigoso para alimentação, contrariava os estudos realizados por Castro, que desejava distribuir farinha de mucunã adicionada a outros nutrientes para melhorar a alimentação do sertanejo (Vasconcelos, 2001).

Em “Arquivo Brasileiro de Nutrição”, Vasconcelos (1999) analisou a história da nutrição no Brasil a partir da revisão de 209 artigos originais publicados pelos arquivos brasileiros de nutrição. Para tanto, utilizou-se de análise quanti-qualitativa, buscando resumir tanto os conteúdos temáticos

abordados com o perfil dos autores do artigo. O conteúdo e o perfil dos autores são classificados de acordo com as perspectivas da ciência da nutrição: a perspectiva biológica – fruto de pesquisas de laboratório que têm como ponto comum a utilização de método de determinação do valor nutritivo dos alimentos nacionais que eram subdivididas em nutrição clínica, nutrição dietética, e a tecnologia de alimentos; e a perspectiva social, que analisava a alimentação como problema de saúde pública, enfatizando que só a partir de uma alimentação racional, seria possível valorizar a raça e construir o homem e forjar a nação.

Essa última perspectiva caminhou como matriz teórico-conceitual sobre a problemática alimentar e nutricional brasileira, que unificará os intelectuais do campo da nutrição em torno do criador, Josué de Castro. Com isso, Vasconcelos (1999) caracterizou dois grandes momentos do arquivo de nutrição:

- 1) 1930-1946 – tese do mal de fome e não de raça para construção da ação e do homem brasileiro, sintetiza as concepções de cunho nacionalista que caracterizam o campo da nutrição no Brasil;
- 2) 1950-1960 – Maior politização em suas concepções acerca da gênese, reprodução e enfrentamento da fome, subalimentação da população brasileira – teoria nacional desenvolvimentista (1950-1960).

3.2.3. Josué de Castro e as políticas sociais de alimentação

São estudos que traçam as políticas públicas de alimentação a partir da trajetória de vida pública de Josué de Castro. Autores que, no geral, evidenciam que a história da nutrição no Brasil se confunde com as políticas sociais de alimentação, pelo fato de Castro ser fundador, diretor, influenciador da criação ou participante dos primeiros órgãos públicos brasileiros voltados para a questão alimentar nacional. Neste caso, selecionamos seis (6) artigos e duas (2) teses e dissertações.

L'Abbate (1983; 1988; 1989) foi uma das primeiras estudiosas a sistematizar a trajetória das políticas sociais de alimentação no Brasil em dois

períodos distintos de 1940-1964, apresentando os primeiros instrumentos da política de alimentação no Brasil, sob a influência de Josué de Castro e, o segundo momento, nos anos de 1970-1980, sem a participação de Josué de Castro. Seguindo a mesma diretriz de estudos, Vasconcelos (2005) traz uma análise histórica de Vargas a Lula, de 1930-2003. Para tanto, o autor realiza três recortes transversais:

- 1) 1930-1963 – primeiros instrumentos da política social, delineadores sob a influência de Josué de Castro e seus pares;
- 2) 1964-1984 – incorporação de técnicas de planejamento nutricional ao econômico conduzida pelo INAN;
- 3) 1985-2003 – busca de graves dilemas sociais, substituição da palavra fome.

Em cada corte investigado, procurou-se identificar e descrever os programas de alimentação e nutrição e evidenciar as suas principais características. Para o autor, os primeiros instrumentos específicos de política social de alimentação e nutrição foram instituídos ao longo da Era Vargas (1937-1945).

Casari et al (2011), em seu estudo, analisam o problema da fome e da segurança alimentar e nutricional brasileira através dos fatores históricos, econômicos e geográficos implicados nessa questão. Os autores partem da análise conceitual de fome proposta por Josué de Castro, passando pela discussão da evolução do conceito de segurança alimentar e nutricional para analisar estes conceitos na perspectiva do Programa Fome Zero, especificamente, o Programa Bolsa Família, principal política pública para a promoção de segurança alimentar no país.

3.2.4. Atualidade do pensamento de Josué de Castro

Neste grupo estão os estudos que pontuaram a atualidade do pensamento de Castro, apresentando analogias com os dados estatísticos sobre a situação alimentar do Brasil, além dos boletins de pesquisas organizados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Encontramos neste subitem apenas

três artigos.

Nesta subcategoria analítica, Abramovay é um dos principais representantes com seus estudos sobre a situação alimentar mundial, partindo da assertiva de Josué de Castro de que o mundo contemporâneo não está ameaçado por uma escassez global pela disponibilidade alimentar, apesar de existir uma associação nítida entre fome e oferta alimentar. Entretanto, essa associação é estabelecida por uma economia deficiente e pouco humanizada. Além disso, o problema do abastecimento e distribuição de alimentos não pode ser baseado, como era o caso da Revolução Verde, no aumento da produção e da produtividade, mas também na participação das regiões e das populações que ficaram, até aqui, à margem das formas dominantes de progresso técnico na agricultura. Com base nessas premissas, pontuam-se as principais discussões apresentadas por Castro que permanecem como problemas atuais para o desenvolvimento agrícola adequado:

- a) queda da oferta agrícola;
- b) uso de fertilizante: desgaste do solo e não reação das plantas;
- c) competição pela água e em função do consumo humano e industrial;
- d) confusão conceitual entre fome e pobreza;
- e) falta de conhecimento sobre o meio ambiente natural.

Desse modo, Abramovay (2008) parte do entendimento de que o mais importante na obra de Josué de Castro, não é o tema fome, sobre o qual se debruçou durante toda a sua carreira científico-política, e sim o método que empregou para estudá-la, perpassando um dos grandes temas atuais, a abordagem socioambiental. Além disso, pontua que as ciências sociais contemporâneas desenvolveram-se de costas para o mundo natural, as duas vertentes que se voltaram para o estudo integrado entre sociedade e natureza foram a Antropologia Física e a Ecologia humana, e nesse sentido, não seria por acaso que Castro tenha ocupado a cadeira de Antropologia Física nos anos 1930 e 1940. Assim como os estudiosos da perspectiva do pensamento social em saúde, Abramovay também cita o diálogo estabelecido por Castro entre o

biológico e o social, natureza e cultura, pensando de forma articulada a vida social e a reprodução do ambiente natural em que se apoiam, incluindo aí a natureza do próprio homem, seu corpo.

Dessa maneira, considera o método geográfico ecológico empregado por Castro como importante não apenas para estudar as regiões onde se manifesta a fome, mas como chave de leitura dos principais problemas alimentares que se anunciam para o século XXI, que exigem uma compreensão refinada dos vínculos entre sistemas sociais e sistemas ecológicos, para a qual a obra de Josué de Castro é uma inspiração fundamental (Abramovay, 2008).

Fontana et ali (2014) problematizam a aproximação dos dados e relatos sobre a situação alimentar no Brasil, apresentada em Geografia da Fome (1946), com os dados de Insegurança Alimentar da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio – PNAD/2004. Para tanto, são tensionados os conceitos de fome e de insegurança abordados, estabelecendo como fome a impossibilidade material de adquirir bens necessários para manutenção da dignidade humana, adotando a concepção castrina de que fome não é apenas caracterização nutricional e fisiológica, ela é a expressão biológica do fenômeno social. Já o conceito de insegurança, estabelecido pelo IBGE/PNAD, é apresentado como sensação de ansiedade e desconforto pela falta de comida, ou seja, diretamente associada a uma questão quantitativa, uma condição física, que ocorre pela, na maioria das vezes, pela falta de condição financeira para adquirir alimentos.

3.3. Síntese da produção sobre Castro

Como enfatizou Vandek (2008), ainda há muito para se produzir sobre a obra de Josué de Castro, mas, talvez, já caiba afirmar que não há um esquecimento como observado entre o golpe militar de 1964 e o final dos anos 1990. Entretanto, em nossa análise, esse esquecimento ainda deve ser problematizado, merecendo pontos de reflexão, tendo em vista que o número de pesquisadores e estudiosos são reduzidos se comparado a outros intérpretes do Brasil. Além disso, alguns dos autores, que levantamos em nossa revisão

bibliográfica, escreveram sobre o nosso autor apenas nos períodos de homenagem ao autor - no cinquentenário da obra *Geografia da fome* (1996-1997) e no centenário de nascimento de Josué de Castro (2008-2009). Sem mencionar que a maioria dos artigos científicos encontrados é síntese de dissertações ou teses e foram republicados em formato de artigos, mas inicialmente publicados em eventos científicos.

E, aqui, não problematizamos a pesquisa bibliográfica secundária, sobre fome e segurança alimentar e nutricional no Brasil, que apenas cita Josué de Castro como estudioso da fome sem estudar sua obra. Geralmente, são estudos que foram elaborados após 2003, dada a homenagem, realizada pelo governo petista, que consistiu em tornar Josué de Castro patrono das políticas sociais, colocando-o como slogan do governo no projeto de combate à fome no país, a exemplo de outros governos na América Latina como Jose Mujica, Presidente do Uruguai (03/2010 a 03/2015), e Fernando Lugo, Presidente do Paraguai (2008-2012). Assim como Luiz Inácio Lula da Silva, esses presidentes, ao tomarem posse e ao longo de sua trajetória de governo, parafrasearam a frase de Castro para anunciar a proposta política e ideológica: “A metade da população não dorme por estar com fome e a outra metade com medo de quem está com fome” (Castro, 1958)⁶⁴. Esta frase viralizou nas redes sociais como frases de Lula e, posteriormente, como sendo de Mujica.

Sendo assim, este estudo parte do pressuposto de que “costumeiramente, ele [**Josué de Castro**] é muito falado, mas pouco lido e discutido” (Carvalho, 2008, p. 160), como intérprete do Brasil. Ainda estamos na fase de revisão de sua vida e obra sem nos aprofundarmos em estudos epistemológicos de seu legado, por termos sempre que abordá-los para públicos e pessoas que nunca leram sequer um de seus livros, artigos, crônicas, contos e romance.

Embora pareça contraditório, após um mapeamento das ideias sobre Castro, afirmar que há lacuna sobre os estudos produzidos, devemos pontuar que “é absolutamente normal diante de uma obra vasta e multidisciplinar como

⁶⁴ Frase explanada no documentário *Le Cri (O grito)*. – “No mundo de hoje, separamos os homens em dois grupos: o grupo dos que não comem (a grande maioria), mas que têm consciência de que sua fome é produto da injustiça social, e o grupo dos que comem até demais, mas já não dormem com medo da revolta dos quem não comem”

foi a do autor” (Nascimento, 2002) que perpassou:

- Arte, quando escreveu ainda muito jovem sobre o cinema e mais tarde quando escreve o romance Homens e Caranguejos, além de sua obra ser marcada por um estilo bastante literário;
- Medicina, Endocrinologia e Nutrição, quando da sua formação em Medicina e da época em que clinicava;
- Psicologia, principalmente quando trata do tabu da fome em nossa sociedade ocidental e da Teoria Pavloviana para explicar as consequências psíquicas da fome;
- Geografia Humana, com temas como migração, estudo geográfico das línguas e religiões, habitação, demografia, taxa de mortalidade, controle de natalidade, a cidade do Recife, Nordeste como área geográfica, econômica, social e cultural, indo posteriormente para os temas do Terceiro-Mundo e da América Latina;
- Antropologia, quando trabalha a questão da raça e da cultura alimentar do nordestino, como as proibições alimentares por exemplo;
- Ciência Política, quando luta pelo estabelecimento do salário mínimo, quando representa o Estado de Pernambuco na qualidade de Deputado Federal e quando surge o golpe de estado em 1964;
- Ecologia, tratando da Amazônia e mesmo quando participou, em 1972, do primeiro simpósio promovido pela ONU para discutir o meio-ambiente em Estocolmo (Suécia);
- Economia, principalmente as consequências do capitalismo para os países menos desenvolvidos;
- Relações Internacionais, quando trata da geopolítica da fome e questões afins como guerra, desarmamento e paz;
- Epistemologia, principalmente a questão da racionalidade e da multidisciplinaridade;
- Educação, especialmente com relação à organização das universidades até porque durante muito tempo de sua vida trabalhou como professor universitário;
- Sociologia, com desenvolvimento e subdesenvolvimento (inclusive desenvolvimento sustentável), pobreza e exclusão social, juventude como geradora das grandes transformações sociais em 1968, Reforma Agrária, a seca nordestina, entre outros (Nascimento, 2002, p.25-26).

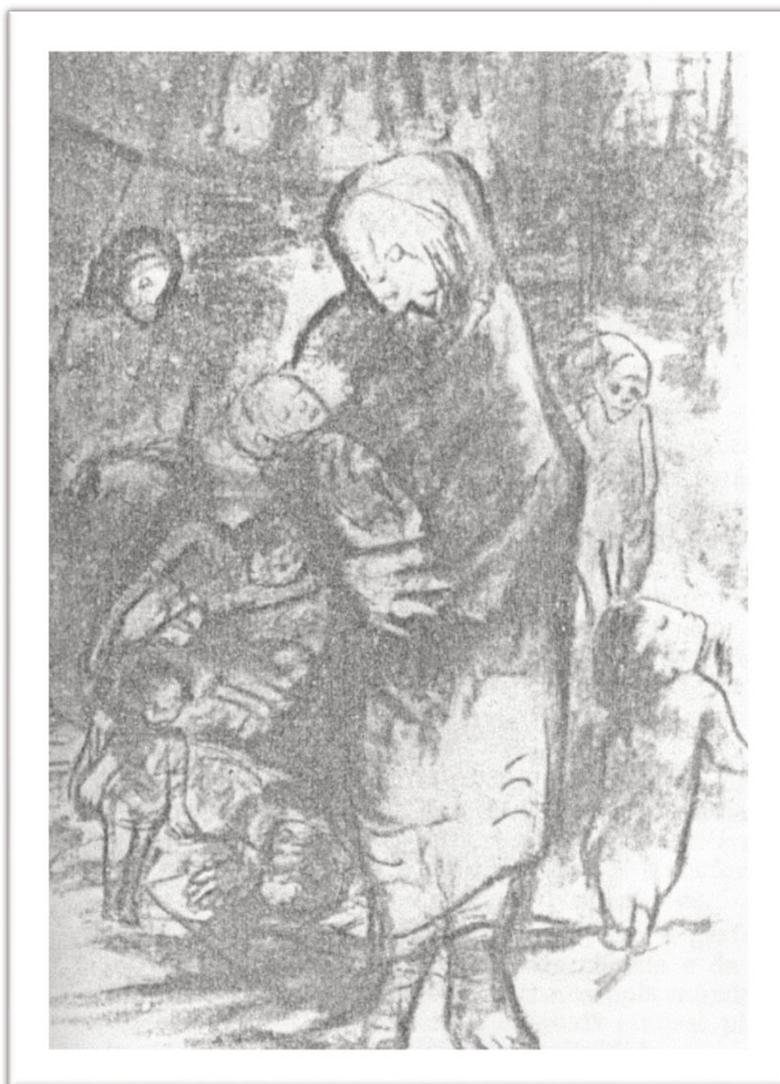


Figura 5. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.107
Pintora: Anna Kindynis

CAPÍTULO III

4. Josué de Castro e o Pensamento Social brasileiro

Josué de Castro é um autor controverso no debate intelectual brasileiro, oscilando entre o reconhecimento na construção de instituições científicas e políticas para formulações e ações de combate à fome e o esquecimento de seu legado intelectual nos debates acadêmicos como intérprete da realidade social brasileira, especificamente no campo disciplinar do pensamento social brasileiro.

Como apresentamos na seção anterior, para seus estudiosos, Josué de Castro está indissociável e indiscutivelmente presente no palco do pensamento social brasileiro (Arruda, 1997). Entretanto, na hierarquia dos intérpretes brasileiros encontra-se no rol dos “esquecidos”.

Esquecidos porque pouco lidos e pouco lidos porque pouco estudados, e pouco estudados [...] porque a história do pensamento social brasileiro é excludente, [...] e omite a importância de alguns autores, independente da obra que escreveram ou do que fizeram em vida (Aguiar, 2000, p. 15).

Aguiar (2000) parte da prerrogativa de que há disponível uma grande quantidade de artigos, teses e livros sobre determinados pensadores sociais brasileiros como, por exemplo, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Silvio Romero, Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes, dentre outros, com estudos merecidos sobre os mais diferentes aspectos dos seus legados intelectuais. Em relação a outros intérpretes, tão importantes quanto esses, a bibliografia existente é escassa, com enormes lacunas, como por exemplo, no que se refere aos estudos sobre Celso Furtado, Guerreiro Ramos, Roquete-Pinto, Arthur Ramos, Manuel Bonfim, para apontar alguns nomes. Entretanto, o caso de Josué de Castro foi o que mais chamou a atenção de Aguiar, por haver, segundo ele, apenas duas ou três referências críticas sobre seu pensamento de Josué de Castro.

O espanto de Aguiar deu-se ao realizar as pesquisas para publicação da obra “Manoel Bonfim, o rebelde esquecido” (2000). Neste livro, Aguiar desenvolve um conceito de “hierarquia de relevância” pautada no “capital social” de Bourdieu (2002, 2003, 2005), que explicaria a escolha de dados personagens e que fatalmente condenaria outros ao esquecimento (Silva, 2010).

Significa, por exemplo, que o ato de escrever sobre os chamados ícones do pensamento social brasileiro, como os já citados Gilberto Freyre, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, transformou-se, no meio intelectual brasileiro, numa demonstração explícita da competência de quem soube escolher a quem estudar e sobre quem escrever. [...]. Os autores

pouco citados (pouco citados porque pouco estudados) são ditos, em geral, como autores de menor ou pouca relevância, embora em áreas intelectuais específicas ainda possam desfrutar de algum tipo residual de prestígio. São os casos de Guerreiro Ramos e Josué de Castro, autores que já se encontraram próximos ao esquecimento. Prova disso é que poucos estudiosos se aventuram a lê-los – e, mais que isso, a escrever sobre eles. São autores que pela posição que ocupam na hierarquia de relevância não chegam a transmitir renome acadêmico àqueles que os elegeram como tema de estudos, teses e ensaios (Aguilar, 2000, p.16).

Aponta-se que o ostracismo da obra de Josué de Castro deve-se ao Golpe Militar de 1964, momento em que teve seus direitos políticos subtraídos, integrando a primeira lista dos cassados da ditadura, ao lado de João Goulart, Jânio Quadros, Miguel Arraes, Darcy Ribeiro, Francisco Julião, Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola, Neiva Moreira, dentre outros (Silva, 1998; Tandler, 1994), quando teve seus livros banidos das prateleiras das bibliotecas das universidades e das escolas brasileiras (Silva, 1998; Santos, 2001; Silva, 2010). Como nos relata Tânia E. M. Silva:

[...] Por causa disso, do nome dele estar na primeira lista, uma coisa me chamava muito a atenção. Eu ainda era estudante de graduação, e via nas portas das livrarias em São Paulo, aqueles cestos de livros para vender a qualquer preço, e ali estavam as coletâneas de Josué de Castro, amarradas com barbante, jogadas assim, a cinquenta centavos (o que seria hoje o real, nem sei). Então, isto me chocou muito, por quê? Eu refletia, vai para o lixo para não se perder. Mas, durante a minha formação [1973-1976], também na Universidade de São Paulo, não se lia Josué de Castro, já no ano de 1979, Josué de Castro não estava mais na relação de autores lidos. Então, quando eu fui fazer o doutorado, e quando antes, fiz o mestrado eu recorri a Josué de Castro, por causa de um dos temas que perpassou minha pesquisa de mestrado: a questão da alimentação, estudando comunidades rurais. Li e reli Josué de Castro para entender um pouquinho dessa coisa da cultura da pobreza, alimentação etc. **Mas, passou, será? [grifo nosso]** (Silva, 2008)⁶⁵.

Como já sinalizamos, a produção sobre o legado intelectual de Castro está

⁶⁵ Entrevista realizada por Evaneide de Melo e Lailson F. da Silva publicada na Revista Eletrônica Inter-Legere, n. 03, jul./dez., 2008.

em crescente expansão no campo de conhecimento das Ciências Sociais, da Geografia e da Nutrição, áreas que lideram as discussões. Em geral, são produções de um grupo de autores reduzidos, militantes do pensamento castrino, que tentam trazer a importância do nosso autor para interpretação do Brasil. São produções marcadas por aspectos memorialísticos com objetivos de reavivar a obra de Josué de Castro do ostracismo acadêmico.

Sendo assim, continuamos com a assertiva de que as produções com posicionamento crítico e epistemológico de seu legado intelectual ainda são escassas e apresentam lacunas que precisam ser exploradas no debate público atual da sociedade brasileira, sobretudo, no campo da medicina e da Saúde Coletiva. Mas, como estudiosos de seu legado, esperamos avançar debates públicos e acadêmicos que realizamos sobre o Brasil através de releituras de Josué de Castro sem ter que iniciar o debate convencendo nossos leitores da sua importância e respondendo a pergunta: Quem é/foi Josué de Castro?

Darcy Ribeiro, nos anos 1990, revelou indícios do esquecimento da obra castrina, após retornar ao Brasil depois do Golpe de 1964:

Ninguém tem ideia hoje da importância da influência de Josué. Na década de 1950 e 1960 a importância dele era tão grande que havia cinco personalidades importantes da humanidade, que deviam estar reunidas quando a ONU fizesse alguma coisa, ou quando ocorresse alguma coisa importasse ao gênero humano. Entre essas pessoas três eram indispensáveis: Lord Boyd Orr, Bertrand Russel e Josué de Castro. Era normal que Josué fosse convidado porque internacionalmente Josué era considerado admirável.

Incrível é o seguinte: Os livros dele são de extrema atualidade, só que os brasileiros deixaram de ler os brasileiros. Quando eu voltei do exílio e reassumi minha Cátedra no instituto de Ciências Sociais, eu conversei com estudantes de filosofia que nunca haviam lido os filósofos brasileiros. Quer dizer, na casa onde estes filósofos escreveram sua cátedra. Não sabiam porque era proibido falar de Brasileiro, quer dizer... de Josué de Castro ninguém falava. Quer dizer quando a universidade tem que cultuar o pensamento dela, ela tem a bobagem a babaquice de fazer coisas para um mestre estrangeiro. É como colocar um tijolo na cultura francesa, que não precisa desse tijolo que despreza quem quer fazer isso. Os tijolos de Josué eram para construir uma visão inteligente do Brasil e solidária com o povo brasileiro. [...] Então na verdade a obra de Josué é uma obra que pode ajudar os brasileiros a se assumirem como povo orgulhoso de si, orgulhoso de sua mestiçagem, orgulhoso de suas

características e um povo capaz de apresentar seu projeto próprio (Ribeiro, 1994).

Como nos revela Ribeiro (1994), Silva (1998) e Cândido (1999), antes do Golpe Militar de 1964, seus primeiros textos, principalmente depois da publicação de Geografia da Fome (1946), e todos os subsequentes, sobretudo, Geopolítica da Fome (1951) e O Livro Negro da Fome (1960), tiveram grande impacto na geração de 1950 e 1960. Essas obras promoveram o debate público e influenciaram as produções acadêmicas acerca de uma realidade incômoda, a constatação de que há na sociedade brasileira alto índice de miserabilidade e de exclusão social, suscitando a questão reveladora de sua postura acerca do papel do conhecimento e do pensamento na produção de ações políticas voltadas para o combate das mazelas sociais.

Quem tem a minha idade, ou pouco menos, ainda lembra que nas escolas dos anos 20, 30 e 40 a palavra de ordem era apresentar o nosso país como terra prometida, onde havia o necessário para todos e ninguém morria à míngua. Homens como Josué de Castro trouxeram à tona a triste realidade e levaram as concepções educacionais a serem mais realistas, porque ficou impossível esconder aos jovens a triste verdade. Ora, sem o conhecimento da verdade não se muda nada (Candido, 1999, p.6).

Ribeiro (1994) e Candido (1999) nos chamam atenção para o fato de que a obra de Castro, envolta do debate sobre a nossa desigualdade social, possui uma lucidez para explicar as questões sociais e políticas acerca da nossa modernidade, que até então estavam sendo travadas, como nos revela Jessé de Souza (2006), sob a fragmentação do conhecimento e a fragmentação da realidade. Para Souza (2005), essas fragmentações ocorrem porque nosso pensamento social brasileiro é conservador e foi produtor de uma inversão especular da realidade brasileira. Grosso modo, essa inversão especular produz ideias que parecem ser singulares e contrapostas ao pensamento conservador, mas não são. Por vezes, tais ideias promovem um espectro da nossa realidade a partir de ideias vindas de fora, produzindo uma sociologia brasileira “inautêntica” (Souza, 2000), sociologia que Josué de Castro classificava como

não comprometida e ocultista da nossa realidade. Herbert de Souza, o Betinho (1935-1997) em depoimento sobre Josué de Castro nos revela a concepção ao ocultismo à brasileira:

Porque o Brasil tem essa característica curiosa de ocultar, é o país mais ocultista do mundo. Ele oculta seus grandes problemas. Gosta de exibir suas vantagens. Só recentemente que o Brasil está mostrando sua cara, mas nessa época 1950 e 1960 era muito ufanismo no país – os hinos, as festividades, as celebrações, o oficialismo era tudo ufanista e a Ciência social acompanhava um pouco esse padrão e vem Josué e diz: Não! Tem fome no Brasil! Tem fome no mundo e no Brasil. Essa é uma questão em si mesma que tem que ser confrontada, tem que ser enfrentada. Eu acho que esse foi o primeiro momento. Depois mais recentemente com fome e miséria, a gente logo lembrou, nós não lembramos de dois nomes: O Josué na **[questão]** fome e o Dom Helder na **[questão]** miséria. (Betinho, 1994)

O debate de Josué de Castro indicava que as nossas instituições sociais deveriam mudar, mas as instituições personificadas não queriam ser mudadas. Obviamente, como o retrato de nossa realidade social nos mostra, foi uma luta quase que solitária, poucos autores ousaram com tanto afinco a intervir nessa realidade. Talvez isto explicasse o “insucesso” de sua empreitada de construir um projeto de desenvolvimento econômico humanizado. Essa era sua procura e seu desafio, acreditava que essa reconstrução esclareceria a produção social dos miseráveis e excluídos socialmente, que ele tanto procurava entender em sua gênese e reprodução. Parafraseando Souza (2005), talvez o fracasso relativo da tentativa de Castro nos ajude a continuar a perseverar no seu esforço de captar a especificidade de nossas sociedades na busca por alternativas para uma sociedade com justiça social.

Não é nosso objetivo tecermos uma análise sobre a inautenticidade da sociologia brasileira, pressupondo que a produção do conhecimento brasileiro seja a mera repetição das ideias exógenas, mas testar nosso pressuposto formulado a partir das ideias de Jessé de Souza (2000), de modernidade seletiva e sociologia da inautenticidade, e sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos (2002), a saber de que há questões presentes na obra castrina

capazes de gestar atualmente uma crítica descolonizadora no pensamento social brasileiro, que nos inspira a crer no projeto de humanidade que seja capaz de superar os reais danos impostos historicamente pela lógica modernidade-colonialidade. No seu contexto e em seu tempo, Josué de Castro nos mostrou ser isto possível, quando ao nível do pensamento, articulou interpretações para realidade brasileira e atividades no interior do aparelho de Estado e de organismos internacionais, tornando possível no plano prático, a tradução de suas ideias em ação.

A longa introdução deste capítulo justifica-se porque queremos apresentar dois limites analíticos presentes nesta tese, de um lado, a afirmação de que a obra de Castro não tem a devida atenção nos debates acadêmicos e públicos, e, por outro lado, apontarmos que o descortinar da sua obra possibilita o entendimento de nossa sociedade atual. Para tanto, abordaremos inicialmente a sociologia comprometida de Castro e seu debate com a “sociologia oficial”, suscitando questões sobre o papel do intelectual em Castro. Acreditamos, como Souza (2000), que uma das formas de homenagear uma obra científica seja a partir do diálogo crítico com um autor lúcido. É esse diálogo que tentaremos estabelecer com a obra de Josué de Castro.

4.1. Sociologia oficial

Para Bastos (2011), várias questões atualmente elucidadas nos debates acadêmicos e públicos sobre a realidade social brasileira foram, de diversas formas, objetos de reflexão dos autores brasileiros ao longo dos anos: a problemática da emancipação, o direito à diferença, os limites da liberdade, do reconhecimento e da exclusão social foram temáticas recorrentes sobre a formação de um projeto nacional no cenário de colonialismo, escravidão, sucessivos processos antidemocráticos e extrema desigualdade na distribuição de renda. Devido às transformações sociais mundiais, o pensamento social brasileiro vem colocando estas mesmas questões sob outra ótica, conduzindo à produção de novas categorias analíticas que buscam apreender os fenômenos sociais em suas singularidades. Entretanto, concordamos com a assertiva da autora de que, tal discussão não poderá ser realizada sem considerar os debates

anteriores. Obviamente, tomando em consideração o cenário atual, as continuidades, descontinuidades dessas questões.

Como enfatiza Ribeiro (2011), não se quer com isso reservar aos nossos “clássicos brasileiros” o status de oráculos, capazes de desvendar o nosso presente, afinal todos os nossos intérpretes são homens de seu tempo e, como tais, refletiram e reproduziram o contexto sociocultural vivenciado, mesmo que, talvez, a interpretação da realidade social não fosse tão autêntica ou singular como a maior parte desses autores a percebia, mas não deixam de ser clássicos pela repercussão social que operaram. Se pensarmos no caso Josué de Castro, academicamente, sua obra não se encontra, como já afirmamos, no panteão dos clássicos⁶⁶.

Entretanto, no campo da própria sociologia, é passível a ocorrência da acusação de que revistar estes intérpretes seria produzir narrativas históricas datadas, distantes de análises teóricas e epistemológicas e mesmo da “imaginação sociológica” de maior interesse para estudos sociológicos atuais. Entretanto, como assinala Maia (2011), o processo de descentramento teórico que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas na sociologia fornece aos estudos do pensamento social brasileiro um instigante posicionamento frente a tais acusações. Esse descentramento refere-se ao conjunto de textos e trabalhos que questionam o fundamento eurocêntrico da sociologia e afirmam a necessidade de se levar em conta lugares de discursos intelectuais tidos como alternativos e/ou “periféricos” (Maia, 2011).

Partimos do entendimento de que os debates anteriores, que são considerados ultrapassados, continuam enraizados no constructo simbólico ambíguo, não-resolvido, construído a partir do ideário da democracia social e racial e do constructo do Estado patrimonialista. Estes debates nos obrigam a exercer o descentramento para nosso autoconhecimento e reconhecimento da nossa sociedade tal como ela se apresenta, sem cópias padronizadas de culturas externas a nossa.

⁶⁶ Sobre o tema dos clássicos na literatura, na sociologia e na sociologia da saúde consultar o recente trabalho de Nunes (2015)

Este é o debate estabelecido por Souza (2000) com seu conceito de sociologia inautêntica e modernidade seletiva. Souza seleciona a obra de três autores (Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda e Roberto DaMatta) para tecer suas críticas e construir seus conceitos. Das críticas elaboradas por Souza selecionamos duas, direcionadas a Gilberto Freyre e Sergio Buarque, por serem contemporâneos de Josué de Castro.

Souza (2000) acusa Freyre de ser o grande construtor da forjada identidade nacional⁶⁷ dos brasileiros modernos e Sérgio Buarque, o sistematizador da sociologia brasileira inautêntica, por dar continuidade ao constructo idealizado da nossa realidade, quando aparentemente tecia crítica com seus conceitos de homem cordial e patrimonialismo à brasileira, criando um palco propício para a Sociologia oficial no Brasil. Isto não significa que Souza não reconheça que o pensamento social brasileiro identificou nossas mazelas sociais, mas, para ele, por vezes, naturalizou nossa desigualdade social, maquiando a realidade brasileira.

Gilberto Freyre (1933), a partir de um paradigma explicativo semelhante àquele do “*culture and personality*”, dominante na sociologia e antropologia norte americana da primeira metade do século XX, partiu de uma perspectiva culturalista sem adequada vinculação com a eficácia de instituições fundamentais. Neste sentido, a “cultura” operou como uma entidade homogênea, totalizante e autorreferida, para ressaltar o equilíbrio harmônico social brasileiro, enfatizando uma ideologia de apagamento das diferenças.

Este tipo de concepção de sociedade sempre é acompanhado ou presidido por uma hierarquia moral, onde cada pessoa, grupo ou classe tem o seu lugar. Com esta concepção não houve, como os pressupostos dela já supunham, discussão de igualdade política e econômica, mas uma naturalização

⁶⁷ A discussão da identidade nacional não foi inaugurada com Freyre, mas podemos afirmar que consolidada. No final do século XIX, autores como Silvio Romero e outros tradicionalistas, além de Manuel Bonfim, Oliveira Martins e Nina Rodrigues, dentre outros participaram da discussão de raça com enfoques diferentes cada um, mas com a perspectiva de construir um Brasil diferente. Nas primeiras décadas do século XX, entra em pauta além das questões da mestiçagem e da organização nacional com Alberto Torres e Oliveira Vianna. O livro Casa Grande & Senzala nasce como uma reação as ideias de Oliveira Vianna e como composição e reação a toda mentalidade cristalizada da época.

das nossas desigualdades sociais, transformando-as em uma segunda pele da nossa vida cotidiana, um resíduo de nossas origens “pré-modernas”. O que não deixa dúvida de que a preocupação era perceber formas de integrações harmônicas de contrários, comunicação recíproca entre diferentes, sejam essas diferenças entre culturas, grupos, gêneros ou classes, como se a diferença pudesse ser amparada com arestas.

Obviamente, as ideias não governam o mundo sozinhas, ao mesmo tempo em que o mundo não é governado sem elas. Não foi apenas com a simples leitura de *Casa Grande & Senzala*⁶⁸ que os brasileiros se reconheceram e foram dominados pela falácia da democracia social e racial na perspectiva de que somos tolerantes com o outro, respeitando os diferentes e as diferenças. Este ideário democrático, ambigualmente positivo, construído contra o racismo americano, produziu uma maquiagem que encobria as imperfeições de uma modernidade singular, gerando um processo de modernização “epidérmica” (Souza, 2000).

Dito de outra forma, Gilberto Freyre conseguiu o que talvez outros autores não conseguiram, moldar uma identidade que fosse ambígua, instrumentalizada institucionalmente e absolvida por cada um de nós como parte de nossa personalidade individual, na medida em que as ideias de democracia social e racial se ligaram aos interesses econômicos da elite e passaram a ser ensinadas nas escolas, nas igrejas, no samba enredo de carnaval, este último também com patrocínio do Estado. Para Souza (2000), este ideário tomou de assalto a sociedade brasileira, servindo para atender a pragmaticidade de um mito nacional e, como tal, não tem pretensão de verdade, pois é um mito, que evita conflitos e aproxima e homogeneiza as diferenças.

⁶⁸ Considerado um grande clássico do panteão dos intérpretes brasileiros, cumprindo todas as prerrogativas analisada por Jeffrey Alexander (1999): fundador da ciência social brasileira; bastante criticado e lido como uma obra desafiadora no campo de conhecimento; permitiu que compromissos gerais sobre nossa realidade social fossem discutidos sem a necessidade de tornar explícitos os critérios para sua adjudicação; Sintetizador de uma discussão teórica. Para Alexander (1999), clássico “é o resultado do primitivo esforço da exploração humana que goza de status privilegiado em face da exploração contemporânea no mesmo campo. O conceito de status privilegiado significa que os modernos cultores da disciplina em questão acreditam em poder aprender tanto com o estudo dessa obra antiga quanto com o estudo da obra de seus contemporâneos (p.24).

Como é sabido, a ideia de mitos nacionais não é privilégio do Brasil, cada país cria seus mitos para contar sua história, entretanto, o que questiona Souza (2011) é como as Ciências Sociais brasileira permitiram ter sido construídas em solo tão frágil, formando conceitos que até hoje dominam o debate acadêmico e público no país, sendo mais evidente nos debates políticos eleitorais, em que o “homem cordial” se apresenta não como produto econômico, mas também como produto da cidadania brasileira e o Estado como o grande vilão, causador de todos os males do país, absorto do nosso patrimonialismo.

Souza (2000) apontou que esse conceito de patrimonialismo foi retirado de Weber, que o exhibe dentro de uma visão cósmica na fusão entre cultura e natureza, não havendo, da forma como é apropriada por Sérgio Buarque de Hollanda, compatibilidade com a noção de direito formal nacional e sem calculabilidade de economia monetária desenvolvido com as relações sociais. Desse modo, o conceito foi transposto de modo a-histórico e hoje ainda o proclamamos como chave analítica para entender nossa sociedade, sobretudo, nossa cultura política.

Além disso, se temos relações patrimonialistas no âmbito do Estado, considerado corrupto por natureza diante do mercado virtuoso, como se explica sermos a oitava economia mundial, operada por um capital selvagem, agravador das desigualdades sociais? Tal ideia decorre de uma leitura distorcida da nossa realidade, que se perpetua, mantendo a ideia de que o Estado é a origem de todo mal e desvinculado da sociedade, ao negar claramente a relação intrínseca entre Estado e Sociedade.

Para Souza (2011), se nossas mazelas patrimonialistas estão presentes apenas no Estado, como o debate público continua a nos dizer, temos alguns problemas do tipo de proposição das alternativas que queremos, posto que: como criar proposições alternativas a partir de um ideal falacioso, considerando que a mentira social, socialmente moldada é uma meia verdade que tem o potencial de obscurecer e criar falsos conflitos? Desse modo, embora admita a óbvia importância imediata do debate estabelecido que país é esse? Souza (2000) acredita que tais análises refratam o foco da análise para aspectos superficiais e mais visíveis.

Essa miopia sobre o real, superficial, fragmentada, seletiva e acrítica que aponta para os efeitos e consequências dos problemas sociais brasileiros e não para sua causa, e as razões mais profundas, já haviam sido apontadas contemporaneamente por Josué de Castro e outros intérpretes do “rol dos poucos lidos”, que denunciavam que a visão descomprometida com a realidade fazia do Brasil um país de famintos, que empurrava para 1/3 da população a condição de exclusão e miséria, que, segundo Souza (2009), se produziu e se reproduziu durante todo o processo de modernização à brasileira, gerando a “ralé brasileira”.

4.2. Sociologia comprometida

Castro (1968d) apontava que esta naturalização da desigualdade não foi operada apenas pela elite política, mas também pela elite intelectual brasileira, que de forma disfarçada ou escancaradamente optava por aderir e justificar este ato. Ao colocar os óculos no menino do mangue que lhe puxava o casaco, Castro (1960) constatava que parte da nossa sociedade, mais numerosa e faminta, estava privada do direito primário: o de se alimentar. Para ele, a miopia da intelectualidade ou os óculos da ideologia dominante com seus interesses econômicos trabalhavam para esconder o fenômeno da fome, reprodutora da pobreza.

É essa função que toma para si quando objetiva descortinar o problema da fome/subalimentação e colocá-lo no centro do cenário político social brasileiro, procurando despertar os mais diversos setores sociais para uma consciência capaz de gerar e de valorizar planos de ações voltados para a efetivação de projetos de combate à fome. Neste sentido, a seu ver, era necessário que os homens de ciência buscassem não apenas razões morais, mas também razões políticas para desvendar o problema da fome no Brasil (Rezende, 2003). Para Castro há uma clara imbricação entre as ideias, a prática e as instituições sociais, não sendo possível pensar em transmissão de ideias sem os estratos condutores e correspondentes.

Ao abrir as cortinas do nosso país, para apontar que somos um país

famélico, Castro (1946; 1960; 1968a) não operou apenas no plano das ideias passageiras com afirmações frágeis de que é possível reverter a situação de miserabilidade da nossa nação por um decreto do estado, pelo contrário, apontou que a fome é um problema com várias ramificações aparentemente desarticuladas entre si, mas que estão estritamente vinculadas e, no nosso caso, complexificam-se dada a extensão territorial, as condições do homem tropical, a diversidade cultural do povo e a cultura política da elite brasileira. Sendo assim, os problemas sociais, tendo a fome como eixo central, não poderiam ser baseados numa relação masoquista entre senhor de escravo (bem alimentado) e os escravos (alimentado), ou simplesmente baseados na herança de nossos colonizadores como espelho a ser seguido. Era preciso dá dignidade a nossa gente.

Fato esse, constatado pelo autor e utilizado para justificar o seu argumento de que o processo de colonização e escravidão brasileira foi violento, como qualquer outra forma de escravidão, trouxe consequências socioambientais, sendo o fenômeno da fome observando tanto entre os senhores quanto nos escravos. Entre os escravos, a fome operou consequências devastadoras do ponto de vista moral, cultural e político, por serem claramente marginalizados, humilhados e privados de partilharem do banquete a ser servido e, como se não bastasse isso, por vezes, considerados culpados por não se sentarem à mesa do banquete da Terra.

Tal como Celso Furtado e outros autores que recepcionaram a obra de Mannheim no Brasil, Castro enfatiza em suas obras que a reflexão teórica, o pensamento produzido pelos intelectuais de uma sociedade, tem a incumbência de fazer com que a sociedade seja revelada em suas nuances fundamentais, em seus aspectos formadores e em sua constituição. O exercício da atividade intelectual tem de estar voltado para o desenvolvimento e para a sedimentação de uma perspectiva de mudança assentada na convicção de que cada sociedade deve criar os seus processos de mudança social. Desse modo, cabe ao intelectual o esforço para entender as situações e transformações sociais de sua época e como elas se processam interna e externamente, cabendo-lhe, então, um esforço de ação transformadora através de uma atividade intelectual que desvende as relações sociais e aponte caminhos para a ação prática (Rezende,

2004), tendo em vista que a obra intelectual tem como função a intervenção social (Castro, 1968d).

Entretanto, esta intervenção intelectual terá sempre um compromisso com o rigor científico, mas não com o “fanatismo do cientificismo estreito, detentor de verdades parciais e sempre temeroso de toda aventura da inteligência que possa alterar a disposição clássica” de ciência (Castro, 1968d, p.118). Mas um rigor científico que traduza especulações organizadas sobre a realidade, a partir de métodos produtivos que possam gerar ações propositivas sobre o real e não quadros pitorescos da realidade, fato que lhe chamou atenção sobre a formação da sociologia no Brasil nos anos de 1930 e que o levou a denominar de Sociologia pitoresca⁶⁹.

Neste texto, “Sociologia Pitoresca” (1968d), o autor critica certas formas de estudos sociológicos, questionando-se como a sociologia havia se alastrado repentinamente, despertando leitores nas diversas camadas sociais. A sua conclusão foi a de que estudos produziram uma ditadura pitoresca dentro do quadro ecológico da sociologia brasileira, que nem sempre exprimiram as “linhas verdadeiramente marcantes de um povo, de uma coletividade, de uma área cultural”, pintando a paisagem cultural como exótica para “inglês ver” (1968d, 138).

[...] Acontece, porém, que o método é tentador e sobretudo fácil e acessível, o que explica em parte sua utilização em larga escala por inúmeros discípulos. Com o método fácil e sucesso garantido, embora fugaz, estava assegurada a proliferação da nova escola sociológica. Por sua parte o público ajudou de boa vontade. Tinha encontrado pela primeira vez um enorme sabor em assuntos de ciência, coisa em geral árida e insípida. E começou a se embebedar de sociologia, sem se perceber dos perigos da bebedeira. [...] Os criadores do método sabem quanto vale a sua sociologia mas continuam a usar o método porque é de sucesso garantido (Castro, 1968, p.136)

Estas críticas revelaram as fortes divergências existentes com Gilberto Freyre, especialmente, em relação às condições de vida, habitação e

⁶⁹ O Texto Sociologia pitoresca foi publicado pela primeira vez em 1935 e incluindo na coleção “Ensaio de Biologia humana”.

alimentação da sociedade brasileira. Embora Castro admita que Freyre tenha abordado com certa inteligência tais temáticas, para ele, porém, o autor de *Casa Grande & Senzala* havia se utilizado mais de aspectos pitorescos do que propriamente científicos, acusando-o de anticientífico, por falta de profundidade nas análises.

Bem verdade que as trocas de acusações foram recíprocas e iniciaram-se em 1932, com a tese de Livre-docência “O problema fisiológico da alimentação no Brasil” defendida por Castro pela Faculdade de Medicina do Recife e publicada em 1933. As ideias apresentadas neste estudo são fortemente contestadas por Gilberto Freyre em “*Casa Grande & Senzala*” (1933). Para nós, a acusação de Freyre estava voltada para o plano da divisão de saberes, um médico de formação não poderia abordar com tanto afincos problemas socioculturais.

Inteiramente errado, a nosso ver, o Sr. Josué de Castro no seu trabalho *O problema Fisiológico da Alimentação Brasileira*, Recife, 1933 — no qual chega, aliás, do ponto de vista fisiológico e através da técnica mais recente na sua especialidade, às mesmas conclusões gerais que o autor deste ensaio, pelo critério sociológico e pela sondagem dos antecedentes sociais do brasileiro, isto é, “muitas das consequências mórbidas incriminadas aos efeitos desfavoráveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas básicos do regime alimentar” — quando considera os alimentos ricos de carbono os “de aquisição mais barata pela sua abundância natural, num país agrícola como o nosso”. “A alimentação intuitiva, habitual, das classes pobres, trabalhadoras”, acrescenta, “está, sob este ponto, de acordo com os fundamentos fisiológicos”. Procuramos indicar neste ensaio justamente o contrário: que a monocultura sempre dificultou entre nós a cultura de vegetais destinados à alimentação. Do que ainda hoje se sente o feito na dieta brasileira — na do rico especialmente na do pobre. Nesta o legume entra raramente; uma fruta ou outra, a rapadura ou o mel é servido, a rigidez do regime do brasileiro pobre: farinha, charque e bacalhau. O feijão é luxo [...] (FREYRE, 1933, p.65)⁷⁰

Na tentativa de esclarecer o equívoco, e muito contrariado, Josué de

⁷⁰ Nas edições subsequentes de *Casa Grande & Senzala*, não se encontra o equívoco a que Josué de Castro refere-se neste trecho: “os alimentos ricos de carbono”, existe uma correção para hidrato de carbono.

Castro respondeu no Jornal Diário da Manhã, em 3 de fevereiro de 1934:

Não critico Sociologia e não me faço de sociólogo. Apenas o trabalho que me refiro é um trabalho médico-científico e tendo Gilberto, sem ser médico, o comentado à maneira de sociólogo, eu também sem ser sociólogo falarei do livro dele como médico. [...] criticando esse trabalho, Gilberto Freyre diz que, em conjunto concorda com ele, chegando às mesmas conclusões que cheguei, mas que há um ponto, um detalhe, um pedaço onde estou inteiramente errado. [...] Preferia que discordasse do trabalho todo, chegasse a conclusões opostas e daí deduzisse que as minhas estavam erradas [...] Não há quem não sinta alegria quando, publicando um trabalho é bem compreendido por um camarada inteligente, mesmo quando se trata dum assunto técnico e o camarada não é técnico, é só um inteligente. Nunca falei em alimentos ricos em carbono, e sim em hidratos de carbono. Coisa inteiramente diferente. Os hidratos de carbono não são mais ricos em carbono do que as albuminas e as gorduras como deve ter pensado o sociólogo e por isso, feito a confusão. Para que não fiquem dúvidas, transcrevo o pedaço de minha tese que foi alterado: - na nossa alimentação deve-se estabelecer uma cota de hidratos de carbono por várias razões. Exponho duas razões de ordem biológica e chego à terceira de ordem econômica: - ainda há uma razão de ordem econômica; é que são esses os alimentos de aquisição mais barata pela sua abundância natural num país agrícola como o nosso. [...] Diz ainda que há legumes pensando que são eles ricos em hidratos de carbono – não são não – são bem pobrezinhos, contêm apenas 5 a 10% dessa coisa. Diz que não há quase carne nem fruta que também são fontes abundantes de hidratos. E afirma que o regime habitual é de rapadura, mel de furo, farinha de mandioca, charque e bacalhau. [...]; portanto, o regime de acordo com que eu disse, com fundamentos fisiológicos. Agora, como se explica sem estranheza que Gilberto Freyre com a sua decantada cultura sociológica, com o seu espírito profundo e com admirável intuição dos fatos sociais tenha cometido toda essa confusão, toda essa embrulhada? É que essa questão não se apreende por de intuição nem com uma leitura de afogamento dos grandes mestres (CASTRO, Jornal Diário da Manhã de três de fevereiro de 1934).

Josué de Castro aprofunda as suas críticas questionando-se sobre como pode Gilberto Freyre, que cita autores consagrados na área da Nutrição, não conhecer alguns conceitos básicos de Química e de Biologia que lhe permitiriam penetrar minimamente nestes assuntos especializados, chegando até a diferenciar proteína de albuminoides como sendo duas coisas diferentes, quando são a mesma coisa. Além disso, Josué de Castro interroga-se como se pode afirmar que os negros são mais bem alimentados do Brasil.

Tratando da alimentação dos escravos ele **[Freyre]** diz: “sua abundância em milho, toucinho e feijão recomenda-a como regime apropriado ao duro esforço exigido do escravo agrícola”. Ora esse regime que o sociólogo julga racional é capaz de matar por deficiência até um inativo quanto mais um escravo forçado a trabalhos exaustivos. Onde, neste regime se encontram albuminas de alto valor biológico contendo ácidos aminados indispensáveis ao equilíbrio nutritivo?

Para Castro, Freyre faz uma abordagem inteligente em *Casa Grande & Senzala*, na medida em que mostra a importância da influência negra na formação socioeconômica, sobretudo, no que se refere a diversidade alimentar e seus cultivos, despertando para intrínseca relação entre alimentação e sociedade, além de despertar interesse pelo problema do negro. Cabe notar que tanto Castro quanto Freyre, ao utilizarem-se do enfoque cultural, socioeconômico e geográfico, chegam a pontos comuns, como, por exemplo, que o nosso padrão alimentar é deficiente e instável. Entretanto, Castro atribuiu esta conclusão também ao fato de que a Saúde Pública teria provocado uma mudança nos estudos sociológicos, ao dar valor aos processos biológicos, às condições gerais de vida e de higiene como fatores sócio- antropológicos (Schappo, 2008)

Já se vai tornando frase feita entre os modernos sociólogos de que o homem é fraco no Brasil e o Brasil pobre no mundo por falta de alimentação adequada do seu povo e de outros requisitos de higiene coletiva. Com todo o exagero que contenha esta afirmativa tomada assim rigidamente sem uma certa prudência científica, ela é bem mais salutar ao país do que a afirmativa retórica dos antigos discursos políticos de que – O Brasil é um país feliz onde ninguém morre de fome (Castro, 1937 apud Schappo, 2008, p. 74).

Entretanto, o grande erro de Freyre, o que demonstrava a fragilidade da sua interpretação, estava em concluir que os mais bem alimentados do padrão alimentar brasileiro se encontravam em duas classes antagônicas: o senhor de engenho e os escravos. Isto significaria que as demais camadas sociais dentro do regime econômico, os homens livres, constituídos por mestiços e caboclos, apresentavam maior déficit no consumo de alimentos. Para Castro, relacionada

aos interesses econômicos, subjazia na ação do senhor de engenho a necessidade de abastecer o escravo de maior teor energético. Não havia preocupação com o fornecimento dos alimentos protetores do organismo, isso fazia com que as senzalas fossem espaços de afecções, avitaminoses, tuberculose e tantos outros males. Além disso, a monocultura açucareira e o latifúndio foram as grandes causas da problemática urbana, aliás, de todo o país.

O nosso autor ressalta que esse descompromisso assumido por Freyre continuou em *Sobrados e Mocambos* (1936), ao descrever a importância dos mocambos como valor nacional, tal como Josué de Castro, entretanto, Freyre se esqueceu de analisar que tais construções são locais, esquecidas pelo poder público, e que são habitações construídas em locais inapropriados para higienização, com aglomerado, e fruto do êxodo rural causado pelo agravamento da fome da população açucareira e do sertão:

Com toda a sua primitividade, o mucambo é um valor regional e, por extensão, um valor brasileiro, e, mais do que isso, um valor dos trópicos que só agora o europeu e o norte-americano vêm redescobrimdo e encontrando neles valores e não apenas curiosidades etnográficas ou motivos patológicos para alarmes. O mucambo é um desses valores. Valor pelo que representa de harmonização estética: a da construção humana com a natureza. Valor pelo que representa de adaptação higiênica: a do abrigo humano adaptado à natureza tropical. Valor pelo que representa como solução econômica do problema da casa pobre: a máxima utilização, pelo homem, da natureza regional, representada pela madeira, pela palha, pelo cipó, pelo capim fácil e ao alcance dos pobres (Freyre, 1967, p. 37-38).

Castro considerava os mocambos como verdadeira senzala remanescente, que revelava a produção e reprodução das desigualdades sociais, para além da poesia das manifestações socioculturais realizadas pelos negros e mestiços, seus principais habitantes. Para Castro, o emprego do método sociológico, sem conhecimento integral do problema mediante pesquisa sistemática, gerava distorções que nada contribuiriam para solução dos nossos problemas, pelo contrário, mostrava-se o desserviço intelectual descomprometido com a nação. Para ele era necessário a criação de uma Sociologia Comprometida.

Cabe enfatizar que as aproximações e afastamentos da obra de Castro com Gilberto Freyre revelam uma das principais características do legado intelectual de nosso autor, o diálogo intelectual com diversas tendências e atores “sem uma filiação que o limitasse a determinada perspectiva”, desenvolvendo um legado marcado por convergência, divergência, renovações e singularidades em relação ao pensamento emergente em sua época, com intuito de revelar as práticas de uma ciência engajada. Ao eleger a temática da fome como objeto de estudo, Castro revelou sua perspectiva de ciência engajada e o papel dos intelectuais, que seria não construir verdades absolutas universais, mas possibilidades de elaborações e planejamentos para a construção de uma sociedade equitativamente mais justa.

Claramente, podemos perceber na obra de Castro, no que diz respeito ao debate entre alimentação, saúde e sociedade, não apenas dois tempos de sua obra, mas sim três momentos distintos e dialógicos entre si, que se comunicam e avançam na direção da compreensão da produção da pobreza no Brasil. O primeiro momento corresponde à tese “Mal de fome e não de raça” (1930-1940); O segundo momento de consolidação da ciência da nutrição (1940-1946) e o último (1946-1960), fase em que o autor consolida as bases do seu pensamento em relação à desigualdade social à *brasileira*. Arriscaríamos um quarto momento, no início dos anos 1970, relacionado à questão socioambiental, da qual não trataremos neste estudo.

4.2.1. “A tese mal de fome e não de raça” e a construção da nacionalidade

Em seus estudos sobre a fome, Castro (1996) parte da assertiva de que “*A fome pode intervir como força social, capaz de modificar a conduta e o comportamento do homem, agindo, assim, em consequência, como um fator de desajuste entre indivíduos, povos e nações*” (53-4). Esta lógica operada por Castro, inicialmente, nos anos de 1930, leva-o a elaborar a tese “mal de fome e não de raça”, apresentando rupturas, continuidades e descontinuidade com o debate brasileiro no final do século XIX e início do século XX, colocando em pauta as bases científicas da alimentação racional para explicação de

determinados males sociais. Na verdade, essa tese, em suas prerrogativas, tornou-se um marco na história da ciência da Nutrição, que assume o debate de fome/subalimentação, antes analisado como questão apenas de higienização pelos médicos sanitaristas (Lima 1997; 1998; 2000).

Para Castro, o descompasso para compreensão dos males sociais brasileiros estava no empirismo superficial praticado por alguns “homens cultos, que escreveram coisas de sociologia e de história sobre o Brasil, segundo ele, “heresias com ares inabaláveis” (Castro, 1968d, p.115), sem caráter sistematizador para aproximar teoria e prática. Além disso, os estudos estavam dispersos num momento que não havia um campo para que o saber sobre a temática alimentação, saúde e sociedade ganhasse autonomia. Dava-se assim, a urgência que Castro apontava de formar um campo da nutrição brasileira.

Por isso, como bem enfatizado por Lima (1997), o elo de continuidade com o debate anterior, iniciado no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, sob influência das ideias de Goubineau de superioridade da raça ariana pura e o determinismo do meio, dominaram o debate público. Castro (1968d) alertou que nem todos os debates desse período se deviam às heresias como essas; estudos como de Roquette Pinto (1884-1954), Manoel Bonfim (1864-1932), Alberto Torres (1865-1917) e Capistrano de Abreu não absorveram estas ideias preconceituosas e, segundo Castro, arcaicas:

Não há mais povos formados de uma só raça, mas sim, pelo amálgama de variados fatores étnicos que as invasões e as emigrações trabalharam através da história. No campo da verdadeira ciência, em todos os países em que o homem de ciência tem liberdade de afirmar os resultados de suas investigações, foram, de há muito destruídas a decantadas lendas do arianismo puro e superior (Castro, 1968, p. 118).

Além disso, Josué de Castro ressaltou que o mal social que nos atinge, fome/subalimentação, também atinge outros países com “clima não tão tropical como o nosso e onde não se processou um caldeamento com a raça” (Castro, 1968d, 116).

Desse modo, o elo de continuidade com o debate anterior foi estabelecido

com base na reinterpretação dessas análises. Isso porque, “Mal de fome e não de raça”, contribuiu para a passagem da antropologia física para antropologia cultural, retirando o processo de meio e raça da discussão genética, afastando da doutrina de Goubeineau e aproximando da teoria culturalista de Franz Boas, difundida no Brasil por Freyre. Entretanto, como assinala Lima (1998), se a teoria cultural se afastava do biológico em direção ao social, estas dimensões se reencontravam ao atribuir como o mal social a fome/subalimentação e a necessidade da formação de uma educação racional alimentar. Essa educação alimentar seria sistematizada pela ciência da nutrição, que reconstituiu o biológico “como fator de evolução social em novas bases.

Essa reconstituição do biológico em direção ao social sofreu forte influência do Movimento Sanitarista da Primeira República, que concentrava suas ações na explicação de que o Brasil estava doente e que seria necessário torná-lo sadio se quiséssemos construir a nacionalidade, colocando como agenda pública central do país os problemas de saúde, qualificando como científica a natureza de sua proposta. Assim, os adeptos dessa proposta divulgaram uma nova explicação para as origens dos “males do Brasil” longe do determinismo racial e climático e próximo das ideias de Euclides da Cunha (1902), que trazia a constatação de que éramos um país dividido entre o Brasil real, “atrasado”, do interior, do sertão que sofria das mais variadas doenças causadas pela miséria, baixa produtividade, ausência de um projeto político para o povo, e o Brasil ideal, “moderno”. Desse modo, o movimento tentava romper com a visão romântica brasileira do século XIX de um sertão como um lugar propício a vida saudável e harmoniosa para dar lugar aos descompassos entre o Brasil urbano e rural (Lima; Hochaman, 1998).

Assim, claramente, podemos notar que essa é a fase em que os estudos de Castro apresentam um franco diálogo com o positivismo, concentrando-se no método mais fisiológico, a partir da distinção entre o normal (população bem alimentada) e o patológico (doenças carenciais), com a finalidade de agir sobre este último com ações racionais na tentativa de constituição de uma educação alimentar, para que o Brasil alcançasse uma dieta alimentar que pudesse modernizar o país e curar a patologia da fome.

Além do debate travado com o Movimento Sanitarista I, o pressuposto de Josué de Castro, “mal de fome e não de raça”, sofrerá forte influência dos romancistas nordestinos da geração de 1930, marcados por uma literatura crítica que procura desvendar realidade social brasileira. Com esses romancistas, enfatizaram-se as desigualdades sociais entre a casa grande e a senzala, à naturalização da problemática do Nordeste, sobretudo, em relação à seca, a questão do latifúndio e o processo perverso de modernização nas condições de vida dos trabalhadores no meio rural e urbano (Silva, 1998; Schappo, 2008).

Por isso, esta aproximação do diálogo entre a dimensão fisiológica/biológica com a dimensão sociocultural, embora no primeiro momento não se apresentasse tão óbvia, por perpassar dois tempos de sua obra (1930-1940 e 1940-1946), representava a tentativa de analisar a realidade brasileira a partir da relação estabelecida entre ambiente, sociedade, saúde e alimentação, compreendendo que o processo de saúde e doença tem relação com o meio, que, embora não determine, exerce influência sobre a saúde das populações.

Com isso, Castro forneceu modelos explicativos para o campo Ciência da Nutrição, indicando a temática fome/subalimentação como problema central passível de ser compreendido a partir de marco biossociológico e pela interseção realizada entre o método fisiológico e geográfico, primeiramente, como meio de mapear as doenças carenciais provocadas pela má alimentação⁷¹, e, posteriormente, como método capaz de tornar compreensível, a partir da delimitação e do entendimento de fatores sócio históricos, as causas desse mal e suas ramificações como produtores de desigualdade social (Lima, 1997; Magalhães, 1997).

Nunca é demais enfatizar que a relação biologista estabelecida pelo nosso autor, como já salientamos acima, não foi ilimitada e levada às últimas consequências, pois o aprofundamento de seus estudos vai construindo sistematicamente sua análise do social, e o caráter sobrepujante do biológico vai dando espaço ao debate diálogo com o social. O próprio autor fez questão de

⁷¹ Este mapeamento possibilitaria promover o planejamento de ações voltado para o cuidado coletivo e prevenção de doença para populações,

estabelecer tal ressalva:

A nossa formação de médico, com espírito moldado pela influência crítica e reveladora da experimentação biológica, nos levou sempre a analisar os problemas sociais dentro do critério de suas raízes biológicas, ou seja, da indagação dos fatores que através de um mecanismo biológico condicionam as suas expressões. Isto não significa, entretanto, a nossa adesão a uma nova escola de biologismo social, fazendo renascer aquele antigo conceito de que a sociedade é um organismo vivo regendo-se, dessa forma, pelas leis naturais reguladoras da vida. **Não é bem isso. A nosso ver, o social transcende, mas nem por isso se pôde eximir ou isentar das contingências ou bases biológicas que interferem na expressão dos atos humanos** [grifo nosso] (Castro, 1957, p.7).

Entretanto, ao apresentar a fome/subalimentação como fator social, *suus generis*, o biológico saltou como fator de evolução social, utilizando-se de expressões como a “máquina humana” em uma relativa analogia ao homem-máquina de Lavoisier. O homem passou a ser concebido como capital humano e, nesse sentido, ele precisava ser qualificado em sua resistência física por meio de uma alimentação racionalmente elaborada para que a nação pudesse atingir o desenvolvimento almejado. Com esse enfoque, nessa primeira fase de seus estudos, o caráter a-histórico, embora buscasse por mais diálogo com o pensamento social, escapava-lhe. Mas, como veremos, no conjunto da sua produção, fica evidente que a fome refletia um determinado gênero da vida, balizado em suas raízes nos limites da monocultura, que, desde o período colonial, afirmava-se como esteio do modelo de organização econômico-social (Lima, 1998). Claramente, com processos de continuidades com discussões travada com o pensamento social brasileiro, o enfoque social vai ganhando tons mais acentuados.

A construção do diálogo biológico com o social foi iniciada com a supracitada tese de livre docência em Fisiologia “O problema fisiológico da alimentação no Brasil” (1932), posteriormente publicada como “O problema da alimentação no Brasil” (1934)⁷². Esta versão incluiu as mudanças ocorridas no

⁷² Livro prefaciado pelo médico-nutrólogo Pedro Escudero.

campo da medicina e sistematizou as noções básicas da fisiologia para a compreensão do problema alimentar por meio da utilização de leis gerais “que a fisiologia estabeleceu pela relação entre estes fenômenos e as suas causas eficientes” (Castro, 1934, p.9), partindo da assertiva de que o reconhecimento dos problemas alimentares seria fundamental para compreender o problema social. Com isso, exaltou a necessidade da formação de uma educação racional alimentar como princípio elementar para constituição de um país de população sadia, componente básico da valorização eugênica. O pressuposto era de que “a alimentação era um dos fatores externos mais importante para contribuição de biótipos vitais” e para elevação dos índices vitais da raça.

Em “Alimentação e Raça” (1936), francamente estabeleceu o conceito de alimento como “substâncias exteriores que, utilizadas pelo ser vivo, mantêm o seu equilíbrio vital, seja pelo fornecimento de energia seja como força vital, seja como regulador dos processos nutritivos” (p.23), estabelecendo os constructos da racionalidade alimentar: quantidade, qualidade, harmonia e adequação dos alimentos. Constructos essenciais para o desempenho dos indivíduos. A não combinação destes constructos na dieta alimentar seria responsável pela falta de resistência às doenças infecciosas, pela incapacidade ao trabalho e pela baixa expectativa de vida, sendo o desequilíbrio da dieta alimentar ocasionado por dois fatores: o fator econômico, que atua claramente na produção da pobreza com salários miseráveis que são pagos aos trabalhadores, não podendo oferecer a sua família alimentação adequada; e o fator de conhecimento público sobre as bases da alimentação racional, contribuindo para piorar a situação alimentar no país. Este último fator atinge todos os níveis sociais.

Se apenas os pobres se alimentam mal, por falta de dinheiro, pobres e ricos comem mal, por ignorância completa do que seja comer” [...] Como não é possível dar dinheiro a todos os que ganham insuficientemente, será útil ensinar-lhes a utilizar o pouco que ganham, no uso de uma alimentação racional (Castro, 1936, p. 19).

Essa obra está dividida em duas partes. A primeira parte trata de ensinar as bases de uma alimentação racional e a sua importância na composição de

alguns alimentos, como: carne, leite, vitaminas, cereais e sais minerais na dieta nutricional diária. Na segunda parte, Castro se dedicou a apresentar o resultado do inquérito alimentar “As condições das classes operárias no Recife” (1932), onde se constata que o problema da ineficiência de trabalhadores era a fome. Além disso, esboça a necessidade de compreender a dieta alimentar do trabalhador rural a partir de inquéritos alimentares neste país, segundo ele, esquecido dos homens de ciência. Castro delimita, também, a importância da alimentação na escola, na infância.

Na segunda parte, explicitamente, Josué de Castro indicou a categoria trabalho como um dos fatores a ser investigado para se compreender o atraso brasileiro e as questões de fome/subalimentação, apresentando uma investigação sistemática baseada na metodologia de orçamento, qualidade de vida e padrão de consumo alimentar, realizada com operários de três bairros da cidade do Recife (Torre, Encruzilhada e Santo Amaro). As questões elaboradas buscavam captar o que essas famílias operárias comiam e quanto do seu salário era utilizado para alimentação, vestuário e habitação (foram aplicados questionários com 500 famílias, num total de 2.585 pessoas entrevistadas).

O resultado dessa pesquisa conferiu dimensão nacional a Castro, por ser extremamente inovadora na questão de trazer à tona a relação entre alimentação e salário mínimo, apontando que os operários não tinham poder de compra, visto que estes gastavam mais do que ganhavam. Só em alimentação gastava-se 71,6% do salário, o que obrigava o operário a viver sempre devendo, sem saldar jamais seus modestos compromissos, contraídos à força da necessidade de viver (Castro, 1968c). Mais que isso, além da insuficiência do salário para o consumo estrito de sobrevivência, a qualidade da alimentação era inadequada para a manutenção da saúde.

Essa sua hipótese contrariava a ideia da época, a saber, a de que os brasileiros pobres comiam pouco, mas comiam de forma suficiente para se manterem vivos e com saúde. Segundo Castro, isso era uma inverdade, dado que se contabilizasse a quantidade de albuminas, hidratos de carbono e outros nomes específicos da ciência da Nutrição, comprovariam que “só haveria uma maneira de alimentar-se pior do que: é não comer nada” (Castro, 1968c, p. 76).

A fome era o carro-chefe desta gente abandonada à própria sorte. A alimentação dessa população que se tornara operária era exclusivamente composta pela dieta de farinha com feijão e charque, café e açúcar, o que caracterizava falta de variedade de alimentos, baixíssimas taxas de consumo de calorias diárias, ausências de carboidratos, proteínas, cálcio e ferro. Para Castro, a fome do trabalhador gerava o ciclo vicioso da fome. “A máquina mal alimentada” produziria menos, ganharia menos, o que contribuiria para o processo de urbanização desordenado que aprofundava a crise alimentar e que agiria sobre a evolução social, impedindo o progresso do bem-estar da sociedade brasileira.

Em 1937, já no Rio de Janeiro, lecionando na cadeira de Antropologia Física, escreveu o livro “A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana”. Nesse livro, o autor extrapola a dimensão fisiológica e aproxima-se um pouco mais do método geográfico. Mostra as diferenças alimentares nas diversas regiões brasileiras, bem como os condicionantes sociais e econômicos que levam à carência alimentar, parcela significativa da população brasileira, propondo um padrão nutricional para cada região. Com os dados demográficos das carências alimentares da população por região, constatou que, além do trabalhador (homem adulto) alimentar-se mal, o tipo demográfico que o país apresentava era antieconômico, apresentando bons índices de natalidade, concluindo, portanto, que não haveria ausência de vitamina E, vitamina da reprodução, mas com elevada taxa de mortalidade infantil e alta taxa de mortalidade em geral. Por esse raciocínio, esse tipo demográfico caracterizava países com elevada taxa de pobreza e desigualdade social. Tal pressuposto foi equivocado por parte de Castro, que deixou de analisar os fatores históricos, deixando sobressair o método fisiológico em sua análise.

Em “Fisiologia dos Tabus” (1938), Castro, lapidando o método geográfico, que o auxiliava a transcender a dimensão biológica para a social, levando em conta os fatores históricos, analisou que as causas da dieta insuficiente, levantada na obra anterior, poderiam também estar relacionadas às práticas de interditos alimentares praticados pelos colonizadores, que prejudicaram uma educação alimentar saudável no país. Esses aspectos tiveram consequências significativas para a explicação da produção da má alimentação.

Tal questão de interdição e tabus alimentares foi explorada detalhadamente em *Geografia da fome*, em que pontua que os casos de interdições e tabus alimentares construídos pelo sistema econômico para manutenção de uma ordem escravocrata e cultural que perduram até nossos dias. Um dos primeiros casos ocorreu com frutas, ricas em vitaminas, sais minerais e proteínas, propícias ao clima e solo nordestino do litoral ao sertão, que foram interditas para uso de consumo, a exemplo, do caju e do coco, pela economia das zonas canavieiras para não prejudicar o cultivo da área territorial da cana-de-açúcar. Por esses motivos, essas frutas eram cultivadas apenas em pomares pequenos exclusivos das casas grandes, isto é, dos senhores de engenhos.

Outro fator, tão importante quanto esse, seriam os tabus alimentares que fizeram parte dos hábitos alimentares como forma de policiamento moral que os proprietários mantinham para defesa dos seus bens. Castro interrogou, em Pernambuco, o primeiro produtor de açúcar no mundo, como encontramos em inquéritos alimentares de médicos e sanitaristas, taxas baixíssimas de carboidratos e avitaminoses nos escravos.

Para ele, isso se dera à criação de determinados tabus que os senhores de engenhos temerosos de que o apetite um tanto aguçado dos escravos os levasse a comer muito de seu rico açúcar, reservados à exportação, disseminaram, como, por exemplo, o mito de supostos malefícios que o açúcar traz – quando comido de manhã, dando lombriga e, quando comido a qualquer hora, poderia estragar os dentes. Tais tabus mantiveram o negro longe deste alimento.

Muito embora a cozinha regional, com bem enfatiza Freyre (2008), seja abundante em doce e bolos, esse consumo é exclusivo dos abastados e, aos mais pobres, escravos e gentes da terra, são proibidos de chuparem balas, de comerem doces para não criar bichos de barriga. Esse fato, explicaria também as altas taxas de diabetes entre as camadas mais abastadas (Castro, 2005).

Além disso, estes tabus, além de perturbarem de maneira nociva os hábitos alimentares locais, fizeram com que a gente da terra perdesse todo o

gosto pela fruta e se desinteressasse por completo pelo seu cultivo. Os tabus, assim, constituídos e propagados, tornaram-se barreiras psicológicas contra determinados consumos

Afirmando e fazendo crer aos negros escravos, e depois aos moradores de suas frutas, que não se deve misturar nenhuma fruta com álcool, que melancia comida no mato logo depois de colhida dá febre, que manga com leite é veneno, que laranja só deve ser comida de manhãzinha, que fruta pouco madura dá cólica, que cana verde dá corrimento, os senhores e os patrões diminuíram ao extremo as possibilidades de que os pobres se aventurassem a tocar nas suas frutas egoisticamente poupadas para seu exclusivo regalo (Castro, 2005, p.137).

Se observarmos bem, todas essas interdições e tabus, na região Nordeste, de fato, hoje em dia, quase desnecessárias, porque o homem do Nordeste já perdeu o gosto e o hábito de comer fruta, assim “como considera folha e verdura comida de lagarta. Comida de homem para essa gente é mesmo, feijão, carne e farinha” (Castro, 2005, p. 136). Tais interdições reafirmam sua assertiva de que mal não é mal de raça e sim, mal de fome.

4.2.2. Fome/subalimentação na agenda das políticas sociais do Brasil (1940-1946).

Essa fase é marcada pelo reordenamento do conhecimento anteriormente produzido, numa perspectiva de síntese e de planejamentos para ações políticas. O emaranhado de debates em torno da denúncia de fome no Brasil, a partir de livros, artigos científicos e textos de jornais, levaram Josué de Castro a intensas reflexões e ao diálogo mais profícuo com a dimensão sociocultural da problemática da fome. Mais que isso, semeou a ideia de que a fome era um conceito político, colocando a ciência e a política alimentar como polos indissociáveis (Silva, 2010).

Sua busca por um método científico que pudesse abarcar a problemática da fome o revelou como homem múltiplo, capaz de reunir uma pluralidade de conhecimentos e os relacionar entre si, ser múltiplo no sentido de dialogar com várias categorias do conhecimento e ocupar vários campos sociais. É o médico,

o nutricionista, o cientista social, com seus estudos de laboratório e pesquisa de campo, andando pelo Nordeste brasileiro, propondo novas políticas e assumindo sua execução, provocando também o alargamento e o aprofundamento nas abordagens políticas (Mello, 2008). Seus estudos nos anos 1930, sobretudo os que utilizaram os inquéritos alimentares e abordaram a relação trabalho e alimentação, influenciaram a elaboração do Decreto Lei nº 2.162, que instituiu o primeiro salário mínimo no Brasil. Este fato marcou a participação da intervenção estatal de forma mais expressiva, no que se refere à política social de alimentação, modelando, por vezes, de maneira contraditória, um conjunto de conceitos e noções que superaram a questão alimentar como problema fisiológico, individual, direcionando a problemática mais coletiva e social.

Em decorrência desses fatores, surgiu a necessidade de se repensar a ciência da Nutrição como uma ciência que teria um papel científico-político. Foi a partir das ideias de Josué de Castro, sob forte influência de Pedro Escudero⁷³ – nutricionista argentino que insere a perspectiva da ciência da Nutrição como ciência do social na América Latina e que se tornou influência importante na lapidação do pensamento de Josué de Castro –, que foram traçadas as nuances das diretrizes de uma política pública e a trajetória da alimentação humana em sua totalidade, da produção ao abastecimento, passando pelas dimensões culturais da alimentação e finalizando no consumo e seus impactos na saúde e nutrição das populações.

Essa influência se dera nos anos de 1930, com o empenho de Castro em construir as bases da educação alimentar racional no Brasil, como vimos, a partir da confluência entre o pensamento médico-nutrólogo com o pensamento social brasileiro. Tal confluência esteve presente em escritores e ensaístas brasileiros, que também influenciaram Castro. Autores como Rodolfo Teófilo (1853-1932), Euclides da Cunha (1866-1909), os quais junto a Rachel de Queiroz (1910-2003), Castro dedicou o livro “Geografia da Fome” (1946); além de Gilberto

⁷³ Pedro Escudero dirigiu o primeiro Instituto de Nutrição da América Latina, na Argentina. Josué de Castro entra em contato com Pedro Escudero nos anos de 1930 quando realiza o inquérito sobre as condições das classes operária do Recife e do Rio de Janeiro, tais inquéritos ganharam repercussão nacional e internacional. Neste período, Josué de Castro e Pedro Escudero trocaram correspondências. Segundo Silva (1998), nas últimas cartas trocadas Josué de Castro assina: *Devoto discípulo e amigo*.

Freyre (1900-1984), Alberto Torres (1865-1917), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), entre outros, como o médico Nina Rodrigues (1862-1906), em seu estudo sobre a farinha de mandioca. Embora todos esses estudos toquem diversamente em certos aspectos relativos à questão da alimentação, suas bases não são usadas nos debates mais aprofundados ao tema da nutrição, lugar concedido a Josué de Castro (Bozzi et. ali, 2009).

Esse pioneirismo deve-se à sua trajetória junto à burocracia estatal, a órgãos acadêmico-científicos e a organismos internacionais. Essa trajetória pública foi gestada nos anos de 1940. Em 1939, foi encarregado por Getúlio Vargas para presidir o Serviço Central de Alimentação, vinculado ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI, depois convertido no Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS⁷⁴, que também foi presidido por Castro até 1941.

No SAPS, começou a tratar o problema da fome como problema social de política pública, estabelecendo como meta principal prestar assistência alimentar e nutricional a um grupo populacional específico: os trabalhadores. Para tanto, forçou o Estado a assumir o papel de mediador das relações entre os empregadores e os empregados, para que, assim, fossem garantidas aos últimos maiores facilidades no acesso à alimentação (L'Abbate, 1982).

Suas principais ações implantadas no SAPS – além de influenciar indiretamente a criação da lei do primeiro salário mínimo⁷⁵ e a criação da merenda escolar – foram a criação de restaurantes populares, postos de comercialização de gêneros de primeira necessidade básica alimentar a preços acessíveis ao trabalhador (a conhecida cesta básica) e a elaboração de campanhas de educação alimentar para divulgar a importância da boa alimentação (L'Abbate, 1982).

Foi também no SAPS que Josué de Castro institucionalizou os primeiros cursos na área de nutrição no Brasil, os chamados cursos de nutricionistas do SAPS (atual curso de graduação em Nutrição da UNI-RIO). Esse órgão

⁷⁴ Sobre o SAPS consultar “Fome e desnutrição”: de Solange L'Abbate (1982)

⁷⁵ A Questão do Salário Mínimo. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio / Departamento de Estatística e Publicidade, 1935.

transformou-se num dos principais centros de formação de recursos humanos na área de Nutrição, formando nutrólogos, nutricionistas e dietistas, bem como se constituiu como principal campo de trabalho para esses profissionais (Vasconcelos, 2000).

A partir da iniciativa do SAPS, foram implementados vários órgãos e consolidado um grupo de estudo, criado por Castro, sobre o campo alimentar no Brasil, que alternou entre seus participantes a direção do SAPS. Dentre os órgãos, destacaram-se⁷⁶:

- Sociedade Brasileira de Alimentação - SBA (1940), consolidação de um grupo de estudo de Nutrição, que tinha como objetivo colaborar com as autoridades públicas no estudo e soluções dos problemas de alimentação e nutrição;
- Serviço Técnico de Alimentação Nacional - STAN (1943), teve curto período de duração, tendo como objetivo implementar novos métodos de conservação dos alimentos e divulgar, por meios de rádios, cursos populares de alimentação;
- Instituto Técnico de Alimentação - ITA (1944), substituiu o STAN, dando continuidade ao seu objeto de pesquisar técnicas de conservação dos alimentos por meio da técnica de desidratação. Além disso, criou a obrigatoriedade da iodetação do sal no país;
- Arquivo Brasileiro de Nutrição (1944), primeira revista científica de Nutrição, que estava encarregada de divulgar as ações de política social de alimentação e apresentar as pesquisas e resultados que estavam sendo elaborados sobre a temática;
- Comissão Nacional de Alimentação – CNA (1945), o objetivo era estudar e propor normas da política de alimentação, trabalhando para correção da dieta alimentar, levando em consideração as diferenças regionais e o padrão de vida. Com a criação da FAO

⁷⁶ Para maiores informações sobre os órgãos citados, consultar L'Abbate (1982; 1988)

(1945), foi transformado no comitê nacional de alimentação da FAO no Brasil.

- Instituto Nacional de Nutrição – INN (1946), entidade de ensino e pesquisa que se tornou responsável pela revista Arquivo de Nutrição.

Josué de Castro ajudou a idealizar e dirigiu todos estes órgãos. Ao final dos anos de 1940, pode-se dizer que a Nutrição estava institucionalizada como campo de saber, o que bastou para consagrá-lo, somando-se às suas ações engendradas no Rio de Janeiro nos estudos da Nutrição, além da consolidação como professor, cientista, médico e pesquisador. Devido a isso que, dentro do quadro maior de estudos sobre questão alimentar no Brasil, Castro tem destaque garantido frente a outros autores por ter sido um dos poucos a intervir diretamente na realidade, no que tange à questão da problemática da fome. Seu esforço é, principalmente, o de captar a especificidade do debate das ações e políticas públicas em torno de um projeto de segurança alimentar e por este meio projetar um projeto de desenvolvimento singular brasileiro para conduzir o país sem fome.

4.2.3. Geografia da Fome: Fome, saúde e sociedade

O resultado de suas reflexões e das pesquisas de campo na direção de políticas sociais de alimentação culminaram na elaboração do seu manifesto político, *Geografia da fome* (1946), em que denuncia a fome como fenômeno político social. A nosso ver, essa obra lapida seus escritos anteriores e é a estrutura base de seus escritos subsequentes, sendo um estudo fruto da colaboração do grupo de estudos sobre a situação da fome no Brasil, subsidiado e patrocinado pelo SAPS. Esse grupo de estudo, que contava com estudiosos de todo o Brasil, elaborou um verdadeiro mapeamento da fome brasileira nos quatro cantos do país.

Com suas várias edições, que foram realizadas nos anos de 1950 e 1960, *Geografia da Fome* apresentou-se como a tela sobre Brasil, pintada por Castro,

que vai ganhando cores, matizes e contrastes ao dialogar com o pensamento social (1950-1960) que busca construir no país uma sociedade democrática e moderna sem aderência acrítica de modelos de sociedade importados, fugindo da discussão conservadora e essencialista.

Com isso, queremos dizer que Castro desafia a ausência de um modo singular de imaginação sociológica no pensamento brasileiro tradicional, não se deixando guiar por parâmetros ditados por fatores exógenos de nossa sociedade, nem por uma pretensa modernidade que ignora a positividade das experiências brasileiras, tentando sempre avançar na demonstração nos perigos da naturalização da desigualdade social entre nós. Esta desigualdade pode ser mais adequadamente percebida como consequência, não apenas de nossa herança dita como pré-moderna, mas também como resultante de um processo de modernização que visava apenas a manutenção de *status quo* fundamentada por interpretações e ações importadas de fora para dentro. Era preciso investir em um modelo de desenvolvimento que enxergasse os problemas de dentro para fora.

Para Castro, a saída era colocar em pauta a elaboração de um projeto equitativo entre as regiões brasileiras, economicamente e socialmente desiguais, através de planejamento de políticas agrícolas econômicas de abastecimento de alimentos, capaz de atender a todos os brasileiros. O investimento na agricultura viabilizaria melhores condições de vida e produziria saúde para população.

Claramente, nota-se a influência do discurso nacional-desenvolvimentista, que tanto influenciou o movimento sanitarista neste período (sanitarismo-desenvolvimentista), liderado por Mário Magalhães. O sanitarismo desenvolvimentista buscou associar os problemas de saúde com os determinantes sociais, apostando que com a melhoria dos determinantes sociais, a produção de saúde da população se elevaria, em contraposição à ideia de que era o investimento inicial no setor da saúde a chave para modernização, ignorando as questões socioeconômicas (Lima, 2006).

Nesse sentido, “Geografia da Fome” apresentou-se como um estudo de maior organicidade do pensamento de Castro em relação à fase 1930-1940, em

que a concepção de ciclo vicioso (doença-pobreza-doença) parecia ser central na sua perspectiva, embora não tenha abandonado totalmente tal perspectiva, mas a partir dessa obra ela não se apresentaria como matriz de operacionalização de um progresso social.

Grosso modo, essa obra traz à tona algumas das interpretações mais relevantes sobre a situação alimentar brasileira, lançando o primeiro manifesto-propositivo para construção de um Plano de Política Pública de Segurança Alimentar no Brasil. Subjazem a essa sua discussão os aspectos do processo de construção do Estado-nação, o desenvolvimentismo nacional e o papel dos intelectuais brasileiros. Tais questões somam-se à preocupação do autor com a formação de ações propositivas que levassem a mudanças sociais e a redefinições das condições de exclusão das políticas sociais para uma parcela significativa da população brasileira.

Daí considerarmos essa obra um manifesto científico propositivo de suas ações políticas, pois se trata de um livro que denuncia a má educação alimentar a que o povo brasileiro foi submetido com o processo de colonização, passando pela má distribuição de renda e pela ausência de políticas públicas voltadas para tal problemática. Um manifesto, em seu sentido literal, uma declaração pública de princípios e intenções, que objetiva alertar o Brasil como país de famintos, convocando a política brasileira e a intelectualidade a agir sobre tal problemática.

Por isso, consideramos um manifesto científico propositivo, porque não há, nessa obra apenas denúncias, mas também proposições, alternativas para solucionar ou, ao menos, amenizar as questões da fome no país. Tais questões são reveladas a partir do método científico por ele escolhido, o método ecológico geográfico, em que o autor deu ênfase à análise e à interpretação no campo das Ciências Sociais. A verdade é que depois de retirar o problema da fome do âmbito privado e colocá-lo em pauta na construção de políticas sociais, Castro revela o fenômeno em sua problemática complexa, total, consolidando a visão da alimentação como algo capaz de influir decisivamente no processo de desenvolvimento nacional.

O amplo diálogo com as diversas correntes de conhecimento científico

abriu caminho para a construção do seu método denominado 'método ecológico', que visa uma análise menos doutrinária e mais transformadora dos aspectos sociais, articulando aspectos bio-ambientais, sociais e culturais, exigindo mais conhecimento da realidade estudada. Nesse sentido é que acreditamos que sua obra deu origem a perspectivas singulares, caracterizadas por uma densa tessitura de informações e deduções, para uma compreensão da condição humana e seus valores nos aspectos ecológicos, históricos, políticos e psicossociais (Arruda, 1997).

Na obra em tela, o conceito de fome apresenta-se mais lapidado, marcado por uma mudança em relação aos estudos anteriores, em que fome e subnutrição apareciam frequentemente como sinônimos, trazendo grande impacto nos estudos sobre a realidade brasileira, como ressaltado por Candido (1999). Ao adotar a fome como temática central revelou sua compreensão acerca da importância da transdisciplinaridade na abordagem da problemática, além de mapear a fome no país, correlacionando fome ao problema do subdesenvolvimento brasileiro, como bem sinaliza Taranto (1993).

O método ecológico ou geográfico foi baseado nos princípios estabelecidos pelos geógrafos alemães Ratzel, Carl Ritter e Alexander Von Humboldt. Assim, Josué de Castro localiza, delimita, compara e correlaciona os regimes alimentares de cada região do país, examinando-os a partir das possibilidades oferecidas pelos solos, pelo clima, pela vegetação, mas igualmente pela maneira como se organiza a apropriação da terra e as relações de trabalho. Isso porque o autor parte da assertiva de que a fome é a manifestação biológica de um problema social, só podendo ser desvendada pelo conhecimento detalhado tanto da organização social, cultural e técnica da produção alimentar como das possibilidades e dos limites que o meio natural oferece para sua expansão.

Com a aplicação do método no Brasil, o autor analisou que a alimentação do brasileiro revela qualidades nutritivas bem precárias, apresentando, nas diferentes regiões do país, padrões dietéticos mais ou menos incompletos e desarmônicos. Em dadas regiões, os erros e defeitos são mais graves, onde ocorre o que ele denominou de fome crônica (Nordeste açucareiro, Região Norte

e parte da Região Centro-Oeste). Noutras vive-se sob o regime da fome epidêmica (Sertão Nordestino). E, em poucas áreas, apresenta-se um quadro de subnutrição (Sul e Sudeste). As causas fundamentais dessa alimentação tão defeituosa, e que tem pesado tão duramente na produção social equitativa do povo, seriam muito mais um produto de fatores socioculturais que de fatores de natureza geográfica.

Por fome crônica ou endêmica compreendeu-se a fome não explícita, oculta, decorrente da falta de determinados nutrientes na alimentação, ou seja, ausência qualitativa de certos alimentos. Este tipo de fome, para Castro, era a mais problemática por matar lentamente milhões de pessoas no mundo inteiro. Por fome epidêmica ou aguda, compreendeu-se o fenômeno da fome total, quantitativa, a mais violenta, restrita aos períodos de catástrofes naturais, de seca ou de guerra, que assolam o nosso planeta.

A partir destas tipificações, além do mapa da fome endêmica e epidêmica das regiões, Castro traça o mapa das carências alimentares e do regime alimentar de cada região, chegando à conclusão de que a alimentação entre as regiões só se manifesta de forma adequada quando atende às expectativas dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade, e quando são respeitados o modo como os grupos sociais entendem alimentação saudável. Assim, devem ser compreendidas as dimensões de variedade, quantidade e qualidade dos alimentos associadas aos padrões culturais, regionais e sociais de alimentação das populações. Com isso, Castro afasta-se mais da concepção de uma educação racional formulada por meio da perspectiva de que a população desconhece as funções de uma boa culinária e aproxima-se da perspectiva de que o latifúndio foi o grande opressor do saber popular em torno da questão alimentar.

Em síntese, o regime alimentar harmônico estaria relacionado a duas dimensões: a dimensão nutricional e a dimensão cultural, que se influenciam mutuamente. Isso porque, as escolhas dos alimentos incluem questões da identidade cultural de uma dada região e também a localização geográfica em que os grupos culturais se situam, sendo tais fatores os que definem, em certo sentido, a utilização biológica dos alimentos. E essas escolhas alimentares, por

sua vez, são condicionadas pelo modelo de produção alimentar que envolve elementos relacionados à disponibilidade, à produção, ao abastecimento, à comercialização ao acesso aos alimentos. Esse modelo de produção, incluindo as técnicas, formas de produção, plantio e processamento dos alimentos é o que pode favorecer (ou dificultar) o acesso das populações a uma alimentação saudável e adequada (Silva, 2010).

Dessa forma, Castro analisou que estes condicionantes são os grandes entraves das regiões endêmicas e epidêmicas de fome no Brasil, sendo regiões que apresentam um maior déficit na produção e no abastecimento de alimentos, ocasionado pela desigualdade social na distribuição de políticas sociais e econômicas. Isto levou o autor a afirmar sua hipótese de que a fome é um flagelo criado pelo homem contra o próprio homem. Mais que isso, no caso brasileiro, a luta contra à fome nestas regiões é encarada como uma luta entre as desigualdades regionais de dois brasis: um país com um regime alimentar nas regiões Norte e Nordeste brasileiros e outro no Sul e Sudeste.

Para Castro, o quadro no Nordeste ainda se agravava com os longos períodos de seca no sertão, mas, ao contrário do que se fazia acreditar, não seria o regime alimentar do sertanejo o mais problemático, muito pelo contrário: em tempos de chuva a dieta sertaneja apresentava-se quantitativamente e qualitativamente balanceada, a agricultura era de policultivos e a pecuária era praticada. Entretanto, a ausência de políticas públicas de abastecimento de água, a falta de reforma agrária e a má distribuição de renda seriam os fatores determinantes para a fome epidêmica no sertão, levando ao êxodo rural.

Para vencer os obstáculos que o Nordeste apresentava no processo de desenvolvimento nacional, propôs 10 pontos estratégicos voltados para investimento na agricultura como forma do Brasil modernizar-se e superar a fome:

1. Combate ao latifúndio;
2. Combate à monocultura em largas extensões sem as correspondentes zonas de abastecimento dos grupos nela empregados;
3. Aproveitamento racional por todas as terras cultiváveis circunvizinhas dos grandes centros urbanos para a agricultura de sustentação, principalmente de substâncias

- perecíveis como frutas, legumes e verduras que não resistem a longos transportes, sem recursos técnicos da refrigeração;
4. Intensificação do cultivo de alimentos sob forma de policultura nas pequenas propriedades;
 5. Mecanização intensiva da lavoura, da qual dependem os destinos produtivos de toda economia agrícola;
 6. Financiamento bancário adequado e suficiente das agriculturas, assim, como garantia da produção pela fixação de bom preço mínimo;
 7. Progressiva diminuição até a absoluta isenção de impostos da terra destinada inteiramente ao cultivo de produtos de sustentação;
 8. Amparo e fomento ao cooperativismo, que poderá servir de alavanca impulsionadora à nossa incipiente agricultura de produtos alimentares;
 9. Intensificação dos estudos técnicos de Bromatologia e Nutrologia no sentido de que se obtenha um conhecimento mais amplo do valor real dos recursos alimentares;
 10. Planejamento de uma campanha de âmbito nacional para a formação de bons hábitos alimentares, o qual envolva não só o conhecimento dos princípios históricos de higiene como o amor à terra, os rudimentos de economia agrícola de doméstica, fundamentos da luta técnica contra a erosão⁷⁷.

Com a publicação de *Geografia da Fome*, Castro foi bastante criticado por ufanistas que o acusavam de desvalorizar o Brasil no estrangeiro. Entretanto, seguindo o mesmo método aplicado a esta obra, Josué de Castro escreveu “*Geopolítica da Fome*” (1951) para comprovar que a fome não era um fenômeno exclusivo do Brasil, mas de todos os países do globo, mas a forma de buscar soluções para tal problemática é que seria peculiar de cada país e cada região. Em “*Geopolítica da Fome*”, que segundo Abbé Pierre (1994) também poderia ser chamado *Fome e Política*, Castro apresentou uma ampla discussão sobre neomalthusianismo, subdesenvolvimento e neocolonialismo.

O livro surgiu no pós-guerra, período em que tivemos um panorama da fome no mundo e das consequências da colonização europeia nos países da América, Ásia e África, além da explosão demográfica mundial. Com isso,

⁷⁷ Esses 10 pontos sintetizam as linhas mestras que guiarão as ações políticas do Deputado Federal, Josué de Castro. A simplificação não pode ser confundida com ausência teórica, mas deve ser entendida como uma estratégia pedagógica para fazer do discurso científico, antes um fator de distanciamento das elites nacionais, um elo de elenco entre os famintos, os intelectuais e os governantes (Menezes, 2012).

tivemos o ressurgimento das ideias de Malthus, que afirmava que a produção mundial de alimentos era incompatível com o acelerado crescimento populacional e que até o momento não tinha ocorrido um colapso no mundo porque os elementos repressivos (doenças, fome, guerra) funcionaram como freios, como redutores populacionais. No pós-Guerra, os neomalthusianos insurgiram com a ideia de um controle rígido da natalidade, acreditando com isso impedir o empobrecimento geral da população e a destruição do meio ambiente, que provoca esgotamento de recursos não renováveis.

Para Castro (1968a), nas preocupações dos neomalthusianos não constavam qualquer perspectiva de alteração da realidade, isto é, de modificação das estruturas econômicas e sociais ou das relações entre países ricos e pobres. Pelo contrário, constituíam agravantes ao culpabilizar os países pobres e os pobres, de forma geral, pelos males sociais. Assim como não mencionava a quem beneficiaria a preservação de “importantes recursos naturais”, já que, notadamente, eram os países mais desenvolvidos os responsáveis pela degradação do meio ambiente. Dessa maneira, em sua análise, o problema residia, de fato, no insustentável padrão de consumo das sociedades desenvolvidas e na manutenção dos privilégios de classe. Sendo assim, dependendo do modo de distribuição da renda e da riqueza, poder-se-ia ter o aumento da fome mesmo sem haver explosão demográfica.

Castro assinalava que as medidas propostas pela teoria neomalthusiana eram um modo de naturalizar as desigualdades sociais e a fome, a partir da cristalização da mentalidade de que não havia nada que as sociedades e os governos pudessem fazer para reverter o quadro de miserabilidade, atribuídos a elementos imutáveis e de absoluta responsabilidade dos próprios famélicos. Este fatalismo gerava indisposições em combater a fome nos diversos âmbitos no poder público e na sociedade civil.

Na compreensão de Castro, a industrialização, a urbanização e o desenvolvimento científico possibilitaram expandir a produtividade de alimentos, que subverteria as condições de miséria e pobreza, mas não a fizeram tendo em vista seu caráter exclusivamente de exploração de trabalho, visando o lucro. Era necessário desvendar os interesses econômicos neocoloniais orientados de uma

prática que fez da produção, da distribuição e do consumo de alimento, elementos dirigidos no sentido de seus exclusivos interesses financeiros e não sociais. Nesse sentido, era necessário admitir que a evolução científica e o progresso industrial não eram para todos e também poderiam ser responsáveis pela manutenção do status quo (Rezende, 2003a).

Tais reflexões fizeram Castro relativizar a perspectiva progressista linear, a partir do diálogo com Sorokin (1889-1968), que não acreditava na perspectiva linear sobre os processos sócio históricos. Assim, Castro partia do entendimento de que os processos socioculturais revelavam-se multiformes e multidirecionais, sendo em algumas conexões lineares e em outras cíclicas. Além disso, com o processo de industrialização e exploração social no Ocidente, houve uma transformação integral de um mundo para o outro, onde as convicções sociais e os valores ganharam outro significado nos países colonizados (Castro, 1968b, p.53).

O que isto significa? Significa que:

Assim, a diretiva de progressividade teria dado origem tanto a processos multidirecionais (no campo da industrialização, da urbanização, da ciência, da redefinição dos valores, da cultura e da política) e multilíneares (os desenvolvimentos econômicos, políticos e culturais) e processos cíclicos (as persistências da pobreza, da miserabilidade, da fome eram indicadores de que a humanidade caminhava em círculos mesmo com todos os recursos criados pela sociedade moderna) (Rezende, 2003a, p.125).

Para Castro, o problema da fome é de ordem socialmente construída pelo movimento neocolonialismo, movimento preponderante para reprodução e produção desse fenômeno social e para o qual a solução seria refundar nossas estruturas sociais, no caso brasileiro, a partir do investimento na agricultura, pautado por um Programa de Políticas Públicas de Segurança Alimentar. Com isso, Castro chama atenção para a necessidade de o Brasil investir na elaboração e planejamento de políticas agrícolas, a partir de reformas sociais, como a reforma agrária.

Entretanto, Castro pontuava que sozinhos os países subdesenvolvidos não conseguiriam sair da calamidade social em que se encontravam, era necessário, para além de construir projetos políticos próprios, pensar o desenvolvimento a partir de uma economia social de cooperação internacional. Ao presidir a FAO entre 1952-1956, empreendeu várias frentes de luta e debates contra fome nos países subdesenvolvidos, entre eles o questionamento das velhas estruturas agrárias, do latifúndio improdutivo e a defesa de uma reforma agrária. Com isso, propôs colocar o interesse dos países pobres como prioritários, reivindicando verbas para que a FAO cumprisse seu papel de fomentar segurança alimentar. Contudo, percebeu que os países desenvolvidos, que estavam à frente da FAO, não tratavam com devida atenção os problemas de segurança alimentar dos países subdesenvolvidos. Assim, deixou o cargo sem tentar a reeleição (Silva, 1998). Sobre sua decepção com a FAO ele relatou seu discurso de despedida:

[...] durante êsses quatro anos pudemos comprovar como era difícil vencer as resistências impostas pelos interesses particularistas dos países e grupos econômicos. [...] Há cêrca de 6 anos que se discute êsse projeto, esmiuçado em todos os seus detalhes, em sucessivas reuniões da FAO. Durante êste período ocorreram epidemias de fome em vários países do mundo tais como a Iugoslávia, a Índia e o Paquistão. [...] peço que me perdoem por falar com uma sinceridade um tanto brutal - que me sinto decepcionado diante da obra que realizamos. Decepcionado pelo que fizemos porque, a meu ver, não elaboramos até hoje uma política de alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo, as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetivos (CASTRO, 1968, p.63-64).

Logo após deixar a presidência da FAO, Josué de Castro fundou, junto com Abbé Pierre (1912-2007), na cidade de Paris, a Associação Mundial de Combate à Fome – ASCOFAM, tornando-se presidente da associação, que contava também com apoio de Louis Joseph Lebret (1897-1966)⁷⁸, Lord Boyd

⁷⁸ Abbé Pierre e Lebret eram sacerdotes católicos e políticos franceses. Abbé Pierre é um dos idealizadores do Movimento Emaús, que atualmente está presente em mais de 40 países. Lebret elaborou o Movimento Economia e humanismo. Foram dois grandes ativistas políticos que lutavam pela paz mundial e contra as injustiças sociais e que influenciaram o pensamento de Josué de Castro nos anos 1950-1960.

Orr (1880-1971) e René Dumont (1904-2001). A ASCOFAM surgiu como um manifesto inicialmente publicado em 30 páginas e, posteriormente, ampliado para 110 páginas que se tornou “O Livro Negro da Fome” em 1960.

Este livro contém poucas novidades sobre a temática, tendo em vista que já fora explorada nas obras anteriores, mas a escolha de escrever um livro-manifesto teve o objetivo de chamar atenção para necessidade de criação de um governo supranacional entre nações, povos e diferentes classes, voltado para formulação de uma nova teoria do desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos. Essa nova teoria deveria integrar os fatores humanos à Economia, de modo a fazer com que o desenvolvimento econômico fosse um meio de proporcionar dignidade a todos.

Esse manifesto foi publicado em vários idiomas, sendo acessível aos mais variados leitores. Com demarcações anti-imperialistas, o manifesto concentrou-se em quatro setores de atuação: 1) sensibilizar e despertar a consciência universal sobre o problema; 2) realizar pesquisa, investigações e inquéritos sobre a situação alimentar; 3) formar pessoal qualificado; 4) elaborar projetos específicos de âmbito nacional ou regional (Castro, 1960).

O objetivo era:

o de demonstrar que fome e subdesenvolvimento são uma coisa só, não havendo outro caminho para lutar contra a fome, senão o da emancipação econômica e o da elevação dos índices de produtividade das massas de famintos, que constituem cerca de dois terços da população mundial” (Castro, 1960, p. 1).

Segundo Castro (1960), nos três anos que se seguiram à publicação inicial (1957-1960), houve uma mudança de atitude por parte das elites políticas diante da problemática da fome. Mudança percebida com o apoio dado à ASCOFAM por parte das mais diversas ideologias e dos mais diversos poderes econômicos, o que, para Castro, evidenciava que o objetivo de conscientização para o drama universal tinha sido atingido.

No Brasil, cabe destacar, dentre as ações, a realização do I Seminário sobre Desnutrição e Endemias Rurais, na cidade de Garanhuns, em 1958, que

apresentou estudos e pesquisas sobre reforma agrária e o filme “O Drama das secas”, com roteiro de Josué de Castro e direção de Rodolfo Nanni. Uma das temáticas principais do seminário foi a necessidade de realização da reforma agrária no país como tarefa urgente para combater a fome. No plano internacional, constataram-se algumas ações decorrentes após sua criação como, por exemplo, a resolução de um amplo programa contra fome, além da aprovação da Campanha Mundial contra a fome pela FAO, em 1959.

De fato, com este manifesto “O Livro Negro da Fome”, Castro explicitou sua opção intelectual e política. Era o menino do mangue que lhe puxava o casaco, pressionando o Josué de Castro a convocar e chamar atenção para missão ética dos políticos, cientistas, intelectuais e a população, na tentativa de operar reformas nas estruturais sociais, a fim de atingirmos uma sociedade mundialmente sem fome

Em momento de crise extrema como este que atravessamos, temos que enfrentar a dura verdade dos fatos e concordar com o grande Romain Rolland de que “a mentira heroica é uma covardia e que só há um heroísmo no mundo: é ver o mundo tal qual é e amá-lo assim mesmo”. É nesta ordem de ideias, com a convicção de que devemos todos trazer nossa cooperação pessoal para disciplinar, no bem da humanidade, as tremendas forças sociais em choque na hora presente, que apresentamos aos homens de boa vontade do mundo – principalmente aos dirigentes políticos, intelectuais e aos cientistas, este documento que resolvemos chamar de Livro Negro, porque ele denuncia a negra miséria reinante no nosso mundo (Castro, 1960, p.12-13).

4.3. Intelectual e Político: Josué de Castro

As orientações de Mannheim, de que os intelectuais produzem sínteses fundamentais para compreender o mundo social, estão na base da discussão de Josué de Castro sobre o compromisso dos homens de ciência. Sendo assim, para Castro, como supracitado, a função dos homens de ciência seria estabelecer debates e discussões acerca das dificuldades e dos entraves sociais, bem como buscar soluções para os problemas relativos às desigualdades, à pobreza e à concentração de renda. Uma atividade intelectual

voltada para os interesses sociais e nacionais era considerada uma atividade científica comprometida, já que oferece subsídios para a compreensão e para a proposição de novos caminhos e novas ações para o combate às exclusões sociais e políticas de modo geral (Rezende, 2004).

Desde seus primeiros escritos, Castro demonstrava esta convicção sobre o papel dos intelectuais, mas foi com a publicação de “Geografia da Fome” (1946) que o perfil de intelectual progressista tomou forma e Castro apontou que a tarefa fundamental do intelectual deveria ser o de esclarecer as mudanças no âmbito institucional, cultural e político para superação da condição de subdesenvolvimento.

No texto “Função Social das Universidades” (1948), explicita claramente suas ideias sobre o engajamento da ciência, pontuando que as universidades devem ser o centro coordenador essencial na vida de uma cultura, ligadas ao organismo social que as gera, e que devem servir a este organismo plenamente, sendo sua principal função não a proclamação da verdade absoluta da ciência, mas a formação de homens capacitados a promover o bem-estar social. Com esse artigo, ele pontua ainda sua ojeriza aos processos de especializações em que se transformaram os cursos acadêmicos. Para ele, este sistema de especializações estreita o conhecimento, sobretudo, retirando a possibilidade do ensino sistêmico e humanístico que as universidades devem oferecer.

Sendo assim, ao partimos apenas da análise da obra do autor, percebemos uma articulação não tencionada do acadêmico, do intelectual e do político, na sua perspectiva de compreender mundo e, ao mesmo tempo, transformá-lo (Castro foi considerado o cidadão do mundo, ligado ao grupo de intelectuais que pensavam meios de emancipação humana, a partir da criação de um Governo Mundial).

Mas, como assinalou Weber (1974), Josué de Castro digladiou-se com seus deuses e seus demônios em lutas eternas entre política e ciência. Entre a vaidade do intelectual e a ação prática do político. Em seu diário, iniciado em 1957 e por ele denominado como caderno de estudo, queixava-se da atividade política, questionando-se por que motivo tinha sido levado para esta atividade

que não lhe deixava tempo para sua atividade criadora de escritor literário que desejaria ser, influenciado pelos romancistas do realismo social, que não acreditava na arte neutra, na literatura sem raízes e sem ligações (Silva, 1998).

Para além da frustração de não ter sido escritor, Castro sentia-se impotente no sentido de não poder controlar o que era capaz de prever – a fome assolando o mundo e a devastação do meio ambiente para qual ele julgava que passaria a humanidade – chegando até afirmar que a grande ciência do século XXI seria a ciência ecológica. Julgava-se incapaz de persuadir as grandes forças econômicas, para que estas voltassem sua atenção para o mar de miséria que se tornava o mundo.

Para Mills (1965), tais frustrações só surgem, naturalmente, no homem que se sente compelido a agir. Se este homem fala das questões públicas tais como as vê, não pode levar a sério os slogans e confusões usados pelos partidos como recurso para conquistar o poder. Sabe que suas ideias não se enquadram na política partidária e nas organizações ideologicamente contrárias às suas. Sente-se, portanto, politicamente irrelevante.

O fracasso do entusiasmo político de Castro tem sua correspondência no desenvolvimento de um sentimento trágico da vida. Esse sentimento de tragédia pode ser experimentado como peso pessoal, mas também como reflexo de circunstâncias objetivas, surgindo do fato de saber que, nos centros da decisão pública, estão homens poderosos que não sofrem os resultados violentos de suas próprias decisões e de seus pensamentos. Estes pensamentos, para ele, seriam vagos, projetados para um Brasil que não existe de fato, sendo mais fácil lidar com este país irreal do que enfrentar a perturbadora questão do presente e do passado recente: que o Brasil é um país de famintos. Castro tinha plena consciência de que, na ânsia de querer mudar tal quadro, acabou se perdendo de si mesmo.

Tal sentimento de desvio do seu projeto de mundo foi seu grande duelo. Ora o conhecimento de sua posição social e as experiências pelas quais passou deveriam inevitavelmente o conduzir à atividade política, compreendendo que esse seria o caminho de traduzir seu pensamento em ação, ora este desvio lhe

amargava, devido ao fato de não ser o escritor que desejava ser e de não ter percebido as transformações de sua ação na realidade brasileira (Silva, 2010).

Assim, Josué de Castro foi o político no estilo weberiano, que viveu para a política com o objetivo da luta, não da aparência do poder, mas da luta pelo poder para abraçar uma causa: combater a fome. Entretanto, se afasta do posicionamento weberiano por acreditar numa ciência engajada.

Pode-se encontrar em Josué de Castro duas fases que caracterizam a sua ideia de ciência engajada. Uma primeira fase, como vimos, que corresponde ao período de 1930-1940, em que não desenvolveu grande atuação política direta. Nessa fase, claramente, identifica-se com o intelectual de Mannheim, o intelectual de síntese que tinha como função orientar a classe política com o planejamento racional das suas atividades. Nas últimas fases Josué de Castro compreendeu que o papel do intelectual por si só é político, este então deve lutar pelo poder com intuito de transformar a realidade social existente, o que evidencia as práticas de um intelectual gramsciano, comprometido com a emancipação humana.

A primeira fase é marcada pela intenção de lançar as bases científicas para o estudo da alimentação no país, na medida em que para o autor a ciência tem a importante tarefa de contribuir junto ao Estado para a construção da nação. Castro compreende que o exercício da atividade científica teria que estar voltado para o desenvolvimento e para a sedimentação de uma perspectiva de mudança assentada na convicção de que cada sociedade deve criar os seus caminhos, os seus percursos, os seus processos de transmutações. Desse modo, cabe ao intelectual o esforço para entender as transformações sociais de sua época e como elas se processam interna e externamente, cabendo-lhe, então, um esforço de ação transformadora através de uma atividade intelectual que desvende as relações sociais e aponte caminhos para a ação prática.

Aos poucos, Castro vai mudando sua maneira de ser, controlando a sua vaidade, assumindo sua luta, compreendendo que não apenas os cientistas podem mudar a realidade, mas “que todo homem, qualquer homem comum, poderá contribuir para a melhoria do mundo” (Castro, 2005, p. 19), neste caso,

para um mundo sem fome. Neste sentido, sua participação na política foi, sobretudo, para iniciar uma campanha em prol da conscientização da população acerca da necessidade de uma Educação Racional Alimentar e da importância de políticas públicas direcionadas para um plano de Segurança Alimentar, inicialmente no Brasil e posteriormente no mundo, podendo assim, identificarmos em Josué de Castro a figura do intelectual orgânico e tradicional de Gramsci.

Para Gramsci (1985), com denotações marcadamente marxistas, todos os indivíduos são intelectuais, mas nem todos desenvolvem essa função, a saber, a de promover o desenvolvimento histórico e social da sociedade. Por isso, para Gramsci, o ser intelectual e o ser político são quase que sinônimos. Ambos constituem uma expressão cultural que visa assumir as formas homogêneas da consciência social, em bloco, no qual as classes produtoras e trabalhadoras encontram a proposta intelectual capaz de dirigir a sociedade.

Entre os intelectuais que realizam a função de transmitir influências culturais, assegurando o controle social, estão os intelectuais que Gramsci apresenta com distinções: os intelectuais orgânicos próprios de cada classe social e os intelectuais tradicionais que possuem uma relativa autonomia e continuidade histórica.

Enquanto o intelectual tradicional age com o auxílio de formas de consciência já petrificadas na memória social, o intelectual orgânico como indivíduo ou atuando em partido político que representa seus interesses sociais, é o portador de um projeto de “hegemonias” baseado num universo cultural e moral que desagrega valores anteriores e constrói outros novos. Nesse sentido, Gramsci parte do pressuposto de que os intelectuais e a política atuam em bloco, mas isso não implica numa ausência de senso crítico do intelectual dentro desse campo.

Há ainda quem classifique Castro, com as articulações por ele estabelecidas com as ideologias e utopias propostas no decorrer do espaço social, como um oportunista. Entretanto, ao que pude analisar, compreendo que sua obsessão pela temática da fome o revela um evangelizador, como se houvesse a presença permanente de um interlocutor oculto com o qual discutia

suas ideias e com as quais ele tentava “fazer crer ao país e posteriormente ao mundo – que este era o problema central para construção da nacionalidade e do desenvolvimento” (Magalhães, 1997, p. 33).



Figura 6. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.123
Pintora: Anna Kindynis

CAPÍTULO IV

5. Dilema do Pão e Aço

Neste capítulo apresentaremos a concepção de Josué de Castro sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, e como tais formulações influenciariam a sua proposta de construção de uma sociedade sem fome, fomentada a partir do ideário de uma economia humanizada dentro do sistema capitalista.

O debate público nacional sobre desenvolvimento, como supracitado, esteve presente no país nos anos 1950 e 1960. Castro, “homem do seu tempo”⁷⁹, desempenhou papel importante nesse cenário, sobretudo quando se tornou Deputado Federal (1954-1958; 1958-1962), momento que vai afastando-se do “romantismo científico” e aproximando-se da política pragmática, para forjar seu papel de intelectual-político. No âmbito internacional, continuou a exercer o papel do intelectual reflexivo, preocupado com os caminhos para alcançar a felicidade humana; no âmbito nacional, esteve voltado nas formulações de ações para construção do desenvolvimento nacional que reduzisse as discrepâncias regionais entre o Norte/Nordeste (atrasado) e o Sul/Sudeste (moderno)⁸⁰.

Para pensar este dilema nacional, Castro manteve-se em diálogo com o Partido Comunista Brasileiro – PCB⁸¹, com as propostas da Revolução Chinesa (1949) e com as pautas do movimento das Ligas Camponesas do Nordeste, travando, como parlamentar, uma luta política em defesa de uma ampla reforma agrária no país.

Para Castro (1946; 1965), as opções de políticas sociais de alimentação para a solução do combate à fome e à miséria deveriam evitar apenas ações de programas setoriais e fragmentados. Seria necessário formular reformas de base, como a reforma agrária, para impedir que os interesses econômicos da minoria dominante trabalhassem para esconder o fenômeno da fome do panorama moderno. Castro partia do entendimento de que, para o imperialismo econômico e o comércio internacional apenas interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como processos exclusivamente econômicos e não como processos ligados aos interesses de saúde pública.

Por isso, Josué de Castro, influenciado pela noção de “Desenvolvimento Harmonizado” de Lebert, trabalhou para o reconhecimento do subdesenvolvimento através da fome e da exploração colonial, evidenciando a plataforma de reestruturação agrária como meio de empreender planos de desenvolvimento no

⁷⁹ Ver Andrade (1997)

⁸⁰ Sobre o perfil parlamentar de Josué de Castro e seu projeto político ideológico, consultar a tese de Anna Waleska Nobre Cunha de Menezes (2012).

⁸¹ Mas, nunca se filiou a este partido, costumava dizer: Sou um homem de esquerda, mas não tolero a ditadura. Por isso, nunca fui nem serei do Partido Comunista Brasileiro, ditadura nem do proletariado (Castro, 1963 *apud* Silva, 1998, p.114).

campo rural e urbano do país afim de construir uma sociedade sem fome (Rodan, 2013).

O ponto de partida, ou melhor, o campo de estudo ou seu “laboratório” para pensar tais ações foi sempre o Brasil, mas compreendendo o fenômeno da fome como um problema universal que, como tal, apresenta razões explicativas paradoxais, de difícil apreensão e resolução no plano de ação linear. Um desses paradoxos residia na perplexidade da constatação de que a fome existia em contextos de prosperidade econômica, portanto esse tipo de desenvolvimento proposto como condição para superação da fome e da pobreza não seria o caminho a ser trilhado para combate à fome. Fazia-se necessário pensar outro modelo de desenvolvimento, promovido por uma cooperação mundial com objetivo de criar fatores de proteção para os seres humanos, uma economia humanizada, voltada para o “desenvolvimento do homem pelo homem” (Castro, 1960).

Cabe ressaltar que Castro (1960; 1968a; 2005) deixa claro que era contra o capitalismo liberal, que operava a partir da livre iniciativa, geradora de caos ao conjunto da produção, distribuição e consumo de alimentos, mas também não se associava a planificação do socialismo, que considerava tecnocrática e ditatorial. Seu projeto de cooperação mundial vislumbrava uma terceira via com ativa participação das populações, das organizações civis e estatais, numa estrutura de poder descentralizado, mas com decisões coordenadas, visando o uso racional dos recursos naturais para atender a primeira necessidade do homem, a de se alimentar, sem descartar os avanços tecnológicos e industriais para atingir tais fins. Esta seria a proposta conciliatória de Castro, frente ao dilema do pão e aço⁸², apontando para a necessidade de construção de um modelo de desenvolvimento racional e humanizado.

O pão representado pela busca do uso racional dos recursos naturais, planejados no sentido de atender a prioridade da alimentação adequada à população, base social indispensável ao desenvolvimento; e o aço representado pela Revolução Industrial e a tecnologia crescente no setor produtivo, cujo advento consome de forma desordenada uma grande quantidade de recursos naturais através da necessidade de

⁸² Subtítulo inserido no livro Geografia da fome nas edições realizadas a partir da década de 1950.

mercado e não dos seres humanos (Castro, 1960).

Na atualidade, a fome ainda é uma preocupação, sendo uma das pautas da agenda do milênio. No Brasil, como já enfatizado, tornou-se luta central na agenda política. Entretanto, os mecanismos de combate à fome ainda despertam polêmicas na discussão pública de quais seriam as medidas mais eficazes na luta contra esse problema (Monteiro, 2003).

Corroborando com Monteiro (2003), acreditamos que, por um lado, essa polêmica se dá pela conceituação complexa do fenômeno da fome, que por vezes, aparece como equivalente e mero sinônimo da pobreza. Problemática já anunciada no estudo de L'Abbate (1982), que apontou que nos fins dos anos 1960 e início dos anos 1970 a palavra "fome", causa de alguns males sociais, restringiu-se a problemática de saúde, passando a ser tratada em seu efeito (desnutrição) e não mais na causa (fome).

De outro lado, os desacordos neste assunto poderiam ter raízes no desconhecimento ou desconsideração, por parte de muitos interlocutores do debate, quanto a inquéritos nutricionais que vêm sendo elaborados pelo IBGE, desde 1970 (Monteiro, 2003). Ao nosso ver, esse desconhecimento ou desconsideração soma-se ao descaso pelos estudos realizados por Josué de Castro, que precisam ser criticamente recontextualizados, mas que apresentam um amplo debate sobre o fenômeno da fome, apresentado como fenômeno polissêmico e extremamente multidimensional na realidade social.

O fato é que, diferentemente de quando denunciou a fome como um tema proibido, nos últimos anos a fome deixou de ser uma temática oculta e tomou conta da agenda política do Estado e da sociedade brasileira, resultante do esforço de várias personalidades, instituições e organizações civis e governamentais, colocando em pauta o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), a discussão da soberania alimentar nacional e concretamente o entendimento do direito humano à alimentação adequada, que visa a garantir vida, dignidade e cidadania para todo o território brasileiro.

5.1. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento em Josué de Castro

Nos anos de 1950-1960 foram várias as instituições e intelectuais brasileiros que debruçaram sobre a noção de desenvolvimento, dentre estas instituições destacam-se Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB), Movimento de Educação de Base (MEB), os Centros Populares de Cultura (CPC's) e a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), com perspectivas diversas, mas com um aspecto em comum: abandonar o pensamento europeu e lançar-se a compreender a realidade brasileira (Pécaut, 1990; Mota, 1994).

Neste período, os intelectuais se afastaram das “elites dirigentes” e se aproximaram do povo, tornando-se intérpretes das massas populares, para elaborar um projeto de nação assentado no tripé: desenvolvimento econômico, emancipação das classes populares e independência nacional. Grosso modo, este momento iniciou-se com o reconhecimento simbólico da importância social dos intelectuais por parte do Estado, que os convocam a compor o quadro técnico científico, sobretudo na quinta fase do período Getulista (1953-1954)⁸³ que corresponde à fase do nacional-popular, voltado para defesa da industrialização nacional.

Com o suicídio de Vargas e devido à pressão política dos partidários da direita, ideologicamente voltados à corrente entreguista econômica, os intelectuais chamaram para si a responsabilidade da estabilidade democrática nacional e ganharam como aliado o PCB, que junto com outros partidos da esquerda brasileira criaram a Frente Nacionalista, ligada a corrente progressista defensora da industrialização nacional como via democrática. Particularmente, o PCB enxergou no desenvolvimento do capitalismo de caráter nacionalista a saída para a trajetória revolucionária, trazendo avanços sociais para o país. Este novo posicionamento do PCB mobilizou as camadas populares, pressionando constantemente o Estado (Ianni, 1968).

Em termos, Castro contrapunha-se a esta concepção desenvolvimentista que defendia o imperativo da industrialização como saída para o dilema do atraso nacional. A principal distinção operada pelo pensamento castrino em relação aos chamados “desenvolvimentistas-nacionalistas” seria o fato de Castro não apresentar

⁸³ A primeira fase do mandato de Getúlio Vargas como chefe do governo brasileiro corresponde ao período de 1930-1934 (Governo provisório); a segunda fase refere-se ao intervalo 1934-1937 (Governo Constitucional); a terceira fase que corresponde aos anos de 1937-1945 (Estado Novo); a quarta fase de 1951-1953 marcada pela conciliação entre as correntes políticas entreguista (liberal) e nacionalista; e a quinta fase que corresponde ao período de 1953-1954, nacional-popular (Fausto, 1999).

como questão central a análise do desenvolvimento e suas vias de acesso, mas sim o subdesenvolvimento, pois partia do pressuposto de que um dos efeitos econômicos do desenvolvimento por meio da industrialização seria o próprio subdesenvolvimento (Menezes, 2012). Dito de outra forma, para Castro (1968;1971), o desenvolvimento e o subdesenvolvimento não são polos opostos, este último seria produto do desenvolvimento e não uma etapa para atingi-lo.

No caso brasileiro, a preocupação de Castro com algumas das perspectivas do desenvolvimento deve-se ao fato de colocarem como antagônicas a economia industrial e a economia agrícola, que para ele seriam complementares. Esta complementaridade significaria investimento técnico industrial na agricultura, que traria para a nação um modo de crescimento mais lento, mas capaz de garantir uma produção agrícola de abastecimento de alimentos para os grandes centros urbanos e para as áreas rurais, gerando bem-estar para a população.

Para Castro, ao invés de investir no déficit da balança comercial para atender a lógica de desenvolvimento imperialista, era necessário promover a distribuição de riquezas e de terras para corrigir os desníveis econômicos e de consumo entre as diferentes camadas sociais e entre as diferentes regiões brasileiras através do investimento na economia agrícola para superar o subdesenvolvimento. Para tanto, era preciso conceber uma nova economia cujas análises deveriam ocorrer em escala mundial e de modo unitário, não contrapondo agricultura e indústria, mas enxergando-as como atividades complementares que se integram em um amplo complexo econômico.

Castro analisou que, apesar do aumento da produção de alimentos, verificado nos países desenvolvidos e industrializados, este aumento não foi verificado nos países de “agricultura primitiva”⁸⁴, tecnicamente desarmados dos indispensáveis instrumentos à intensificação dos processos de exploração da terra e dos recursos naturais. Isto acabou por alargar ainda mais as discrepâncias entre os países com

⁸⁴ Para Castro, a agricultura primitiva brasileira equivalia ao regime feudal europeu. Assim, como outros intelectuais, Castro levantou a tese de que o período colonial brasileiro correspondeu ao feudalismo. Entretanto, como Caio Prado Jr assinalou, no regime feudal não havia mercantilização externa, a terra servia para agricultura de subsistência, diferentemente do colonialismo brasileiro, voltado para o mercado externo. Surpreendentemente, defendeu essa tese, mesmo em várias passagens de sua obra, o caráter de exploração comercial do modo de produção colonialista praticado no Brasil.

casos alarmantes de fome e os países de abundância alimentar. Muito embora também chame atenção para a questão dessa “abundância”, alertando que mesmo nos países desenvolvidos verificam-se contingentes de populações com fome.

Seguindo esta lógica de raciocínio, Castro acreditava que “o desenvolvimento da agricultura é um pré-requisito para a industrialização racional” (1959, p. 32), funcionando como potencializador da economia e do desenvolvimento equilibrado, e como premissa central para o aumento da produtividade nacional. Para tanto, este desenvolvimento equilibrado e racional na agricultura, como pré-requisito para expansão industrial, só seria alcançado com uma efetiva reforma agrária no país.

Entretanto, essa reforma agrária efetiva não seria apenas um simples expediente de desapropriação e redistribuição de terra para atender a aspirações políticas, mas um processo de revisão das relações jurídicas e econômicas combinado com leis ambientais, entre os que detêm a propriedade agrícola e os que trabalham nas atividades rurais, de forma a tornar o seu rendimento mais elevado e, principalmente, melhor distribuído entre a coletividade, sobretudo a coletividade rural, à exemplo da reforma agrária realizada na China (Araújo, 2014)⁸⁵.

Eu daria o exemplo da China, que era considerado um país tipicamente superpovoado, com seus 600 milhões de habitantes – a maior massa de população do mundo – com algumas áreas com a densidade demográfica de 1500 pessoas por quilômetro quadrado (população rural, não urbana). Esta China é o país da superpovoação. País onde Malthus parecia ver consagrada a sua teoria, mas, a China, com dez anos de trabalho intensivo de desenvolvimento econômico, tanto no campo industrial quanto no campo rural, veio provar que nem havia excesso de gente nem falta real de terra, como se apregoava. E a demonstração disso é que a China agora, nesse ano de 1959, vai cultivar apenas um terço das terras que eram cultivadas anteriormente. Um terço vai ser para a restauração de suas florestas. O outro terço vai ficar em repouso. A China, através dos métodos agrícolas superintensivos, sem máquinas, - não é mecanização, mas uma conjugação de fatores de produção, de técnicas manuais - aproveitando o seu aparente excesso de gente, pode promover um tipo de agricultura superintensiva que absorveu uma grande parte de sua população (CASTRO, 1959, p. 41).

⁸⁵ Castro elogia a Revolução Chinesa, liderada por Mao Tsé-Tung, que operou uma série de reformas dentre elas a coletivização das terras, controle estatal da economia e nacionalização de empresas estrangeiras.

Castro ressaltou a Revolução Chinesa para reafirmar sua perspectiva de que o desenvolvimento por si só não é suficiente para promover uma reforma social, mas apenas um dos ingredientes necessários para a transformação na sociedade. Isto não significaria que ele acreditasse ser possível transportar modelos pré-fabricados de desenvolvimento, realizados em outros contextos socioculturais e ambientais. Muitos menos no caso brasileiro, como já exposto, em que ele acreditava que o maior impedimento de um imperativo industrial seria o desequilíbrio operado por este modelo econômico que agravava os desníveis entre o progresso do Brasil industrial (Sudeste) e o atraso do Brasil agrícola (Nordeste).

Ao contrário de Celso Furtado⁸⁶, Castro não apostava, como solução, na transferência da população rural do Nordeste para as áreas urbanas, devido à improdutividade do campo. Não acreditava que com isto o problema seria resolvido, até porque a seca é transitória, mas o pauperismo do Nordeste tornou-se permanente. O pensamento de Furtado considerava o problema agrário como uma questão de reorganização agrícola, em favor de um projeto de industrialização como via para a criação de uma nova classe dirigente mais progressista (Cardoso, 2007; Silva, 2010; Menezes, 2012; Araújo, 2014).

Já Castro defendia a tese de que não seria o meio natural que determinaria o ambiente social, embora exerçam influências mútuas. Mas, no caso do Nordeste, seria o atraso socioeconômico e tecnológico que produziria a subutilização do meio físico. Com isso, argumentava que a aplicação coerente entre ciência e tecnologia, dados os avanços já alcançados no século XX, poderiam fomentar melhorias na utilização das terras pelo uso das técnicas capazes de transformar os solos de rendimento baixo em solos cultiváveis, proporcionando um alto rendimento agrícola. Além disso, pontuava que o grande problema do solo nas áreas de seca no Nordeste não seria de fertilidade do solo, mas de carência de um sistema racional de irrigação capaz de superar as diversidades do meio. Sendo assim, o aspecto central da questão seria a terra e suas relações históricas com a população do campo (Araújo, 2014).

Segundo Cardoso (2007), do debate estabelecido sobre os problemas do Nordeste entre Celso Furtado e Josué de Castro emergiram duas perspectivas de

⁸⁶ Sobre o debate estabelecido entre Furtado e Castro sobre desenvolvimento do Nordeste, que culminou na criação da Sudene, consultar os estudos de Cardoso (2007).

desenvolvimento distintas sobre a reforma agrária e o modelo econômico a ser seguido. Por um lado, a de Celso Furtado que tomava o sertão nordestino como terra de pobreza com potencial para se tornar um polo industrial e, por outro, a de Castro tomando como terras de potencialidade via transformação da agricultura por meio da melhoria tecnológica.

Neste sentido, fica evidente que Castro pensou o progresso tecnológico (particularmente as técnicas agrícolas, a valorização e a recuperação de recursos naturais) como caminho para viabilização de modos de produção mais duradouros, o que permitiria a longo prazo o crescimento da produção adaptado ao crescimento das necessidades humanas. Isto implicaria num investimento da ciência e das ações políticas em constante relação para manter os mecanismos e técnicas atualizados, a fim de garantir a segurança alimentar para todos e coibir a concentração de produção de renda entre a minoria de grandes agricultores (que historicamente dispõe de mais terras), fornecendo mais investimentos e financiamentos para os pequenos agricultores, para que estes atingissem o nível de produção de mercado em condições mais favoráveis.

É por isso que Castro acreditava numa profunda reforma agrária atrelada a programas sociais de crédito, de investimento e de comercialização para impedir a marginalização dos pequenos trabalhadores rurais e, conseqüentemente, evitar graves episódio de fome. Porque mais urgente do que acelerar o ritmo da produção seria garantir a satisfação das necessidades básicas, com isso, aos poucos, toda a nação se beneficiaria com o crescimento da economia agrícola (Castro, 1968).

Desse modo, analisava que não se poderia separar o problema da produção de alimentos do problema de consumo. Para que as populações subdesenvolvidas pudessem consumir sua alimentação, seria necessário que seu trabalho industrial, ou de outros setores (sobretudo, o agrícola), lhe garantisse um nível suficiente para isso. Os intercâmbios comerciais, sobretudo internacionais, não poderiam ser, em nenhum caso, senão um complemento das produções alimentares internas. Sendo as importações alimentares indispensáveis apenas em caso de situações de fome originados por conflitos políticos ou catástrofes naturais.

Outra desmitificação realizada por Castro, no que se refere a determinadas

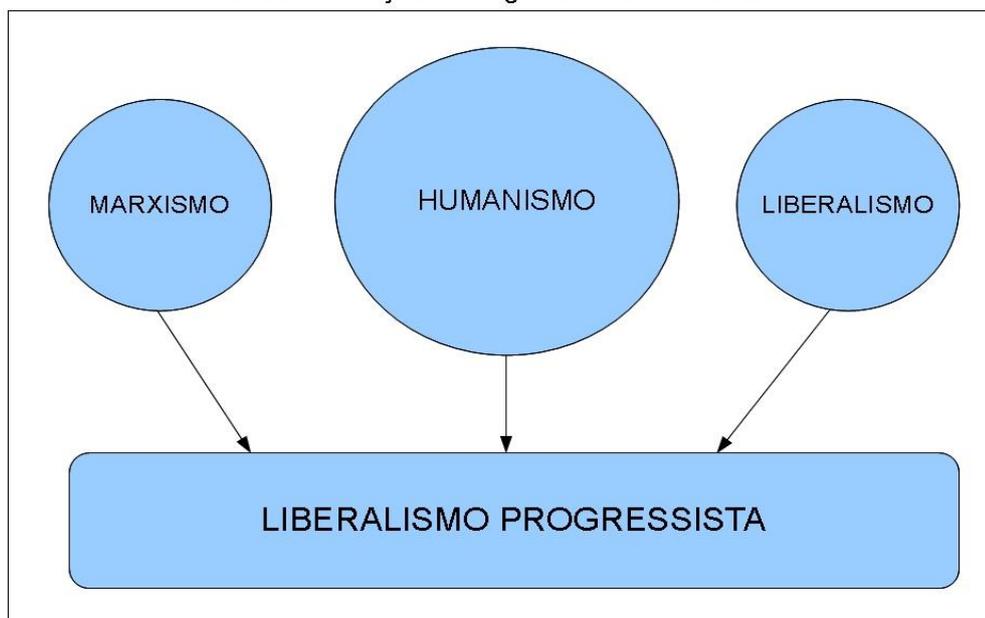
perspectivas de desenvolvimento, foi a concepção que enxergava na maximização da produção da mão de obra e do capital o meio para promover a distribuição do progresso e da riqueza. Essa distribuição ocorreria involuntariamente pela força da clássica visão econômica, denominada “mão invisível”. Para Castro, essa teoria do *laissez-faire* nunca agiu no interesse da humanidade, mas em favor dos grupos dominantes e privilegiados, que sempre monopolizaram os benefícios, deixando na miséria as grandes massas marginalizadas dos países pobres. Daí sua conclusão de que o subdesenvolvimento não seria ausência de desenvolvimento, mas o produto de um tipo universal de desenvolvimento (Araújo, 2014).

A crítica ao capitalismo baseado na economia clássica não significa que Castro adotava concepções de planificação econômica do socialismo, pelo contrário, apresentou nítidas noções do pensamento liberal. Ao reivindicar a erradicação da fome por ações políticas e pelo compromisso da ciência, trouxe à tona o seu pensamento liberal progressista, opondo ao liberalismo individualista. Um liberalismo progressista marcado pelo compromisso liberal com os direitos civis individuais em contraposição à violação dos direitos sociais (Menezes, 2012).

Dessa forma, fica claro o caráter conciliatório em Castro entre ciência e política, que mesmo concebendo-os como dois polos distintos, deveriam seguir em constante diálogo para atingir um objetivo: a felicidade humana. Isto demonstra a complexidade de seu projeto político-ideológico que opera numa linha tênue entre capitalismo e socialismo e demonstra o esforço de síntese intelectual, a partir da conciliação entre correntes de pensamentos distintos como marxismo, humanismo e liberalismo, para apontar um caminho alternativo (Menezes, 2012).

A sua visão humanista foi a sustentação ideológica que fundamentou sua proposta política conciliadora entre as correntes de pensamento dualistas. Ao propor um reformismo social, que tinha como suporte o crescimento da riqueza, pautado pela ética social dos direitos humanos, orientou sua ética científica e sua orientação política (Menezes, 2012). Em outras palavras, a sua luta travada contra o colonialismo encontrou no humanismo o meio para reivindicar junto aos países imperialistas o dever e a dívida histórica de auxiliarem os países mais pobres, sendo essa reivindicação mais um imperialismo ético do que uma luta revolucionária, o que evidencia sua empatia pela social democracia, que apregoava o bem-estar social.

Quadro 1. Projeto Ideológico de Josué de Castro



Fonte: Elaboração da Pesquisadora

Para Castro, além da barreira antiética produzida pelo imperialismo, esse seduziu a mentalidade intelectual das universidades brasileiras, que ao invés de exercer sua função ético-social, guiaram-se por modelos pré-fabricados, aceitando a manutenção do *status quo*, tendo como recompensa por deixar-se seduzir à servidão nacional. Nesse sentido, Castro considerava as universidades brasileiras como um tipo de cultura antidemocrática, sem expressão transformadora da sociedade, e hostis às reformas de base, sendo poucos os que se propunham por meio da educação libertadora uma compreensão singular dos contextos socioambientais, integral entre os seres humanos, que permitisse a coisa mais difícil da contemporaneidade, a convivência do homem com o próprio homem (Castro, 1971).

Assim, podemos resumir o desenvolvimentismo em Castro como um projeto de superação do subdesenvolvimento através de um tipo de industrialização integral das economias, rural e urbana, por meio de um planejamento realizado pela população, organizações sociais, coordenado pelos intelectuais e cientistas brasileiros, apoiado e fiscalizado pelo Estado. O perigo de sua concepção seria recair no mito do desenvolvimento pela superação exclusiva dos recursos naturais e na essencialização das funções dos homens de ciência.

No debate atual, o paradigma do desenvolvimento foi substituído pelo da

globalização e do papel do Estado frente à abertura dos mercados e ao aparecimento de numerosos atores multinacionais, que fizeram ainda mais com que a alimentação perdesse seu papel estratégico central na luta pelas desigualdades regionais e sociais, em consequência da sua visão neoliberal dominante, centralizada na especulação de mercado, que tenta a todo custo diminuir consideravelmente a importância das políticas públicas sociais e a cooperação internacional na solução do problema da segurança alimentar (Chonchol, 2005).

Pela tese de Josué de Castro, isso explicaria em parte o porquê da persistência da fome na contemporaneidade, onde convivemos com abundância, com índices altíssimos de produção alimentar, e ao mesmo tempo não conseguimos as necessidades mais básicas do ser humano, para que este possa ter plenas condições de produção, seja para atender suas outras necessidades, como também as próprias exigências do capital em suas relações de produção (Ziegler, 2013).

5.2. Economia Humanizada

Ao negar a visão dualista de mundo (capitalismo x socialismo), Castro (1960) vislumbrava um sentimento de humanidade promovido por uma cooperação global suprapartidária, sem uma ideologia em si, mas com objetivo de pensar o mecanismo para uma economia humanizada, em que o papel participativo das populações seria ativo, haja vista que “os povos famintos passaram da resignação à revolta e, por isto, os povos da abundância terão que passar, sem perda de tempo, das explicações hipócritas à ação criadora” (p.54) ou passaríamos a presenciar a degradação do mundo.

Nesta perspectiva, o capitalismo liberal e o socialismo consolidados deverão ser realmente descentralizados, adaptados às diversidades e voltados para o projeto de felicidade de todos. Diante das crises constantes que se observam no fazer humano, a saída para aniquilar a autodestruição dos povos seria um planejamento humano do espaço socioambiental, através do qual lentamente se chegaria à ascensão das massas marginalizadas e excluídas socialmente de participar do banquete da Terra (Castro, 1960).

De acordo com Castro, o processo esperado inicia-se pelo desenvolvimento das massas marginalizadas, assegurando-lhes melhoria das condições sanitárias e pela organização do trabalho coletivo. Para tanto, caberia a utilização da capacidade técnica, econômica, sociológica e política para construção de um desenvolvimento humano, pensado em função de todos os homens, como resposta à crise política que se encontrava no mundo pós-guerra com a participação ativa das massas populares.

Em sua análise, os investimentos nas infraestruturas deveriam ser previamente avaliados, levando em consideração, nas análises técnicas, as vantagens e inconvenientes da concentração ou dispersão das atividades produtivas no território. Por isso, a industrialização deveria ser incentivada em função das necessidades da população, em contraposição à perspectiva de produção em função da exportação de alimentos ao parque industrial estrangeiro. Esse tipo de perspectiva retratava um modelo de produção aplicado nas economias coloniais, que retiravam das colônias as matérias-primas a baixo preço, causando desequilíbrio econômico no mundo e grandes paisagens humanas de fome endêmica nas colônias, quer se tratando das colônias políticas, como os países africanos, quer das colônias econômicas como as da América Latina (Castro, 1968b).

Para atingir tais fins (a saber, de desenvolvimento do homem como fator de beneficiário do desenvolvimento) era necessária uma transformação radical da política colonial que produzisse independência dessas colônias, partindo da compreensão de que o progresso desigual nos diferentes setores da vida humana é uma das causas da grave crise do mundo contemporâneo (Castro, 1971).

O argumento de Castro em defesa de ações de coordenação e planejamento pelos técnicos e científicos ou “homens de ciência”, deve-se à necessidade de realização de estudos, planos e diagnósticos sobre as potencialidades do meio em função do desenvolvimento para evitar despesas mal-empregadas pelo poder público. Os laudos técnicos indicariam como tratar as tensões econômicas ou sociológicas, que seriam reveladas pela análise, configurando um pré-plano de desenvolvimento que orientaria os investimentos por prioridade de urgência. Esse planejamento humanizado não poderia se limitar a conceber planos a curto prazo, mas também realizar projeções a longo prazo.

Tal concepção, de desenvolver-se sem desumanizar-se, está atrelada ao conceito de sujeito como um ser que desenvolve as “forças de natureza humana”, integradas pelo trabalho, sociabilidade, consciência, universalidade e humanidade. Portanto, o desenvolvimento humano só poderá ser evocado quando não haja perdas correspondentes desses pré-requisitos.

No entanto, na apressada busca da riqueza, de acordo com a fórmula preconizada pelo Ocidente de maximizar os lucros em vez de maximizar as energias mentais, que enriquecem com mais rapidez a vida dos homens e podem dar-lhes muito mais felicidade, os sujeitos desumanizam-se. Os requisitos de ser humano não são encontrados facilmente entre os sujeitos marginalizados, que se encontram mergulhados na particularidade da vida cotidiana, comprometidos fundamentalmente com a conservação e reprodução da vida, sem manter uma relação consciente com a genericidade humana. Neste caso, desumanizado diante de uma perversa lógica de vida de salários indignos, fome e exclusão social, em que não há possibilidade para o surgimento do sujeito, ficando preso à miserável vida cotidiana (Melo Filho, 2003).

Com isso, Castro avaliava ser importante a integração dos fazeres intelectuais, científicos e tecnológicos, na busca por soluções para essa lógica perversa. Para ele, a partir dessa integração, poderíamos encontrar valores representativos de humanidade em outras civilizações para além das Ocidentais, abarcando uma diversidade humana e evitando uma dominação que provoca revolta e desumanização do humano. Nesta transformação radical, era fundamental atentar-se para um desenvolvimento libertador, em que os sujeitos pudessem ter poder de escolhas e não fossem arrastados pela engrenagem na máquina de maximização de lucro e minimização de ser humano.

Neste sentido, Castro sugere que o capital humano não fosse reduzido a mero elemento de produção quantitativa, mas também em sua qualidade produtora, por isso a necessidade de uma educação libertadora capaz de formar sujeitos interessados pela humanidade e pela “re-humanização” da cultura. Sendo assim, o investimento neste tipo de educação não poderia ser visto como desperdício, mas como investimento do capital humano, e suas taxas de retorno apresentariam contribuições para o desenvolvimento e o bem-estar da humanidade.

[...] É a vida do homem que deve desabrochar pela utilização dos produtos postos à sua disposição pelo desenvolvimento. E, que o progresso social não se exprime apenas pelo volume da renda global ou pela renda média per capita, que é uma abstração estatística, e sim por sua distribuição real” (Castro, 1971, p.21).

Concentrar todo o esforço apenas na dimensão econômica seria estimular um pacto de destruição mundial. Por isso, era necessário, antes de tudo, “extirpar do pensamento político contemporâneo esse conceito de economia como um jogo, no qual devem existir sempre uns que tudo percam para que outros tudo ganhem” (Castro, 1968b, p. 385). O objetivo era colaborar para uma cooperação mundial humanizadora, capaz de disciplinar as forças sociais na perspectiva da emancipação coletiva. Uma das primeiras ações de ordem prática seria colocar a agricultura a serviço da saúde pública, elevando-se as condições de dignidade humana para todos.

Assim, Lima (2009) sugere que Castro transpôs os princípios dietéticos (quantidade, qualidade, adequação e harmonia alimentar) em princípios de uma sociedade sem fome. O princípio da quantidade estaria ligado ao aumento da produção de alimentos nos países subdesenvolvidos, a partir do uso químico e tecnológico, o que trazia aspectos controversos de como se daria este uso, se através do uso de fertilizante químicos na agricultura ou a partir de uso de adubos naturais, o que implicaria no segundo princípio dietético de uma sociedade sem fome, o da qualidade nutritiva da produção.

Para nós, estas questões não ficam claras nas obras de Castro. Lima (2009) indica que ele manteve uma posição conciliadora, que associava o emprego de ambas as técnicas agrícolas (uso químico de produtos e adubos naturais) para assegurar a produção sem prejuízo da qualidade através do uso adequado dos recursos técnicos para aproveitar o que a natureza dispunha. Sendo fato incontestável que os danos ambientais e à saúde humana, decorrente de uso de fertilizantes químicos, que podem atingir níveis inversamente proporcionais aos anunciados pela geografia da abundância (aumento da produção)⁸⁷.

⁸⁷ Atualmente, alguns estudiosos, advertem que ao reduzir o dilema à discussão conciliatória entre metas de produtividade e teor nutritivo da produção oculta-se a verdadeira dimensão dos danos à saúde coletiva, à segurança alimentar e ao ambiente, principalmente nos países em desenvolvimento e nos de economia de transição, que respondem pelo consumo de cerca de 25% da produção mundial de agrotóxicos (Lima, 2009).

O fato é que, para Castro, a produtividade agrícola como questão central deveria ser analisada em termos de sua finalidade social. Dessa forma, associou o terceiro princípio dietético ao princípio da sociedade sem fome, harmonia alimentar à harmonia social, alcançada com o equilíbrio das forças sociais. Já o princípio de adequação alimentar estaria vinculado à capacidade de as sociedades distribuírem equitativamente os alimentos, realizando as necessidades biológicas do famintos e aumentando o poder aquisitivo das populações marginais, para que se atingissem também as necessidades sociais. Neste sentido, a emancipação coletiva postulava não apenas proporcionar meios de sobrevivência, mas também de dignidade, que tanto reclamavam os famintos (Lima, 2009).

A expectativa de Castro era de que, uma vez bem alimentados, os países subdesenvolvidos pudessem produzir o suficiente para atingir um nível de vida coerente com o sujeito humanizado. Além disso, as economias da colônia, transformadas em grandes mercados de consumidores poderiam cooperar substancialmente para uma economia equilibrada, absorvendo os excedentes de determinados produtos dos países tecnicamente mais desenvolvidos. Dessa forma, operaria uma substituição de uma economia colonial por uma economia de cooperação entre as nações, na qual os conflitos de interesses cederiam espaço à reciprocidade, com criação de um órgão suprapartidário. Mas, este órgão não existe? E a ONU?

Não se tratava de um órgão como a ONU, porque, segundo ele, orientava as políticas econômicas da ONU em relação às intervenções internacionais, baseado no modelo de desenvolvimento dos países ricos ocidentais, sem analisar as particularidades dos países subdesenvolvidos.

Uma espécie de etnocentrismo conduziu os teóricos do desenvolvimento a apoiar as suas ideias e a estabelecer os seus sistemas de pensamento sob as concepções da economia clássica que ignorava a realidade socioeconômica das regiões de economias dependentes (Castro, 1971, p. 12).

A crítica de Castro à ONU é por ter acreditado que esse órgão, pela inserção de capitais em determinadas proporções, e de tecnologia (produtos das inovações ocidentais), seria o transformador radical das estruturas sociais mundiais, promovendo distribuição equitativa de alimentos e auxiliando o desenvolvimento das estruturas de culturas tradicionais não ocidentais, estabelecendo automaticamente o desabrochar de um desenvolvimento generalizado. O resultado foi um insuficiente, mal distribuído e mal aplicado auxílio internacional. A nova proposta de cooperação internacional deveria ser de um outro tipo, visando, sobretudo, ao respeito as particularidades sócio-históricas e à diversidade dos povos do mundo (Castro, 1971).

O grande problema, para Castro, seria como instaurar a economia humanizada sem tropeçar na questão de tempo. Em que momento se daria a reforma social para os que sofriam de fome? A preocupação de Castro dava-se por ter ciência da radicalidade social proposta e, como tal, levaria tempo para sua conformação, tendo em vista que os princípios como adequação e harmonia social ultrapassavam os limites dos planejamentos técnico científicos. Desse modo, eram apenas possibilidades e implicavam em ponderar a função essencializadora atribuída aos homens de ciência. Havia muito o que lutar contra a fome, sobretudo contra a apatia humana para compreender a complexidade do fenômeno e resolver o problema (Lima, 2009).

As ações propostas por Josué de Castro, em certo sentido, encontraram pontos de diálogo com a proposta atualmente debatida, que é epistemologia proveniente do sul do mundo, que não necessariamente corresponde ao sul geográfico (Santos, 2004). Ao tomar a experiência do Brasil como laboratório principal e em suas particularidades, e tentar provocar uma proposta de política cosmopolita na construção de uma economia humanizada, chamando atenção para ideia de que a fome é um problema político, social e mundial que poderá trazer problemas graves à humanidade, Castro lança mão de uma utopia crítica às alternativas neocolonizadoras em contraposição as utopias conservadoras⁸⁸.

Além disso, a nosso ver, as propostas de Castro podem ser vislumbradas como

pressupostos para construção de um outro mundo possível, a partir de um desenvolvimento do homem pelo homem, embora não se coloquem de forma geral como alternativa às alternativas, isto é, alternativas às alternativas ocidentais, que se mostram fechadas e propulsoras de desigualdades, visto que não apresentam uma ruptura como um todo diante das utopias conservadoras. Isso decorre do fato de que Castro acreditava nos modelos de eficácia e eficiência da ciência moderna como saída para essa nova proposta, ainda que acreditasse que a justiça social só poderia ocorrer com a mudança de postura dos homens de ciência. Sem dúvida, não podemos deixar de pontuar suas propostas como contra hegemônicas.

A lógica da epistemologia do Sul consiste em mostrar que os conceitos de racionalidade e de eficácia, subjacentes ao conhecimento técnico-científico hegemônico (ciência moderna do ocidente), são demasiado restritivos para captar a riqueza e a diversidade da experiência social do mundo, e, sobretudo, que eles discriminam as práticas sociais. Para Gonçalves (2006), o resultado do processo epistemológico do Sul possibilita o florescimento de dois tipos de sociologias: a sociologia das ausências e a das emergências.

A sociologia das ausências é uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não-existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis, objetos ausentes em presentes. (Santos, 2004, p. 14).

Enquanto que a finalidade da sociologia das ausências é identificar e valorizar as experiências sociais disponíveis no mundo, embora declaradas não-existentes pela racionalidade e pelo saber hegemônicos, a sociologia das emergências visa identificar e ampliar os sinais de possíveis experiências futuras, sinais inscritos em tendências e latências que são ativamente ignoradas por essa racionalidade e por esse saber. (Santos, 2004, p. 23).

Se atentarmos para o debate intelectual de Castro com a sociologia, fica evidenciada a aproximação de Castro da nova epistemologia. Além disso, Castro, assim como a perspectiva elaborada por Souza Santos (2004), também buscou para além de combater as práticas sociais da hegemonia imperialista, demonstrar que a própria transformação da ordem social mundial (de uma sociedade focada na

exploração do homem para uma sociedade de economia humanizada) necessita de uma transformação na maneira de apreender o mundo e em sua diversidade e sua diferença em busca de um mundo amplamente democrático e equitativamente justo. Isto significa uma produção de justiça social pautada na diversidade e na diferença.

Entretanto, ao contrário da proposta da epistemologia do Sul, as propostas de Castro de criação de um órgão de internacionalização se aproximavam mais de um velho internacionalismo de um ideal para aqueles que lutam, do que uma organização estratégica para os povos. Por mais que almejasse a criação de alianças, mais a distinção entre nacional, regional e local é mantida em contraposição às questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

5.3. Fome, desnutrição e atualidade em Castro

Castro, ao situar o quadro de fome em uma análise político social (que evidenciava as desigualdades econômicas entre os países e a estreita relação entre fome, miséria e exploração econômica nos países subdesenvolvidos), desenhou os contextos significativos para compreender a problemática da fome, apontando sua relação multicausal. Esta sobreposição de definições, dentro de um mesmo espaço problema, demonstra a complexidade do fenômeno da fome na dinâmica social, não se constituindo uma tarefa fácil, no plano político, do confronto de ideias e de interesses, a adoção de instrumentos, recursos e agentes especializados para pensar estratégia de superação da fome (Valente, 2003).

Até onde captamos o pensamento castrino, não nos parece que Castro estivesse preocupado com a sobreposição das definições, tão pouco atentou-se para importância de suas definições singulares, embora interligadas, para fomentação de ações estratégias para seu combate. Entretanto, por mais ambivalente que pareça a conceituação de fome apresentada por Castro (basicamente tipificada entre fome endêmica e fome epidêmica) é possível encontrar na sua formulação três construtos fundamentais para seu entendimento:

“1) É um problema social e universal, que coíbe os seres humanos de exercer seu direito de alimentar-se adequadamente;

2) É um problema de segurança alimentar e nutricional, prioritário diante dos problemas mundiais;

3) É uma construção que deve ser analisada do ponto da soberania nacional”.

Três constructos importantíssimos na atualidade para compreensão da problemática: Direito Humano à alimentação adequada, Segurança Alimentar e Nutricional, e Soberania alimentar. Com isso, o nosso autor, que descortinou o problema universalmente alertando da sua gravidade e complexidade, já havia nos aludido que a principal estratégia seria: não tratar o fenômeno da fome isoladamente com técnicas e análises fragmentadoras da realidade.

Como nos relata Valente (2003), geralmente, “o profissional de saúde enxerga a fome apenas como uma doença, propondo vacinação, aleitamento materno e saneamento básico; o educador aponta a “ignorância” e inadequação de hábitos alimentares como agravante da fome e propõe educação alimentar; o agrônomo diagnostica falta de alimento e propõe aumento da produtividade ou ajuda alimentar; os economistas identificam a má distribuição de renda e propõem uma melhoria na política fiscal e geração de emprego e renda, etc.; os planejadores observam a falta de coordenação e sugerem a criação de conselhos de alimentação e nutrição e capacitação profissional. Como crítico a fragmentações e especializações acadêmicas, sobretudo para o combate à fome, Castro (1968d) argumentava que se fazia necessário que os técnicos e cientistas saíssem de seus casulos profissionais para entenderem o fenômeno como um todo, ou trabalhassem de forma integrada. Caso contrário, seriam combatidos apenas os efeitos da fome e não suas causas.

Dessa forma, pobreza, fome e desnutrição não podem ser analisadas exclusivamente na dimensão econômica (renda), na dimensão alimentar (disponibilidade de alimentos) ou na dimensão biológica (estado nutricional). São dimensões inseparáveis, conforme assinala Monteiro (2003): 1) Indivíduos podem ser pobres sem necessariamente serem afetados pela fome (fome de alimentos), mas serem afetados por falta de estrutura social adequada (saneamento básico, educação, transporte, etc.); 2) há ocorrência de fome na ausência de pobreza (em casos desastres naturais, guerras e outros); 3) A fome causa algum tipo de desnutrição, mas nem toda deficiência nutricional se origina da fome (falta de alimentos), mas em

associação ou não com outros fatores.

Certamente, a definição da fome é complexa. Por isso, nos propusemos a frisar o que não é fome no pensamento castrino. A fome equivalente à urgência de se alimentar, causada por apetite, fome individual, ou mesmo a fome aguda causada por guerras ou desastres naturais, não constituem necessariamente o alvo da sua discussão. Mas a fome oculta, crônica, que é permanente, ocorrendo quando a alimentação diária propicia déficit nas atividades do pleno desenvolvimento humano, ou em atividades cotidianas. Nesse sentido, a fome crônica pode manifestar-se na modalidade de desnutrição (dimensão biológica) ou pode manifestar-se pela dimensão socioeconômica (acesso a alimentos ou déficit de estrutura social adequada) ou simultaneamente, sendo dimensões de um mesmo evento, a pobreza.

Como um tipo de fome, a desnutrição associa-se a casos clínicos de nutrição, aferida pelos métodos quantitativos como: antropometria, exames laboratoriais e sintomas clínicos ou de dados clínicos nutricionais qualitativos como qualidade dos alimentos ingeridos ou deficiência genética. Assim, a desnutrição provoca doenças que podem ser classificadas de acordo com suas causas:

“[...] a desnutrição a calórico-proteica (provocada pela falta de calorias e proteínas), as doenças causadas pela deficiência de vitamina A, a anemia (provocada pela deficiência de ferro), o raquitismo (gerado pela deficiência de vitamina D), o bócio e os distúrbios causados pela carência de vitaminas do grupo B. Todas essas formas de desnutrição, quando não fazem suas vítimas diretamente, facilitam o aparecimento de outras doenças, que acabam levando o desnutrido à morte. Por exemplo, os óbitos de crianças pobres nos países do Terceiro Mundo não apontam a fome ou desnutrição como causa dessas mortes. Figuram como causas a pneumonia, a desidratação [...]” (ADAS, 1988, p. 10).

Neste caso, a desnutrição seria apenas o efeito da fome, não sua causa. Optar pelo estudo do efeito é travar um debate sob o signo da fragmentação da realidade e do conhecimento, direcionando o foco para os aspectos visíveis e superficiais, o que, por muitas vezes, é apenas a ponta do iceberg. Com isso, corre-se o risco de recair em modernizações seletivas da realidade e naturalizar a desigualdade social, fortalecendo processos permanentes de invisibilização e desumanização dos sujeitos. Nesse sentido, nem sempre a fome pode ser diagnosticada em exames rotineiros e nem sempre pela escala de renda mínima, por ser de ordem estrutural e permanente.

É latente no pensamento castrino que é necessário explicar as razões e o porquê dessa reprodução da fome. Como pensar a reprodução de valores universais, capazes de garantir a reprodução da vida cotidiana sem desvincular as instituições sociais, mesmo considerando que essas, por vezes, não são cumpridoras de suas funções de promover bem-estar social.

Assim, o fenômeno da fome, reprodutor de invisibilidade, é resultado de várias relações sociais, aparentemente contraditórias, mas que não se anulam, pelo contrário, se complementam, por isso, não são retiradas da obra castrina.

Por isso, fica evidente em Castro, que a pobreza e fome não se associam linearmente e que a fome não é apenas consequência da pobreza, mas possível causa. Ambas são processos de desigualdades sociais, que criam múltiplos critérios de invisibilidade social. Dessa maneira, a fome apresenta-se como indicador central para pobreza, exclusão social e, ao mesmo tempo, uma dimensão que permite hierarquizar a intervenção orientada para a luta contra a pobreza (Monteiro, 2003; Pedro, 2006).

É preciso não esquecer da premissa de que a fome é uma manifestação biológica de um problema social, portanto, produzida pelo próprio homem (Castro, 2005). No caso específico do nosso modo de produção capitalista, que promove a desigual distribuição, colabora para desprover a massa populacional do acesso aos meios produtivos, fazendo com que os indivíduos tenham o acesso à alimentação condicionado pela renda. Desse modo, o direito básico da existência humana, tornou-se mercadoria. Uma mercadoria abundante, mas com acesso limitado. Quem delimita este acesso? O modo de produção escolhido pelas ações humanas. Assim, são nossas ações que contribuem para reprodução diária, intencional e contínua da fome. Os dados dessa reprodução, ainda, são alarmantes. De acordo com a ONU (2014), há mais de 800 milhões de pessoas no mundo que ainda sofrem de fome crônica

Como nos revela Jean Ziegler⁸⁹ no seu livro “Destruição em Massa – Geopolítica da fome” (2013), a fome ainda se constitui um grande problema mundial e vem aumentando na maioria dos países, com exceção do Brasil e da China, que contam com programas sociais como o “Fome Zero”, o Bolsa Família e o Brasil sem

⁸⁹ Sociólogo suíço, relator especial da ONU sobre direito à alimentação

Miséria, no caso brasileiro, e a reforma agrária no país asiático. Entretanto, no mundo inteiro há muito o que se fazer para evitar a destruição em massa.

Os dados do último relatório da FAO sobre a situação alimentar mundial são preocupantes, a cada cinco segundos, uma criança morre de fome e 57 mil pessoas morrem ao dia. De 7 bilhões que somos, 1 bilhão sofre de subnutrição grave, permanente, não tendo trabalho, nem moradia nem família. Seguindo os pressupostos de Josué de Castro, Ziegler (2013) argumenta que, a agricultura mundial, no atual estágio tecnológico, poderia alimentar quase que o dobro da população mundial (12 bilhões de pessoas). Isto significa que não há falta objetiva de alimentos, mas há falta de acesso, devido à especulação financeira com alimentos e ao controle da produção de alimentos de base e sementes por apenas dez multinacionais⁹⁰, além da ditadura mundial das oligarquias do capital financeiro globalizado e dos desperdícios de alimentos por falta de estocagem adequada no Hemisfério Sul ou por desperdício doméstico no Hemisfério Norte.

Nos supermercados da França as pessoas compram montanhas de alimentos a cada sábado e depois jogam metade fora porque perdem a validade. Outro problema é de estocagem. Na Nigéria, no Mali, os depósitos de alimentos têm infiltrações de água, há ratos e pragas. Nos países de Terceiro Mundo, 25% dos estoques são destruídos dentro dos silos. É muito importante saber que vivemos uma situação crucial totalmente nova em que há alimento demais no mundo, mas a pirâmide das vítimas cresce. E a ordem social e a ordem econômica canibal a causa da fome. Há um massacre. Não é um problema de produção, como foi no tempo de Josué de Castro (médico brasileiro que, em 1946, lançou o livro Geografia da Fome, no qual mostrava que a fome não era um problema natural, mas sim das ações dos homens, de suas opções, da condução econômica que davam a seus países (Ziegler, 2013)⁹¹.

Também corroborando com Castro, Ziegler afirma que essa destruição em massa (a morte por causa da fome), que mata 1% da população a cada ano, ocorre

⁹⁰ Dentre essas multinacionais destacam-se: Nestlé, Cargill, Bunge, Dreyfus Brothers, Archer (Daniels) Midland, que controlam 85% de todos os alimentos negociados no mercado mundial.

⁹¹ Entrevista de Jean Ziegler concedida a Ary Nabuco, Frédi Vasconcelos e Lilian Primi. Revista Caros Amigos, edição 195, nov./2013. Disponível em <http://www.carosamigos.com.br>. Acesso em 12 de set.2014.

por causa da fome quantitativa e suas consequências mais diretas ou por causa da fome indireta que causa enfermidades devido à baixa imunidade, causada pela falta de alguns nutrientes. Ambas as manifestações da fome provocam, atualmente, 18,2 milhões de pessoas por ano.

Com a ditadura mundial oligárquica do capital financeiro, as grandes empresas de alimentos, que dominam a formação de mercado são quem decide quem morrerá de fome. Isto porque, a população pobre e extremamente pobre, que vive nas favelas, não produz e precisa comprar sua alimentação diária, e quando por causa das especulações os alimentos como milho, trigo, arroz sobe os preços dos demais alimentos sobem e a população pobre não tem renda para comprar. Devido a isso que mesmo Brasil e China, que apresentam melhoria da situação de fome, não estariam completamente seguros de novas crises (Ziegler, 2013).

É por isso, que o mercado não é tão virtuoso e o Estado o “monstro”. Estas multinacionais, que agem legalmente, na lei de livre mercado, escapam de todo controle social ou de governo, funcionando com um único objetivo a maximização do lucro no menor tempo possível.

Em Castro, observamos que a saída para tal problemática é a refundação da estrutura socioeconômica, visando uma economia humanizada, a partir de uma política econômica de cooperação, caso contrário nos autodestruiremos. Além disso, no caso brasileiro, que recentemente saiu do mapa da fome devido ao aumento do PIB e aos programas sociais, deveriam investir, assim como a China, nas reformas agrárias, visto que, os extremamente pobres, muitas vezes, nem sequer têm documentos para serem assistidos nos programas sociais, podendo aumentar ainda mais este contingente. Com os investimentos em reformas estruturais, como reforma agrária, o país interferiria na especulação do capital financeiro, não do ponto de vista econômico, mas social, ao aumentar a produtividade em agricultura familiar, dando terras para pequenos produtores que trabalhariam para sua sustentação e, por vezes, para o aumento da produção interna, sem mencionar no cuidado com o solo. Cabendo frisar que a agricultura familiar não produz desemprego nem êxodo rural. Diagnóstico esse que Josué de Castro havia realizado nos anos de 1940-1960.

Vale ressaltar que, a disparidade regional entre Norte e Sul do Brasil persistem. Se equiparamos os dados de insegurança alimentar⁹², podemos observar que os maiores índices de insegurança alimentar grave se situam no Nordeste brasileiro. Das cinco cidades mais pobres do Brasil, quatro estão localizadas nessa região. Se analisada a situação entre famílias residentes na área urbana e rural, a tese de Castro continua confirmada. É na zona rural que se apresentam proporções mais elevadas de fome.

Assim, percebe-se que mesmo com o avanço das políticas públicas brasileiras, os dados ainda revelam que o Brasil apresenta certa modernização seletiva, que Castro retratava nos seus tempos de infância, quando o menino do mangue lhe puxou o casaco e mostrou que há seres humanos desumanizados, com apenas “uma cabeça equilibrada em cima do corpo” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994). Embora Castro, por vezes, lamentasse pelo menino Josué que lhe puxava o casaco, é este menino que o leva a estar no palco do pensamento brasileiro, aberto ao diálogo e a construção de um outro mundo possível.

⁹² Por insegurança alimentar entende-se o conceito elaborado pela FAO: “Uma situação que existe quando as pessoas não têm acesso seguro a uma quantidade suficiente para o crescimento e desenvolvimento normais e para liderar um acesso aos alimentos ativa e vida saudável segura e nutritiva. As causas são muitas: falta de disponibilidade de alimentos, poder de compra insuficiente, distribuição inadequada ou uso inadequado dos alimentos no lar. A insegurança alimentar, condições de saúde e práticas de saneamento pobres e cuidados de saúde inadequados e alimentos são as principais causas de mau estado nutricional. A insegurança alimentar pode ser crônica, sazonal ou transitório”. Disponível em <http://www.fao.org/home/>. Acesso em 25 de outubro de 2015.



Figura 7. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.155
Pintora: Anna Kindynis

6. Considerações Finais

Como bem sinaliza Lima (2009), conhecer a originalidade das propostas político-científicas de Josué de Castro, que possuem uma profunda relação com a história político social do Brasil e suas possibilidades de desenvolvimento social, não foi um empreendimento simples. O autor, que perseguiu como objeto de estudo a fome, trilhou por diversos caminhos a fim de organizar uma razão estrutural que apontasse para os fatores de produção e reprodução da fome, sem perder de vista a relação entre o biológico e o social, que iluminava sua problemática.

Por vezes, nos perdemos na complexidade dos diálogos interdisciplinares travados por Castro e no seu ecletismo, caracterizado por harmonização de coerência lógica entre as variantes doutrinas de pensamento, notadamente, opostas. O seu objetivo era buscar conciliação entre valores dogmatizados, aparentemente

transversais, e torná-los alternativas moderadas para projeção de ações políticas voltadas para a solução da problemática da fome, e, com isso, promover a inclusão de polos opostos, utilizando-se de uma metodologia inclusiva, para olhar o problema por todos os lados, tornando-se sua proposta complexa, polêmica, embora que extremamente atual (Menezes, 2012).

Foram várias as tentativas trilhadas para construção desse trabalho, com a constatação de que a medicina social foi a matriz epistemológica de sua produção social, voltada para ações de saúde pública, partimos do pressuposto que essa constatação desenhava como sua carreira política era um elo de continuidade de sua atividade intelectual. Acreditávamos que nesta relação intelectual e político, pudéssemos encontrar alguns elementos que apontassem para causa de seu esquecimento no debate acadêmico, hipótese essa, como vimos, não comprovada.

Como é sabido, a discussão entre produção do conhecimento e ações políticas, dito de outra forma, a relação entre a intelectualidade e a política, sempre esteve no centro das atenções dos debates políticos e sociológicos, constituindo uma abordagem polêmica. A tensão em torno dessa relação dramática repõe-se durante todo o tempo da vida e da atividade pública do intelectual. De um lado, o intelectual deve ter uma postura crítica indispensável à apreensão dos fenômenos, o distanciamento, sem o qual não se pode conhecer a verdadeira natureza das coisas. De outro lado, a opção do intelectual pelo envolvimento nas experiências políticas e sociais revela o próprio compromisso moral do intelectual com a sociedade de seu tempo.

Segundo Elida Rugai Bastos (*et al.* 1999), desde a antiguidade, Sócrates, que inaugura a tradição que se reproduz ao longo da história dos intelectuais em várias modalidades, nos apresentou o dilema da atividade intelectual representado pelas duas confrontações – distância crítica e envolvimento com a sociedade. Trata-se de uma relação constitutivamente tensa que pode gerar duas atitudes igualmente nocivas à atuação intelectual: a apologia e a indiferença.

A apologia ou discurso apologético, na medida em que naturaliza os problemas sociais, oculta os conflitos da realidade social. Nesse sentido, não permite o cumprimento de uma função dos intelectuais, a saber, o desvendamento da aparência

dos fenômenos. A outra cegueira nociva seria a indiferença, visto que o afastamento do intelectual do sofrimento dos homens, e sua negação em comprometer-se com a busca dos problemas sociais, configuram uma barreira quase intransponível para a compreensão do mundo (Bastos, et al., 1999). Esse dilema permeia a vida intelectual.

Como categoria social, os intelectuais entram na cena como analistas e intérpretes que se utilizam de métodos empíricos, sociológicos e filosóficos, pondo em movimento as potencialidades pelo desenvolvimento da ciência e da razão. Esse exercício obrigatório da razão transforma o intelectual em um tipo atormentado, pois seu ofício requer incessantemente a obrigação do uso impessoal da razão. Essa dramaticidade se traduz na marca definidora do intelectual com um sujeito moral que contribui para o processo de transformação do mundo na direção da emancipação humana, trazendo o duelo entre pensamento e ação política (*Ibidem*).

Há sempre relatos de frustrações vivenciadas ou analisadas dos intelectuais nesta ação política. A grande inquietação focaliza-se na possibilidade ou impossibilidade de equilibrar essas duas funções. O fato é que, alguns autores quando enfocam a atuação dos intelectuais na política colocam-os como traidores de sua suposta “missão”: “*defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que não subordinam sua atividade aos interesses contingentes*” (Bobbio, 1992, p. 32).

Para alguns pensadores, esta tensão não se resolve, haja vista que estes autores sociais cumprem papéis e funções específicas, no sentido de que o intelectual produz algo próprio, não é um copista dos outros, procurando apropriar-se daquilo que produz, é vaidoso e está sempre na rotina, seu resultado não pode ser imediato, estando comprometido sempre com a verdade. O político, ao contrário, muitas vezes não proclama o que sabe, às vezes mente, outras vezes omite. Para estes, não existe rotina, mas seu percurso é sempre aquela confusão criadora (Cardoso, 1989).

Para outros, os intelectuais são, por definição, políticos vocacionados. Por isso, devem ser os guias da ordem social e, conseqüentemente, engajados (partidários no melhor sentido do termo). Outros consideram os intelectuais, por si só, políticos, na medida em que enxergam neste o papel de fazer a síntese sobre a realidade social. Essas ideias nos remetem a refletir sobre a seguinte assertiva: “na medida em que se

faz político, o intelectual trai a cultura; na medida em que se recusa a fazer-se político, a inutiliza. Ou traidor ou inutilizador? (*o sinal de interrogação é nosso*)". (Bobbio, 1992, p. 34).

Essas são indagações que não foram resolvidas no campo do conhecimento e não seríamos nós que iríamos resolver. Apenas constatamos que toda esta discussão fez parte do caso específico de Josué de Castro, demonstrando que não se constituíram como funções radicalmente extremas, mais que isso, que foram características que não poderão ser colocadas como fator de seu esquecimento no período da historiografia social brasileira. Havia outros condicionamentos e outros fatores que trouxeram à tona elementos para explicar o não debate acadêmico de sua obra.

Por isso, a opção de problematizar a questão central a partir das discussões acerca da produção do conhecimento realizadas por Karl Mannheim, Antonio Gramsci, Wright Mills e Norbert Elias como sendo os fios condutores da nossa análise, tendo em vista que esses reconheceram a relevância dos condicionamentos e fatores sociais como influenciadores da produção e reprodução de ideias. Além disso, apontam que há ideologias e utopias (Mannheim) ou ideologias dominantes (hegemonia) e contra hegemonia (Gramsci) ou configurações e jogos sociais (Mills e Elias) que corroboram com determinados pensamentos, colocando-os com dominantes em detrimento de outros utópicos ou contra hegemônicos, fora dos jogos sociais.

Sem deixar de mencionar Jessé de Souza e Boaventura de Souza Santos, que trazem elementos para explicitar alguns apontamentos sociais e históricos, que não podem ser tomados, desvinculados da esfera social em que surgem e das repercussões de ideias operadas em determinadas sociedades.

Tais relações, aparentemente implícitas, constituíram a chave do nosso pressuposto, a saber, a relação entre conhecimento e existência. Assim, não se tratava apenas de analisar se deveriam ou não, os intelectuais exercer ação política, mas entender seus projetos de ser e estar no mundo. É esta ideia que se baseia na situação histórico-social em que se encontra este ou aquele produtor de determinado conhecimento, nutrido sempre na coletividade social (Villa Boas, 2002).

Em outras palavras, o que os autores trouxeram à tona, e o próprio personagem Castro, não descartando a relação tensa entre as funções do político e do intelectual, foi que os processos sociais individuais exercem influências sobre o processo de produção do conhecimento, nos revelando a história das ideias através do cruzamento com a biografia, sendo este um princípio metodologicamente válido para compreensão de uma dada realidade histórico-social.

Nesta perspectiva, a relação entre pensamento e realidade histórico-social é observada a partir da premissa de que a tarefa do intelectual é teórica, mas também política, haja vista que toda construção teórica é originada a partir de um contexto social e cultural de quem o produziu, não sendo essa produção falsa ou verdadeira, mas pensamentos que expressam com mais ou menos clarividência a presença dos interesses ou anseios com os problemas sociais. Clarividência, que segundo Milton Santos (2001), foi uma das principais virtudes de Josué de Castro, a qual adquiriu não apenas pela intuição, mas pela disciplina de estudo, tentando enxergar no presente o que se projeta no futuro.

Portanto, se analisarmos a relação entre intelectual e política no caso brasileiro, na geração em que Josué de Castro esteve inserido, percebemos que toda essa dramaticidade do intelectual brasileiro se constituiu de forma “apaziguada”. Na medida em que os intelectuais dos anos 1930 a 1960, como bem aponta Pécault (1990), ora organizavam suas ações em torno das reflexões políticas da época (pelo jogo do poder), ora desenvolviam ações que eram, por si só, capazes de criar as estruturas políticas necessárias à sociedade, criando processos e instâncias políticas apenas como manifestação e instrumento de ação.

Isto significa que, mesmo afastados do jogo pelo poder, quer por pensamento ou ação, os intelectuais estavam inseridos no plano político, no debate político, pois a realidade social já era totalmente política; o engajamento, mesmo que inconsciente, era inevitável. Por isso, não faz sentido pretender separar conhecimento e ação nos estudos dos intelectuais brasileiros antes dos anos de 1980. Não havia ação que não supusesse o acesso à realidade nem conhecimento independente de uma prática que auxiliasse no “desenvolvimento” do social; “a convivência entre conhecimento e ação significa que nada escapa ao plano político” (Pécaut, 1990, p. 6).

Com isto, não estamos querendo dizer que havia uma politização ideológica na produção intelectual, isto não seria suficiente para compreender a realidade configurada no Brasil destes tempos. E como assinala Costa (2009), seria até simplista analisar a atividade política do intelectual como uma interferência no campo político. Isto porque, como aponto acima, o intelectual brasileiro se entregava à ação política sem nenhuma hesitação e como se tivesse a missão de fazê-lo.

Outra hipótese, que levantamos e abandonamos, foi a de que a indiferença, pelos seus comentaristas brasileiros sobre a obra de Castro, devia-se o fato de ser médico de formação e, como tal, suas pesquisas se apresentavam mais ligadas à Fisiologia e à ciência da Nutrição, e não a debates públicos sociais. Hipótese mal formulada, mas como as apresentadas acima, serviram para direcionar o estudo apresentado.

Como vimos, houve e há uma relação nítida entre o pensamento médico/nutrólogo com o pensamento social. Especialmente depois da grande depressão de 1929, em que se acompanham mundialmente de uma junção dos problemas biológicos com os problemas sociais. A relação se deu a partir da observação de que os problemas de doenças infecciosas estavam relacionados às questões de higiene e de má alimentação (Bizzo et ali, 2009).

O diálogo de Castro com o pensamento social brasileiro iniciou-se nos anos 1920 e consolidou-se nos anos 1940. Nessa época, os intelectuais estavam divididos entre a ideia da miscigenação como fator positivo ou negativo para a formação do povo brasileiro. Para uns, teríamos opiniões de que o multiculturalismo no país seria positivo, desde que não houvesse a mistura entre as três raças (índio, negro e branco). Já outros pensadores analisavam a mestiçagem como positiva, desde que no final predominasse a raça branca. Ainda haviam os que enxergavam a mestiçagem como negativa por compreenderem que nela se reuniam as piores características de cada raça (Candido, 1959).

Estas discussões adentram no Brasil com a influência dos paradigmas positivista, darwinista e evolucionista. Teorias notadamente dominantes neste período que se achavam marcadas pelo surto científico da Biologia, que saiu dos laboratórios químicos para os laboratórios sociais. Sob estas influências, o pensamento social

brasileiro que se inicia em meados do século XIX com os juristas, considerados intérpretes por excelência da sociedade brasileira oitocentista, também passa a ser tarefa de médicos e engenheiros (Candido, 1959).

Daí a inevitável aproximação dos juristas com médicos e engenheiros, que passaram a delinear o projeto político do país e a construir e consolidar a ciência social brasileira nos anos 1930-1940. Isto significa que não se sustenta o argumento de que a formação em medicina possa ser apontada como um dos fatores de esquecimento da obra de Castro. Se quiser problematizar um pouco mais, a constituição das ciências sociais brasileira demonstra a aproximação do debate médico e social.

No processo de institucionalização da Sociologia no Brasil, com a criação da primeira Escola Livre de Sociologia e Política (1933) em São Paulo e da Universidade de São Paulo (1934), ainda se refletia a chamada tríade da inteligência brasileira. Juristas, médicos e engenheiros, que se dividiam entre a construção das bases teóricas e a Sociologia aplicada, juntamente com participação de pensadores e cientistas sociais estrangeiros como Roger Bastide, Donald Pierson, Claude Levi-Strauss, dentre outros (Candido, 1959).

De fato, a emergência da criação de qualquer ciência requer um longo processo e a participação de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. As Ciências Sociais, para além do tripé da inteligência brasileira do final do século XIX e início do século XX, contou com artistas, escritores e educadores. Grosso modo, foi assim, que se deu em São Paulo a formação da Sociologia, vários especialistas imbuídos da missão de construção de um vasto corpo de instituições capazes de formar quadros competentes para mudar os rumos da vida nacional (Vecchio et al, 2009).

Na Escola Livre de Sociologia e Política, criada em 1933, desenvolvia-se a Sociologia aplicada com pesquisas de campo cujo principal tema estava voltado para as condições da classe operária de São Paulo, realizadas, sobretudo, por médicos. Na Universidade de São Paulo havia claramente uma preocupação em dar o norte teórico para a sistematização da Sociologia brasileira. Neste processo acompanhamos a regionalização da Sociologia, visto que São Paulo se tornou divulgador da Sociologia Brasileira em termos de sistemática do conhecimento. Tal

perspectiva de regionalismo é motivo de críticas até os dias de hoje (Vecchio et al, 2009).

Gilberto Freyre (1973) chamou a atenção para o regionalismo paulistano no registro de interpretação da história das Ciências Sociais no Brasil, que sobrevalorizaria a experiência paulista, a qual ele denomina entusiasmo “pelas glórias paulistas”. Isto porque tal viés, segundo Freyre, não levou em consideração os avanços relativos à institucionalização da Sociologia que decorreram da Reforma Carneiro Leão, implantada em Pernambuco em 1929, em função da qual surgiu a primeira cátedra de Sociologia estabelecida no Brasil, e talvez na América do Sul, com critério de construção de pesquisa com método das Ciências Sociais (VECCHIO et al, 2009). Freyre refere-se a já mencionada Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, fundada em Recife, em 1933, por Josué de Castro e Aníbal Bruno, da qual também ele fez parte junto a outros intelectuais pernambucanos.

Além disso, os inquéritos realizados por médicos em São Paulo sobre a condição da classe operária paulista e carioca data dos anos 1940, posterior ao inquérito de Josué de Castro sobre as condições da classe operária em Recife (1932), o qual se torna o modelo para o estudo das questões da classe operária no Brasil, sendo até citado pelos próprios médicos paulistas (VECCHIO et al, 2009).

Este dado traz à reflexão que o esquecimento de Castro se sobrepõe às questões regionalistas, bem situadas por Gilberto Freyre, haja vista que as “glórias paulistas” delimitaram e rogaram para si apenas a sistematização das Ciências Sociais, mas não deixaram de reverenciar outros pensadores, como Gilberto Freyre e Sílvio Romero, que até hoje são bem referenciados e estudados pela escola paulista de Sociologia. Ao contrário de Josué de Castro, que mesmo tendo realizado pesquisa importante para a emergência das Ciências Sociais no Brasil, continuou à margem no rol dos grandes pensadores brasileiros.

O inquérito sobre a condição da classe operária (1932) é claramente uma construção do diálogo médico-nutrólogo com o pensamento social. O diálogo iniciado nos anos 1930, que se torna ainda mais profícuo e consolidado com a trama Geografia da Fome, em 1946, congrega-se num manifesto político com bases para a construção de um projeto de Segurança Alimentar no Brasil, pautando a fome como

causa dos males e não a desnutrição como causa principal.

Diante desse contexto, a investigação partiu do pressuposto de que o pensamento castrino com todas as reflexões e ações práticas que produziu sobre e na realidade brasileira faz parte do rol dos interpretes do Brasil, estando inserida em um campo do saber que dá sentido, organiza e sistematiza o conhecimento.

Mas o que explicaria ser um autor esquecido do debate acadêmico? Em parte, admitimos que o pensamento social brasileiro é excludente, mas se tivéssemos partido dessa hipótese, estaríamos afirmando que existe uma personificação da produção do pensamento social brasileiro e, dessa forma, deveríamos apresentar quem exclui e por que exclui? Ao invés disso, optamos por demonstrar que o próprio Josué de Castro, em sua trajetória e metodologia empregada para analisar seu objeto de estudo, ofereceu alguns elementos que apontam para compreensão de seu esquecimento, durante um período de tempo da nossa historiografia nacional: 1) a descoberta da temática como objeto científico, no período da construção da identidade nacional; 2) colonização do pensamento social e político brasileiro; 3) a sua capacidade de síntese teórica entre diversas correntes de pensamento, aparentemente díspares; 4) reivindicação de universalidade do conhecimento em período de especializações das ciências; 5) seu romantismo com a ciência, dentre outros.

Entretanto, como pudemos observar, há várias revisitações sobre sua trajetória e obra que se mantem em crescimento constante, com debates profícuos em torno do tema. Temática que se tornou símbolo das políticas sociais de muitos países da América Latina, sobretudo, no Brasil. Boa parte dos estudos são focalizados em sua obra magna “Geografia da Fome”, que a nosso ver, poderá causar alguns equívocos de interpretação sobre o autor, que se constituiu como um autor em processo de constante lapidação/atualização de seu pensamento, sem com isso perder a principal marca de seu pensamento, o humanismo social. Mas, como vimos, encontramos estudos sobre Castro que tentam abarcar em sua análise outras obras, ainda pouco exploradas, mas que também podem provocar discussão contemporânea sobre o perfil intelectual do próprio personagem, bem como sobre a tragédia da fome, e, que, como estamos acompanhando, tem novamente rodado o mundo com dados alarmantes. Bem verdade, como assinala Castro (2005), a fome sempre existiu e

sempre existirá. Entretanto, em índices alarmantes, só dependerá de como a humanidade projeta sua missão, se como projetos de felicidade para todos ou como projetos de destruição em massa.

Por fim, o que nos chamou atenção na elaboração de quem seriam os estudiosos de Castro foi o perfil dos pesquisadores, que se concentram nas mais diversas áreas. Além disso, com relação as revistas em que esses pesquisadores publicaram sua produção sobre o nosso autor, surpreendentemente constatamos grande concentração nas revistas de saúde coletiva, área do conhecimento em que presenciamos pouco debate sobre intérpretes brasileiros nesse campo.

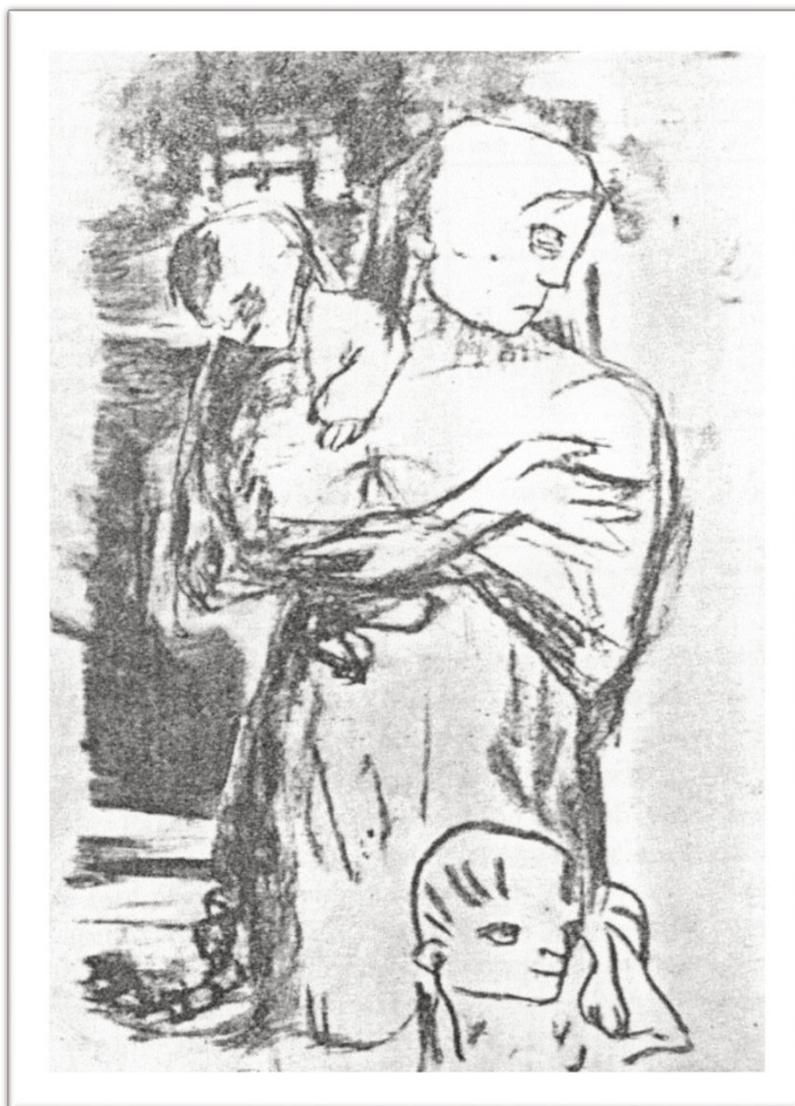


Figura 8. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.156
Pintora: Anna Kindynis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. A Atualidade do Método de Josué de Castro e a Situação Alimentar Mundial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, vols. Jul/dez:81-102, 1996.

_____. Integrar sociedade e natureza na luta contra a fome no século XXI. **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n. 11, p. 2704-2709, nov, 2008.

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro**: Depoimentos. Recife: Academia pernambucana/UFPE, 1983.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde Esquecido**; Tempo, vida e obra de Manoel

- Bonfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- ALEXANDER, Jeffrey C. A importância dos clássicos. In GIDDENS, A; TURNER, J. (orgs). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- ALVES, J. J. A.. Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro. **Revista de Geografia Norte Grande**, n. 38, p.5-20, 2007.
- _____. A Contribuição de Josué de Castro no Estudo e Combate à Fome e sua Repercussão Científica e Política na Geografia. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE, v. 25, n. 2, mai/ago. 2008.
- _____. Ano Centenário de Josué de Castro – 61 Anos da Geografia da Fome. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 89, outubro de 2008.
- ANDRADE, Manuel Correia. **O homem, o cientista e o seu tempo**. Revista Estudos Avançados. São Paulo, vol.11, n. 29, jan./abril., 1997.
- ANDRADE, Manuel Correia de [et. ali]. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ARAÚJO, Isabelle M. M.. Saúde e Desenvolvimento no Brasil: o pensamento de Mário Magalhães da Silveira e de Josué de Castro. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ARRUDA, B. K. G. "**Geografia da Fome**": da lógica regional à universalidade. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, ano.3, n.13 jul-set., 1997
- _____. Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v.7, n.3, p. 319-326, 2007.
- BARIANI, Edilson. (2008). Indivíduo, Sociedade e Genialidade: Norbert Elias e o caso Mozart. Revista Urutagua. Paraná, n. 8.
- BATISTA FILHO, Malaquias. O centenário de Josué de Castro. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 8, n. 3; p.237-238; 2008-09.
- BASTOS, Elide Rugai. Atualidade do pensamento social brasileiro. **Revista Sociedade e Estado**, V.26, n. 2. Maio/Ago., 2011.
- BASTOS, Élide R.; REGO, Walquíria D. Leão. (1999). A moralidade do compromisso. In. Intelectuais e política: a moralidade do compromisso. Campinas: Olho d' Água.
- BOBBIO, Norbert. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1992.

BIZZO, Maria L. G.; LIMA, N. T. Ação política e pensamento social em Josué de Castro. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 3, p. 401-420, 2009.

BIZZO, Maria L. G.; LIMA, Nísia Andrade. O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (1946-1960). *Perspectivas*, São Paulo, v. 37, p. 191-209, jan./jun. 2010.

BIZZO, Maria L. G.; TRINDADE, Nísia. Ciência, políticas e relações internacionais: FAO, Brasil e construção de uma agenda nacional de nutrição (1945-1964). **Historia Scientiarum**, v. 1, p. 60, 2011.

BIZZO, Maria L. G.. **Agências Internacionais e agenda local**: atores e ideias a interlocução entre nutrição e país (1932-1964). 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2012.

Bourdieu, Pièrre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. (2005a), **A ilusão Bibliográfica**. In. AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

_____. (2005b), **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2005c). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectivas

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Dimensão populacional na Obra de Josué de Castro. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2004.

_____. Aspectos demográficos na obra de Josué de Castro. **Mercator**, v. 8, n. 17, 2009.

_____. A Presença na Geografia de Josué de Castro. In: XIII EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13., 2011, San Jose (Costa Rica). **Anais eletrônicos**. San Jose, 2011.

_____. Josué de Castro e o Direito à Alimentação. **Revista Geografia em Questão**, v. 5, n. 1, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Para pensar o problema da fome**. Folha de São Paulo, 29 de nov. Caderno C., 1999.

_____. A sociologia no Brasil. *Revista Tempo Social*, v.18, n.1., 1959.

CARDOSO, Fernando Henrique. (1989). In. Certas palavras. Claudiney Ferreira & Jorge Vasconcellos (Orgs.). Certas palavras. São Paulo: Estação Liberdade, p. 101-118.

CARDOSO, T. T.. **O novo Nordeste**: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

_____. Desenvolvimentismo e Sertão nordestino: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate em torno da Operação Nordeste. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 440, p. 133-160, 2008.

_____. Sertão Nordestino, desenvolvimento e população – Josué de Castro, Celso Furtado e o debate em torno da “Operação Nordeste”. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais da UNICAMP, 16., 2008, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2008.

_____. A Memória, a História e a Denúncia entre Homens e Caranguejos: a literatura como elemento eloquente de crítica e esvelamento da realidade na obra de Josué de Castro. **Revista Chronos** (Dossiê Josué de Castro), Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **Luta e persistência por um mundo sem fome em Josué de Castro**: uma revisão da geografia da alimentação. Revista GEOSUL, Florianópolis, v. 21, n. 41, p 29-45, jan./jun. 2006.

CARVALHO, Antonio A. Teles de.. **Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira**: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

_____. **O pão nosso de cada dia nos dai hoje...** Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no brasil. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Josué de Castro: um Geógrafo de Múltiplas Contribuições Revisitado em suas Ideias. **Revista GEOUSP**, São Paulo-USP, n.13, p. 59-69, 2003.

_____. Josué de Castro nos Encalços da Geografia Francesa: Decifrando os Meandro de um Diálogo Geográfico. In: Anais X **Encontro De Geógrafos Da América Latina**, 2005, São Paulo: USP, 2005.

_____. Josué de Castro e a Construção de uma Matriz dos Estudos sobre a Fome na História do Pensamento Geográfico no Brasil. **Revista Cronos** (Dossiê Josué de Castro), Natal, v. 10, n.1, p. 15-33, 2009.

CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Josué se Castro: Consubstanciação e Matriz dos Estudos sobre a Fome na História do Pensamento Geográfico no Brasil. In: **Anais XII ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA**, 12., 2009, Montevideo.

CASARIL, Kérley B. P. B.; CASARIL, C. C. A fome para Josué de Castro e a discussão

sobre a segurança alimentar no Brasil. **Revista Faz Ciência**, v.13, n.8, Jul/Dez, p. 145-171, 2011.

CASTRO, Anna Maria de. **Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política**. Tese (Tese de Livre-Docência em Sociologia) - Instituto de Nutrição da UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

_____. (Org.). **Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro**. 3.ed. Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 1996.

_____. Mensagem de Anna Maria de Castro por ocasião da Semana Josué de Castro. N. MELO, M. M.; NEVES, T. C. W. (Orgs.). **Perfis Parlamentares 52: Josué de Castro**. Brasília: Plenarium, 2007.

CASTRO-SANTOS, Luiz Antônio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção de nacionalidade. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 282, n. 2, p. 193-210, 1985.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. [CD]. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 1994.

CHONCHOL, Jacques. A soberania alimentar. In. Dossiê da América Latina. **Revista Estudos Avançados**, v.19 n. 55 Set./Dec. 2005.

CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

COSTA, Adão José V.. **A Relevância do pensamento agrossistêmico de Josué de Castro para a reflexão agroecológica no Brasil**: potencialidades de uma abordagem histórico-ambiental. 2010. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. (2009). **As raízes ideológicas da sociologia de Florestan Fernandes**: socialismo e crítica da dependência cultural nas ciências sociais brasileiras. Recife: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. [Tese de Doutorado].

ELIAS, Norbert. (1994), **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert. (1995), **Mozart: sociologia de um gênio**, 1995. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FARIA, Ângela Caldas Sanábio. **Homens e caranguejos**: uma trama interdisciplinar. A literatura topofílica e telúrica. (Dissertação Mestrado em Literatura). 2008. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CESJF, 2008.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

FONTANA, Cléder. **Uma cartografia da fome no Brasil**: Um estudo da Geografia da

fome (1946), De Josué de Castro, e dos dados de Insegurança Alimentar da PNAD (2004). 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009.

_____. Espaço, ambiente e fome: Uma leitura a partir da obra de Josué de Castro. In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 9., 2011, Goiânia. Anais eletrônico. Goiânia: UFG, 2011.

_____. Da fome epidêmica e endêmica a insegurança alimentar no Brasil. **Revista de Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 67-80, jan./abr. 2012.

_____. **Fome e Questão Ambiental**: uma leitura a partir da obra de Josué de Castro. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

FREYRE, Gilberto. (1998), **Casa-grande & Senzala**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record.

FREITAS, Inês Aguiar de; MOURA, Rachel de Almeida . A Geografia de Josué de Castro: A regionalização da América Latina e do Brasil nas obras Geografia da Fome e Geopolítica da Fome. In: **Anais do XI Encuentro De Geógrafos De América Latina**, 2007, Bogotá.

FREITAS, Inês Aguiar de. Natureza e Cultura na Geografia do Brasil de Josué de Castro. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Anpege**, 2007, Niterói. Anais. Niterói, 2007.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Projeto memória** – Josué de Castro, 2007. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

GALVANI NETO, Tito. **Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, Pobreza** - Cooperação internacional, Políticas públicas - Brasil, Política social. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, 2014.

GAVANIN NETO, Tito; REZENDE, Maria José. As contribuições de Josué de Castro no estudo para combate à fome. In: VII Seminários de Pesquisas em Ciências Humanas, 2008. Londrina. Anais eletrônicos. Londrina: UEL, 2008.

GINZBURGO, Carlo. (1987), **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras.

GOMES, Eliab Barbosa. A fome na obra de Josué de Castro: Consciência e Ciência de uma tragédia. **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, n.12. p. 123-129, 1994.

GONÇALVES, Vicente F. A.. A importância do Pensamento Pioneiro de Josué de Castro para as Políticas Sociais no Brasil Atual. 2011. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

HUNGER, Dagmar; SOUZA NETO, Samuel. **A Sociologia do conhecimento em Mannheim e Elias** – Modelos teóricos de Investigação social. Disponível em <http://www.uel.br>. Acesso em 10 jul. 2013.

IANNI, Octavio. O colapso do populismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome & a construção**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998

L'ABBATE, Solange. **Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social**. 1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de São Paulo, 1982.

_____. As Políticas de Alimentação e nutrição no Brasil I. Período de 1940-1964. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.1, n.2, p. 87-138; 1988.

_____. As Políticas de Alimentação e nutrição II. Período 1970. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.2, n.1, p. 7-54; 1989.

LEVI, Giovanni. (2000), **Herança Imaterial: trajetória de um exorcista em Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2005), **Usos da biografia**. In. AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

LIMA, E. S. Gênese e Constituição da Educação Alimentar: uma síntese. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.9-29, 1997.

_____. LIMA, E.S.. Gênese e constituição da educação alimentar: a instauração da norma. **História, ciências, saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. V, n.1, p. 57-83, 1998.

_____. Quantidade, qualidade, harmonia e adequação: princípios guia da sociedade sem fome em Josué de Castro. **História, Ciências, saúde - Manguinhos**, v. 16, n. 1, p. 171-194, 2009.

LIMA, Nísia Trindade. Um tema delicado e perigoso: fome e interpretação do Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 240-243, 1998.

_____; HOCHMAN, Gilberto. **Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República**. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

_____; FONSECA, Cristina. M. O.; HOCHMAN, Gilberto. A saúde na construção do Estado nacional no Brasil: reforma sanitária em perspectiva

histórica. p. 27-58. In: _____; GERSCHMAN, Sílvia; EDLER, Flávio C.; SUÁREZ, Júlio M. (Orgs). **Saúde e democracia**: história e perspectivas do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

LINHARES, Maria Y. Leite. Biografia. In: CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social** - elementos para uma análise marxista. 4. ed. São Paulo, Cortez, 1998.

MACEDO, Rogério Fernandes. **Josué de Castro**: realidade, teoria e institucionalização da fome. (Dissertação Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Marília 2008.

MAGALHÃES, Rosana. **Fome**: uma (re)leitura de Josué de Castro. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz/ Escola Nacional da Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1992.

_____. Pobreza e Desenvolvimento: um convite à leitura de Josué de Castro. *Sinais Sociais*, v. 9, p. 125-145, 2015.

MAIA, João Marcelo E.. Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro. **Revista Sociedade e Estado**, V.26, n. 2. Maio/Ago., 2011.

MANÇANO, Bernardo; WALTER, Carlos. (2000), **Josué de Castro**: vida e obra. São Paulo: Expressão popular.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. 4 ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MANNHEIM, Karl. **Karl Mannheim**: sociologia. FORACCHI, Maria M. São Paulo: Ática, 1982.

MARCHI, Dorival Donizeti. **O pensamento geográfico de Josué de Castro**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2004.

MAZETTO, F. A. P. (et ali). Fome Oculta. In: XIII EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13., 2011, San Jose (Costa Rica). Anais eletrônicos. San Jose, 2011.

MELO, José Marques de. A Divulgação Científica na obra de Josué de Castro. **Revista Eletrônica da América Latina em Comunicação**, n. 43, 2005.

MELO FILHO, Djalma A. **Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro**: significados e ressonâncias. *Histórias, ciências, saúde de Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p. 505-524; 2003.

_____. *Geografia da Fome: clínica de paisagens ou epidemiologia crítica*. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n.11, p. 2698-2703, 2008.

- MELO, M. M.; NEVES, T. C. W. (Orgs.). **Perfis Parlamentares 52**: Josué de Castro. Brasília: Plenarium, 2007.
- MELO NETO, Moisés Monteiro de. Chico Science encontra Josué de Castro. *Le Monde Diplomatique* (Online), v. set, p. 1-8, 2008.
- MELO, Normando A. Josué de Castro antes da fome. **Revista Aurora**, v.4, n.1, 2010.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. Josué de Castro e a defesa da interdisciplinaridade. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 2, n.4, dezembro/ 2010.
- _____. Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo. **Revista História Econômica & História de Empresas**, v.17, n.2, p. 353-375, 2014.
- MENEZES, Ana Waleska N. C.. **Os embates entre ciência e política na experiência parlamentar de Josué de Castro**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar. 1965.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Raízes da fome**. Petrópolis - Ed. Vozes, 1985.
- _____. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MONTEIRO, Carlos Augusto. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n. 48 , 2003.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Ática, 1994.
- NASCIMENTO, Claudia L.. Entre homens e caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 2006.
- _____. Josué de Castro e a obra 'Alimentação e Raça'. In: Encontro Cultura, Modernidade E Memória, 2005, Recife. **Anais do Encontro Cultura, Modernidade e Memória**. Recife: ANPUH-PE/UFPE, 2005.
- NASCIMENTO, Renato C. **Josué de Castro: o sociólogo da fome**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília. Brasília, 2002.
- _____. O resgate da obra de Josué de Castro, onde estamos? **Revista Chronos** (Dossiê Josué de Castro), Natal, v. 10, n. 1, p. 43-50, jan./jun. 2009.
- _____. A fome como uma questão social nas políticas públicas. **Revista IDEAS**, v. 3, n. 2, p. 197-225, jul./dez. 2009.
- _____. Três Combates da Fome no Brasil: Josué de Castro, Betinho e Dom

Hélder Câmara. VIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010. Porto de Galinhas-PE. Anais eletrônicos, 2010.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. Utopias: Josué de Castro e o Mangue Beat. **Revista Chronos** (Dossiê Josué de Castro), Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.

NUNES, Jorge Luís R. **Josué de Castro, o geógrafo da fome**: uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFRGS, Porto Alegre, 2003.

NUNES. Everardo Duarte. Dos clássicos na literatura aos clássicos na sociologia e na sociologia médica/saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 25 [2]: 401-421, 2015.

_____. **Saúde coletiva**: uma história recente de um passado antigo. In: Campos, Gastão Wagner de Sousa (Org.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Sobre a história da saúde pública: idéias e autores. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.5, n.2, p.251-264. 2000.

NYE, M. J. Scientific biography: History of Science by Another Means? In. **Isis**, v. 97, n. 2, pp. 322-329, 2006.

OLIVEIRA, Maria L. M. **Geografia da Fome**: a expressão dramática da desigualdade socioespacial brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia (Geografia Humana)) - Universidade de São Paulo, 2013

OLIVEIRA, Thiago A. Sá de. Geografia da ficção: o lugar da personagem no romance Homens e caranguejos. **Letras em Literatura**, v.4, n.2, 2013.

_____. Da lama à ficção: memórias e diálogos da fome nos interstícios narrativos de Homens e Caranguejos. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: UNESP, 2005.

PEREIRA, A. E. R. . A fome entre os trabalhadores brasileiros na era da globalização: uma análise preliminar. In: 10^o Encontro Nacional de Geógrafos, 1996, Pernambuco. **Anais do 10^o Encontro Nacional de Geógrafos**. Pernambuco: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1996.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.

PICCHI, Bruno. Uma Geografia do Mangue: Movimento Manguebit, Josué de Castro e neoregionalismo. In: XV Encontro Nacional De Geógrafos, 15., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: USP, 2008.

- _____. **De Homens e Caranguejos ao Caranguejos com cérebro: a região cultural do Movimento Manguebit e o Recife.** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2011.
- PORTER, T. Is the Life of the Scientist a Scientific Unit? In. **Isis**, v. 97, n. 2, p. 314-21, 2006.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- RÊGO, David Loiola. Cola para quem tem fome: um ensaio sobre as potencialidades e limitações da sociologia da fome. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.
- REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, v. 19, n.2, 2003.
- _____. Josué de Castro e as combinações de perspectivas multidirecionais e cíclicas de mudanças sociais. **Revista Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n.33, p. 117-145, 2003.
- RIBEIRO, Adélia Miglievich. Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização epistemológica. **Revista Sociedade e Estado**, V.26, n. 2. Maio/Ago., 2011.
- RIBEIRO Jr. José R. S.. **A fome e a miséria na alimentação:** apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- RICUPERO, Bernardo. Celso Furtado e o pensamento social brasileiro. **Revista Estudos Avançados**, vol.19, n.53. São Paulo Jan./Apr., 2005.
- RODAN, D. Derenzo. Territórios do Desenvolvimento nos diálogos entre Josué de Castro e Louis-Joseph Lebret. 2013. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4622/4491>. Acesso em 09 ago. 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. Em defesa dos intelectuais. São Paulo: Ática, 1994.
- SCHAPPO, Sirlândia. **Josué de Castro por uma agricultura de sustentação.** 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- _____. Agricultura de sustentação sob olhares de Josué de Castro. **Revista Temporalis**, v. 2, p. 83-101, 2012.
- _____. Josué de Castro: Reforma Agrária e Agricultura de Sustentação. In: **V ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS**, 2012, Belém/PA: UFPA, 2012.
- _____. Josué de Castro e a agricultura de sustentação em Geografia da

- fome. **Sociologias**, Porto Alegre, v.16, n. 35, p. 306-338, 2014.
- SANTIAGO, Vandek. **Josué de Castro: o gênio silenciado**. Recife: Editora Bagaço, 2008.
- SANTOS, Alice Nayara dos. **Fome, Alimentação e Educação: proposta educativa na obra de Josué de Castro**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 10ª edição, São Paulo, SP, Cortez Editora, 2005.
- _____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, 2002. p.237-280.
- SANTOS, Luiz Cláudio dos. **Da Geografia da fome ao Fome Zero: contribuições ao Estudo da Fome no Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2009.
- SANTOS, Milton. Josué de Castro, Cidadão do Mundo. **Revista Paranaense de Geografia**, Curitiba, n. 6, p. 5-14, 2001.
- SANTOS, Katia Hale dos. **Josué de Castro: fome e repercussões sociais**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2009.
- _____. Josué de Castro: fome e repercussões sociais. **Revista Serviço Social & Saúde**. UNICAMP Campinas, v. X, n. 11, Jul. 2011.
- SILVA, André F. Cândido da. **A Trajetória Científica de Henrique da Rocha Lima e as Relações Brasil-Alemanha (1901-1956)**. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa Oswaldo Cruz – Fiocruz. Rio de Janeiro, 2011.
- SILVA, João Luiz da. A Fome no Brasil: do Período Colonial até 1940. **Revista de Geografia**, Recife, v. 23, n.3, p. 31-36, 2006.
- _____. **As novas faces da fome na pós-modernidade: o caso do município de Floresta em PE**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007
- SILVA, José Aroldo da. A representação da fome em Homens e Caranguejos de Josué de Castro. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, n.20, Jul./Dez., 2012.
- SILVA, Mercês F. S.. **Josué de Castro e a nova geografia da fome**. In: XXVII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 28., 2009, Buenos Aires. Anais eletrônicos, 2009.
- _____. **Josué de Castro, Pensamento e Ação: A gênese do Plano de Segurança Alimentar no Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

- _____. Josué de Castro e a nova geografia da fome. In: XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 28., 2011, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: UFPE, 2011.
- _____. Josué de Castro e a nova geografia da fome. In: XXIX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 29., 2013, Santiago-Chile. **Anais eletrônicos**. Santiago: Universidad Chile, 2013.
- _____. Elias, Mannheim e Mills: “o eu e nós histórico”. In, XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., 2013, Salvador-BA. **Anais eletrônicos**. Salvador: UFBA, 2013.
- SILVA, Nauber G.. A constituição da nutrição no Brasil: Josué de Castro e o projeto nacional. I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS, 1., 2010. Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- SILVA, Tania E. M.. **Josué de Castro**: Para uma poética da fome. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998.
- _____. Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil. **Revista Chronos** (Dossiê Josué de Castro), Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.
- _____. A Construção da Esperança e do Compromisso Social no Itinerário de Josué de Castro. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Natal (UFRN), v. 01, p. 57-80, 2009.
- SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes**: o Militante Solitário. São Paulo: Cortez, 1997.
- SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 276p.
- _____. A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. Globalização e efeitos perversos: Relendo a Geografia da Fome. In. **Anais do I Encontro Nacional da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.
- TENDLER, Sílvio. **Josué de Castro, Cidadão do Mundo**. [Documentário]. Rio de Janeiro: Bárbara Produções, 1994.
- TEÓFILO, Rodolfo. A Fome. Cenas da Seca no Ceará. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- VALENTE, Luiz Schick (Org.). **Direito humano à alimentação**: desafios e conquistas. São Paulo: Cortez, 2003.

VASCONCELOS, Francisco A. Guedes. **Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968).** **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 303-316, 1999.

_____. **O nutricionista no Brasil: uma análise histórica.** Revista de Nutrição, Campinas, v. 15, n. 2, p.127-138, maio/ago., 2002.

_____. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. **Revista Nutrição**, Campinas, v.18, n. 4, p. 439-457, jul./ago., 2005.

_____. Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.24, n. 11, p. 2710-2717, 2008.

VILLAS BOAS, Gláucia. (2002). **Os portadores da síntese: sobre a recepção de Karl Mannheim.** Cadernos CERU, série 2, nº13.

VIEIRA, André L. V.. Sensibilidades e insensível: Josué de Castro e a questão da fome como violação de direitos humanos fundamentais. **Revista de Estudos Jurídicos**, Franca, v. 17, n.26, 2013.

VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, I. A.. A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

_____; FREITAS, I. A.. A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro. **Revista Scientia Plena**, v.5, n.6, 2009.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun, 2005, p. 260-300.

ZIEGLER, Jean. Destrução em massa geopolítica da fome. Tradução José Paulo Netto. São Paulo: Cortez, 2013.

BIOGRAFIA CITADAS DE JOSUÉ DE CASTRO

CASTRO, Josué. (1934). **O Problema da Alimentação no Brasil: seu Estudo Fisiológico.** [Monografia para Livre-Docência em Fisiologia]. Recife: Faculdade de Medicina, 1932.

_____. (1935). **A Questão do Salário Mínimo.** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio/ Departamento de Estatística e Publicidade, 1935.

_____. (1936). **Alimentação e Raça.** Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira. 182p.

- _____. (1937). **A Alimentação Brasileira À Luz da Geografia Humana**. Porto Alegre: Globo.
- _____. (1968c). **Documentário do Nordeste**. São Paulo: José Olympio.
- _____. (1938). **Fisiologia dos Tabus**. São Paulo: Melhoramentos/Nestlé.
- _____. (1939). **Geografia Humana: Estudo da Paisagem Cultural do Mundo**. Porto Alegre: Globo.
- _____. (1946). **Geografia da Fome**. O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.
- _____. (1948). **Função Social das Universidades**. Rio de Janeiro: SN.
- _____. (1968a). **Geopolítica da Fome: Ensaio sobre os Problemas de Alimentação e de População do Mundo**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro.
- _____. (1954). **A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- _____. (1957). **Ensaio de Geografia Humana**. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1968d). **Ensaio de Biologia Social**. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1960). **O Livro Negro da Fome**. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1965). **Sete Palmas de Terra e um Caixão: Ensaio sobre o Nordeste, Área Explosiva**. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1967). **Homens e Caranguejos**. [Romance]. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1968). **A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo**. Portugal: Edições Itáu.
- _____. (1971). **Estratégia do Desenvolvimento**. Lisboa: Seara Nova, 1971.



Figura 9. Ilustração da obra “O Livro Negro da Fome”, p.158
Pintora: Anna Kindynis

ANEXOS

ANEXO I – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO - ARTIGOS

ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

Nº	Ano	Autores	Título do Artigo	Formação	Instituição do autor	Área de conhecimento	Periódico	Referência	Banco de Dados	Disponível em:	OBS.:	e-mail	Categorias Analíticas
1	1988	Solange L'Abbate	As Políticas de Alimentação e nutrição no Brasil I. Período de 1940-1964	Ciências Sociais/Sociologia (USP)	UNICAMP	Saúde Pública	Revista de Nutrição	L'ABBATE, Solange. As Políticas de Alimentação e nutrição no Brasil I. Período de 1940-1964. Revista de Nutrição , Campinas, v.1, n.2, p. 87-138; 1988.	Google	Não disponível online	Artigo síntese da Dissertação de Mestrado em Sociologia/USP: Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social, 1982.	slabbate@lexxa.com.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
2	1989	Solange L'Abbate	As Políticas de Alimentação e nutrição II. Período de 1970.	Ciências Sociais/Sociologia (USP)	UNICAMP	Saúde Pública	Revista de Nutrição	L'ABBATE, Solange. As Políticas de Alimentação e nutrição II. Período 1970. Revista de Nutrição , Campinas, v.2, n.1, p. 7-54; 1989.	Google	Não disponível online	Artigo síntese da Dissertação de Mestrado em Sociologia/USP: Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social, 1982.	slabbate@lexxa.com.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
3	1994	Eliab Barbosa Gomes	A fome na obra de Josué de Castro: Consciência e Ciência de uma tragédia	Filosofia (UNICAP/PE); Mestrado em Sociologia (UFPE)	UEFS	Sociologia	Revista Sitientibus	GOMES, Eliab Barbosa. A fome na obra de Josué de Castro: Consciência e Ciência de uma tragédia. Revista Sitientibus , Feira de Santana, n.12. p. 123-129, 1994.	Google	http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/12/a_fome_na_obra_de_josue_de_castro.pdf	Texto apresentado VIII Jornada Universitária da UFES, denominada Jornada Josué de Castro, Ação e cidadania contra a fome, a miséria e pela vida, em dezembro de 1993.	-	Estudo sobre a Obra - Revisão
4	1996	Ricardo Abramovay	A Atualidade do Método de Josué de Castro e a Situação Alimentar Mundial	Filosofia (Universidade de Paris); Mestrado em Ciência Política (USP); Dr em C. Econômica (Unicamp)	USP	Economia/Ciências Sociais Aplicadas	Revista de Economia e Sociologia Rural	ABRAMOVAY, Ricardo. A Atualidade do Método de Josué de Castro e a Situação Alimentar Mundial. Revista de Economia e Sociologia Rural	Google	http://ricardoabramovay.com/a-atualidade-do-metodo-de-josue-de-castro-e-a-situacao-alimentar-mundial/	-	abramov@usp.br	Atualidade do pensamento de Castro a partir de comparações de dados
5	1997	Manuel Correia de Andrade	Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo	Geografia (UFPE)	UFPE	Geografia	Revista Estudos Avançados	ANDRADE, Manuel Correia. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. Revista Estudos Avançados , v.11, n. 29, 1997.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000100009&script=sci_arttext	Géografo, Recife, admirador de Josué de Castro. Faleceu em 2007.	-	Memorialista - História do Pensamento social Geográfico
6	1997	Bertoldo Kruse Grande de Arruda	Geografia da Fome: da lógica regional à universalidade	Medicina (UFPE)	IMIP - Instituto Materno Infantil de Pernambuco	Médico/Saúde Pública	Cadernos de Saúde Pública	ARRUDA, Bertoldo Kruse Grande de. Geografia da Fome: da lógica regional à universalidade. Caderno de Saúde Pública , v.13, n. 3, p. 545-549, 1997.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1997000300031&script=sci_arttext	O autor presidiu o SAPS e CNA na década de 1960 e o INAN no período de 1974-1984	bertoldo@imip.org.br	Estudo sobre a Obra - Revisão
7	1997	Eronides da Silva Lima	Gênese e Constituição da Educação Alimentar: uma síntese	Nutrição (UFPE); Dr em Filosofia da Educação (PUC/SP)	INJC/UFRJ	Nutrição	Physis - Revista de Saúde Coletiva	LIMA, E. S. Gênese e Constituição da Educação Alimentar: uma síntese. Physis - Revista de Saúde Coletiva , Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.9-29, 1997.	Google	http://www.scielo.br/pdf/physis/v7n2/02.pdf	Artigo síntese da Tese de Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade/PUC_SP: Gênese e constituição da Educação Alimentar: a instauração da norma, 1997	eronideslima@terra.com.br	História da Nutrição
8	1997	Tânia Elias Magno da Silva	Josué de Castro - Cidadão do Mundo	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	PUC/SP	Ciências Sociais	ANDES	SILVA, Tania Elias Magno. Josué de Castro - Cidadão do Mundo. Universidade e Sociedade (ANDES) , São Paulo, v. 12, p. 130-137, 1997	Google	Não disponível online	-	-	-
9	1998	Eronides da Silva Lima	Gênese e constituição da educação alimentar: a instauração da norma	Nutrição (UFPE); Dr em Filosofia da Educação (PUC/SP)	INJC/UFRJ	Nutrição	Histórias, ciências, saúde -Manguinhos	LIMA, E.S.. Gênese e constituição da educação alimentar: a instauração da norma. História, ciências, saúde - Manguinhos , Rio de Janeiro, v. V, n.1, p. 57-83, 1998.	Google	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000100003&script=sci_arttext	Artigo síntese da Tese de Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade/PUC_SP: Gênese e constituição da Educação Alimentar: a instauração da norma, 1997	eronideslima@terra.com.br	História da Nutrição
10	1998	Nísia Trindade Lima	Um tema delicado e perigoso: fome e interpretação do Brasil	Dr em Sociologia/ IUPERJ	Fiocruz	Saúde Pública	História, Ciências, Saúde-Manguinhos	LIMA, Nísia Trindade . Um tema delicado e perigoso: fome e interpretação do Brasil. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso) , Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 240-243, 1998.	Google	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt	Orientadora da Tese:	lima@fiocruz.br	Pensamento Social em Josué de Castro
11	1999	Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968)	Nutrição (UFPB); Mestrado em Serviço Social (UFPB), Dr em Saúde Pública (ENSP/RJ)	UFSC	Nutrição	Cadernos de Saúde Pública	VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968). Cadernos de Saúde Pública , v. 15, n. 2, p. 303-316, 1999.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000200015	-	fguedes@floripa.com.br	História da Nutrição

12	2000	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro na Perspectiva do Pensamento Brasileiro	Geografia (UFPE/USP)	UFPE	Geografia	Revista de Geografia/UFPE	CARVALHO, Antonio A. Teles de. Josué de Castro na Perspectiva do Pensamento Brasileiro. Revista de Geografia (Recife), Recife-UFPE, v. 16, n.2, p. 79-98, 2000	Google	Não disponível online	Artigo síntese da Dissertação em Geografia/UFPE: Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional, 2001. Artigo não disponível online	antalf@hotmail.com	
13	2000	Tânia Elias Magno da Silva	Imagens da Fome e o Itinerário de Josué de Castro	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	UFS	Ciências Sociais	Revista Cronos	SILVA, Tania Elias Magno. Imagens da Fome e o Itinerário de Josué de Castro. Revista Cronos , Natal/RN, v. 2, p. 15-22, 2000.	Google	Não disponível online	Não disponível online	taniamagno@uol.com.br	-
14	2000	Tânia Elias Magno da Silva	Josué de Castro - marcas geográficas e geopolítica da fome	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	UFS	Ciências Sociais	Geonordeste	SILVA, Tania Elias Magno. Josué de Castro - marcas geográficas e geopolítica da fome. Geonordeste , Aracaju, v. 1, n. 10, p. 39-64, 2000	Google	http://200.17.141.110/pos/geografia/geonordeste/index.php/GeoNordeste/article/view/178/133	Artigo baseado no capítulo Geografia da fome, da Tese de Doutorado - PUC/SP, 2008.	taniamagno@uol.com.br	Estudo sobre vida e obra: Revisão
15	2001	Milton Santos	Josué de Castro, Cidadão do Mundo	Direito (UFBA); Dr em Geografia Humana pela Universite de Strasbourg	USP	Geografia	Revista Paranaense de Geografia	SANTOS, Milton. Josué de Castro, Cidadão do Mundo. Revista Paranaense de Geografia , Curitiba, n. 6, p. 5-14, 2001	Google	-	Texto apresentado na Conferência no evento em comemoração ao cinquentenário do livro Geografia da Fome, de Josué de Castro, na UFPR em 16 de Outubro de 1997.	-	Interdisciplinaridade e a função da Universidade em Josué de Castro
16	2001	Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves	Nutrição (UFPB); Mestrado em Serviço Social (UFPB), Dr em Saúde Pública (ENSP/RJ)	UFSC	Nutrição	Histórias, ciências, saúde de Manguinhos	VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. Histórias, ciências, saúde de Manguinhos , Rio de Janeiro, v. 8, n. (2), p. 315-339, 2001.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702001000300002&script=sci_abstract&tlng=pt	-	fguedes@floripa.com.br	História da Nutrição
17	2001	Tânia Elias Magno da Silva	Um Olhar Antropológico sobre a Cultura Brasileira: a contribuição de Josué de Castro	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	UFS	Ciências Sociais	Candeeiro	SILVA, Tania Elias Magno . Um Olhar Antropológico sobre a Cultura Brasileira: a contribuição de Josué de Castro. Candeeiro (UFS), Aracaju, v. 6, p. 12-20, 2001.	Google	Não disponível online	-	-	
18	2002	Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	O nutricionista no Brasil: uma análise histórica	Nutrição (UFPB); Mestrado em Serviço Social (UFPB), Dr em Saúde Pública (ENSP/RJ)	UFSC	Nutrição	Revista de Nutrição	VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. Revista de Nutrição , Campinas, v. 15, n. 2, p.127-138, maio/ago., 2002	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732002000200001	-	fguedes@floripa.com.br	História da Nutrição
19	2003	Djalma Agripino de Melo Filho	Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias	Medicina (UFPE); Jornalismo (UNICAP); Saúde Pública (UFBA)	UFPE	Médico/Saúde Pública	Histórias, ciências, saúde - Manguinhos	MELO FILHO, Djalma Agripino de. Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias. Histórias, ciências, saúde de Manguinhos , Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p. 505-524; 2003	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200002	Linha de Pesquisa: Epidemiologia Crítica	djalmaf@truenet.com.br	Literatura
20	2003	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro: um Geógrafo de Múltiplas Contribuições Revisitado em suas Idéias	Geografia (UFPE/USP)	UFPE	Geografia	Revista GEOUSP	CARVALHO, Antonio A. Teles de. Josué de Castro: um Geógrafo de Múltiplas Contribuições Revisitado em suas Idéias. Revista GEOUSP , São Paulo-USP, n.13, p. 59-69, 2003	Google	http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp13/Geousp13_Antonio_Carvalho.htm	Texto extraído da segunda parte do terceiro capítulo da Dissertação em Geografia/UFPE: Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional, 2001.	antalf@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
21	2003	Maria José de Rezende	Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro	UEL; Ciências Sociais (PUC/SP); Dr em Sociologia (USP)	UEL	Sociologia	Cadernos de Estudos Sociais/FUNDAJ	REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. Cadernos de Estudos Sociais , Recife, Fundação Joaquim Nabuco, v. 19, n.2, 2003.	Google	http://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1319	-	-	Estudo sobre a Obra - Temática
22	2003	Maria José de Rezende	Josué de Castro e as combinações de perspectivas multidirecionais e cíclicas de mudanças sociais	UEL; Ciências Sociais (PUC/SP); Dr em Sociologia (USP)	UEL	Ciências Sociais	Revista de Ciências Humanas/UFSC	REZENDE, Maria José de. Josué de Castro e as combinações de perspectivas multidirecionais e cíclicas de mudanças sociais. Revista Ciências Humanas , Florianópolis, EDUFSC, n.33, p. 117-145, 2003.	Google	https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/25369/22295	-	-	Estudo sobre a obra - Temática
23	2005	José Marques de Melo	A Divulgação Científica na obra de Josué de Castro	Direito (UFPE); Dr em Jornalismo (USP)	UMESP	Comunicação Social	Revista Eletrônica da América Latina em Comunicação	MELO, José Marques de. A Divulgação Científica na obra de Josué de Castro. Revista Eletrônica da América Latina em Comunicação , n. 43, 2005.	Google	http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n43/jmarques.html	Texto apresentado na Conferência proferida na solenidade de abertura da COMSAÚDE 2004 – VII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde.	-	Memorialista - Divulgação

24	2005	Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula	Nutrição (UFPB); Mestrado em Serviço Social (UFPB), Dr em Saúde Pública (ENSP/RJ)	UFSC	Nutrição	Revista de Nutrição	VASCONCELOS, F. A. G.. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. Revista Nutrição , Campinas, v.18, n. 4, p. 439-457, jul./ago., 2005.	Scielo	http://www.scielo.br/pdf/rn/v18n4/25843.pdf	-	fguedes@floripa.com.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
25	2006	Patrício Aureliano Silva Carneiro	Luta e persistência por um mundo sem fome em Josué de Castro: uma revisão da geografia da alimentação	Geografia (UFV/UFMG)	UFV	Geografia	Revista GEOSUL	CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Luta e persistência por um mundo sem fome em Josué de Castro: uma revisão da geografia da alimentação. Revista GEOSUL , Florianópolis, v. 21, n. 41, p 29-45, jan./jun. 2006.	Google	https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13166/12199	-	patricio@ufv.br	Estudo sobre a Obra - Temática
26	2006	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro e o Caráter Subversivo do Pensamento Interdisciplinar de um Geógrafo sem Fronteiras	Geografia (UFPE/USP)	UFPE	Geografia	Revista Geo/UERJ	CARVALHO, Antonio A. Teles de. Josué de Castro e o Caráter Subversivo do Pensamento Interdisciplinar de um Geógrafo sem Fronteiras. Revista Geo UERJ , v. 15-16, p. 89-96, 2006	Google	http://geodados.pg.utfr.edu.br/busca/detalhe.php?id=50856	Artigo não disponível online. Resumo Completo	antalf@hotmail.com	História de pensamento social geográfico
27	2006	João Luiz da Silva; Alcindo José de Sá	A Fome no Brail: do Período Colonial até 1940	Geografia (UPE; UFPE)	UFPE	Geografia	Revista de Geografia/UFPE	SILVA, João Luiz da. A Fome no Brail: do Período Colonial até 1940. Revista de Geografia , Recife, v. 23, n.3, p. 31-36, 2006.	Google	http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/79/38	Autor da Dissertação de mestrado em Geografia/UFPE: As novas faces da fome na pós-modernidade: o caso do município de Floresta em PE. 2007.	-	Estudo sobre a Obra - Temática
28	2007	Bertoldo Kruse Grande de Arruda; Ilma Kruse Grande de Arruda	Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil	Medicina (UFPE)	IMIP - Instituto Materno Infantil de Pernambuco	Médico/Saúde Pública	Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil	ARRUDA, Bertoldo Kruse Grande de. Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil , v.7, n.3, p. 319-326, 2007.	Scielo	http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v7n3/11.pdf	-	bertoldo@imip.org.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
29	2007	José Jakson Amancio Alves	Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro	Geografia (UEPB;UFPB; UFCG)	UEPB	Geografia	Revista de Geografia Norte Grande	ALVES, José Jakson Amancio. Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro. Revista de Geografia Norte Grande , n. 38, p.5-20, 2007.	Scielo	http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-34022007000200001&script=sci_arttext	Autor do livro: Josué e a Fome. 1. ed. João Pessoa: Sal a Terra, 2007. v. 1. 74p	jaksonamancio@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
30	2008	Malaquias Batista Filho	O centenário de Josué de Castro	Saúde Pública/USP	IMIP - Instituto Materno Infantil de Pernambuco	Médico/Saúde Pública	Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil	BATISTA FILHO, Malaquias. O centenário de Josué de Castro. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil , v. 8, n. 3; p.237-238; 2008-09	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008001100024&script=sci_arttext	Ano do Centenário de Nascimento de Josué de Castro. Texto também publicado na seção Forum do Caderno de Saúde Pública.	-	Memória - Homenagem
31	2008	Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos	Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil	Nutrição (UFPB); Mestrado em Serviço Social (UFPB), Dr em Saúde Pública (ENSP/RJ)	UFSC	Nutrição	Cadernos de Saúde Pública	VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil. Cadernos de Saúde Pública , v.24, n. 11, p. 2710-2717, 2008-11.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008001100027&script=sci_arttext	-	fguedes@floripa.com.br	Estudo de vida/obra - Revisão
32	2008	Djalma Agripino de Melo Filho	Geografia da Fome: clínica de paisagens ou epidemiologia crítica	Medicina (UFPE); Jornalismo (UNICAP); Saúde Pública (UFBA)	UFPE	Médico/Saúde Pública	Cadernos de Saúde Pública	MELO FILHO, Djalma Agripino de. Geografia da Fome: clínica de paisagens ou epidemiologia crítica. Cadernos de Saúde Pública , v. 24, n.11, p. 2698-2703, 2008.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008001100025&script=sci_arttext	Artigo em comemoração do centenário de nascimento de Josué de Castro	djalmaf@truenet.com.br	Estudo da obra - Temática
33	2008	Ricardo Abramovay	Integrar sociedade e natureza na luta contra a fome no século XXI	Filosofia (Universidade de Paris); Mestrado em Ciência Política (USP); Dr em C. Econômica (Unicamp)	USP	Economia/ Ciências Sociais Aplicadas	Cadernos de Saúde Pública	ABRAMOVAY, Ricardo. Integrar sociedade e natureza na luta contra a fome no século XXI. Caderno de Saúde Pública , v. 24, n. 11, p. 2704-2709, nov, 2008.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001100026	-	abramov@usp.br	Atualidade do pensamento de Castro a partir de comparações de dados
34	2008	Luciana Barreto Machado Rezende	Cem anos de Josué de Castro: legado permanece	Comunicação (UNB); Dr em Teoria Literária (UNB)	UnB	Literatura	Revista do Serviço Público Brasília	BARRETO, Luciana. Cem anos de Josué de Castro: legado permanece. Revista do Serviço Público Brasília , v.59, n.3, p. 375-380, Jul/Set 2008	Google	http://seer.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/154/159	Texto em homenagem ao centenário de nascimento de Josué de Castro	-	Homenagem

35	2008	Moisés Monteiro de Melo Neto	Chico Science encontra Josué de Castro: Recife sob o signo do homem-caranguejo	Literatura (UFPE)	UFPE	Literatura	Le Monde Diplomatique Brasil	MELO NETO, Moisés Monteiro de. Chico Science encontra Josué de Castro. Le Monde Diplomatique (Online), v. set, p. 1-8, 2008.	Google	http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2796	Texto em homenagem ao centenário de nascimento de Josué de Castro	-	Quadro literário de Josué de Castro
36	2008	José Jakson Amancio Alves	A Contribuição de Josué de Castro no Estudo e Combate à Fome e sua Repercussão Científica e Política na Geografia	Geografia (UEPB;UFPB; UFCG)	UEPB	Geografia	Revista de Geografia/UFPE	ALVES, José Jakson Amancio. A Contribuição de Josué de Castro no Estudo e Combate à Fome e sua Repercussão Científica e Política na Geografia. Revista de Geografia . Recife: UFPE, v. 25, n. 2, mai/ago. 2008.	Google	http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/182/113	Autor do livro: Josué e a Fome. 1. ed. João Pessoa: Sal a Terra, 2007. v. 1. 74p	jaksonamancio@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
37	2008	Tayguara Torres Cardoso	Desenvolvimentismo e Sertão Nordestino: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate em torno da Operação Nordeste	Ciências Sociais (UERJ)	UERJ	Ciências Sociais	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	CARDOSO , Tayguara Torres. <i>Desenvolvimentismo e Sertão Nordestino: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate em torno da Operação Nordeste</i> . Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro , v. 440, p. 133-160, 2008.	Google	http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=21	Autor da Dissertação de mestrado em Ciências Sociais/UERJ: O novo Nordeste: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50. 2007.	tayguaratorres@ig.com.br	Estudo sobre a Obra - Temática
38	2008	José Jakson Amancio Alves	2008: Ano Centenário de Josué de Castro – 61 Anos da Geografia da Fome	Geografia (UEPB;UFPB; UFCG)	UEPB	Geografia	Revista Espaço Acadêmico	ALVES, Jose Jakson Amancio. 2008: Ano Centenário de Josué de Castro – 61 Anos da Geografia da Fome. Revista Espaço Acadêmico , n. 89, outubro de 2008.	Google	http://www.espacoacademico.com.br/089/89alves.pdf	-	jaksonamancio@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
39	2009	Eronides da Silva Lima	Quantidade, qualidade, harmonia e adequação: princípios-guia da sociedade sem fome em Josué de Castro	Nutrição (UFPE); Dr em Filosofia da Educação (PUC/SP)	INJC/UFRJ	Nutrição	Revista Histórias, ciências, saúde - Manguinhos	LIMA, E. S. Quantidade, qualidade, harmonia e adequação: princípios-guia da sociedade sem fome em Josué de Castro. História, Ciências, saúde – manguinhos , v. 16, n. 1, p. 171-194, 2009.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702009000100011&script=sci_arttext	Autora do livro: Mal de fome e não de raça. Gênese constituição e ação política da Educação Alimentar-Brasil 1934-1946 . Rio de Janeiro: EDITORA FIOCRUZ, 2000. v. 1. 214p	eronideslima@terra.com.br	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição
40	2009	Maria Letícia Galluzzi Bizzo	Ação política e pensamento social em Josué de Castro	Nutrição (UFRJ); Dr. Em história das ciencias e da saúde (FIOCRUZ/RJ)	INJC/UFRJ	Nutrição	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi	BIZZO, Maria L. G. Ação política e pensamento social em Josué de Castro. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi , v. 4, n. 3, p. 401-420, 2009.	Scielo	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222009000300004	Trabalho apresentado em 2008 no 11º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2008, Niterói/RJ.	galluzzi@acd.ufrj.br e lima@coc.fiocruz.br	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição
41	2009	Rui Ribeiro de Campos	Aspectos demográficos na obra de Josué de Castro	Filosofia e Geografia (PUCCAMP) UNESP	PUC/Campinas	Geografia	Revista Mercator	CAMPOS, Rui Ribeiro de. Aspectos demográficos na obra de Josué de Castro. Mercator , v. 8, n. 17, 2009.	Google	http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/Article/274	Artigo síntese da Tese de Doutorado em Geografia/UNESP: A dimensão populacional na obra de Josué de Castro, 2004	ruicampos@puc-campinas.edu.br	História do pensamento social geográfico
42	2009	Tayguara Torres Cardoso	A Memória, a História e a Denúncia entre Homens e Caranguejos: a literatura como elemento eloquente de crítica e esvelamento da realidade na obra de Josué de Castro	Ciências Sociais (UERJ)	UERJ	Ciências Sociais	Revista Cronos	CARDOSO, Tayguara Torres. A Memória, a História e a Denúncia entre Homens e Caranguejos: a literatura como elemento eloquente de crítica e esvelamento da realidade na obra de Josué de Castro. Revista Chronos (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1768	Autor da Dissertação de mestrado em Ciências Sociais/UERJ: O novo Nordeste : Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50. 2007.	tayguaratorres@ig.com.br	Quadro literário de Josué de Castro
43	2009	Renato Carvalho do Nascimento	O resgate da obra de Josué de Castro, onde estamos?	Sociologia (UNB/UFRRJ)	UFRRJ	Sociologia	Revista Cronos	NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. O resgate da obra de Josué de Castro, onde estamos? Revista Chronos (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n. 1, p. 43-50, jan./jun. 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1766	-	renatocn@ufrj.br	Estudo de vida/obra - Revisão
44	2009	Renato Carvalho do Nascimento	A fome como uma questão social nas políticas públicas	Sociologia (UNB/UFRRJ)	UFRRJ	Sociologia	Revista IDEAS	NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. A fome como uma questão social nas políticas públicas. Revista IDEAS , v. 3, n. 2, p. 197-225, jul./dez. 2009.	Google	http://core.ac.uk/download/pdf/25736399.pdf	-	renatocn@ufrj.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação

45	2009	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro e a construção de uma matriz dos estudos sobre a fome na história do pensamento geográfico no Brasil	Geografia (UFPE/USP)	UNEAL	Geografia	Revista Cronos	CARVALHO, A. A. T. . Josué de Castro e a Construção de uma Matriz dos Estudos sobre a Fome na História do Pensamento Geográfico no Brasil. Revista Cronos (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n.1, p. 15-33, 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1764	Autor da Tese de Doutorado em Geografia/USP: O pão nosso de cada dia... Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil, 2007	antalf@hotmail.com	História de pensamento social geográfico
46	2009	Renato Guedes Vieites; Inês A. Freitas	A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro	Geografia UERJ e Geografia (PUC_RJ/UERJ)	UERJ	Geografia	Revista Scientia Plena	VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, I. A.. A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro. Revista Scientia Plena , v.5, n.6, 2009.	Google	www.scienciaplena.org.br/sp/article/download/633/294+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br	Autor da Dissertação:	renatoguedesvieites@hotmail.com	História de pensamento social geográfico
47	2009	Tânia Elias Magno da Silva	Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	UFS	Ciências Sociais	Revista Cronos	SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil. Revista Cronos (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/viewFile/1767/pdf_18	Autora da Tese de Doutorado em Ciências Sociais/PUC/SP: Josué de Castro: Para uma poética da fome, 1998.	taniamagno@uol.com.br	Estudo de vida/obra - Revisão
48	2009	Maria Aparecida Lopes Nogueira	Utopias: Josué de Castro e o Mangue Beat	Antropologia/Ciências sociais (UFPE/PUC-SP)	UFPE	Ciências Sociais	Revista Cronos	NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. Utopias: Josué de Castro e o Mangue Beat. Revista Cronos (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1765	-	cidanogu@hotmail.com.br	Estudo da obra - Temática
49	2009	Tânia Elias Magno da Silva	A Construção da Esperança e do Compromisso Social no Itinerário de Josué de Castro	Ciências Sociais (USP); PUC/SP	UFS	Ciências Sociais	Revista Inter-Legere	SILVA, Tania Elias Magno . A Construção da Esperança e do Compromisso Social no Itinerário de Josué de Castro. Inter-Legere , Natal (UFRN), v. 01, p. 57-80, 2009.	Google	http://www.periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4806	Coordenou o projeto "Projeto Memória do Saber - Volume Josué de Castro" (2006-2012)	taniamagno@uol.com.br	Estudo de vida/obra - Revisão
50	2010	Normando Albuquerque de Melo	Josué de Castro antes da fome	Ciências Sociais (UFPE/UFRJ)	UFRJ	Sociologia	Revista Aurora	MELO, Normando Albuquerque de. Josué de Castro antes da fome. Revista Aurora , v.4, n.1, 2010.	Google	http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/3melo140a152.pdf	-	normandojorge@gmail.com	Estudo de vida/obra - Revisão
51	2010	Marina Gusmão de Mendonça	Josué de Castro e a Defesa da Interdisciplinaridade	História USP/UNESP	FAAP	História	Revista de Teoria da História/UFG	MENDONÇA, Marina Gusmão de. Josué de Castro e a defesa da interdisciplinaridade. Revista de Teoria da História , Goiás, ano 2, n.4, dezembro/ 2010	Google	http://www.revistas.ufg.br/index.php/teoria/article/view/28937	-	marinamendonca@uol.com.br	Interdisciplinaridade
52	2010	Maria Letícia Galluzzi Bizzo; Nísia Trindade Lima	O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (1946-1960)	Nutrição (UFRJ); Dr. Em história das ciencias e da saúde (FIOCRUZ/RJ) e Sociologia (IUPERJ)	Fiocruz	Sociologia	Perspectivas - Revista de Ciências Sociais/Unesp	BIZZO, Maria L. G.; LIMA, Nísia Andrade. O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (1946-1960). Perspectivas , São Paulo, v. 37, p. 191-209, jan./jun. 2010	Google	http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/3558/3327	Trabalho apresentado no XIV Congresso de Sociologia - RJ, 2009 - Publicado nos Anais	galluzzi@acd.ufrj.br	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição
53	2011	Kátia Hale dos Santos	Josué de Castro: fome e repercussões sociais	Serviço Social (UniSantos); PUC/SP	PUC/SP	Serviço Social	Revista Serviço Social & Saúde	SANTOS, Katia Hale dos. Josué de Castro: fome e repercussões sociais. Revista Serviço Social & Saúde . UNICAMP Campinas, v. X, n. 11, Jul. 2011	Google	http://periodicos.bc.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/1378/1368	Artigo síntese da Dissertação de Mestrado em Serviço Social/PUC_SP, 2009.	katiahale@gmail.com	Estudo da obra - Temática
54	2011	Kérley Braga Pereira Bento Casaril; Carlos Cassemiro Casaril	A fome para Josué de Castro e a discussão sobre a segurança alimentar no Brasil	Economia Doméstica (1998) e mestrado em Microbiologia Agrícola - UFV; Doutorado em Ciência de Alimentos UEL	UNIOESTE	Ciências da Alimentação/Geografia	Revista Faz Ciência	CASARIL, Kérley B. P. B.; CASARIL, Carlos Cassemiro. A fome para Josué de Castro e a discussão sobre a segurança alimentar no Brasil. Revista Faz Ciência , v.13, n.8, Jul/Dez, p. 145-171, 2011.	Google	http://www.e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/download/7979/6702+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br	-	-	Estudo sobre a obra - Temática
55	2011	Maria Letícia Galluzzi Bizzo; Nísia Trindade Lima	Ciência, políticas e relações internacionais: FAO, Brasil e construção de uma agenda nacional de nutrição (1945-1964)	Nutrição (UFRJ); Dr. Em história das ciencias e da saúde (FIOCRUZ/RJ)	UFRJ	Nutrição/Saúde Pública	Historia Scientiarum	BIZZO, Maria L. G.; TRINDADE, Nísia. Ciência, políticas e relações internacionais: FAO, Brasil e construção de uma agenda nacional de nutrição (1945-1964). Historia Scientiarum , v. 1, p. 60, 2011.	Google	http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Maria%20Let%20C3%ADcia%20Galluzzi%20Bizzo.pdf	Artigo síntese da Tese do Doutorado em História da Ciência e da Saúde/Fiocruz: Agências Internacionais e agenda local: atores e ideias a interlocução entre nutrição e país (1932-1964), 2012. A tese retrata a atuação de josué de Castro na FAO.	galluzzi@acd.ufrj.br	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição

56	2012	Rui Ribeiro de Campos	Josué de Castro e o Direito à Alimentação	Filosofia e Geografia (PUCCAMP); UNESP/)	PUC/Campinas	Geografia	Revista Geografia em Questão	CAMPOS, Rui Ribeiro de. Josué de Castro e o Direito à Alimentação. Revista Geografia em Questão , v. 5, n. 1, 2012.	Google acadêmico	<a href="http://e-
revista.unioeste.br/index.php/
geoemquestao/article/downlo
ad/4765/4936+&cd=1&hl=pt-
BR&ct=clink&gl=br">http://e- revista.unioeste.br/index.php/ geoemquestao/article/downlo ad/4765/4936+&cd=1&hl=pt- BR&ct=clink&gl=br	Autor da Tese de Doutorado em Geografia/UNESP: A dimensão populacional na obra de Josué de Castro, 2004	ruicampos@puccampinas.edu.br	Estudo sobre a Obra - Temática
57	2012	José Aroldo da Silva	A representação da fome em Homens e Caranguejos de Josué de Castro	Letras (UEPB); Mestre em Ciências da Sociedade (UEPB)	UEPB	Literatura	Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo	SILVA, José Aroldo da. A representação da fome em Homens e Caranguejos de Josué de Castro. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo , n.20, Julho-Dezembro de 2012	Google	<a href="http://w3.ufsm.br/grpesqla/re
vista/num20/RevLitAut_art07
.pdf">http://w3.ufsm.br/grpesqla/re vista/num20/RevLitAut_art07 .pdf	-	-	Quadro literário de Josué de Castro
58	2012	Sirlândia Schappo	Agricultura de Sustentação sob olhares de Josué de Castro	Serviço Social pela Universidade (UFSC) mestrado em Sociologia Política (UFSC) e doutorado em Sociologia (Unicamp)	UFSC	Serviço Social	Revista Temporalis	SCHAPPO, Sirlândia. Agricultura de sustentação sob olhares de Josué de Castro. Revista Temporalis , v. 2, p. 83-101, 2012.	Google	<a href="http://periodicos.ufes.br/temp
oralis/article/view/3032/3291">http://periodicos.ufes.br/temp oralis/article/view/3032/3291	Artigo síntese da Tese de Doutorado em Sociologia	sschappo@gmail.com	Estudo sobre a Obra - Temática
59	2012	Cleder Fontana	Da fome epidêmica e endêmica a insegurança alimentar no Brasil	Geografia e em Filosofia (UFPEL). Mestre em Geografia (FURG). Doutor em Geografia (2014) (UFRGS)	UFRGS; USP	Geografia	Revista de Geografia	FONTANA, Cleder. Da fome epidêmica e endêmica a insegurança alimentar no Brasil. Revista de Geografia , Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 67-80, jan./abr. 2012.	Google	<a href="https://pt.scribd.com/doc/945
70445/Da-fome-epidemica-e-
endemica-a-inseguranca-
alimentar-no-brasil">https://pt.scribd.com/doc/945 70445/Da-fome-epidemica-e- endemica-a-inseguranca- alimentar-no-brasil	-	clederfontana@gmail.com	Atualidade do pensamento de Castro a partir de comparações de dados
60	2013	Thiago Azevedo Sá de Oliveira	Geografia da ficção: o lugar da personagem no romance Homens e Caranguejos	Letras (UPE); UFPA	UFPA	Literatura	Letras em Revista	OLIVEIRA, Thiago A. Sá de. Geografia da ficção: o lugar da personagem no romance Homens e Caranguejos. Letras em Literatura , v.4, n.2, 2013.	Google	<a href="http://ojs.uespi.br/ojs/index.p
hp/letrasrevista/article/view/1
24/153">http://ojs.uespi.br/ojs/index.p hp/letrasrevista/article/view/1 24/153	Artigo síntese da Dissertação de mestrado em Letras/UFPA: Da lama à ficção: memórias e diálogos da fome nos interstícios narrativos de Homens e Caranguejos, 2012	-	Quadro literário de Josué de Castro
61	2013	André Luiz Valim Vieira	Sensibilidade insensível: Josué de Castro e a questão da fome como violação de direitos humanos fundamentais	Direito (UNESP/Franca)	UNESP/Franca	Direito	Revista de Estudos Jurídicos/UNESP	VIEIRA, André L. V.. Sensibilidades e insensível: Josué de Castro e a questão da fome como violação de direitos humanos fundamentais. Revista de Estudos Jurídicos , Franca, v. 17, n.26, 2013.	Google	<a href="http://seer.franca.unesp.br/in
dex.php/estudosjuridicosune
sp/article/view/696/1173">http://seer.franca.unesp.br/in dex.php/estudosjuridicosune sp/article/view/696/1173	-	-	Estudo sobre a Obra - Temática
62	2014	Sirlândia Schappo	Josué de Castro e a agricultura de sustentação em Geografia da fome	Serviço Social pela Universidade (UFSC) mestrado em Sociologia Política (UFSC) e doutorado em Sociologia (Unicamp)	UNICAMP	Sociologia	Sociologias/UFRGS	SCHAPPO, Sirlândia. Josué de Castro e a agricultura de sustentação em Geografia da fome. Sociologias , Porto Alegre, v.16, n. 35, p. 306-338, 2014.	SciELO	<a href="http://www.scielo.br/scielo.ph
p?pid=S1517-
45222014000100011&script=
sci_arttext">http://www.scielo.br/scielo.ph p?pid=S1517- 45222014000100011&script= sci_arttext	Artigo síntese da Tese de Doutorado em Sociologia/Unicamp: Josué de Castro e a agricultura de sustentação em Geografia da fome, 2008; Apresentado no XIV Congresso de Sociologia, Rio de Janeiro, 2009.	sschappo@gmail.com	Estudo sobre a Obra - Temática
63	2014	Marina Gusmão de Mendonça	Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo	História USP/UNESP	UNESP/Marília	História	Revista História Econômica & História de Empresas	MENDONÇA, Marina Gusmão de. Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo. Revista História Econômica & História de Empresas , v.17, n.2, p. 353-375, 2014.	Google	<a href="http://www.revistaabphe.uff.b
r/index.php?journal=rabphe&
page=article&op=view&path
%5B%5D=258">http://www.revistaabphe.uff.b r/index.php?journal=rabphe& page=article&op=view&path %5B%5D=258	-	marinamendonca@uol.com.br	Estudo sobre a Obra - Temática
64	2015	Rosana Magalhães	Pobreza e Desenvolvimento: um convite à leitura de Josué de Castro	Nutrição/Saúde Pública	Fiocruz	Saúde Pública	Revista Sinais Sociais	MAGALHÃES, R. . Pobreza e Desenvolvimento: um convite à leitura de Josué de Castro. Sinais Sociais , v. 9, p. 125-145, 2015.	Google	<a href="http://www.sesc.com.br/porta
l/publicacoes/sesc/Revistas/
sinaissociais/">http://www.sesc.com.br/porta l/publicacoes/sesc/Revistas/ sinaissociais/	-	rosana@ensp.fiocruz.br	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição

**ANEXO II – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO –
TESES E DISSERTAÇÕES**

TESES e DISSERTAÇÕES												
Nº	Ano	Tipo	Autor	Título	Instituição	Área do conhecimento	Referência	Banco de Dados	Disponível em:	Observações	E-mail	Categorias Analíticas
1	1977	Tese	Anna Maria de Castro	Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política	UFRJ	Nutrição/Sociologia	CASTRO, Anna Maria de. Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política. Tese (Tese de Livre-Docência em Sociologia) - Instituto de Nutrição da UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Google	Não disponível online	Filha de Josué de Castro. Organizadora do livro: Fome: um tema proibido.		Pensamento Social em Josué de Castro: Nutrição
2	1982	Dissertação	Solange L'Abbate	Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social	USP	Sociologia	L'ABBATE, Solange. Fome e Desnutrição: os descaminhos da política social. 1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de São Paulo, 1982.	Google	Não disponível online	Publicou dois artigos sínteses da Dissertação	slabbate@lexxa.com.br	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
3	1992	Dissertação	Rosana Magalhães	A fome no pensamento de Josué de Castro	FIOCRUZ	Saúde Pública	MAGALHÃES, Rosana. Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz/ Escola Nacional da Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1992.	Google	Não disponível online	Publicada como livro sob título: Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro	Livro disponível online	Pensamento Social em Josué de Castro: Nutrição
4	1998	Tese	Tania Elias Magno Silva	Josué de Castro: Para uma poética da fome.	PUC/SP	Ciências Sociais	SILVA, Tania Elias Magno. Josué de Castro: Para uma poética da fome. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998.	Google	Não disponível online	Publicou vários artigos sínteses da tese	taniamagno@uol.com.br	Estudo de vida/obra de Josué de Castro
5	2001	Dissertação	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional	UFPE	Geografia	CARVALHO, Antonio A. Teles de.. Josué de Castro na perspectiva da Geografia Brasileira: Uma contribuição à historiografia do Pensamento Geográfico Nacional. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.	BDTD	http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/6945	Publicou artigo síntese da dissertação	antalf@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
6	2002	Dissertação	Renato Carneiro do Nascimento	Josué de Castro: o sociólogo da fome	UNB	Sociologia	NASCIMENTO, Renato C.. Josué de Castro: o sociólogo da fome. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília. Brasília, 2002.	Google	http://www.nutricao.ufrj.br/arquivos/museu/teses/dissertacao/20Renato%20Carvalho%200do%20Nascimento-%20UNB.pdf	Publicou diversos artigos com o resultado da dissertação	renatocn@ufrj.br	Estudo de vida/obra de Josué de Castro
7	2003	Dissertação	Jorge Luís R. Nunes	Josué de Castro, o geógrafo da fome: uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil.	UFRGS	Geografia	NUNES, Jorge Luís R. Josué de Castro, o geógrafo da fome: uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFRGS, Porto Alegre, 2003.	Google	http://www.ufrgs.br/ppggee/po/s/index.php?option=com_content&view=article&id=349:josue-de-castro-o-geografo-da-fome-uma-abordagem-critica-da-obra-e-sua-relacao-com-o-contexto-economico-e-politico-do-brasil&catid=43:defesamestrado&Itemid=131	Somente resumo disponível online	-	Estudo sobre a obra - Temática
8	2004	Tese	Rui Ribeiro de Campos	A Dimensão populacional na Obra de Josué de Castro	UNESP/ Rio Claro	Geografia	CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Dimensão populacional na Obra de Josué de Castro. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2004.	BDTD	http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104441/campos_r_r_rcla.pdf?sequence=1	Publicou artigo síntese da Tese	ruicampos@puc Campinas.edu.br	História do pensamento social geográfico
9	2004	Dissertação	Dorival Donizeti Marchi	O pensamento geográfico de Josué de Castro.	USF	Educação	MARCHI, Dorival Donizeti. O pensamento geográfico de Josué de Castro. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2004.	Google	Não disponível online	Autor da Monografia de Especialização em Desenvolvimento Rural/UNESP-RioClaro: O pensamento geográfico de Josué de Castro. 1998.		
10	2006	Dissertação	Claudia Louback do Nascimento	Entre homens e caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco	UFPE	História	NASCIMENTO, Claudia L.. Entre homens e caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 2006.	BDTD	http://repositorio.ufpe.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/7109/arquivo3282_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y	-	-	Estudo sobre a obra - Temática

11	2007	Dissertação	Tayguara Torres Cardoso	O novo Nordeste: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50	UERJ	Ciências Sociais	CARDOSO, T. T. O novo Nordeste: Celso Furtado, Josué de Castro e o debate sobre desenvolvimento e sertão nordestino nos anos 50. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.	BDTD	http://www.bdttd.uerj.br/tde_bu_sca/arquivo.php?codArquivo=2254	Publicou artigo a síntese da dissertação	tayguaratorres@ig.com.br	Estudo sobre a obra - Temática
12	2007	Tese	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	O pão nosso de cada dia... Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil	USP	Geografia	CARVALHO, A. A. T. O pão nosso de cada dia nos dias hoje... Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.	BDTD	http://www.teses.usp.br/teses/dissertacoes/8/8136/tde-20022008-105544/pt-br.php	Publicou artigo síntese da Tese	antalf@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
13	2007	Dissertação	João Luiz da Silva	As novas faces da fome na pós-modernidade: o caso do município de Floresta em PE	UFPE	Geografia	SILVA, João Luiz da. As novas faces da fome na pós-modernidade: o caso do município de Floresta em PE. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.	BDTD	http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6930	–	–	Estudo sobre a obra - Temática
14	2008	Tese	Sirlândia Schappo	Josué de Castro por uma agricultura de sustentação	UNICAMP	Sociologia	SCHAPPO, Sirlândia. Josué de Castro por uma agricultura de sustentação. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.	BDTD	http://bdttd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_6367255e4d491fb34275662626fda945	Publicou artigo síntese da dissertação	sschappo@gmail.com	Estudo sobre a obra - Temática
15	2008	Dissertação	Renato Guedes Vieites	A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro	UERJ	Geografia	VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, I. A.. A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.	BDTD	http://bdttd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_ff510797fc7215bc9756a4fadadf98b0	Publicou artigo síntese da dissertação	renatoguedesvieites@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
16	2008	Dissertação	José Raimundo Sousa Ribeiro Jr.	A fome e a miséria na alimentação: apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana	USP	Geografia	RIBEIRO Jr. José R. S.. A fome e a miséria na alimentação: apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.	BDTD	http://www.teses.usp.br/teses/dissertacoes/8/8136/tde-07102009-112818/pt-br.php	–	–	História do pensamento social geográfico
17	2008	Dissertação	Rogério Fernandes Macedo	Josué de Castro: realidade, teoria e institucionalização da fome	UNESP/Marília	Sociologia	MACEDO, Rogério Fernandes. Josué de Castro: realidade, teoria e institucionalização da fome. (Dissertação Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Marília 2008.	Google	http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5pgYcyKgNcoj:seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/1162/945+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br	Somente resumo disponível	–	Estud sobre a obra - Temática
18	2008	Dissertação	Ângela Caldas Sanábio Farias	Homens e caranguejos: uma trama interdisciplinar. A literatura topofílica e telúrica.	CESJF	Literatura	FARIA, Ângela Caldas Sanábio. Homens e caranguejos: uma trama interdisciplinar. A literatura topofílica e telúrica. (Dissertação Mestrado em Literatura). 2008. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CESJF, 2008.	Google	http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras-dissertacoes/318-81?path=	–	–	Quadro literário de Josué de Castro
19	2009	Dissertação	David Loliola Rêgo	Cola para quem tem fome: um ensaio sobre as potencialidades e limitações da sociologia da fome	UFRN	Ciências Sociais	RÊGO, David Loliola. Cola para quem tem fome: um ensaio sobre as potencialidades e limitações da sociologia da fome. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.	BDTD	http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13594/1/DavidLR_DISSERT.pdf	–	–	Estudo sobre a obra - Temática
20	2009	Tese	Luiz Cláudio dos Santos	Da Geografia da fome ao Fome Zero: contribuições ao Estudo da Fome no Brasil	UNESP/Rio Claro	Geografia	SANTOS, Luiz Cláudio dos. Da Geografia da fome ao Fome Zero: contribuições ao Estudo da Fome no Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2009.	BDTD	http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104356/santos_lc_dr_rcla.pdf?sequence=1	–	–	Estudo sobre a obra - Temática
21	2009	Dissertação	Katia Hale dos Santos	Josué de Castro: fome e repercussões sociais	PUC/SP	Serviço Social	SANTOS, Katia Hale dos. Josué de Castro: fome e repercussões sociais. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2009.	Google	Não disponível online	Publicou artigo síntese da dissertação	–	Estudo sobre a obra - Temática
22	2009	Dissertação	Cleder Fontana	Uma cartografia da fome no Brasil: Um estudo da Geografia da fome (1946), De Josué de Castro, e dos dados de Insegurança Alimentar da PNAD (2004)	FURG	Geografia	FONTANA, Cleder. Uma cartografia da fome no Brasil: Um estudo da Geografia da fome (1946), De Josué de Castro, e dos dados de Insegurança Alimentar da PNAD (2004). 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2009.	Google	http://www.argo.furg.br/bdttd/000010537.pdf	Publicou artigo síntese da dissertação	clederfontana@gmail.com	Atualidade do pensamento de Castro a partir de comparações de dados

23	2010	Tese	Adão José Vital da Costa	A Relevância do pensamento agrossistêmico de Josué de Castro para a reflexão agroecológica no Brasil: potencialidades de uma abordagem histórico-ambiental	UFPEl	Agronomia	COSTA, Adão José V.. A Relevância do pensamento agrossistêmico de Josué de Castro para a reflexão agroecológica no Brasil: potencialidades de uma abordagem histórico-ambiental. 2010. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.	BDTD	http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/2409	-	-	Estudo sobre a obra - Temática
24	2010	Dissertação	Mercês de Fátima dos Santos Silva	Josué de Castro, Pensamento e Ação: A gênese do Plano de Segurança Alimentar no Brasil	UFPE	Sociologia	SILVA, Mercês F. S.. Josué de Castro, Pensamento e Ação: A gênese do Plano de Segurança Alimentar no Brasil. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.	BDTD	http://bdtb.ibict.br/vufind/Record/UFPE_309b5d4b69cac6953e96baf8e17bca37	-	merces.santos30@gmail.com	Estudo da vida/obra - Revisão
25	2011	Dissertação	Vicente Ferrer Augusto Gonçalves	A importância do Pensamento Pioneiro de Josué de Castro para as Políticas Sociais no Brasil Atual	UFC	Economia	GONÇALVES, Vicente F. A.. A importância do Pensamento Pioneiro de Josué de Castro para as Políticas Sociais no Brasil Atual. 2011. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.	BDTD e CAPES	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6244	-	ferrer630@hotmail.com	Estudo da vida/obra - Revisão
26	2011	Dissertação	Bruno Picchi	De Homens e Caranguejos ao cérebro: a região cultural do Movimento Manguebit e o Recife	UNESP/Rio Claro	Geografia	PICCHI, Bruno. De Homens e Caranguejos ao Caranguejos com cérebro: a região cultural do Movimento Manguebit e o Recife. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2011.	BDTD	http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/95563	Publicou artigo síntese da Dissertação	picchigeo@uol.com.br	Estudo sobre a obra - Temática
27	2012	Tese	Maria Letícia Galluzzi Bizzo	Agências Internacionais e agenda local: atores e ideias a interlocução entre nutrição e país (1932-1964)	FIOCRUZ	História das Ciências e da Saúde	BIZZO, Maria L. G.. Agências Internacionais e agenda local: atores e ideias a interlocução entre nutrição e país (1932-1964). 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2012.	FIOCRUZ e CAPES	http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/tese_maria_leticia.pdf	Publicou artigo síntese da Tese	galluzzi@acd.ufrj.br	Pensamento Social em Josué de Castro: Nutrição
28	2012	Dissertação	Alice Nayara dos Santos	Fome, Alimentação e Educação: proposta educativa na obra de Josué de Castro	UFC	Educação	SANTOS, Alice Nayara dos. Fome, Alimentação e Educação: proposta educativa na obra de Josué de Castro. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2012.	BDTD e CAPES	http://www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/7392	-	alicesantos.ufpi@gmail.com	Estudo sobre a obra - Temática
29	2012	Tese	Anna Waleska Nobre Cunha de Menezes	Os embates entre ciência e política na experiência parlamentar de Josué de Castro	UFRN	Ciências Sociais	MENEZES, Ana Waleska N. C.. Os embates entre ciência e política na experiência parlamentar de Josué de Castro. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.	BDTD e CAPES	http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13800/1/AnnaWNCM_TESE.pdf	-	annawaleska@fcamaracascudo.com.br	Estudo da vida/obra - Revisão
30	2013	Dissertação	Tito Galvanin Neto	Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, Pobreza - Cooperação internacional, Políticas públicas - Brasil, Política social	UEL	Ciências Sociais	GALVANI NETO, Tito. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, Pobreza - Cooperação internacional, Políticas públicas - Brasil, Política social. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, 2014.	Google	http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000184696	Autor da monografia de Especialização de Ensino em Sociologia/Uel: A FAO e as dificuldades para eliminar a fome no mundo: uma comparação entre os entraves apontados por Josué de Castro na década de 1950/1960 e os impedimentos vindos à tona nas décadas seguintes..., 2009; e da monografia de graduação em Ciências Sociais/Uel: "Fome em Josué de Castro", 2007.	-	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
31	2013	Dissertação	Maria Leidiana Mendes de Oliveira.	Geografia da Fome: a expressão dramática da desigualdade socioespacial brasileira.	USP	Geografia	Maria Leidiana Mendes de Oliveira. Geografia da Fome: a expressão dramática da desigualdade socioespacial brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia (Geografia Humana)) - Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Maria Adélia Aparecida de Souza.	Google	http://www.teses.usp.br/teses/dissertacoes/8/8136/tde-12022014-123610/pt-br.php	-	Orientanda de Maria Adélia Aparecida de Souza	Estudo sobre a obra - Temática

32	2014	Tese	Cleder Fontana	Fome e Questão Ambiental: uma leitura a partir da obra de Josué de Castro	UFRGS	Geografia	FONTANA, Cleder. Fome e Questão Ambiental: uma leitura a partir da obra de Josué de Castro. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.	BDTD	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101398	Autor da Dissertação de Mestrado em Geografia /UFRG - Uma cartografia da fome no Brasil: Um estudo da Geografia da fome (1946), De Josué de Castro, e dos dados de Insegurança Alimentar da PNAD (2004). 2009.	clerderfontana@gmail.com	Estudo sobre a obra - Temática
33	2014	Dissertação	Isabelle Maria Mendes de Araújo	Saúde e Desenvolvimento no Brasil: o pensamento de Mário Magalhães da Silveira e de Josué de Castro	UFPE	Saúde Coletiva	ARAÚJO, Isabelle M. M.. Saúde e Desenvolvimento no Brasil: o pensamento de Mário Magalhães da Silveira e de Josué de Castro. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.	BDTD	http://repositorio.ufpe.br/xmlui/handle/123456789/12959	-	-	Estudo da vida/obra - Revisão
34	2014	Dissertação	Thiago Azevedo Sá de Oliveira	Da lama à ficção: memórias e diálogos da fome nos interstícios narrativos de Homens e Caranguejos	UFPA	Literatura	OLIVEIRA, Thiago A. Sá de. Da lama à ficção: memórias e diálogos da fome nos interstícios narrativos de Homens e Caranguejos. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.	BDTD	http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6722/1/Dissertacao_LamaFiccaoMemorias.pdf	Publicou artigo síntese da dissertação	-	Quadro literário de Josué de Castro

**ANEXO III – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO –
TRABALHOS COMPLETOS**

TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTO CIENTÍFICO										
no	Ano	Autor	Título	Instituição do autor	Área do conhecimento	Evento Científico	Referência	Disponível em:	OBS.:	Categorias Analíticas
1	1995	Maria Adélia A. de Souza	GLOBALIZAÇÃO E EFEITOS PERVERSOS Relendo a Geografia da Fome	USP	Geografia	I ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE	Souza, Maria Adélia A. de. Globalização e efeitos perversos: Relendo a Geografia da Fome. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.	http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/laboplan/artigos/souza_01.pdf	-	Estudo sobre a Obra - Temática
2	1996	Ana Elisa Rodrigues Pereira	A fome discreta e os espaços de desigualdades	USP	Geografia	10º Encontro Nacional de Geógrafos	PEREIRA, A. E. R. . A fome entre os trabalhadores brasileiros na era da globalização: uma análise preliminar. In: 10º Encontro Nacional de Geógrafos, 1996, Pernambuco. Anais do 10º Encontro Nacional de Geógrafos. Pernambuco: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1996.	http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiaespatial/541.pdf	-	Estudo sobre a Obra - Temática
3	2001	Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Os Alvos Fortes em Construídas Elaborações do Pensar a Sociedade: Josué de Castro e os Desafios de uma Geografia de Base Social no Contexto Geográfico Brasileiro	UFPE	Geografia	8º Encuentro de Geografos de America Latina. Santiago, 2001. v. 1.	CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Os Alvos Fortes em Construídas Elaborações do Pensar a Sociedade: Josué de Castro e os Desafios de uma Geografia de Base Social no Contexto Geográfico Brasileiro. In: 8º ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 2001, Santiago. Anais eletrônicos , Santiago: UBA, 2001.	Não disponível online	-	-
4	2003	Cláudio Francisco Severino	Geografia e modernização agrária no pensamento de Josué de Castro	UFF	Geografia	I Simpósio Internacional de Geografia Agrária - São Paulo/SP	SEVERINO, Cláudio Francisco. Geografia e modernização agrária no pensamento de Josué de Castro. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA/ I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEORAFIA AGRÁRIA, 2003, São Paulo: USP.	Não disponível online	-	-
5	2004	Cláudio Francisco Severino	Josué de Castro e Max Sorre: diálogos sobre método ecológico e fome	UFF	Geografia	X Encontro de Geógrafos da América Latina - São Paulo/SP	SEVERINO, Cláudio Francisco. Josué de Castro e Max Sorre: diálogos sobre método ecológico e fome. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2004, São Paulo. Anais . São Paulo: USP/AGB/ANPEGE/EGAL, 2004.	Não disponível online	-	-
6	2005	Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro nos encaixos da Geografia Francesa: decifrando os meandros de uma diálogo geográfico	USP	Geografia	X Encontro de Geógrafos da América Latina - São Paulo/SP	CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Josué de Castro nos Encaixos da Geografia Francesa: Decifrando os Meandros de um Diálogo Geográfico. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo: USP, 2005.	http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Investigacion/10.pdf	antal@hotmail.com	História do pensamento social geográfico
7	2005	Claudia Louback do Nascimento	Josué de Castro e a obra 'Alimentação e Raça'	UFPE	História	Encontro Cultura, Modernidade e Memória - Recife/PE.	NASCIMENTO, Claudia Louback do. Josué de Castro e a obra 'Alimentação e Raça'. In: ENCONTRO CULTURA, MODERNIDADE E MEMÓRIA, 2005, Recife. Encontro Cultura, Modernidade e Memória. Recife: ANPUH-PE/UFPE, 2005.	Não disponível online	-	-
8	2006	Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Revisitando Josué de Castro e os Pressupostos à Apreensão do Brasil Contemporâneo	USP	Geografia	XIV Encontro Nacional de Geógrafos - Rio Branco/AC	CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Revisitando Josué de Castro e os Pressupostos à Apreensão do Brasil Contemporâneo. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 14., 2006, Rio Branco: UFGD, 2006.	Não disponível online	-	-
9	2007	Inês Aguiar Freitas; Rachel de Almeida Moura	A geografia de Josué de Castro: a regionalização da América Latina e do Brasil na obra Geografia da fome e Geopolítica da fome	UERJ	Geografia	Conferencia Internacional Aspectos Culturales en las Geografías Económicas, Sociales y Políticas - Buenos Aires, 2007 e no XI Encuentro de Geógrafos de América Latina. Bogotá, 2007.	FREITAS, Ines Aguiar de; MOURA, Rachel de Almeida . A Geografia de Josué de Castro: A regionalização da América Latina e do Brasil nas obras Geografia da Fome e Geopolítica da Fome. In: XI ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2007, Bogotá.	http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomicas/Geografiaregional/03.pdf	Coordenou o Projeto de pesquisa: Natureza e cultura na Geografia de Josué de Castro (2005-2009). Orientou a Tese: A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro	Estudo da vida/obra - Revisão

10	2007	Inês Aguiar Freitas	Natureza e Cultura na Geografia do Brasil de Josué de Castro	UERJ	Geografia	VII Encontro Nacional da Anpege - Niterói/RJ	FREITAS, Ines Aguiar de. Natureza e Cultura na Geografia do Brasil de Josué de Castro. In: VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2007, Niterói. Anais . Niterói, 2007.	http://www.anpege.org.br/downloads/anais_viiAnpege.pdf	Resumo expandido	Estudo da vida/obra - Revisão
11	2008	Bruno Picchi	Uma Geografia do Mangue: Movimento Manguebit, Josué de Castro e neoregionalismo	UNESP/Rio Claro	Geografia	XV Encontro Nacional de Geógrafos - São Paulo/SP	PICCHI, Bruno. Uma Geografia do Mangue: Movimento Manguebit, Josué de Castro e neoregionalismo. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 15., 2008, São Paulo. Anais eletrônicos . São Paulo: USP, 2008.	http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20BrunoPicchi.ED1VI.pdf	Trabalho síntese da Monografia	Estudo sobre a Obra - Temática
12	2008	Tayguara Torres Cardoso	Sertão Nordestino, Desenvolvimento e População – Josué de Castro, Celso Furtado e o debate em torno da “Operação Nordeste”	UERJ	Ciências Sociais	XVI encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - Campinas-SP	CARDOSO, Tayguara T. Sertão nordestino, desenvolvimento e população – Josué de Castro, Celso Furtado e o debate em torno da “Operação Nordeste”. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA UNICAMP, 16., 2008, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: UNICAMP, 2008.	http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_1532.pdf	Trabalho síntese da Dissertação	Estudo sobre a Obra - Temática
13	2008	Tito Galvanin Neto; Maria Rezende	As contribuições de Josué de Castro no estudo para combate a fome	UEL	Sociologia	VII SEPECH - Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas - Londrina/PR	GAVANIN NETO, Tito. As contribuições de Josué de Castro no estudo para combate a fome. In: VII SEMINÁRIOS DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7., 2008. Londrina. Anais eletrônicos . Londrina: UEL, 2008.	http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/argtxt/resumos-anais/TitoGalvanin.pdf	Trabalho síntese da Monografia de Especialização em Sociologia	Estudo sobre vida e obra: Revisão
14	2009	Maria Letícia Galluzzi Bizzo; Nísia Trindade	O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (1946-1960)	FIOCRUZ	Sociologia	XIV Congresso Brasileiro de Sociologia - Rio de Janeiro/RJ	BIZZO, M.L.G.; LIMA, N. T..O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (1946 – 1960). In: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos . Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.	http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=51&Itemid=171	Resultado parcial da pesquisa de doutoramento. Publicado como artigo.	Pensamento Social em Josué de Castro - Nutrição
15	2009	Sirlândia Schappo	Josué de Castro e a Agricultura de Sustentação	UNICAMP	Sociologia	XIV Congresso Brasileiro de Sociologia - Rio de Janeiro/RJ	SHAPPO, Sirlândia. Josué de Castro e a Agricultura de Sustentação. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos . Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.	http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=233&Itemid=171	Trabalho síntese da Tese. Publicado como artigo.	Estudo sobre a obra: Temática
16	2009	Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Consustanciação e Matriz dos Estudos sobre a Fome na História do Pensamento Geográfico no Brasil	UNEAL	Geografia	XII Encuentro de Geografos de America Latina	CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Josué se Castro: Consustanciação e Matriz dos Estudos sobre a Fome na História do Pensamento Geográfico no Brasil. In: XII ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 12., 2009, Montevideo.	http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/22.pdf	–	História da Nutrição
17	2009	Mercês de Fátima dos Santos Silva	Gilberto Freyre e Josué de Castro: dois Brasis?	UFPE	Sociologia	XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología	SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. Josué de Castro e a nova geografia da fome. In: XXVII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 28., 2009, Buenos Aires. Anais eletrônicos .	http://www.aacademica.com/000-062/1261.pdf	–	Estudo sobre vida/ Obra - Revisão
18	2010	Renato Carvalheira do Nascimento	Três Combates da Fome no Brasil: Josué de Castro, Betinho e Dom Hélder Câmara	UFRRJ	Sociologia	VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural - Porto de Galinhas/PE	NASCIMENTO, Renato C.. Três Combates da Fome no Brasil: Josué de Castro, Betinho e Dom Hélder Câmara. VIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010. Porto de Galinhas-PE. Anais eletrônicos .	http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/09/GT27-Renato-Carvalheira-do-Nascimento.pdf	Autor da Dissertação: Josué de Castro: o sociólogo da fome	Estudo sobre a Obra - Temática
19	2010	Nauber Gavski da Silva	A constituição da nutrição no Brasil: Josué de Castro e o projeto nacional	UFRGS	História	I Encontro Nacional de Pesquisadores em História das Ciências / ENAPEHC. Belo Horizonte/MG	SILVA, Nauber G.. A constituição da nutrição no Brasil: Josué de Castro e o projeto nacional. I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS, 1., 2010. Belo Horizonte. Anais eletrônicos . Belo Horizonte: UFMG, 2010.	http://www.academia.edu/6542295/A_constitui%C3%A7%C3%A3o_da_nutri%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil_Jos%C3%A9_de_Castro_e_o_projeto_nacional	–	Josué de Castro e as Políticas Sociais em Alimentação
20	2010	Mercês de Fátima dos Santos Silva	Josué de Castro e a nova geografia da fome	UFPE	Sociologia	XVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americano de Sociologia - Recife/PE	SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. <i>Josué de Castro e a nova geografia da fome</i> . In: XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 28., 2011, Recife. Anais eletrônicos . Recife: UFPE, 2011.	http://www.sociologia-alas.org/	Resultado parcial da pesquisa de Mestrado	Estudo sobre a Obra - Temática

21	2011	Marina Gusmão de Mendonça	Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo	UNESP/Marília	História	XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo/SP	MENDOÇA, M.G.. Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 26., 2011, São Paulo. Anais eletrônicos . São Paulo: USP	http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1306942559_ARQUIVO_JosuedeCastroecombateaoeomalthusianismo-textofinal.pdf	Publicado como artigo de Revista	Estudo sobre a Obra - Temática
22	2011	Francisco de Assis Penteadó Mazetto; Haline Aparecida de Oliveira Maia; João Batista Villas Boas Simoncini	Fome Oculta	UFJF; CESJF; UFRGS	Geografia	XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2011, San José	MAZETTO, F. A. P. (et ali). Fome Oculta. In: XIII EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13., 2011, San Jose (Costa Rica). Anais eletrônicos . San Jose, 2011	http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/02.pdf	–	Estudo sobre a Obra - Temática
23	2011	Cleder Fontana	Espaço, ambiente e fome: Uma leitura a partir da obra de Josué de Castro	UFRGS	Geografia	IX Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2011	FONTANA, Cleder. Espaço, ambiente e fome: Uma leitura a partir da obra de Josué de Castro. In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 9., 2011, Goiânia. Anais eletrônico . Goiânia: UFG, 2011.	http://www.anpege.org.br/?op=6	Trabalho síntese da Dissertação	Estudos sobre a Obra - Temática
24	2011	Rui Ribeiro de Campos	A Presença na Geografia de Josué de Castro.	PUC/SP	Geografia	XIII EGAL - Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2011, San Jose (Costa Rica)	CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Presença na Geografia de Josué de Castro. In: XIII EGAL - ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13., 2011, San Jose (Costa Rica). Anais eletrônicos . San Jose, 2011.	www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/1794/1700+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br	–	Estudo sobre a Obra - Temática
25	2012	Sirlândia Schappo	Reforma Agrária e Agricultura de Sustentação	UFSC	Serviço Social	V Encontro da Rede de Estudos Rurais - Belém/PA	SCHAPPO, Sirlândia. Josué de Castro: Reforma Agrária e Agricultura de Sustentação. In: V ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 2012, Belém/PA: UFPA, 2012.	Não disponível online		
26	2013	Mercês de Fátima dos Santos Silva	Josué de Castro: Um personagem na teia social	UNICAMP	Saúde Coletiva	XXIX Congresso ALAS - Santiago/Chile, 2013	SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. Josué de Castro e a nova geografia da fome. In: XXIX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 29., 2013, Santiago-Chile. Anais eletrônicos . Santiago: Universidad Chile, 2013.	http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT17/GT17_DosSantosSilva.pdf	–	Estudo sobre a obra - Temática
27	2013	Dinalva Derenzo Roldan	Territórios do Desenvolvimento nos diálogos entre Josué de Castro e Louis-Joseph Lebret.	USP	Arquitetura	Encontro Nacional ANPUR	ROLDAN, D. D. . Territórios do Desenvolvimento nos diálogos entre Josué de Castro e Louis-Joseph Lebret. In: Encontro Nacional ANPUR, 2013, Recife. XV ENANPUR Desenvolvimento, Planejamento e Governança, 2013.	http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4622/4491	–	–
28	2014	Lucas Guedes Vilas Boas	Capitalismo, desigual distribuição de alimentos e fome oculta	UFJF	Geografia	VII Congresso Brasileiro de Geógrafos	BOAS, Lucas Guedes Vilas. Capitalismo, desigual distribuição de alimentos e fome oculta. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória-ES.	http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404149862_ARQUIVO_CapitalismoDesigualDistribuicaoAlimentoseFomeOculta.pdf	–	Estudo sobre a Obra - Temática

**ANEXO IV – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO –
LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS**

LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS									
Nº	Ano	Autor/Organizadores	Título	Instituição do autor	Área de conhecimento	Editora	Referência	Disponível em:	OBS.
1	1974	Alain Tolebem	Josué de Castro e a descoberta da fome	-	Economia Política	Leitura	TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome . Rio de Janeiro: Leitura, 1974.	Não Disponível online	
2	1985	Maria Cecília de Souza Minayo (Org.)	Raizes da fome	Fiocruz	Saúde Pública	Vozes	MINAYO, Maria Cecília de Souza. Raizes da fome . Petrópolis - Ed. Vozes, 1985	Não Disponível online	O livro reúne depoimentos de cientistas das mais diversas áreas: médicos, economistas, sociólogos, geógrafos e agrônomos, além de representantes do movimento popular, a luz do pensamento de Josué de Castro.
3	1991	Ricardo Abramovay	O que é fome?	USP	Economia	Brasilense	ABRAMOVAY, Ricardo. O que é fome . 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, 117 p	Não Disponível online	Livro dedicado a Josué de Castro
4	1993	Giuseppe Di Taranto	Sociedade e subdesenvolvimento de Josué de Castro	-	Economia	CEJUP	DI TARANTO, Giuseppe A.. Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro . Belém: CEJUP, 1993.	Não Disponível online	Versão original em italiano publicado em 1978
5	1996	Anna Maria de Castro	Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro	UFRJ	Sociologia	Companhia Editora de Pernambuco	CASTRO, Anna Maria de (Org.). Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro . 3.ed. Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 1996.	Não Disponível online	Coletânea com artigos de vários estudiosos sobre o pensamento de Josué de Castro, além de escritos inéditos.
6	1996	Armando Chagas Sales	Josué de Castro: o homem e o sonho	AIP	Jornalismo	Comunicarte	SALES, Armando Chagas. Josué de Castro: o homem e o sonho . Recife: Comunicarte, 121p., 1996.	Não Disponível online	
7	1997	Rosana Magalhães	Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro	Fiocruz	Nutrição/Saúde Pública	Fiocruz	MAGALHÃES, Rosana. Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro . Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.	http://books.scielo.org/id/3mr2s	
8	2000	Bernardo Mançano Fernandes; Carlos Water Porto (ORGs)	Josué de Castro: Vida e Obra	USP; UFRJ	Geografia	Expressão Popular	FERNANDES, Bernardo Mançano; GONÇALVES, Carlos Walter Porto (Orgs.). Josué de Castro: Vida e Obra . São Paulo: Expressão Popular, 2000.	Não Disponível online	
9	2001	Tânia Elias Magno da Silva	Pensamento Social Brasileiro: Josué de Castro - para uma poética da fome	UFS	Ciências Sociais	EDUFRN	SILVA, Tania Elias Magno. Pensamento Social Brasileiro: Josué de Castro - para uma poética da fome . In: GICO, Vânia; SPINELLI, Antônio; VICENTE, Pedro. (Org.). As Ciências Sociais: desafios do milênio . 1 ed. Natal: EDUFRN, 2001, v. 1, p. 734-761.	Não Disponível online	Capítulo de livro
10	2001	Abdias de Moura	Josué de Castro: Geografia da fome	-	Sociologia	EDUFRN	MOURA, Abdias de. Josué de Castro: Geografia da fome . In: COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente; Patriota NETO, Nelson Ferreira (Org.). Vozes do Nordeste . Natal: EDUFRN, 2001. p. 125-138.	Não Disponível online	Capítulo de livro
11	2003	Manuel Correia de Andrade (et ali)	Josué de Castro e o Brasil	UFPE	Geografia; Ciências Sociais; Saúde Pública	Fundação Perseu Abramo	ANDRADE, Manuel Correia de (et.ali). Josué de Castro e o Brasil . São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.	http://www.fpabramo.org.br/uploads/josue_de_castro_e_o_brasil.pdf	
12	2005	Rui Ribeiro de Campos	A influência da Geografia na obra de Josué de Castro	PUC/Campinas	Geografia	AGETEO	CAMPOS, Rui Ribeiro de; GUIDUGLI, O. S.. A influência da Geografia na obra de Josué de Castro . In: Auro Aparecido Mendias; Magda Adelaide Lombardo. (Org.). Paisagens Geográficas e Desenvolvimento Territorial . 1ª ed. Rio Claro (SP): Programa de Pós-graduação em Geografia; Associação de Geografia Teórica - AGETEO, 2005, v. , p. 97-119.	Não Disponível online	Capítulo de livro

**ANEXO V – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO –
DOCUMENTÁRIOS E VÍDEOS**

VÍDEOS: DOCUMENTÁRIOS								
no	Ano	Tipo	Autor	Título	Produção	Referência	Disponível em:	OBS.
1	1959	Documentário	Rodolfo Nanni	Dramas das secas	Patrocinado pela ASCOFAM		Não disponível online. Disponível no acervo Josué de Castro	Encomendado por Josué de Castro. A única cópia do filme, agosto de 1958, foi censurada pelo governo.
2	1994	Documentário	Sílvia Tandler	Vídeo Documentário "Josué de Castro, Cidadão do mundo"			https://www.youtube.com/watch?v=skkZya7V3_A	
3	2008	Documentário	Fundação Banco do Brasil	Vídeo Documentário "Josué de Castro - Por um mundo sem fome"	Projeto Memória - Josué de Castro		http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/ver_video.htm	
4	2008	Documentário	Rodolfo Nanni	Filme "O Retorno"			http://www.pandorafilmes.com.br/0_2_pandora_catalogo.asp?filmeId=188	Rodolfo Nanni realizou em parceria com Josué de Castro o documentário O Drama das Secas. Meio século depois, o diretor retorna ao Nordeste e percorre o mesmo roteiro do filme anterior, apresentando a situação de vida dos habitantes locais e o que mudou no período

**ANEXO VI – PLANILHA DE IDENTIFICAÇÃO –
ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS**

DEPOIMENTOS, ENTREVISTAS								
no	Ano	Tipo	Autor	Título	Periódico/Editora	Referência	Disponível em:	OBS.
1	1972	Entrevista	Jean Prédine; Roger Welhoff	Subdesenvolvimento: Causa Primeira da Poluição	Terre Entière	CASTRO, Josué A. Subdesenvolvimento: Causa Primeira da Poluição. Estocolmo, junho de 1972. Entrevista a Jean Prédine e Roger Welhoff.	http://www.josuedecastro.com.br/port/entrevista-final.html	
2	1972	Entrevista	Gérard Moati	Entrevista com Josué de Castro	Revista Les Information/Revista Serra Nova	CASTRO, Josué A. Entrevista com Josué de Castro. Portugal, julho de 1972. Entrevista a Gérard Moati. Revista Les Information/Revista Serra Nova. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	<u>Não disponível online</u>	
3	1995	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista com o professor Aziz Ab'sader sobre a importância das obras de Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	AB'SABER, Aziz. Entrevista com o professor Aziz Ab'sader sobre a importância das obras de Josué de Castro. Março de 1995. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012	<u>Não disponível online</u>	
4	1995	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista como professor Clementino Fraga Filho sobre Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	FRAGA FILHO, Clementino. Entrevista como professor Clementino Fraga Filho sobre Josué de Castro. Rio de Janeiro, 1995. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	<u>Não disponível online</u>	
5	1996	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista com Manuel Correia de Andrade sobre Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	ANDRADE, Manuel Correia de. Entrevista com o professor Manuel Correia de Andrade. Recife, Instituto Joaquim Nabuco, julho de 1996. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012	<u>Não disponível online</u>	
6	1996	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista com Orlando Valverde sobre Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	VALVERDE, Orlando. Entrevista com Orlando Valverde sobre Josué de Castro. Rio de Janeiro, 1996. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	<u>Não disponível online</u>	
7	1997	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista realizada com Dr. Francisco Bandeira de Melo, ex assessor de Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	MELO, Francisco Bandeira de. Entrevista realizada com Dr. Francisco Bandeira de Melo, ex assessor de Josué de Castro Recife, 1997. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	<u>Não disponível online</u>	
8	2006	Entrevista	Tânia Elias Magno da Silva	Entrevista com o Jurista Barbosa Lima Sobrinho com a participação do professor Antonio Houass e do médico professor Nogueira Lima sobre Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	LIMA SOBRINHO, Barbosa. Entrevista com o Jurista Barbosa Lima Sobrinho com a participação do professor Antonio Houass e do médico professor Nogueira Lima sobre Josué de Castro. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Imprensa - ABI. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	<u>Não disponível online</u>	

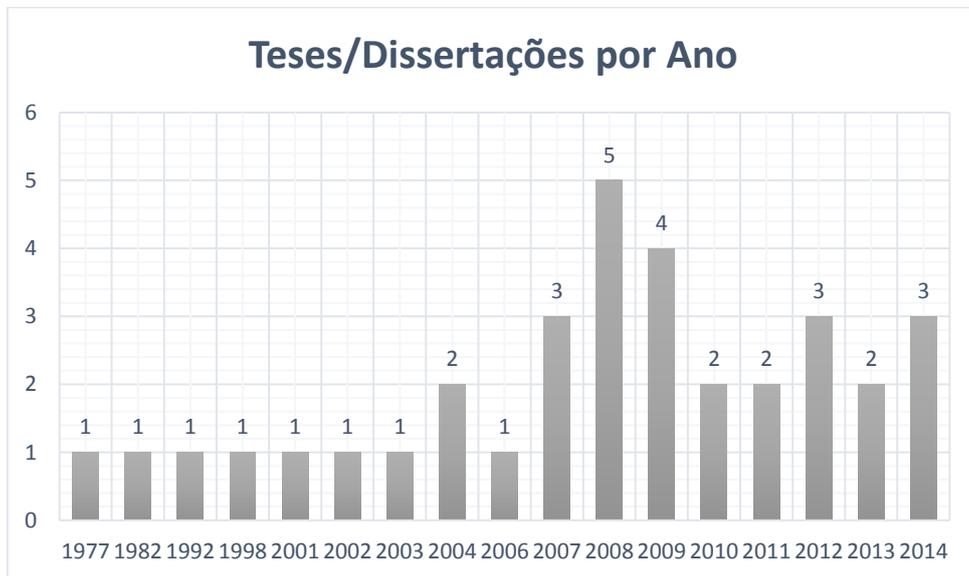
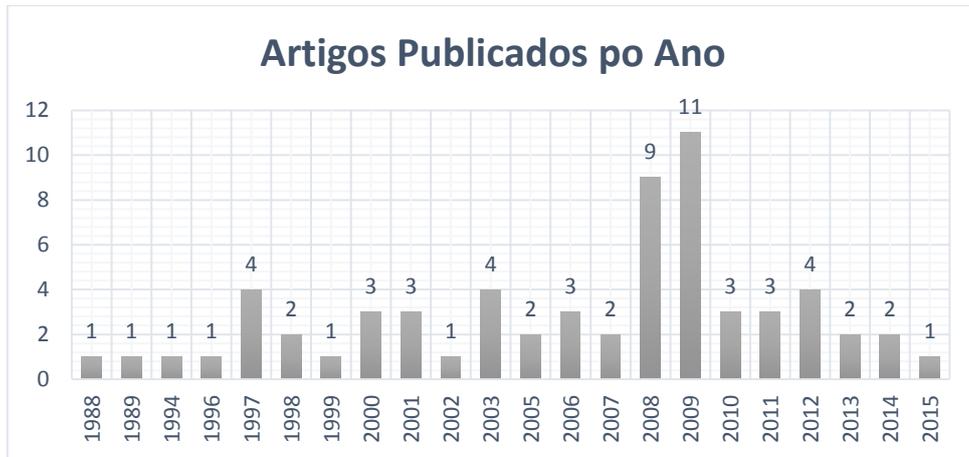
9	2006	Entrevista	Renato Carvalheira do Nascimento	Entrevista com Magda Zanoni	Fundação Miguel de Cervantes	ZANONI, Magda. Entrevista com Magda Zanoni. Brasília, SQS 203 Sul, 28 de agosto de 2006. Entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	Não disponível online	
10	2008	Entrevista	Evaneide de Melo; Lailson F. da Silva	Entrevista com a professora Tânia Magno	Revista Inter-Legere/UFRN	SILVA, Tânia Elias de Magno da. Entrevista: Professora Tânia Magno. Natal: UFRN, 17 de abr. 2008. Entrevista a Evaneide de Melo e Lailson F. da Silva. Revista Inter-Legere , Natal: UFRN, – n. 3, jul./dez., 2008 (http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/db01.pdf	
11	2008	Depoimentos	Fundação Banco do Brasil	Grandes personalidades falam sobre Josué de Castro	Projeto Memória - Josué de Castro	-	http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/hoje.htm	Reunidos em 2008
12	2008	Entrevista	Graziela Wolfart	Josué de Castro desnaturalizou a fome	Revista do Instituto Humanitas Unisinos	CASTRO, Anna Maria de. Entrevista com Anna Maria de Castro. Entrevista a Graziela Wolfart. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano VIII, 22.09.2008	http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2158&secao=274	Editorial Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome
	2008	Entrevista	Graziela Wolfart	Uma abordagem interdisciplinar da fome	Revista do Instituto Humanitas Unisinos	RIBEIRO Jr. José Raimundo Sousa. Uma abordagem interdisciplinar da fome Raimundo Sousa Ribeiro Junior. Entrevista a Graziela Wolfart. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano VIII, 22.09.2008	http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2159&secao=274	Editorial Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome
	2008	Entrevista	Graziela Wolfart	A fome expressa a natureza da desigualdade	Revista do Instituto Humanitas Unisinos	MAGALHÃES, Rosana. A fome expressa a natureza da desigualdade: entrevista a Graziela Wolfart. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano VIII, 22.09.2008	http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2161&secao=274	Editorial Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome
13	2009	Entrevista	Renato Carvalheira do Nascimento	Uma vida dedicada à segurança alimentar: entrevista com Renato Maluf sobre Josué de Castro	Revista Cronos	MALUF, Renato. Uma vida dedicada à segurança alimentar: entrevista com Renato Maluf sobre Josué de Castro. Rio de Janeiro, 13 de mar. 2009. Entrevista a Renato Carvalheira do Nascimento. Entrevista a Marcelo Torres. Revista Cronos, (Dossiê Josué de Castro) , Natal, v. 10, n. 1, p. 79-93, jan./jun. 2009.	http://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1770/pdf_20	
14	2012	Entrevista	Marcelo Torres	Obra de Josué é referência de estudos	Revista Fórum	MAGALHÃES, Rosana; SCHAPPO, Sirlândia; NASCIMENTO, Renato C. Obra de Josué é referência de estudos. Revista Fórum . Disponível em http://www.revistaforum.com.br	http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/obra_de_josue_de_castro_e_referencia_de_estudos/	
15	2012	Entrevista	Normando Jorge de Albuquerque Melo	Entrevista com Silver Tendler sobre Josué de Castro	Fundação Miguel de Cervantes	TENDLER, Silver. Entrevista com Silver Tendler sobre Josué de Castro. Entrevista a Normando Jorge de Albuquerque Melo. In. Silva, Tânia Elias Magno. (Org.). Josué de Castro por ele mesmo: o diário. 1a.ed.Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.	Não disponível online	

ANEXO VII – ESTUDIOSOS DE JOSUÉ DE CASTRO

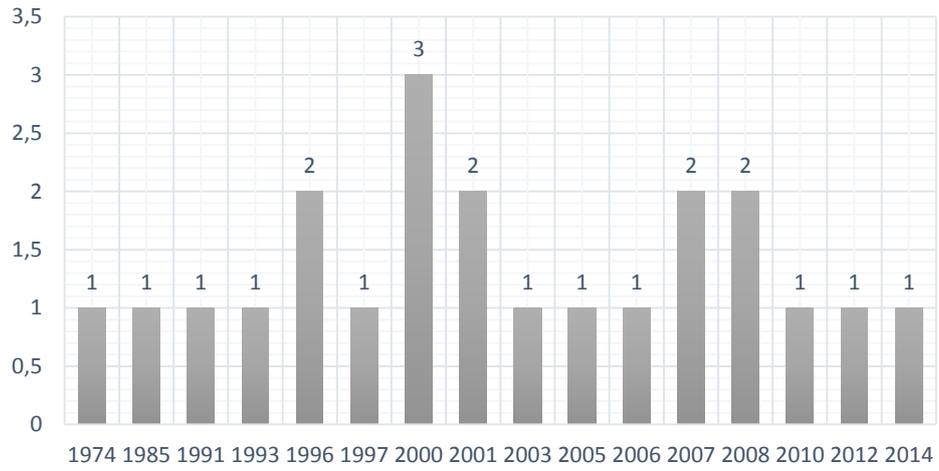
Autores	Instituição de Formação	Formação Graduação/Pós-Graduação	Artigos	T/D	Trabalhos Completos	Entrevistas	Livros	Total
Tânia Elias Magno da Silva	USP/PUC/UFS	Ciências Sociais/Ciências Sociais	6	1	0	7	2	16
Antônio Alfredo Teles de Carvalho	UFPE/USP/UNEAL	Geografia/Geografia	4	2	4	1	1	12
Maria Letícia Galluzzi Bizzo*	UFRJ/FIOCRUZ	Nutrição/Saúde Pública*	3	1	2	0	0	6
Sirlândia Schappo	UFSC/UNICAMP	Serviço Social/Sociologia	2	1	2	1	0	6
Renato Carvalheira do Nascimento	UNB/UFRRJ	Ciências Sociais/Sociologia	2	1	1	2	0	6
Francisco de Assis G. Vasconcelos	UFPE/ENSP/UFSC	Nutrição/Saúde Pública	5	0	0	0	0	5
Rui Ribeiro de Campos	PUC/UNESP-RioClaro	Geografia/Geografia	2	1	1	0	1	5
Eronides da Silva Lima	UFPE/PUC-SP/UFRJ	Nutrição/Filosofia da Educação	3	1	0	0	1	5
Mercês de Fátima dos Santos Silva	UFPE/UNICAMP	Sociologia/Saúde Coletiva	3	1	0	0	1	5
Nísia Trindade Lima*	IUPERJ/FIOCRUZ-RJ	Ciência Política/Sociologia	3	0	2	0	0	5
Rosana Magalhães	UFRJ/FIOCRUZ	Nutrição/Saúde Coletiva	1	1	0	2	1	5
Anna Maria de Castro	UFRJ***	Sociologia	0	1	0	2	2	5
Cleder Fontana	UFPEL//FURG/UFGRS	Geografia/Geografia	1	2	1	0	0	4
Tayguara Torres Cardoso	UERJ	Ciências Sociais/Ciências Sociais	2	1	1	0	0	4
Ricardo Abramovay	USP/UNICAMP	Filosofia/ C. Política/Economia	2	0	0	1	1	4
José Jakson Amancio Alves	UEPB/UFPA/UFPA	Geografia/Geografia	3	0	0	0	0	3
Maria José de Rezende	UEL/PUC-SP/USP	Ciências Sociais/Sociologia	2	0	1	0	0	3
Marina Gusmão de Mendonça	USP/UNESP	História/História econômica	2	0	1	0	0	3
Solange L'Abbate**	USP/UNICAMP	Sociologia	2	1	0	0	0	3
Renato Guedes Vieites	UERJ	Geografia/Geografia	1	1	1	0	0	3
Manuel Correia de Andrade	UFPE	Geografia	1	0	0	1	1	3
Bertoldo Kruse Grande de Arruda	UFPE/IMIP	Médico/Saúde Pública	2	0	0	0	0	2
Bruno Picchi	UNESP-Rio Claro	Geografia	0	1	0	0	1	2
Claudia Louback do Nascimento	UFPE	História	0	1	1	0	0	2
Cláudio Francisco Severino	UFF/UFRRJ	Geografia	0	0	2	0	0	2
Djalma Agripino de Melo Filho	UFPE/UFBA	Médico/Saúde Pública	2	0	0	0	0	2
João Luiz da Silva	UFPE	Geografia/Geografia	1	1	0	0	0	2
Kátia Hale dos Santos	UNISantos/PUC/SP	Serviço Social	1	1	0	0	0	2
Thiago Azevedo Sá de Oliveira	UPE/UFPA	Letras/Literatura	1	1	0	0	0	2
Tito Galvanin Neto	UEL	Ciências Sociais/Ciências Sociais	0	1	1	0	0	2
José Raimundo Sousa Ribeiro Jr.	USP*****	Geografia	0	1	0	1	0	2
Malaquias Batista Filho	UFPE/IMIP	Médico/Saúde Pública	1	0	0	0	1	2
Normando Albuquerque de Melo	UFPE/UFRRJ	Ciências Sociais/Sociologia	1	0	0	0	1	2
Inês Aguiar Freitas	PUC-RJ/UFRRJ	Geografia/Geografia	0	0	1	0	0	1
Adão José Vital da Costa***	UFPE	Estudos Sociais/Agronomia	0	1	0	0	0	1
Alice Nayara dos Santos	UFPI/UFC	Geografia/Educação	0	1	0	0	0	1
André Luiz Valim Vieira	UNESP-Franca	Direito/Direito	1	0	0	0	0	1
Ângela Caldas Sanábio Farias	CESJF	Literatura	0	1	0	0	0	1
Anna Waleska N. C. de Menezes	UFRN	Serviço Social/Ciências Sociais	0	1	0	0	0	1
Cláudio José Cabral	UFPE	Geografia	1	0	0	0	0	1
David Loiola Rêgo	UFRN	Ciências Sociais/Ciências Sociais	0	1	0	0	0	1
Dorival Donizeti Marchi	USF**	Educação	0	1	0	0	0	1
Eliab Barbosa Gomes	UNICAP/UFPE/UEFS	Filosofia/Sociologia	1	0	0	0	0	1
Francisco de Assis P. Mazetto	UNESP/UFJF	Geografia/Geografia	0	0	1	0	0	1
Isabelle Maria Mendes de Araújo	UFPA/UFPE/UFRN	Fisioterapia/Saúde Coletiva****	0	1	0	0	0	1
Jorge Luís R. Nunes	PUC/UFRRJ	Geografia/Geografia	0	1	0	0	0	1
José Aroldo da Silva	UEPB	Literatura	1	0	0	0	0	1
José Marques de Melo	UFPE/USP/UMESP	Direito/Comunicação Social	1	0	0	0	0	1
Kérley Braga Pereira Bento Casaril	UFV/UEL/UNIOESTE	Economia Doméstica/C. Alimentação	1	0	0	0	0	1
Luciana Barreto Machado Rezende	UnB	Comunicação Social/Literatura	1	0	0	0	0	1
Luiz Cláudio dos Santos	UNESP/Rio Claro***	Geografia/Geografia	0	1	0	0	0	1
Maria Aparecida Lopes Nogueira	UFPE/PUC-SP/UFPE	Psicologia/Antropologia	1	0	0	0	0	1
Milton Santos	USP	Geografia	1	0	0	0	0	1
Moisés Monteiro de Melo Neto	UFPE	Letras/Literatura	1	0	0	0	0	1
Nauber Gavski da Silva	UFRRJ	História/História	0	0	1	0	0	1
Patrício Aureliano Silva Carneiro	UFV/UFMG	Geografia/Geografia	1	0	0	0	0	1
Rogério Fernandes Macedo	UNESP/Marília	Ciências Econômicas/Sociologia	0	1	0	0	0	1
Vicente Ferrer Augusto Gonçalves	UFC	Economia	0	1	0	0	0	1
Maria Adélia Aparecida de Souza	USP/Univ. de Paris	Geografia	0	0	1	0	0	1
Maria Leidiana Mendes de Oliveira	UVA/USP	Geografia/Geografia	0	1	0	0	0	1
Alain Tolebem	—	—	0	0	0	0	1	1
Maria Cecília de Souza Minayo	UFRJ/FIOCRUZ	Ciências Sociais/Saúde Pública	0	0	0	0	1	1
Giuseppe Di Taranto	—	—	0	0	0	0	1	1
Bernardo Mançano Fernandes*	USP	Geografia/Geografia	0	0	0	0	1	1
Carlos Water Porto*	UFRJ	Geografia/Geografia	0	0	0	0	1	1
Abdias de Moura	UNICAP/UFPE	Sociologia/Sociologia	0	0	0	0	1	1
Marcelo Mario de Melo	UNICAP	Jornalismo	0	0	0	0	1	1
Teresa Cristina Wanderley Neves	ESP-SP	Sociologia	0	0	0	0	1	1
Vandek Santiago	UNICAP	Jornalismo	0	0	0	0	1	1
Total			70	35	25	18	23	171

ANEXO VIII – DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES SELECIONADAS POR ANO

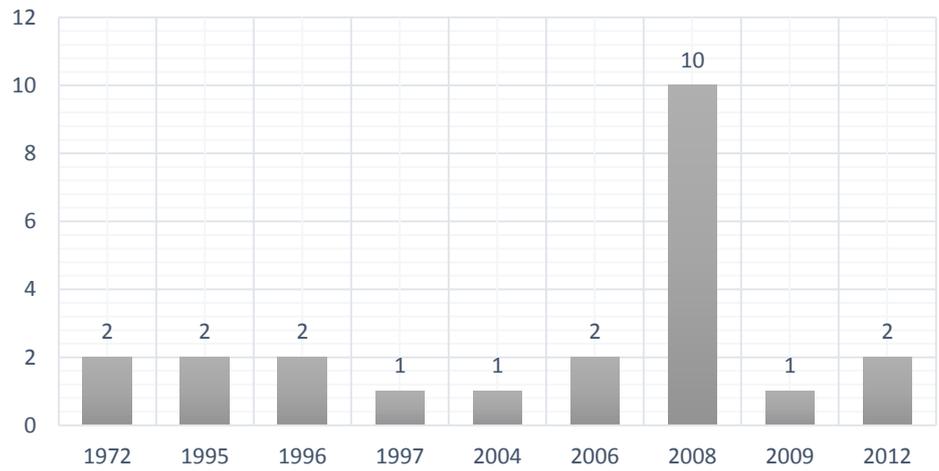
Anexo VIII - Distribuição das publicações selecionadas por ano



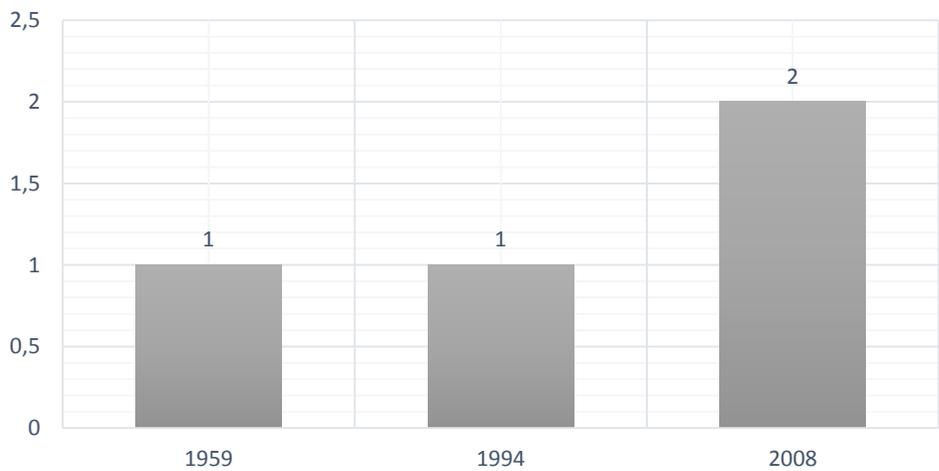
Livros/Capítulos por Ano



Entrevistas por Ano



Videos por Ano



ANEXO IX – FICHA DE LEITURA

FICHA DE LEITURA

NÚMERO DA FICHA	Artigo
NOME DO PESQUISADOR	
DATA DA LEITURA	

DADOS GERAIS

1. Título do artigo:
2. Publicação:
3. Autores:
4. Número de autores:
5. Formação básica dos autores (graduação): A. B.
6. Resumo da Formação autor principal:
7. Instituição onde trabalha no momento da publicação do artigo:

DESCRIÇÃO DO ARTIGO/TESE/LIVRO

8. Resumo
9. Palavras-chave:
10. Objetivos:
11. Tipo de Estudo:
12. Métodos e Técnica de Pesquisa

12.1. Tipo de Pesquisa Pesquisa <i>predominantemente</i> qualitativa.		
Pesquisa Quantitativa		

14. Comentários